



---

TÍTULO

Revista de Estudos Anglo-Portugueses

Número 19 2010

ISSN: 0871-682X

---

DIRECTORA

Maria Leonor Machado de Sousa

---

SECRETÁRIA

Mariana Gonçalves

---

COMISSÃO REDACTORIAL

George Monteiro, Brown University (Professor Emeritus)

João Paulo Pereira da Silva, CETAPS (Prof. Auxiliar)

Mariana Gonçalves, CETAPS (Investigadora)

Maria Leonor Machado da Sousa, CETAPS (Prof. Catedrática)

Maria Zulmira Castanheira, CETAPS (Prof. Auxiliar)

Patricia Odber de Baubeta, University of Birmingham (Full Professor)

---

DIRECÇÃO E REDACÇÃO

Centre for English, Translation and Anglo-Portuguese Studies

da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas

da Universidade Nova de Lisboa

Av. de Berna, 26 - C — 1069-061 Lisboa

<http://www.cetaps.com>

---

EDIÇÃO

Tiragem: 500 exemplares

FCT — Fundação para a Ciência e a Tecnologia

---

CAPA

Arranjo gráfico de Mário Vaz, a partir do selo existente na Ratificação do Tratado de Ricardo II, Rei de Inglaterra com D. João I — 1386 — Arq. Nacional Torre do Tombo

---

EXECUÇÃO GRÁFICA

Caleidoscópico — Edição e Artes Gráficas, S.A.

Rua de Strasburgo, 26, R/c Drt.º — 2605-756 Casal de Cambra

Telef.: 21 981 79 60 — Fax: 21 981 79 55

e-mail: [caleidoscopio@caleidoscopio.pt](mailto:caleidoscopio@caleidoscopio.pt)

---

DISTRIBUIÇÃO

Centre for English, Translation and Anglo-Portuguese Studies

---

Depósito Legal n.º 93441/95

---

# Revista de Estudos Anglo-Portugueses

Número 19

Fundação para a Ciência e a Tecnologia  
Centre for English, Translation and Anglo-Portuguese Studies

Lisboa  
2010



## S U M Á R I O

### PROJECTOS

1. Monteiro, George, “Fernando Pessoa in New Bedford’s *Diário de Notícias* (1938-1973)”  
Brown University ..... 7
2. Ceia, Carlos, “Imagens de Portugal na Ficção Contemporânea em Inglês: Apresentação”  
Universidade Nova de Lisboa, CETAPS ..... 31
- Ceia, Carlos, “O Miradouro Intercultural: *The Moon, Come to Earth*, de Philip Graham”  
Universidade Nova de Lisboa, CETAPS ..... 35

### ESTUDOS

1. Alarcão, Miguel, “Amor para além da Morte ou as ‘Cruzes de Leonor’”  
Universidade Nova de Lisboa, CETAPS ..... 43
2. Luckhurst, Gerald, “Byron in Sintra, 1809”  
Arquitecto Paisagista (Palácio de Monserrate) ..... 61
3. Augusto, Sara, “‘No floridíssimo reino de Inglaterra...’: *locus et exemplus* na narrativa ficcional barroca”  
Universidade de Coimbra, Centro de Literatura Portuguesa ..... 75
4. Lourenço, Joana, “A versão portuguesa de *The Monk*: contributo para o estudo da tradução do romance gótico inglês no Portugal oitocentista”  
CETAPS ..... 101

5. Vicente, Sara, “A Pintura Animalista na Grã-Bretanha e em Portugal: o Caso de Landseer” Universidade Nova de Lisboa, CETAPS.....	153
6. Lopes, António, “Cartas inéditas de um jovem burguês 1815-1817 (2.ª Parte)” Universidade do Algarve, CETAPS.....	175
7. Castanheira, Maria Zulmira, “A Grã-Bretanha nos Anúncios da Imprensa Periódica do Romantismo Português: ‘feis thermometros, que marcam a mudança dos costumes’” Universidade Nova de Lisboa, CETAPS .....	205
8. Calado, Kathleen, “At odds and against all odds: a glimpse into the Portuguese experience in British Guiana, through the eyes of Edward Jenkins” Universidade dos Açores, CETAPS.....	235
9. Ramos, Iolanda, “Génese de uma Ciência: O Legado Doutrinário Britânico e a Economia Política no Portugal Oitocentista” Universidade Nova de Lisboa, CETAPS .....	251
10. Branco, Célia, “A Demanda Identitária em William Butler Yeats e Teixeira de Pascoaes” CETAPS .....	265
11. Gago, Dora, “Uma cartografia do olhar: imagens de Inglaterra e dos Estados Unidos na obra de Jorge de Sena” Universidade de Aveiro, Centro de Línguas e Culturas.....	287

### RECENSÃO CRÍTICA

Ramos, Iolanda, “Fernando Sobral e Paula Alexandra Cordeiro, <i>Barings: A História do Banco Britânico Que Salvou Portugal</i> ” Universidade Nova de Lisboa, CETAPS .....	301
Abstracts .....	305
Figuras a cores .....	313

## PROJECTOS

### FERNANDO PESSOA IN NEW BEDFORD'S *DIÁRIO DE NOTÍCIAS* (1938-1973)\*

George Monteiro  
Brown University

This checklist of 127 items results from a search through the *Diário de Notícias*, a Portuguese-language newspaper published in New Bedford, Massachusetts, for the fifty-four years of its existence — 1919-1973 — for references to Fernando Pessoa. Founded as *A Alvorada* (sometimes as the *Alvorada Diária*) on January 29, 1919, it became the *Diário de Notícias* at the beginning of 1927. The entire run is available on-line from the Ferreira-Mendes Portuguese-American Archives, Claire T. Carney Library, University of Massachusetts, Dartmouth. The newspaper, it has been noted, “produced articles in Portuguese by local writers, republished news from Portuguese newspapers, and translated items of interest to the Portuguese community, or ‘colony’ as it was called... The paper was extremely popular and regularly featured expressions of appreciation from its readers.”<sup>1</sup> It also featured periodic reports on persons and happenings in the various ‘colonies’ (contributed by voluntary correspondents), serialized novels (e.g. Camilo Castelo Branco’s *O Judeu* and Charles Dickens’s *David Copperfield*), English-language cartoons (e.g. “That Little Game” about card-playing, by B. Link) and comic strips (e.g. “King of the Royal Mounted” by Zane Gray or “The Cisco Kid” by José Salinas and Bob Reed), and, on occasion, original or reprinted poetry.

The search through the *Diário de Notícias* turned up no startling discoveries, though there are small surprises. The first mention of Pessoa, in 1929, is not to Pessoa himself but to his heteronym, Álvaro de Campos. The first of Pessoa’s poems to be mentioned is “O menino da sua mãe,” in 1938. Only three of

Pessoa's poems are reprinted: "Padrão" (1960) and "O Infante" (1960) — both taken from *Mensagem*, a collection Pessoa attributed to himself — and "Não Sei. Falta-me um Sentido" (1965), which the *Diário* attributes, not to Álvaro de Campos but to Pessoa himself. The most often quoted poetic sentiment emanates from Pessoa's "Mar Português," included in *Mensagem*: "Valeu a pena? Tudo vale a pena / Se a alma não é pequena" (ten times, in some form or other). On the other hand, "Autopsicografia," which begins with what is arguably Pessoa's best-known line, "O poeta é um fingidor," is quoted only twice. Finally, I would call attention to the eleventh item on this list, which repeats an anecdote about Pessoa attributed to a fellow habitué of the Café Martinho.

1929

1. "Portugal no Estrangeiro: O sr. Antonio Irairoz y de Villar realiza em Cuba uma brilhante conferencia sobre os poetas portugueses," Aug. 19, 1929, p. 1.

"Citou ainda Branca de Gonta Colaço, Oliva Guerra, Verginia Victorino, da qual deu tambem traduções, e Antonio Boto [sic], Carlos Queirós, Antonio de Certima, Gil Vaz, Alvaro de Campos, Luiz de Montalvão [sic], Antonio de Navarro, Afonso Lopes Vieira e Augusto Santa Rita."

1938

2. "Ilda Stichini" [from *Correio dos Açores*], Aug. 15, 1938, p. 8.

"Ilda Stichini... para dar uma impressão da poesia modernista recitou 'O menino da sua mãe' de Fernando Pessoa...."

1941

3. "Coimbra," Apr. 7, 1941, p. 3.

"Conferencia — O sr. Carlos Queiroz realiza, no proximo domingo, uma conferencia no C. A. D. C., sobre 'Fernando Pessoa — O poeta e os seus fantasmas.'"

1942

4. Bourbon e Meneses, "Pedras Soltas: Novos e Velhos," Jan. 16, 1942, p. 3.

"Não vou falar-lhes de Fernando Pessoa, a quem pessoalmente sou agradecido — possuo dele uma versão inglesa do Menino ainda hoje inedita — e cuja personalidade tão singularmente composta não podem esquecer quantos o reconhecem, através de suas bizarras desigualdades, como o renovador da nossa poesia."

5. Bourbon e Meneses, “Pedras Soltas: Como Trabalham os Escritores,” Sept. 3, 1942, p. 3.

“Fernando Pessoa, cuja ondeante e subtil personalidade é já hoje motivo de alto enlevo, compunha, por vezes, dactilografando, no que se mostrava criatura do seu tempo, deste nosso tempo em que a máquina ameaça privar o homem do prazer bem discutível, aliás — haja em vista o bíblico esconjuro — de ganhar o seu pão com o suor do seu rosto.”

1945

6. José Rodrigues Miguéis, “Quem é o Autor do ‘Espectaculo das Ruas,’” Sept. 25, 1945, p. 4.

“[José] G[omes] F[erreira] pertence porém á familia dos ‘modernos’ portugueses: desde Nobre e Cesário Verde a Sá-Carneiro e Fernando Pessoa. É nêle evidente a influência imagística destes renovadores da nossa linguagem poética. Afasta-se, como êles, do alinhamento clássico, formalista, dos Acácios do artigo de fundo e da oração académica.”

1949

7. “Uma Mulher a Quem os ‘Espíritos Anunciaram o Dia da Morte... Não Morreu,” May 26, 1949, p. 6.

In an interview published in the literary supplement, “Letras e Artes” of *A Manhã*, Hernani Cidade denies that there exists in Portugal a generational conflict: “Nunca ouvi falar em tal. Pelo contrário, os moços mostram o maior respeito pelos seus antecessores nas lides literárias. Nomes como os de Fernando Pessoa, José Régio e Miguel Torga, na poesia, Alves Redol, no romance, Vitorino Nemesio e Gaspar Simões, na crítica, são considerados como mestres e, em alguns casos, cercados de veneração.”

8. “Uma Série de Palestras Literárias por Jorge Ramos,” Sept. 16, 1949, p. 2.

Ramos’ lectures on “Os Modernistas” — Mário de Sá-Carneiro, Fernando Pessoa and Mário Sá — over Radio S. Mamede.

9. “O Brasil Dia a Dia,” Dec. 28, 1949, p. 6.

“Em ‘O Globo’, o crítico António Olinto dedicou a secção literária do jornal a um artigo sobre Fernando Pessoa, em que, depois de salientar que o fenómeno de dissociação de personalidade, que com ele ocorre, também encontrou eco em Antero de Quental, afirma. ‘Fernando Pessoa levava o signo da poesia, era de uma autenticidade gritante. Cada verso seu palpita de des-

coberta, transmite a exaltação do homem que vê, em tudo, milagres, e se integra dentro deles. Fernando Pessoa não é apenas o poeta de uma geração. É a voz de um século, é a presença da poesia que ultrapassou os limites de Portugal para se tornar universal e eterna.”

1950

10. “Suicídio ou Acidente?” July 14, 1950, p. 2.

This notice of the death of Manuela Porto notes that she was an “interprete notável dos poetas modernistas, entre eles Fernando Pessoa...”

11. Jorge Ramos, “Dia a Dia: Subsídios Inéditos,” Aug. 11, 1950, p. 2.

Among the anecdotes exemplifying the wit of the famous group that frequented the old *Cafê Martinho*, is this one: “De Fernando Pessoa contava-se que, tendo-se sentado junto duma senhora de busto tão exiguo que o decote do vestido estava demasiado lasso, introduzira nele um cartão de visita.

– Que atrevimento! exclamou a senhora indignada.

– Queira desculpar. Tenho por costume, quando não encontro a pessoa em casa, deixar o meu cartão...”

12. Jorge Ramos, “Dia a Dia: Um Poeta Contemplativo,” Oct. 20, 1950, p. 3.

Ramos refers to “a enorme projecção extra-fronteira de grandes nomes como os de Sá Carneiro e Fernando Pessoa.”

13. Jorge Ramos, “Dia a Dia: O Mito da Poesia Pura,” Oct. 27, 1950, p. 2.

Ramos quotes Fernando Pessoa’s three-line poem (“excesso da síntese”): “Pouco me importa. / Pouco me importa o quê? / Pouco me importa.”

1951

14. “Em Que se Fala de Xadrez da ‘Partida Livre,’ de Platão e da Humanidade Futura...” [from *República*], Apr. 24, 1951, p. 3.

“Dentro do ‘clima’ do xadrez clássico, sim, que me ocorre uma passagem da sensacional biografia sobre Fernando Pessoa, que o dr. João Gaspar Simões acaba de escrever. Cita-se nesse livro, que nos últimos dias da singular existência do neoplatónico Fernando Pessoa, o poeta costumava entrar num estabelecimento e dizer para quem o atendia ao balcão: ‘2, 8, 6’ — ou seja em humano uma caixa com fósforos, um maço de cigarros e um cálice de ‘Macieira’.”

15. Incognitus, “A Um Aspirante a Escritor...,” Aug. 16, 1951, p. 3.

“Pois a verdade é que Pessoa só foi grande, como poeta, na medida em que, estruturalmente, se aproximou do melhor lirismo clássico, mesmo quando não lhe observava os canones formais... Só foi grande quando foi ‘inteligente’ — o que quer dizer humano.”

16. Rebelo de Bettencourt, “Lisboa e as Suas Tradições Literárias e Artísticas,” Sept. 10, 1951, p. 2.

“Nele [*Portugal Futurista*] colaborou Santa Rita Pintor com a reprodução de alguns quadros, em que a influência de Picasso é sensível; Almada Negreiros, com prosa interseccionista, e Fernando Pessoa, com poemas e um panfleto... Fernando Pessoa, a sua poesia, tão intelectual, está mais viva e mais actual do que nunca.”

1952

17. “Carta de Lisboa: A Exposição de Arte dos Trabalhadores,” Oct. 18, 1952, p. 3.

“Fernando Pessoa, que possuía o dom de inventar uma definição original e precisa para cada coisa, disse que a quadra em redondilha maior era uma janela em que a alma do povo, cantando, se debruçava.”

18. Vasco da Gama Fernandes, “Desânimo e Perplexidade,” Nov. 21, 1952, p. 3.

“Fernando Pessoa tinha razão quando garantia, proféticamente, que ‘o não vale a pena’ é para quem tem ‘a alma pequena.’”

1953

19. Frederico Rosa, “Carta do Brasil,” Jan. 16, 1953, p. 6.

“Teixeira de Pascoais foi o poeta-filósofo do Saudosismo, bem português, que sonhou para a nossa raça uma nova era. De facto, uma nova era surgiu para os destinos de Portugal, mas talvez um pouco diferente do idealismo de Pascoais e também de Fernando Pessoa.”

1954

20. Frederico Rosa, “Carta do Brasil: A História de uma Vida Consagrada ao Livro Português,” Apr. 28, 1954, p. 6.

“— Qual o autor português mais lido no Brasil de hoje? — Continua sendo Eça de Queiroz. Camilo um pouco menos. Vão morrendo os velhos camilianistas... Entre os poetas, Guerra Junqueiro, António Nobre e Fernando Pessoa são para o público mais requintado.”

21. Pe. Dinis da Luz, “Dia de Portugal,” June 10, 1954, p. 1.

“Neste dia — que deve ser o dia de todos os portugueses, dia de união nacional — evocam-se facilmente o sangue, o suor e as lágrimas do passado. Passado consagrado por Camões para a eternidade dos povos, e apontado á nossa geração nessa tentativas de ‘Lusiadas’ modernista que é a ‘Mensagem’ de Fernando Pessoa.”

22. Augusto Casimiro, “Uma Mulher” [from *Republica*], July 27, 1954, p. 2.

“Vencer, ter a força material apenas é pouco. Vale mais ser vencido quando a alma se não perde e não é pequena... Vale a pena, meu querido Fernando Pessoa.”

23. “Pequenas Noticias de Portugal,” Oct. 16, 1954, p. 2.

“O movimento futurista português nasceu num restaurante ‘bota de elástico’ do Rossio: ‘Os Irmãos Unidos.’ Para esse restaurante o maior pintor saído desse movimento, Almada Negreiros, acaba de executar o retrato do No. 1 do futurismo português — o poeta Fernando Pessoa.”

24. “Uma Página da Vida Literária Portuguesa da Primeira Metade do Século XX,” Dec. 17, 1954, p. 18.

“Foi há quarenta anos e a revista chamou-se ‘Orfeu’. Muitos dos jovens de então, morreram, entretanto. Morreram Fernando Pessoa — o maior de todos — e Mário de Sá Carneiro, António Nobre da sua geração.”

25. António Maria Zorro, “Natal de Lisboa,” Dec. 29, 1954, p. 2.

“O ‘Natal da convenção’ — o definido por Fernando Pessoa em um dos seus mais belos, mais sentidos poemas — exige ‘a neve que faz mal e o frio que ainda é pior’; exige o toda a gente é contente, porque é dia de o ficar’.” [Sir]

1955

26. António Maria Zorro, “Carta de Lisboa: A Casa do Infante e a Mocidade Portuguesa,” Feb. 16, 1955, p. 4.

“Quatro anos nos separam ainda da comemoração do quinto centenário da morte do Infante D. Henrique. Se há centenário que Portugal deva celebrar, é, sem dúvida, o de quem universalizou a lusitanidade; se há comemoração susceptível de se elevar além da linha rotineira habitual e de ganhar o inteiro,

entusiástico aplauso de todos os portugueses, é, por certo, a que vem mais uma vez consagrar o nome daquele que Fernando Pessoa legendou como sendo 'em seu trono, entre o brilho das esferas deveras o único Imperador que tem o globo-mundo em sua mão'..."

27. Serafim Neves, "Algumas Reflexões Sobre a Crítica" [from *Jornal de Notícias*], May 18, 1955, p. 3.

"De todas essas figuras de relevo, [de] que certa crítica se serve para expressar limitações, contrastes e desenvolver o ineditismo de sensacionais descobertas no valor e significado da sua obra, sem dúvida Fernando Pessoa ocupa o primeiro lugar."

28. Frederico Rosa, "Da América Portuguesa: Almeida Garrett," Oct. 31, 1955, p. 1.

"Só Eça vive inteiramente em espírito para os brasileiros. E os poetas e críticos do verso modernista, mais do que a António Nobre, erguem um altar a Fernando Pessoa."

29. "O Escritor Erico Veríssimo Proferiu Ontem uma Palestra nesta Cidade," Dec. 1, 1955, p. 6.

"Sobre os escritores portugueses mais admirados no Brasil, Eça de Queirós continua a ocupar o primeiro lugar, tendo sido os seus livros que mais o entusiasmaram. Entre os modernos, no romance, Ferreira de Castro, e na poesia, Fernando Pessoa, sendo também muito apreciados, Gaspar Simões, Casais Monteiro, Vitorino Nemésio e António Botto."

1956

30. Frederico Rosa, "Eu e a Minha Alma," Jan. 30, 1956, p. 4.

"A nova geração de Portugal emparceira na Poesia com a nova geração do Brasil. A escola de Fernando Pessoa dominou os novos dos dois países irmãos e amigos."

31. Dutra Faria, "Mais Abertas, as Portas do Ultramar," June 6, 1956, p. 5.

"Foram homens como ele os que abriram os caminhos à penetração, em toda a Africa, aventureiros sem nome, heróis obscuros, dos quais, se alguns souberam enriquecer, muitos, quase todos, acabaram, devorados pelas febres, em qualquer desconhecido recanto do sertão. 'Malhas que o Império tece...' — como no verso de Fernando Pessoa."

32. António Maria Zorro, “Carta de Lisboa: Trinta Anos de Cultura,” June 28, 1956, p. 4.

“a fama não foi ouvida na compilação deste documentário cultural da vida portuguesa; a prova está em terem sido postos quase em pé de igualdade Fernando Pessoa e certos nomes esquecidos ou ignorados da poesia contemporânea.”

33. “Letras, Artes e Ciências em Portugal,” July 27, 1956, p. 5.

“Jorge Nemésio coligiu uma colectanea de ‘Poesias Inéditas de Fernando Pessoa’ (1919-1930), que a editorial Ática acaba de lançar nas livrarias. Um ensaio sobre ‘Incidências inglesas na poesia de Fernando Pessoa,’ foi publicado por Maria da Encarnação Monteiro. Segundo a ensaísta, os poetas que mais teriam influenciado Fernando Pessoa seriam T. S. Eliot, Wolfgang Kayser e Walt Whitman.”

1957

34. “Diário de Portugal: Artes e Letras,” Feb. 21, 1957, p. 2.

“Fernando Pessoa, o poeta sempre recordado da ‘Mensagem’, vai aparecer em breve ‘visto num ensaio de Mário Sacramento’ intitulado ‘Fernando Pessoa, poeta da hora absurda.’”

35. Adolfo Casais Monteiro, “Exame de Consciência dum Crítico” [from *Diário de Lisboa*], Feb. 28, 1957, p. 4.

“Amadeu de Sousa Cardoso... é o grande pintor da geração de Fernando Pessoa, como só agora é possível dar-se conta.”

36. “Diário de Portugal: Artes e Letras,” Apr. 11, 1957, p. 4.

“O poeta sempre recordado de ‘Mensagem’ vai ser ‘visto’ por Mário de Sacramento num ensaio intitulado ‘Fernando Pessoa, Poeta da Hora Absurda’.”

37. António Maria Zorro, “Carta de Lisboa: Velhas Lojas — Velhos Lojistas,” June 10, 1957, p. 3.

“a um canto do Terreiro do Paço, o ‘Martinho’ conserva a mesa a que sentava, esfingico e distante, Fernando Pessoa, com os seus heterónimos....”

38. “Diário de Portugal: Letras e Artes,” Aug. 22, 1957, p. 3.

“‘Fernando Pessoa e a geração do Orfeu’ foi o tema de uma conferência do Prof. Vitorino Nemésio no curso de férias da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.”

39. “Diário de Portugal: Artes e Letras,” Sept. 6, 1957, p. 4.

“realizou-se, em Lourenço Marques, um recital de poesia, em que obras de Fernando Pessoa, Miguel Torga, José Régio, Camilo Pessanha, Silva Tavares, Fernanda de Castro e outros poetas portugueses foram intepradas pelos jovens recitadores laurentinos....”

40. “Diário de Portugal: Teatro, Cinema, Musica, Rádio e TV,” Nov. 18, 1957, p. 2.

“Os ‘Jograis de S. Paulo’... — Rui Afonso, Armando Bogus, Rubens de Falco e Mauricio Barroso — apresentaram poemas de Luis de Camões, Castro Alves, João Manuel, Olavo Bilac, Miguel Torga, Almada Negreiros, Manuel Bandeira, Vinicius de Moraes, Francisco Rodrigues Lobo, Raul de Leoni, Casimiro de Abreu, D. Dinis, Cecília Meireles, José Régio, Cassiano Ricardo, Fernando Pessoa, Marbal Fontes, António Botto, Carlos Drummond de Andrade, João de Deus e Mário de Andrade.”

1958

41. “Conferência Sobre Poesia Portuguesa Na Univ. de Columbia,” Jan. 20, 1958, p. 4.

“Durante mais de uma hora o dr. Albano Nogueira dissertou sobre os nossos poetas, detendo-se nuito especialmente em Mário Sá Carneiro, Eugénio de Castro, Teixeira de Pascoais, Fernando Pessoa, José Régio, Miguel Torga, e outros.”

42. “Um Prémio Literário Em Homenagem a Camões,” Mar. 6, 1958, p. 1.

“O Instituto Luso-Brasileiro de Londres instituiu um prémio literário de homenagem a Camões, que foi atribuido: John Parker, da Universidade de Cambridge, autor de um ensaio sobre Albert [sic] Caeiro — heterónimo de Fernando Pessoa.”

43. António Maria Zorro, “Carta de Lisboa: ‘Cafés,’ ‘Restaurantes’ e Outros Sítios,” Mar. 26, 1958, p. 3.

“O ‘Martinho da Arcada’... não é precisa muita imaginação para identificar em um ou outro dos seus solitários fregueses do fim da tarde um correspondente de línguas estrangeiras dos grandes escritórios da ‘Baixa’, um tal Fernando Pessoa, que na mesa do canto escreveu estrofes da ‘Mensagem’.”

44. “Artes e Letras em Portugal,” Dec. 4, 1958, p. 5.

“ ‘Deus e o Homem na Poesia e na Filosofia’ é uma nova obra de Amorim de Carvalho, em que o autor reúne e analisa diversos temas de filosofia e de poesia, proporcionados por textos de Sampaio Bruno, Fernando Pessoa, Teixeira de Pascoais, Guerra Junqueiro, Fidelino de Figueiredo, Álvaro Ribeiro, Paul Claudel, Papini, Gabriel Mistral e outros.”

1959

45. “Pessoa, Poeta da Hora Absurda,” Mar. 4, 1959, p. 2.

“Mário Sacramento publicou un ensaio intitulado ‘Fernando Pessoa, Poeta da Hora Absurda’ contribuição para o estudo da obra e da personalidade do grande poeta.”

46. Idalina M. Mota, “Um Jornal Português na América, Porquê?” Mar. 26, 1959, p. 31; “Um Jornal Português! Porquê?” Apr. 2, 1959, p. 3.

“Foi através das páginas do ‘Diário de Notícias,’ que vim a conhecer o corajoso e heroico soldado Pedro Francisco; o grande escritor e homem da ciência, dr. Egas Moniz; o revolucionário da moderna poesia portuguesa, Fernando Pessoa...”

47. Erico Verissimo, “A Simples Existência da Censura Limita a Acção dos Intelectuais,” Apr. 2, 1959, p. 6.

“Erico Verissimo... a uma pergunta sobre o que pensava de Fernando Pessoa e António Botto, declarou que os admira a ambos como poetas, mas que em todo o caso preferia o primeiro.”

1960

48. Vitorino Nemésio, “A Hora Mais Alta da História de Portugal — Vida e Obra do Infante D. Henrique,” Jan. 20, 1960, p. 3.

“É sobre tudo a obra do rei D. Dinis — *‘plantador de naus a haver’* (como lhe chamou Fernando Pessoa, o poeta comercialista da Ode Marítima na MENSAGEM), isto é do pinhal de Leiria.”

49. Frederico Rosa, “Carta do Brasil: Sagres e o Infante,” Apr. 28, 1960, p. 1.

“Na palavra do Mestre Braz da Silva... é Fernando Pessoa profetizando que ‘o único imperador que tem deveras o globo mundo em sua mão’ será aquele príncipe que tem aos pés o mar e as mortas eras’.”

50. “As Comemorações Henriquinas na Cidade de New York,” May 11, 1960, p. 5.

“A D. Henrique dedicou Fernando Pessoa — o mais alto expoente da poesia moderna portuguesa — a seguinte ode, que D. Dora [de Vasconcelos] recitou: ‘Em seu trono entre o brilho das esferas / Com seu manto de noite a solidão / Tem aos pés o mar novo e as mortas eras / O único imperador que tem deveras / O globo mundo em sua mão’.”

51. Fernando Pessoa, “Padrao,” July 12, 1960, p. 4.

Reprints the poem beginning “O esforço é grande e o homem é pequeno...”

52. Fernando Pessoa, “O Infante,” July 25, 1960, p. 4.

Reprints the poem beginning “Deus quer, o homem sonha, a obra nasce....”

53. “Comentário do Dia,” Aug. 23, 1960, p. 1.

“Jaime Cortezão... a sua sensibilidade de poeta, valeu-lhe de Fernando Pessoa, um dos maiores poetas portugueses de todos os tempos, o título de ‘Príncipe’ — o primeiro da sua geração.”

54. “Com a Morte de Jaime Cortezão Perdeu Portugal Um Grande Escritor e Notável Historiador” [from *Diário de Lisboa*], Aug. 24, 1960, p. 6.

“Já nessa época se havia afirmado poeta de primeira água, merecendo a Fernando Pessoa os mais lucidos elogios como intérprete do sentimento épico nacional.”

55. Manuel Rodrigues, “Há 30 Anos que Vivo Aqui e Nunca Vi os Goeses tão Conscientes da Sua Naturalidade,” Nov. 7, 1960, p. 1.

“Um goês vestido do Vasco da Gama recita versos de Fernando Pessoa.”

1961

56. “Fernando Pessoa,” Jan. 12, 1961, p. 6.

“Com um recital de poesia, na sala de teatro do Palácio Foz, a que assistiram os Ministros da Presidência e da Educação Nacional, respectivamente dr. Pedro Theotónio Pereira e Prof. Leite Pinto, terminaram ontem as comemorações do vigésimo quinto aniversário da morte de Fernando Pessoa.”

57. “Conferências Sobre Cultura Portuguesa e Brasileira em N.Y.,” Feb. 20, 1961, p. 2.

“A segunda conferência do dr. Costa Ramalho, ‘Fernando Pessoa, o Maior Poeta Moderno de Portugal,’ terá lugar no dia 13 de Abril, pelas 8:30 da noite, no Washington Square North.”

58. “Música Portuguesa, Festejada em Nápoles,” Mar. 15, 1961, p. 3.

“A segunda parte do concerto foi consagrada a três obras inéditas na Itália: ‘Quatro Canções de Garcia Lorca’ de Lopes Graça, dois ‘Poemas de Fernando Pessoa’, também de Lopes Graça, e ‘Diversão para Orquestra de Camara’ da autoria do próprio Braga Santos.”

59. “Noticiário de Espectáculos Portugueses,” Sept. 20, 1961, p. 5.

“O Teatro Popular de Almada, sob o patrocínio da Câmara Municipal daquela vila, apresentou... ‘A Poesia e o Mar’ e ‘O Marinheiro’, de Fernando Pessoa.”

1962

60. Manuel Calado, “Crónica da Minha Rua: Depois da Chuva,” Apr. 12, 1962, p. 6.

“Gaspar Simões fala, é claro, dos que têm por missão ser líderes, serem os arquitectos do futuro de Portugal. Segundo ele já não há rebeldes, homens da estirpe de um Fernando Pessoa, de um Mário de Sá Carneiro, de um Garrett, de um Antero...”

61. Barradas de Oliveira, “Júlio Dantas,” June 2, 1962, p. 4.

“Da gente do *Futurismo* já morreram o Santa-Rita Pintor, o Fernando Pessoa, o José Pacheco, o Mário de Sá Carneiro, o Luis de Montalvor, o António Ferro...”

62. Dutra Faria, “Para a História da Arte Moderna em Portugal,” Aug. 8, 1962, p. 1.

“Não se recusam a admitir que existiu o ‘Orfeu.’ Não se negam a aceitar que existiram de facto, não são verdadeiramente figuras mitológicas um Fernando Pessoa e um Amadeu de Souza Cardoso, um Santa Rita Pintor e um Mário de Sá-Carneiro, um José Pacheco ‘arquitecto pela graça de deus’ e um Angelo de Lima surrealista ‘avant la lettre’.”

1963

63 “O Declamador César Augusto, nos Estados Unidos,” Dec. 27, 1963, p. 6.

“César Augusto... fundou o grupo Fernando Pessoa, do que é o actual director.”

1964

64. Dutra Faria, “Um Episódio da Guerra,” Feb. 7, 1964, p. 6.

“deitado numa padiola, com uma bala na cabeça, o Manuel, o seu impedido, é um corpo que rapidamente arrefece, como no verso de Fernando Pessoa.”

65. “Cinema, Variedades e Recital no Sport Clube Português de Newark,” Feb. 19, 1964, p. 5.

“César Augusto... com grande poder de expressão, disse versos de Camões, Augusto Gil, José Régio, Fernando Pessoa, Bocage, Cesário Verde, Sebastião da Gama, Oswaldo Ferreira, e António Botto.”

66. “Arte e Folclore na Capital de Moçambique,” Mar. 10, 1964, p. 2.

“Vieram, igualmente, os jovens do ‘Grupo Fernando Pessoa,’ que o jornalista António Maria Zorro apresentou, focando aspectos quase desconhecidos da personalidade e da obra do autor da ‘Mensagem’ e que, a par de poemas do patrono do ‘Grupo’ e dos seus heterónimos em especial uma magnífica teatralização do ‘Mar Português’ — interpretaram muitos dos poetas contemporâneos de Pessoa e a peça de um poeta, José Régio, evocativa de outro poeta, Mário de Sá Carneiro — ‘Mário ou Eu-Próprio, o Outro’. No palco, como uma bandeira erguida, o retrato de Fernando Pessoa, desenhado por Almada Negreiros. E foi uma bandeira de vitória — porque o público encheu a sala, ouviu em silêncio emocionado o ‘Menino de Sua Mãe’ ou a ‘Ascensão de Vasco da Gama’, deixou-se prender no encanto das estrofes friamente heroicas e dos versos enigmáticamente metafísicos de Pessoa e fechou o sarau com uma das mais prolongadas ovações de que há memória nas salas de espectáculos de Lourenço Marques, a desmentir o lugar-comum da frieza do público.”

67. “Noticiário de Espectáculos Portugueses,” Mar. 10, 1964, p. 3.

“O ‘Grupo Fernando Pessoa’... o seu reportório é constituído por declamações e encenações de poetas contemporâneos portugueses e brasileiros, sobretudo de poemas de Fernando Pessoa e de Mário de Sá Carneiro.”

68. "Notícias de Espectáculos Portugueses," Apr. 10, 1964, p. 4.  
"Teatro do Gerifalto'... levou à cena... 'A Cigarra e a Formiga', nova versão da fábula teatralizada por Fernando Pessoa [sic], com cenários de João Soutulho."
69. "Morreu o Poeta Silva Tavares," June 10, 1964, p. 2.  
"Morreu o poeta Silva Tavares, companheiro de tertúlia de Fernando Pessoa."
70. "Uma Evocação Histórica em Lourenço Marques," July 20, 1964, p. 4.  
"Todo este jogo cénico é sublinhado por um fundo musical adequado e pelo recitativo de algumas estâncias dos 'Lusiadas' e poemas patrióticos do nosso tempo, designadamente de Fernando Pessoa."
71. "Notícias de Espectáculos Portugueses," Aug. 19, 1964, p. 2.  
"Colaboram... no 'Primeiro Festival do Algarve'... o 'Grupo Fernando Pessoa'."
72. "A Nova Literatura Portuguesa Não é Conhecida no Brasil," Sept. 15, 1964, pp. 1, 4.  
"Luis Forjaz Trigueiros': 'o grande público [brasileiro]... ficou-se em Eça de Queirós e, recentemente, em Fernando Pessoa... E Fernando Pessoa morreu há trinta anos...'"
73. "Notícias Resumidas," Oct. 7, 1964, p. 3.  
"O 'Grupo Gil Vicente' interpretou o 'Auto da Fama' e recitou algumas estâncias dos 'Lusiadas' e do poema 'O Mar Português' de Fernando Pessoa..."
74. "Notícias de Espectáculos Portugueses," Nov. 27, 1964, p. 2.  
"Fernando Pessoa vai ser respresentado em Moçambique."
75. "Ecos da Imprensa Poruguesa: A Emigração Clandestina," Dec. 19, 1964, p. 3.  
"Não foi sem razão que Fernando Pessoa afirmou: 'que o mar estava salgado de lágrimas dos portugueses — dos que partem e dos que ficam.'"

1965

76. Manuel Bettencourt, "Do Rapaz para Rapazes!" Jan. 13, 1965, p. 2.

"Com justeza se podem aplicar aos rapazes bons e de bom coração os versos magníficos que Fernando Pessoa consagra ao Infante D. Pedro: 'fiel á palavra dada e á idea / tida. Tudo o mais é com Deus!'"

77. Evangelista Rocha, "Rosas e Poesia," Mar. 12, 1965, p. 4.

"Não foram nefelibatas Mário de Sá-Carneiro e Álvaro de Campos? Muito embora, divinos, inimitáveis; porque, se o foram nalguns poemas, não os moveu a intenção propositada de conquistar auréola de intelectualismo lunático. Quem escreveu as obras de Álvaro de Campos, assinou também as de Alberto Caeiro e Fernando Pessoa, e, ao desventurado Mário, quem o há-de inculpar de estereotíпия poética ou de fingidor, ele a esquizofrenia em pessoa? Sabia-se, é certo; explorou até com certo prazer tal debilidade mental, vítima do Outro que nele havia, e o chamava de Poeta."

78. "Esteve Presente à Reunião de Bristol, o Sr. Cônsul Geral de Portugal em N.York," July 12, 1965, p. 4.

"Estou certo que este Congresso levantará na América do Norte a curiosidade que a questão merece, e que a injustiça a que Fernando Pessoa alude, em versos imortais, que não resisto repetir virá a ser reparada. 'Os Columbos'... 'Outros haverão de ter / O que houvermos de perder...'"

79. Cunha Viana, "Portugal em Festa na Terra de Corte Real," Sept. 17, 1965, p. 5.

"A nau de um d'elles tinha-se perdido / No mar indefinido....  
(Fernando Pessoa — in "MENSAGEM")."

80. "Fernando Pessoa Traduzido na Alemanha," Dec. 1, 1965, p. 2.

"O volume — que é a segunda edição em língua alemã de obras de Fernando Pessoa e que, tal como a antologia publicada em 1962, esteve a cargo do lusitanista alemão Georg Rudolf Lind — inclui também vários textos em prosa de Pessoa, tais como as cartas a Casais Monteiro e a Cortes Rodrigues e o prefácio de Ricardo Reis às obras de Alberto Caeiro."

81. Dutra Faria, "Um Soldado Escreve...", Dec. 6, 1965, p. 2.

"Veze sem conta me lembro daquele poema de Fernando Pessoa, "o mostrengo" — infelizmente agora cantado por uma fadista... — e cada vez compreendo melhor o homem ao leme. Aqui não há o mostrengo, mas há o queixume do soldado: — 'Meu furriel, não posso mais'. Há a própria tentação:--'Senta-te à sombra e deixa correr o tempo'. Há o cipaio:--'Senhor, aqui é perigoso; bandido mora por aqui'. E tudo isto, creio me derrubaria, tudo isto, somado ao cansaço e ao extenuamento, seria bem mais forte do que eu, se por detrás de mim, a amparar-me, não tivesse a mesma força que ao homem do leme não o deixava vergar-se'."

82. "Revelada a Existência de 44 Cartas de F. Pessoa," Dec. 10, 1965, p. 2.

"Existem 44 cartas de amor dirigidas por Fernando Pessoa a uma senhora que foi sua noiva, irmã de outro grande poeta português deste século, Carlos Queirós, também já falecido."

83. Fernando Pessoa, "'Não Sei. Falta-me um Sentido'," Dec. 23, 1965, p. 12.

Reprints Álvaro de Campos's poem beginning "Não sei. Falta-me um sentido, um tacto."

84. "Comentário do Dia," Dec. 27, 1965, p. 1.

"Tudo está em saber se valeu realmente a pena. Para o nosso Fernando Pessoa, 'Vale sempre a pena, quando a alma não é pequena'."

1966

85. "Duas Estudantes Americanas Em Lisboa," Jan. 7, 1966, p. 1.

"Entrevistadas para o vespertino 'Diário Popular', as duas jovens revelaram alguns dos seus gostos: — sardinhas assadas, vinho e bacalhau, no aspecto culinário, a Nazaré e o Algarve sob o ponto de vista turístico, Fernando Pessoa e António Nobre no que a poesia se refere."

86. A[ntero] Albuquerque, "Escreve o Leitor: Interpretações...", May 3, 1966, p. 2.

"Do sr. Fernando Pessoa — que não é o poeta do 'Menino de minha Mãe' — recebi... uma longa missiva crítica..."

87. Dutra Faria, "Morreu o Escritor Vitor Falcão," May 10, 1965, p. 1.

"Vitor Falcão... os seus entusiasmos, reserva-os de preferência para o pintor ou para o poeta que acabavam de aparecer. Acamaradara com os 'grandes' da geração' do 'Orfeu'; fora amigo de Fernando Pessoa, de Amadeu de Sousa Cardoso, de Francisco Franco...."

88. "Fernando Pessoa Evocado na África do Sul," June 28, 1965, p. 2.

"O Poeta Fernando Pessoa é evocado por um jornal sul-africano, o 'Natal Mercury', de Durban, num suplemento dedicado ao centenário do liceu daquela cidade, de que Pessoa foi aluno. O jornal publica um dos primeiros poemas escritos em língua inglesa por Fernando Pessoa".

1967

89. "Noticias do Ultramar Português," Mar. 16, 1967, p. 5.

"Ciclo de conferências em Lourenço Marques... estas conferências universitarias vão prosseguir até 23 de Maio e abordarão, entre outros, os seguintes temas: 'Henry de Montherlant e a moral do artista', 'A presença clássica em Fernando Pessoa', 'A problemática religiosa em Antero de Quental' e 'Erasmus e a cultura portuguesa'."

90. Manuel Calado, "Coisas do Tempo e dos Homens," June 9, 1967, p. 6.

"E todas estas considerações mini-filisóficas, resultaram de dois dedos de solilóquio em face das turbulências humanas. Terão valido a pena? Fernando Pessoa diz que sim, que 'vale sempre a pena, quando a alma não é pequena'. Mas Pessoa disse isto em verso, e a rima, claro, possui uma eloquência própria, a que não chega a magra prosa deste vosso criado".

91. "Visitantes Ilustres em New Bedford," June 27, 1967, p. 1.

"O sr. dr. Alexandrino Eusébio Severino... preparou-se então para o grau de doutor, fazendo várias pesquisas sobre o conhecido poeta português Fernando Pessoa, de que tem em publicação um livro."

92. Manuel Calado, "Coisas do Tempo e dos Homens," July 17, 1967, p. 4.

"Mas já Fernando Pessoa dizia que 'vale sempre a pena... quando a alma não é pequena'."

93. "Suplemento Cultural Português no México," Sept. 6, 1967, p. 4.

"O importante jornal mexicano 'El Nacional' publicou, a título excepcional, um suplemento cultural, á sua edição de 23 de Julho passado, consagrado á cultura portuguesa contemporânea... Amândio César dá um artigo de lúcida observação crítica 'Sobre Fernando Pessoa, poeta de 'Mensagem'...."

1968

94. Dutra Faria, "A Grande Vigília," Jan. 29, 1968, p. 1.

"nem por isso os jovens ianques deixaram de continuar a cair em combate, com as armas na mão, 'trespassados de lado a lado,' como o 'menino' do poema de Fernando Pessoa, em obediência às 'malhas que o império tece'. Foi primeiramente na Coreia. Foi, depois, no Vietnam."

95. Antônio Maria Zorro, "Santa Engrácia, essa Desconhecida...," Apr. 16, 1968, p. 4.

"Santa Engrácia é, agora, o Panteão Nacional... Alguns tardarão a vir ocupar o lugar a que têm direito, como será, talvez o caso de Gago Coutinho ou de Fernando Pessoa."

96. Angela Caires, " 'O Melhor do Mundo São as Crianças'" [from *A Tribuna*], May 24, 1968, p. 3.

"Fernando Pessoa é o autor da frase que constitui o título do apontamento de hoje."

97. "Noticias Diversas de Portugal," June 6, 1968, p. 2.

"As obras de Camões e de Fernando Pessoa foram os temas das conferências feitas nas Universidades de Amsterdão, Utreque e Niemege pelo Prof. Hernani Cidade...."

98. Barradas de Oliveira, "Estes Cafés de Lisboa," July 11, 1968, p. 6.

"Quer queiram, quer não, também os cafés estão associados á revolução modernista do final da primeira Grande Guerra. Sabe-se bem o que representaram nisso o setecentista Martinho da Arcada, poiso de Fernando Pessoa, e a Brasileira do Chiado."

1969

99. Monsenhor Leal Furtado, "Festa na Paróquia de N. S. da Fátima de Ludlow," Feb. 13, 1969, p. 6.

"Fernando Pessoa, esse extraordinário poeta, que na sua meninice e juventude foi educado em língua inglesa, escreveu algures: 'a minha pátria é a língua portuguesa'."

100. “Comentário do Dia,” Mar. 4, 1969, p. 1.

“Quanto a nós, mais por intuição do que por empirismo, estamos com Fernando Pessoa: ‘Vale sempre a pena, quando a alma não é pequena’.”

101. Dutra Faria, “Portugal, Nação Africana: Em Lourenço Marques vai Haver Solução Para a ‘Cidade do Caniço’.” Apr. 16, 1969, p. 6.

“‘Valeu a pena’ — limitei-me a responder. E lembrei-me então do verso de Fernando Pessoa”.

102. António Félix, “Camões: Símbolo do Génio Português,” June 9, 1969, p. 4.

“Foi Fernando Pessoa que disse: ‘Deus quer, o homem sonha, a obra nasce’.”

103. Manuel Calado, “Coisas do Tempo e dos Homens: Tomates, Nabos & Co.,” June 16, 1969, p. 1.

“entre o saber se o calado realmente ‘vence sempre’, ou se, como dizia o nosso Fernando Pessoa, ‘vale sempre a pena, quando a alma não é pequena’.”

104. “Comentário do Dia,” Sept. 16, 1969, p. 1.

“No início de mais uma sessão da Assembleia Geral das Nações Unidas, vem a propósito perguntar se ‘avalerá a pena’... No entanto, lá está o nosso Fernando Pessoa a lembrar, que ‘vale sempre a pena, quando a alma não é pequena.’”

105. “Cartas ao Director: O Prof. António Cirurgião Responde Com o Depoimento que Concedeu em Lisboa á Agência de Noticias ANI,” Sept. 17, 1969, p. 2.

“Enquanto aqui toda a literatura, por exemplo, acaba em Eça de Queiroz, ou, quando muito, em Fernando Pessoa e Mário de Sá Carneiro, lá nos Estados Unidos acaba com aqueles que tenham tido a boa sorte de produzir um livro de valor — seja no tempo do bom Rei D. Dinis seja na década de 1960.”

106. “Em Cada Parágrafo Uma Notícia,” Oct. 16, 1969, p. 5.

“A poesia de Fernando Pessoa ‘O menino da sua mãe’ é o tema que um economista de São Paulo, Valter Vetilo, de 26 anos, utilizou para filmar e assim concorrer ao Quinto Festival Brasileiro de Cinema Amador.”

107. “Comentário do Dia,” Dec. 23, 1969, p. 1.

“Disse Fernando Pessoa que ‘vale sempre a pena, quando a alma não é pequena’. No entanto, em face dos progressos e recuos da humanidade nos últimos dois mil anos, é difícil saber se terá valido a pena.”

108. Manuel Calado, “Coisas do Tempo e dos Homens: Natal e Saudade,” Dec. 23, 1969, p. 4.

“Disse-nos Fernando Pessoa que ‘poeta é um fingidor; finge tão completamente, que chega a fingir que é dor, a dor que deveras sente’.”

1970

109. “Noícias Diversas,” Jan. 8, 1970, p. 3.

“O quadro de Almada Negreiros ‘Fernando Pessoa’, considerado obra da maior importância na história da pintura portuguesa, vai ser leiloado, pois fechou o estabelecimento em que se encontrava, o café ‘Irmão Unidos’, no Rossio, que foi adquirido por uma camisaria vizinha.”

110. “Arrematado por 1.350 Contos o Retrato de Fernando Pessoa,” Jan. 21, 1970, p. 1.

“O quadro, pago a Almada Negreiros, há quinze anos, por trinta contos, foi ontem arrematado por 1.350 contos. Adquiriu-o um antiquário, que, todavia, o não poderá transaccionar para fora de Portugal. E isto porque o Ministério da Educação Nacional o mandou inventariar antes de ser leiloado.”

111. Miguel Corte Real, “No Aniversário do Poeta Dr. Armando Côrtes-Rodrigues,” Mar. 24, 1970, p. 4.

“Armando Côrtes-Rodrigues... conheceu e foi amigo de Fernando Pessoa, Mário de Sá Carneiro, Almada Negreiros e de outros poetas e escritores, que deram ao poeta o influxo daquela nova geração...”

112. Dutra Faria, “Franco Nogueira e a Europa — (1),” Apr. 20, 1970, p. 1.

“Aí por alturas de 1921, publicou Fernando Pessoa na revista ‘Contemporânea’ um conto intitulado ‘O banqueiro anarquista’... Recordou-me esse esquecido conto de Fernando Pessoa o discurso (admirável) com que o dr. Franco Nogueira inaugurou agora na Assembleia Nacional a sua carreira de parlamentar...”

113. “A Câmara Municipal de Lisboa em Foco,” June 24, 1970, p. 5.

“o Presidente da Câmara Municipal, Eng. Santos e Castro, anunciou que um anónimo doara á cidade o quadro de Fernando Pessoa pintado por Almada Negreiros que, durante muitos anos, esteve exposto no Café ‘Irmãos Unidos’ e há meses foi leiloado por um milhão e quinhentos mil escudos, a mais elevada quantia jamais paga por um quadro nacional e acrescentou que o nome de Almada Negreiros, há dias falecido, vai ser dado a uma rua de Lisboa.”

114. “Notícias Diversas de Portugal,” July 24, 1970, p. 5.

“o coro Dom Pedro de Cristo... deu um recital de música que incluiu obras dos séculos XVII e XVIII, espirituais negros e uma composição de Manuel Faria sobre poema [sic] de Fernando Pessoa.”

115. “Nos Últimos Anos, em Portugal, Também a Canção Evoluíu,” Aug. 26, 1970, p. 4.

“Para falar do velho fado, poderemos citar os nomes de Teresa Silva Carvalho, Ana Rosmaninho, João Braga e artistas ainda mais novos, que cantam Florbela Espanca, Fernando Pessoa, Alda Lara e António Botto, para já não falar nos poetas vivos, como David Mourão-Ferreira e Vasco de Lima Couto.”

116. António Cirurgião, “Quantos Clubes Luso-Americanos Têm Biblioteca?” Sept. 17, 1970, p. 2.

“No campo da literatura... Portugal e o Brasil têm escritores que podem ser considerados grandes em qualquer literatura do mundo. Basta citar, a título de exemplo, os nomes de Camões, Eça de Queiroz, Fernando Pessoa, Machado de Assis e João Guimarães Rosa.”

117. “Ti Zé dos Anzóis Vai Viajar,” Oct. 2, 1970, p. 2.

“Mágoa fingida está bem de ver. Lá disse o Tio Fernando Pessoa, que ‘O Poeta é um fingidor, e finge tão completamente, que chega a fingir que é dor, a dor que deveras sente’. É um fingimento pegado..., mas verdadeiro. Pois que fingir com verdade, é uma coisa deveras difícil.”

118. “Evocam-se Páginas de História,” Dec. 4, 1970, p. 5.

“‘A Brasileira’ do Chiado não tem as tradições do ‘Martinho’ da Arcada, o mais antigo café de Lisboa, onde Fernando Pessoa projectou para a eternidade algumas páginas da sua obra ortónima e heterónima.”

119. "Comentário do Dia," Dec. 24, 1970, p. 1.<sup>2</sup>

"Disse Fernando Pessoa que 'vale sempre a pena, quando a alma não é pequena'. No entanto, em face dos progressos e recuos da humanidade nos últimos dois mil anos, é difícil saber se terá valido a pena."

1971

120. "Gil Vicente Interpretado na SMU," May 3, 1971, p. 1.

"Os Jograis... finalizaram com o celebre 'Mostrengo', de Fernando Pessoa."

121. "Morreu em Lisboa Jorge Barradas," July 12, 1971, p. 2.

"Morreu Jorge Barradas, uma das últimas figuras do movimento modernista português de há 20 anos, no qual foi companheiro de Almada Negreiros, Sant-Rita, pintor, Amadeu de Sousa Cardoso, Mário Eloi, Fernando Pessoa e Mário de Sá-Carneiro."

122. "Faleceu Sexta-feira em Ponta Delgada, Cortes-Rodriguese," Oct. 18, 1971, p. 1.

"Armando Cortes-Rodriguese... foi, com Fernando Pessoa e Sá Carneiro, um dos seis fundadores do grupo 'Orpheu'...."

1972

123. António Quadros, "A Saudade, Sempre," June 10, 1972, p. 4.

Fernando Pessoa is included in "a antologia 'A saudade na poesia portuguesa'."

124. Élio Morgado, "Marte: Ida e Volta em 3 Anos... Mas Não Tão Ceddo," Dec. 8, 1972, p. 4.

"Se fosse possível 'tripular' um raio de luz, como no célebre poema de Fernando Pessoa, bastariam três minutos e meio para atingir a meta...."

1973

125. Dutra Faria, "Carta de Lisboa: Banqueiros Anarquistas?" Feb. 20, 1973, pp. 1, 4.

"Na admirável 'Contemporânea'... publicou Fernando Pessoa extenso conto, intitulado 'O banqueiro anarquista'... Banqueiros anarquistas é que não são de admitir, fora do conto de Fernando Pessoa."

126. “Cresce nos Estados Unidos o Interesse pelo Português” [from *Jornal do Comércio*], Feb. 21, 1973, p. 3.

“Jean Longland... colabora com o prof. [Ernesto] Guerra da Cal, traduzindo as poesias de Fernando Pessoa que acompanharão o estudo crítico que aquele professor galego prepara sobre Pessoa.”

127. “Óscar Niemeyer, o Construtor de Brasília, Gosta do Fado e Prefere Viajar de Barco,” Apr. 13, 1973, p. 5.

“Revelou-nos o nosso entrevistado... ‘Camões e Fernando Pessoa são grandes mestres da poesia universal’.”

---

\* Complemento do trabalho publicado na *Revista de Estudos Anglo-Portugueses*, no. 14, 2005, pp. 211-243.

<sup>1</sup> Rui Correia, “Salazar in New Bedford: Political Readings of *Diário de Notícias*, the Only Portuguese Daily Newspaper in the United States,” in *Community, Culture and the Makings of Identity: Portuguese-Americans along the Eastern Seaboard*, ed. Kimberly DaCosta Holton and Andrea Klimt (North Dartmouth, Massachusetts: University of Massachusetts Dartmouth, Center for Portuguese Studies and Culture, 2009), p. 228.

<sup>2</sup> This column is reprinted from the *Diário de Notícias* for Dec. 23, 1969.



IMAGENS DE PORTUGAL NA FICÇÃO CONTEMPORÂNEA  
EM INGLÊS: APRESENTAÇÃO DO PROJECTO

*Carlos Ceia*  
*Universidade Nova de Lisboa*  
*CETAPS<sup>1</sup>*

If you buy a ticket and travel to another country, you are likely to see the monuments, the palaces and the squares, the museums and the landscapes and the historical sites. If you are lucky, you may have a chance to conduct some conversations with the local people. Then you will travel back home, carrying a bunch of photographs or postcards.

But if you read a novel, you obtain a ticket into the most intimate recesses of another country and of another people. Reading a foreign novel is an invitation to visit other people's homes and other countries' private quarters.

Amos Oz, "The novel is your ticket to real travel",  
*The Times*, 3-11-2007

O ponto de vista do escritor israelita Amos Oz sobre a capacidade de a ficção nos levar em viagens por outros mundos sem sairmos do livro que temos entre mãos resume, em visão panorâmica, as obras que proponho estudar neste projecto. O que faz com que um escritor estrangeiro viaje até Portugal e aqui encontre matéria para um romance pode ser medido não pelos diários de bordo da viagem mas pelo registo literário que fica inscrito na obra que escolhida para falar de nós e dos nossos lugares. Interessa-me sobretudo esse tipo de inscrição ficcional, que será sempre uma forma muito especial de nos podermos conhecer através do olhar de outros que não estão comprometidos

com a nossa identidade, embora de alguma forma entrem nos nossos domínios para que aquilo que sabemos de nós próprios possa ser revisto ou reconstruído.

Nem sempre isso acontece com os romances sobre Portugal que escolhi, nem sempre existirá uma visão antropológica, moralista, política, cultural, histórica ou sociológica sobre as pessoas e os espaços visitados pelo artista estrangeiro. O que acontece sempre é uma espécie de psicanálise literária em forma de romance ou de conto, com toda a liberdade de expressão que estas formas literárias permitem, o que significa que também somos obrigados a não ver em cada uma das obras seleccionadas um testemunho que mudará o destino deste País. Uma obra literária sobre Portugal (ou sobre qualquer nação) não tem essa força, mas consegue mudar o suficiente um leitor, quer se trate de um estrangeiro que conhece ou não Portugal quer se trate de um português, também conhecedor ou não do seu País. Não interessa, pois, a condição civilizacional do leitor para entrarmos numa viagem cá dentro com um olhar de fora. A única certeza que este bilhete nos garante é a de que as coisas que conhecemos serão tornadas diferentes e coisas que nunca vimos nos parecerão estranhas. Pelo menos, é este o preço que paguei nestas viagens.

A história de viajantes ingleses a Portugal que nos deixaram relatos literários e não literários pode ser dividida em duas espécies: uma, directamente a inscrever na imensa literatura de viagens, que inclui relatos de diplomatas, políticos, literatos, artistas, etc., que vieram com o objectivo de registar por escrito as impressões de uma viagem singular; outra, exclusivamente literária, que inclui viagens pessoais concretas que serviram de pretexto para recontos literários e viagens puramente ficcionais que não obrigam a ter passaporte carimbado para se poder escrever sobre um país. É nesta segunda espécie que coloco o olhar da minha investigação.<sup>2</sup>

O que traz todos estes escritores a Portugal ou porque escrevem sobre nós? Como escrevem? O que escrevem? Que valor tem a curiosidade sobre territórios que nos são estranhos quando a transformamos em obra literária? Tentarei responder a estas questões com as obras que seleccionei, com um único critério: que os visitantes-escritores sejam ingleses, norte-americanos ou publicados em Inglês.

A representação de Portugal na literatura estrangeira não é um exclusivo dos olhares viajantes ingleses e americanos, mas é essa a área da minha investigação, pelo que a exclusão de outros olhares literários não esconde qualquer motivação danosa para as literaturas aqui não representadas. Como o universo de escritores britânicos com obra publicada nos séculos XX e XXI — os

que me interessam investigar — não é particularmente significativa na relação com Portugal, decidi alargar o estudo a obras de escritores norte-americanos ou de outras nacionalidades, desde que publicados em Inglês e com algum significado literário para esta investigação. Seleccionei as seguintes obras deste tipo:

- *Het volgende verhaal*, 1991 — *The Following Story* (trad. de Ins Rilke, 1994), do holandês Cees Nooteboom
- *There is a Tide* (2008), do egípcio radicado em Inglaterra AM Afifi
- *Die Nacht von Lissabon*, 1962 — *The Night in Lisbon* (trad. de Ralph Manheim, 1964) do alemão Erich Maria Remarque (1898-1970) — pseudónimo de Erich Paul Remark

Em relação aos livros do espaço anglo-americano, estão concluídos os estudos das seguintes obras:

- *I Like It Here* (1958), de Kingsley Amis
- *Here Is Where We Meet* (2005), de John Berger
- *Alentejo Blue* (2006), de Monica Ali
- *The Moon, Come to Earth: Dispatches from Lisbon* (2009), de Philip Graham

As obras a estudar neste projecto são:

- Gilbert Watson, *Sunshine and Sentiment in Portugal* (1904)
- *The Winding Stair* (1968), de Jane Aiken Hodge
- *Marry in Haste* (1969), de Jane Aiken Hodge
- *Sharpe's Enemy: Richard Sharpe and the Defence of Portugal, Christmas 1812* (1984), de Bernard Cornwell
- *Sudden Fire (Postcards From Europe)* (1994), de Elizabeth Oldfield
- *Murder in Lisbon* (1997), de Sidney F. Davis
- *The Last Kabbalist of Lisbon* (1998), de Richard Zimler
- *A Small Death in Lisbon* (2000), de Robert Wilson
- *Company of Strangers* (2002), de Robert Wilson
- *Escape to Lisbon* (2002), de Bill Coulton
- *Distant Music* (2001), de Lee Langley
- *The Dream Merchant of Lisbon — The Game of Espionage* (2004), de Gene Coyle
- *Night Train to Lisbon* (2004), de Emily Grayson
- *Born Yesterday: The News As A Novel* (2008), de Gordon Burn
- *Henriqueta's Treasure* (2008), de Eillen Ramsay

Não há traços que ajudem a uma arrumação fácil deste pequeno cânone ocidental de obras sobre viagens relacionadas literariamente a Portugal. Não há aqui categorias bem definidas, do tipo que facilmente nos conduziria a um esquema de ideias feitas sobre uma nação estranha. Não há sequer um conjunto de preconceitos comuns que nos ajudassem a comentar todas as obras de reprovação ideológica, política, social ou cultural sobre um país estranho. Também não encontro opiniões comuns que nos ajudem a desenhar uma geografia humana e social para promoção do País e dos seus costumes no estrangeiro e para estrangeiros.

Falamos de literatura sem compromisso algum com o lugar visitado. O contrato de todos estes escritores é com a sua própria análise social, aquela que resulta do olhar de fora, descomprometido, despudorado por vezes, conscientemente preconceituoso outras vezes, mas sempre fiel a uma liberdade de expressão que não cabe em categorias nem de exotismo nem de literatura de viagens nem de reportagem literária nem de notas de bordo. Falamos de ficcionalizações sobre um novo território para quem escreve com um nome estrangeiro, não português. Não precisamos de nos colocar nesse lado do olhar. Podemos ficar confortavelmente a assistir a essas ficcionalizações de nós mesmos sentados no lugar do observado. Como também não nos é pedido nenhum compromisso com as imagens dadas de Portugal, possuímos a mesma liberdade de expressão para as analisar de dentro para fora.

Não procuro um padrão retratista de um lugar ou de uma viagem, porque não há uma única forma de viajar. São livros como estes que nos fazem viajar dentro de nós, naquela dimensão que tantas vezes desprezamos: o estar dentro de um país que é nosso e que ajudamos a construir, porém sem darmos conta de que essa construção merece ser visitada. Por vezes, muitas vezes, são os outros que vêm de fora que nos mostram o que somos.

---

<sup>1</sup> Grupo de Investigação: Literature, Media and Discourse Analysis.

<sup>2</sup> Para a primeira espécie, remeto para o extraordinário trabalho realizado no actual CETAPS (Centre for English, Translation and Anglo-Portuguese Studies, antigo Centro de Estudos Anglo-Portugueses), que, desde 1981, tem estudado as relações literárias, históricas, políticas, artísticas e culturais entre Portugal e o Reino Unido. Em especial, no seu site actual (<<http://www.cetaps.com>>), pode-se encontrar abundante informação sobre as traduções de obras britânicas até 1900 (vide BBP Base), o estudo avançado e demorado sobre a forma como a cultura inglesa chegou até Portugal (vide o trabalho sobre os periódicos ingleses do século XIX), e o projecto *British Travellers in Portugal* (séculos XVIII e XIX, com uma base de dados aberta: VIP Base). A *Revista de Estudos Anglo-Portugueses* tem prestado especial atenção a todos estes viajantes britânicos e seus relatos sobre Portugal.

O MIRADOURO INTERCULTURAL:  
*THE MOON, COME TO EARTH*, DE PHILIP GRAHAM

Carlos Ceia  
Universidade Nova de Lisboa  
CETAPS

Há formas simples de registar impressões de viagem ao estrangeiro, sendo hoje a página pessoal na Internet uma das mais populares formas de divulgação electrónica. O professor de escrita criativa da *University of Illinois at Urbana-Champaign*, e escritor norte-americano Philip Graham passou um ano em Lisboa (entre Agosto de 2006 e Agosto de 2007), com a mulher, a antropóloga Alma Gottlieb, e a filha mais nova, e foi escrevendo para a revista electrónica literária *McSweeney's*<sup>1</sup> uma série de textos memorialistas ficcionais a que chamou *dispatches*.<sup>1</sup> Em 2009, publicou esses textos em forma de obra de ficção descatálogada com o título: *The Moon, Come to Earth*. Esses *dispatches* podem funcionar como um género literário que se define pela partilha de características de vários outros géneros: conto, reportagem, crónica e novela resumidos numa expressão nova no mundo literário mas referente a uma prática de todos os tempos: *observação intercultural* (a expressão tem mais amplitude na sua correspondente inglesa: *cross-cultural observation*). Iremos ver como as motivações para visitar física e literariamente Portugal podem variar desde a missão político-diplomática que se conclui em forma de pretexto para escrever um romance mais tarde (como em *I Like it Here*, de Kingsley Amis) até ao desprezioso projecto de viagem que se revela a partir de um miradouro intercultural privilegiado.<sup>3</sup>

Não havendo um guião ficcional, o conjunto dos *dispatches* funciona melhor como contos realistas sem enredo definido, cujo denominador comum é o desejo de deixar uma memória

escrita e criativa sobre a experiência portuguesa de um americano letrado, genuinamente curioso e legitimamente investigador de novas culturas. Descontada a narração dos desajustamentos juvenis da sua filha, que podemos ler em qualquer romance de formação ou diário de adolescentes,<sup>4</sup> podemos sentir esse desejo nas variações em torno da saudade, o eterno sentimento português cantado obrigatoriamente por todos os visitantes, mas que Graham trata de uma forma muito serena e quase íntima que não é vulgar encontrar neste tipo de registo; no relato sobre Fernando Pessoa (em “Alchemy: from a Rube to a Local”), por quem confessa uma genuína admiração; no relato sobre o futebol em Portugal (em “Go, Whatchamacallits!”), cuja omnipresença na comunicação social e na vida dos portugueses se torna incompreensível para um visitante americano para quem o desporto não inclui o falar do resultado de um jogo durante toda a semana; na descrição das atrozes “largadas de toiros” em Santarém (em “Este espectáculo cruel!”); nos comentários sobre alguns traços distintivos da vida quotidiana de Lisboa, dos galões aos pastéis de nata, das festividades de todos os tipos aos problemas linguísticos de comunicação com os Portugueses; mas também na descrição da visita ao aqueduto das Águas Livres e nas cumplicidades mundanas com o escritor Rui Zink (em “Light for Light”).

É pouco vulgar o relato do convívio do escritor estrangeiro com escritores locais neste género de narrativas. Graham não hesita em convocar o escritor português Rui Zink para a sua escrita. O convívio entre os dois escritores sofreu poucas alterações do registo da experiência real vivida em Lisboa até ao registo literário (mais cronístico) dessa experiência. Os relatos são verosímeis e querem-se registados como tal, porque é das incidências reais que parte sempre a ficção cronística de Graham:

My friend Rui Zink is late—or should I, as an American living in Portugal, say that I’m early? Lately I’ve been hanging out with Rui, a fine writer who can work in any genre imaginable. A gregarious, opinionated, generous fellow, Rui seems to get invited to everything, and sometimes he’ll give me a call if he thinks I might be interested. Tonight I’m very interested: the Nobel laureate José Saramago, in town for the week, is attending the launching of a book of essays about his work. (44)

O retrato de Saramago real é tudo menos ficção. As personagens convocadas neste livro são fotografias verbais equivalentes a postais ilustrados comprados para provar que estivemos num dado lugar distante. O postal ilustrado é a fotografia perfeita

que não fomos capazes de tirar; o retrato de Saramago em forma de postal ilustrado com palavras contrasta, nesta obra, com as referências a Fernando Pessoa, sempre recordado como uma memória literária preciosa, mas distante, que importa sentir nos mesmos locais por onde esse herói antigo passou. Um dia foi assistir a uma sessão sobre Saramago com académicos portugueses, brasileiros e ingleses. Saramago estava na primeira fila a ouvir. E já antes se dispusera a dar alguns autógrafos no local, embora nem todos os presentes pudessem ter a garantia de tal privilégio. Graham é um dos que vão ficar sem a sua cópia de *Ricardo Reis* por assinar. Saramago aparece-lhe como Saramago, não como herói a não esquecer, por isso não importa que não consiga um autógrafo dele:

At once I locate a short line of people waiting for Saramago to sign books. His face is an odd mixture of severity and calm, with the occasional wan smile softening it all. He looks approachable, and part of me would really like to have him sign my copy of *Ricardo Reis*. But when it comes right down to it, I know I'm not going to snag a signature or snap a photo. Either souvenir, I realize, would be irrelevant to the impact his books have had on me. That brain encased in his skull is what I'm here for, the one that has already generated some of my favorite novels. (45-46)

No final deste acontecimento literário, Rui Zink há-de apresentar Graham a Saramago, num gesto simpático, mais simpático para Graham do que para Saramago, já cansado de tantas apresentações e elogios, a que agradece, humildemente enfartado deste tipo de cerimónias a que não consegue fugir. O sentimento do escritor norte-americano Philip Graham não se mede pela não reacção de Saramago; Graham conclui que o melhor é manter a serenidade e a compostura de quem não é um clássico nem pode vir a sê-lo com a certeza que se pode ter naquele momento: "One of the lessons I've learned in life is that self-righteousness is best served as a private midnight snack" (p. 48). Há, pois, uma genuína humildade (não subserviência) de Graham relativamente aos grandes escritores, ao ponto de Fernando Pessoa e José Saramago lhe merecerem o tributo que se dá normalmente a um escritor que atingiu a marca de um clássico. Mas isso não o cega relativamente a Saramago, cidadão, quando ficaram frustradas as tentativas de conseguir um autógrafo, de o ouvir celebrar um discurso próprio de um clássico e de poder conversar com ele de escritor para escritor.

Um dos pontos fortes do livro de Graham é a confissão aberta sobre a aprendizagem da língua portuguesa. Tenho usado os

exemplos de Monica Ali (*Alentejo Blue*, 2006) e Landeg White (*Where the Angolans Are Playing Football*, 2003; *Arab Work*, 2006) para explicar a diferença entre um escritor estrangeiro que não sabe usar o conhecimento de uma nova língua (neste caso, o Português) numa obra literária — Monica Ali — e um escritor que o sabe fazer com moderação e inteligência — Landeg White. A diferença pode medir-se pela tentação de colar na obra literária sobre Portugal (não interessa se se trata de um romance ou de um poema) todos os termos que o escritor estrangeiro aprendeu, para dar uma (falsa) nota de grande exotismo na escrita, ou inserir sempre com moderação e sentido de oportunidade as palavras da língua de aculturação que acrescentam sentidos únicos ao texto escrito na língua de origem. Philip Graham utiliza a mesma metodologia de Landeg White: não há palavras portuguesas a mais, mas apenas as necessárias para que a descrição de um novo contexto cultural possa ter alguma da cor local quer esta esteja no cenário físico quer se encontre na linguagem. É assim que o vemos confessar as peripécias de um estrangeiro aculturado a(em) Portugal, confrontado com o desejo genuíno e raro num estrangeiro em aprender o melhor e o mais possível a língua portuguesa:

The Portuguese can be a quiet bunch on a bus, nurturing individual invisible thought bubbles. [...] Block after block, the sight of newspaper kiosks reminds me I forgot to buy a paper today, reminds me of the challenge I set myself whenever I approach a newsstand: standing a few feet away, I'll silently repeat the polished phrases I've worked out word by word, hoping to mimic the local accent. This little game derives from my fragile wish to sustain, if only for a moment, the illusion that I'm Portuguese, though I really can't say why, since I do and don't feel at home here—just as a particle becomes a wave function becomes a particle becomes a wave, I oscillate between comfort and unease. And, anyway, the odds are tipped against me, because after nearly a year I'm still stalled at the “Me Tarzan, you Jane” stage of language proficiency.<sup>5</sup>

O narrador Philip Graham não hesita em classificar-se como um “Foreigner Struggling with the Local Language” (p. 24), sem saber que essa é uma espécie rara de turista em Portugal, sabendo nós que a maior parte não faz nenhum esforço por falar a língua local.

Graham não sabe por que razão se apaixonou por Lisboa:

I don't know why I love Lisbon. [...] When I'm walking its stone-cobbled streets, catching glimpses here and there of the border-

ing Tejo River, or taking in, from a vista on one of the city's hills, the glorious staggered topography of the white buildings and their salmon-colored tile roofs, I feel that I'm also traveling some interior landscape, that those streets are leading to a place inside myself I haven't yet located. (2)

Este sentimento de viajante estrangeiro à procura da intimidade dos lugares estranhos para ceder à sua próxima intimidade não é tão comum como se possa pensar. A condição de visitante-estrangeiro-forasteiro não nos obriga, na maior parte das nossas viagens ao exterior, a tentar mudar alguma coisa dentro de nós ou a alterar aquilo que pensamos do mundo. Mas quando o olhar de quem viaja é mais engenhoso do ponto de vista literário ou artístico podemos ajudar a redescobrir os lugares que os habitantes locais normalmente não veneram, pelo menos da mesma forma que os que vêm de fora. É o que acontece com o cipreste do Príncipe Real, uma árvore majestosa que diariamente serve de copa a jogadores de cartas e transeuntes cansados e cuja magia toca mais quem ali vai para ver para além da sombra. Esse cipreste mágico também impressionou John Berger, na sua passagem por Lisboa, e com ele inicia o capítulo primeiro do seu *Here Is Where we Meet* (2005). Se Berger vai aproveitar a simbologia do cipreste que aponta para a imortalidade, Graham encontra aí o espaço prestidigitador que eleva a sua viagem a um plano que só cabe na ficção. Primeiro confessa a paixão pelo lugar: "I love this praça because of its monumental cedar tree, whose lower branches, supported from below by an elaborate iron grillwork, fan out in an almost impossibly wide circle, a vast umbrella of green shade." (p. 40). Aí e em todo o Bairro Alto ocorrem com frequência exposições de arte contemporânea quer em pequenas galerias improvisadas quer ao ar livre. É numa dessas exposições que Graham encontra o símbolo maior da sua viagem:

[...] we continue down the hill into the Chiado neighborhood, in search of the festival's next installation. A turn here, a turn there, and we find a huge sphere, like a moon, sitting in the corner of a recessed plaza, made of some sort of durable white canvas; it's lit from within like a giant light bulb, and across its surface are painted stretches of lunar craters and mountain ranges. [...]

Perking up, Hannah murmurs, "So pretty." The moon, it appears, has come to earth tonight, magically, just for her, and even if it has left the shifting clouds behind, Hannah radiates concentration and lines up her shots. (41)

Graham consegue fugir às obrigações do turista acidental que tem de ouvir obrigatoriamente fado numa casa típica. Não hesitará, mais tarde, em escrever um ensaio sobre a música portuguesa com uma mensagem clara para os americanos: “Why aren’t you listening to Portuguese music? The Portuguese are certainly listening to us.”<sup>6</sup> O turista Graham descobriu em Lisboa a música de Carlos do Carmo e Camané a princípio, mas navegou por outros sons até Mário Laginha, por exemplo, e concluiu que a música portuguesa não se resume afinal à expressão cantada da saudade:

I pick a CD of Mário Laginha’s piano improvisations, and immediately, on the first cut, “Do Lado de Cá do Mar” — “On This Side of the Ocean” — a restless baseline of the left hand pushes and pulls at haunting high notes of melody on the right, shifting somewhere between the modal jazz of Miles Davis and an ancestral memory of a Portuguese guitar’s ringing tones. As I’ve learned from my year in Lisbon, Portuguese music doesn’t have to be fado to be drenched in saudade. Those odd intervals, shifting from restless to reflective, pluck at something raw inside me, and when the last notes fade to a whisper, I jump up and press replay, as I almost always do. (141)

Todas as impressões somadas, Graham escreveu mais do que um *logbook* sobre uma peregrinação cultural a um país distante. Mas não se espere que esta prosa se possa transformar num grande romance sobre Lisboa, apesar das descrições dos seus rostos e costumes contemporâneos. Não há notoriedade ou genialidade literária nos *dispatches* de Graham sobre Lisboa, pelo menos daquele tipo de registo que vai para além da simpatia que se fica a dever a um país. Um livro deste género funciona bem como uma forma de retribuição pelo bom acolhimento recebido. E talvez não queira ser mais do isso, que já é muito.

---

<sup>1</sup> Publicada no endereço: <<http://www.mcsweeneys.net>>.

<sup>2</sup> Os textos originais estão publicados neste endereço: <<http://www.mcsweeneys.net/links/philipgraham/index.html>> (consultado em Maio de 2010). O termo tinha já expressão semi-literária antes da experiência de Graham em Lisboa: “*Dispatches from China*” de Roy Kesey, que aparecem também no website da McSweeney’s — <<http://www.mcsweeneys.net/links/keseydispatches>>; Kevin Dolgin publicou, em 2009, uma colectânea de *dispatches* com o título: *The Third Tower Up from the Road: A Compilation of Columns from McSweeney’s Internet Tendency’s Kevin Dolgin Tells You About Places You Should Go* (Santa Monica Press). Em Outubro de 2009, numa entrevista ao blog *Inside Higher Ed* — <[http://www.insidehighered.com/blogs/the\\_education\\_of\\_oronte\\_churm/what\\_philip\\_graham\\_knows](http://www.insidehighered.com/blogs/the_education_of_oronte_churm/what_philip_graham_knows)> —, Graham menciona ambos, o primeiro como inspiração

para os seus textos, o segundo como continuação do tipo de trabalho que quis fazer em *The Moon, Come to Earth*.

<sup>3</sup> Podemos perceber melhor este tipo de observação intercultural despreziosa nas palavras que, *a posteriori*, Philip Graham deixou como explicação para a viagem a Portugal. O entrevistador-autor do blog *Inside Higher Ed* perguntou: “As you well know, there are a couple of schools of thought on attempting to write other cultures. Many admire the attempt and even feel that being an outsider provides an opportunity for important insights. Others think the dangers of misrepresentation are too high. How do you try to avoid the pitfalls, especially when writing wryly (‘the whole country qualifies as the shrimps of Europe — only the island of Malta boasts smaller citizens’) about some aspects of Portuguese life?” Graham percebeu o perigo que este tipo de narrativa de viagem pode representar se o guia do viajante for o lugar comum e o preconceito: “I think the dangers of misrepresentation when describing a conversation you had five minutes ago with a family member or friend are high, too. Because the thoughts of others are unavailable to us, humans have to make do with varying skills of interpretation. We’re all fiction writers of a sort, throughout our lives shaping characters out of the selected and often misleading signals we receive from the people we think we know. A spotty business at best, this. But what’s the alternative except deepening isolation? The same goes for travel, since every country on the globe shares a second, secret name of Pitfall. Yet sometimes where you live doesn’t give you what you need or want or whatever you’re secretly searching for, and when you find a place that does, that becomes the most rewarding travel, the kind where each footstep on the outside is accompanied by an echoing footstep within. These steps are necessarily tentative. In *The Moon, Come to Earth*, I tried to separate from myself any notion of being an expert. I was and remain simply your run-of-the-mill flawed fellow, awkwardly nosing about another culture, never quite sure what I might come upon, what might resonate inside me, attract or appall me.” (<[http://www.insidehighered.com/blogs/the\\_education\\_of\\_oronte\\_churm/what\\_philip\\_graham\\_knows](http://www.insidehighered.com/blogs/the_education_of_oronte_churm/what_philip_graham_knows)>).

<sup>4</sup> De interesse, o registo quase mágico do aparecimento do título do livro na crónica que lhe empresta o nome: “The moon, it appears, has come to earth tonight, magically just for her [a filha Hannah], and even if it has left the shifting clouds behind, Hannah radiates concentration and lines up her shots. I decide to give her all the time she needs, suspecting that my daughter must feel some kinship with this fallen moon. After all, they’re fellow travelers, taken out of context and isolated. I lean back on a stone bench and marvel at just how private public art can be.” (p. 41). De notar também a explicação do próprio autor para a forma como a história do crescimento da sua filha adolescente se foi embrenhando na missão de escrita de viagem que tinha planeado, até ao ponto em que os *dispatches* também evoluíram do registo de celebração de um novo mundo para um livro mais crítico sobre a experiência de viver no estrangeiro: “The first half of my Lisbon dispatches I wrote in close to real time, for the McSweeney’s website, and so my voice is that of a traveller who, writing in the present tense, is in the middle of a narrative that hasn’t yet completed. It’s eerie, though, how many signs of an approaching crisis were there almost from the start, though I didn’t realize it at the time. I had thought I was being attentive to my daughter’s experience living in a foreign culture, but there was much I missed—perhaps because I was too entranced with the pleasures of living in Lisbon, but also because I let her successes—and there were many of those—blind me to her struggles. But life sometimes sneaks up on you, and when it came time to collect the various dispatches together into a book, I didn’t revise any of them to make myself look better. And so the book changes, as one reads it, from a celebration of living abroad to a cautionary tale of living abroad. And yet, Alma, Hannah and I still love Lisbon; Hannah says that’s where her soul belongs.” (Entrevista a Miriam Sagan, “Thinking About: Philip Graham’s “The Moon, Come to Earth”, publicada no blogue: <<http://miriamswell.wordpress.com/2010/03/07/thinking-about-philip-grahams-the-moon-come-to-earth>> — consultado em Maio de 2010).

<sup>5</sup> *The Moon, Come to Earth*, The University of Chicago Press, Chicago e Londres, 2009, pp. 121-122.

<sup>6</sup> “The Pleasures of *Saudade*”, *The Morning News*, 8-1-2009. Disponível em: <[http://www.themorningnews.org/archives/opinions/the\\_pleasures\\_of\\_saudade.php](http://www.themorningnews.org/archives/opinions/the_pleasures_of_saudade.php)> (consultado em Maio de 2010).



## ESTUDOS

### AMOR PARA ALÉM DA MORTE OU AS “CRUZES DE LEONOR”

*Miguel Alarcão*  
*Universidade Nova de Lisboa*  
*CETAPS*

Oh, pedaço de mim!  
Oh, metade exilada de mim!  
Leva os teus sinais;  
Que a saudade dói como um barco  
Que aos poucos descreve um arco  
E evita atracar no cais.

...

Oh, pedaço de mim!  
Oh, metade adorada de mim!  
Leva os olhos meus;  
Que a saudade é o pior castigo  
E eu não quero levar comigo  
A mortalha do amor...  
Adeus!

*(Pedaço de Mim,*  
Autor: Chico Buarque de Hollanda  
Intérprete: Simone)

#### **Palavras prévias:**

Como adiante se explicará, este título subentende, consciante e deliberadamente, alguns implícitos sentidos. Na verdade, julgamos poder afirmar que, para o português medianamente instruído, o tema e o mito de um “amor para além da morte” e “até ao fim do mundo” evocarão de imediato a figura de Inês de Castro;<sup>1</sup> e a este nome, os mais informados somar-lhe-ão o

de alguém que décadas de investigação apaixonadamente intensa — E vice-versa — consagraram como a autoridade mundial na representação, (re)criação e fortuna (literárias, lendárias, artísticas, históricas, culturais enfim) da “... mísera e mesquinha/ Que depois de ser morta foi Rainha” (Camões 140). Falamos, naturalmente, da Professora Maria Leonor Machado de Sousa, cuja vida foi marcada por ‘cruzes’ de bem difícil transporte e nem sempre fáceis de conciliar no seu duplo simbolismo, sacrificial e redentor, do sofrimento e da fé. Apesar de não serem Pedro e Inês, mas Eduardo e Leonor, o objecto principal deste ensaio, dedicamo-lo, com gratidão, admiração, respeito e carinho, à Professora Leonor, bem como à memória de outra grande filóloga homónima (Maria Leonor Carvalhão Buescu, 1932-1999) e de outra ‘Castro’ (Teresa, 1959-1995), “... bonina, que cortada/Antes do tempo foi...” (Camões 144).

## I — De Pedro e Inês ...

O alargamento e a irradiação, à escala global, do episódio histórico inesiano para os círculos concêntricos da literatura, da lenda e do mito são hoje sobejamente conhecidos graças aos numerosos estudos assinados por Maria Leonor Machado de Sousa, com destaque para os citados na nota inaugural. É, pois, neles que nos apoiaremos para algumas observações de carácter genérico.

O facto de se conhecerem poucos testemunhos coevos (e mesmo esses bastante lacónicos...) do “grande desvairo” que se aposou do infante D. Pedro (futuro D. Pedro I, 1357-1367) e da bárbara execução de Inês em Coimbra (1355), nos paços de Santa Clara, sítos em local anexo ao mosteiro recentemente recuperado, não invalidaria (*Et pour cause?*) as múltiplas recriações, interpretações e conjecturas de que as personagens e os factos históricos originais foram objecto, incluindo o carácter da ‘Colo-de-Garça’: uma jovem doce e ingénua, sincera e devotamente apaixonada pelo seu príncipe? Ou, pelo contrário, uma ‘serpente’ ambiciosa, calculista, dissimulada e desleal a D. Constança Manuel (?-1345),<sup>2</sup> de quem fora aia e cujo séquito, aliás, trouxe de terras de Espanha para areias de Portugal? Todavia, além da exploração das amorosas razões que a Razão desconhece, há ainda a considerar essa “razão de Estado” que, no caso vertente, entrevia no vínculo entre a formosa fidalga galega e o impetuoso infante português<sup>3</sup> um aumento de influência e poderio de D. Fernando e D. Álvaro Pires de Castro, irmãos de Inês, na cena política portuguesa,<sup>4</sup> bem como num eventual casamento

dos amantes e na legitimação/legitimidade de D. João e D. Dinis uma secundarização sucessória do último soberano da casa de Borgonha (D. Fernando, 1367-1383). Como pano de fundo de todo este cenário, agravado, uma geração mais tarde, pela ameaça à própria sobrevivência de Portugal enquanto nação e estado independentes, será relevante aludir a realidades transfronteiriças, como o facto de a questão inesiana ocorrer em data já próxima da eclosão das guerras de Castela (1369), reino a que a coroa portuguesa se achava ligada através de uma ‘suicida’ política de casamentos, vigente até final da dinastia de Avis; a volatilidade política na Península, resultante da tensão entre o centripetismo castelhano e o centrifugismo dos restantes reinos hispânicos; e, finalmente, o conflito anglo-francês (1337-1453), que, numa época marcada pela consolidação dos sentimentos e das consciências de identidade nacional e das motivações patrióticas, acharia no mosaico ibérico pontos de apoio conjunturais, por entre alianças instáveis e periclitantes equilíbrios.

Segundo o antropólogo Jorge Dias, “... há qualquer coisa de estático na emoção portuguesa. O fundo contemplativo da alma lusitana compraz-se na repetição ou na imobilidade da imagem. Uma das características mais importantes da saudade é precisamente essa fixidez da imaginação, que, por intensidade, se pode tornar em ideia motora e conduzir à acção” (44). Neste sentido, e decorridos cinco anos sobre os funestos acontecimentos de Coimbra, é difícil não ver na declaração de Cantanhede, proferida por D. Pedro em 15 de Junho de 1360 (Sousa, *Inês de Castro: Um Tema Português ...* 19, n. 8) e proclamando oficialmente a existência, em data incerta (1353?), de um casamento secreto, o prelúdio dos actos e das cerimónias que documentam esse “amor para além da morte” como força motriz do nosso primeiro “Rei-Saudade”, na expressão de António Patrício (1878-1930). Assim, pese embora a natureza não-histórica (ou não comprovadamente histórica) da entronização, da coroação (introduzida no ciclo pelo dramaturgo Jeronimo Bermudez em 1577)<sup>5</sup> e do beija-mão do cadáver de Inês, amplamente retomados pelas literaturas e artes plásticas portuguesas e estrangeiras, a feérica trasladação dos restos mortais de Coimbra para Alcobaça (1361) teve lugar por ordem e vontade reais; outro tanto se diga da dupla tumulação dos amantes, em arcas finamente lavradas por mãos anónimas, oriundas talvez da escola de Coimbra (Sousa, *Inês de Castro: Um Tema Português ...* 27),<sup>6</sup> mesmo não sendo possível sancionar historicamente a tradição de um reencontro imediato face a face (Sousa, *Inês de Castro: Um Tema Português ...* 277 e 354-355)<sup>7</sup> quando da ressurreição dos mortos e na vida do mundo que há-de vir.

No cair do pano desta primeira parte, vale a pena recuperar, apesar de extensa e conhecida, a evocação feita por Fernão Lopes (c.1380/90?-c.1459?), nomeado Cronista-Mor do Reino pelo nosso segundo Rei-Saudade (D. Duarte, 1433-1438):

Raramente se encontrou em alguém um amor tão grande como aquele que el-rei D. Pedro teve a D. Inês. Por isso se lhe podia aplicar o dito dos antigos, segundo o qual não há amor tão verdadeiro como aquele ao qual o grande espaço de tempo não faz perder da memória a pessoa amada que morreu.

... E não se esquecendo de honrar os seus ossos, pois já mais nada lhe podia fazer, mandou construir um moimento de alva pedra, ... muito delicadamente obrado, com a imagem dela sobre a campa de coroa na cabeça como se fosse rainha, e mandou-o colocar no Mosteiro de Alcobaça, não à entrada, onde jazem os reis, mas dentro da igreja, à mão direita, junto da capela-mor.

E mandou trazer o seu corpo do Mosteiro de Santa Clara onde jazia, com a maior honra que foi possível. Porque ela vinha num caixão muito bem arranjado ... , trazido por grandes cavaleiros, com acompanhamento de grandes fidalgos e muita outra gente, e donas e donzelas e muita clerezia. Ao longo do caminho havia muitos homens com círios nas mãos, dispostos de tal maneira que sempre o seu corpo caminhou por entre círios acesos. Assim chegaram até o dito mosteiro, que ficava a dezassete léguas, onde com muitas missas e grande solenidade o caixão foi posto naquele moimento. E foi esta a mais honrosa trasladação que até aquele tempo fora vista em Portugal.

Semelhantemente mandou el-rei fazer para si outro moimento, tão bem lavrado como o outro, e mandou-o pôr junto do dela para nele o deitarem, quando viesse a morrer. (Lopes 53-54)<sup>8</sup>

Conforme notou há muito Johan Huizinga, “No other epoch has laid so much stress as the expiring Middle Ages on the thought of death” (140). Nesta travessia, em sentido retrógrado, dos amores luso-galaicos de Pedro e Inês para os anglo-castelhanos de Eduardo e Leonor, começaremos por fazer, já fora da rota cronológica, brevíssima escala na relação que uniu Henry II (1154-1189), bisavô de Eduardo, a Rosamund (ou Rosamond) Clifford, falecida em/c.1176, e cujas representações literárias Maria Leonor Machado de Sousa confrontou com as suas análogas inesianas,<sup>9</sup> notando em dada altura:

O Rei, enfurecido, pune a Rainha [Leonor da Aquitânia, c.1122-1204] e quer ver mais uma vez a sua amada. A funda impressão nele provocada levou-o a escolher um epitáfio ... para o

belo túmulo ... edificado no convento de Godstow [cerca de 4 km a noroeste de Oxford], com indicações de cerimónias que em sua honra deveriam ser realizadas 'até ao fim dos tempos'. (Sousa, *Inês de Castro: Um Tema Português...* 478)

Segundo a mesma fonte, citando o cartógrafo e antiquário John Speed (1552-1629), autor, entre outras obras, da *Historie of Great Britaine* (1611), próximo de Godstow existiria uma cruz com a seguinte inscrição: "All you which passe this way, This Cross adore, and pray/That Rosamund's Soule, may True rest possess for Aye" (483). Desconhecemos quem (e quando) a terá mandado construir, bem como se, ao contrário da rapacidade vandálica que viria a abater-se sobre Godstow em meados do século XVI, por alturas da dissolução das ordens e da expropriação dos bens eclesiásticos, essa cruz, mutilada ou não, terá sobrevivido à inclemência dos tempos e dos homens. Em qualquer caso, focaremos agora o amor conjugal e real — no duplo sentido do termo — que, na vida como na morte, uniu Edward I (1272-1307) e Leonor de Castela (1241?-1290), materializando-se nas famosas *Eleanor Crosses*.

## II — ... a Eduardo e Leonor

Filha de Fernando III, "o Santo", primeiro monarca conjunto dos reinos de Castela (1217-1252) e Leão (1230-1252), e da sua segunda mulher, a condessa Jeanne de Ponthieu, o ano de nascimento de Leonor não é consensual, variando quase sempre entre 1240 e 1244, se bem que 1241 seja a data que regista aparentemente maior número de ocorrências. Em qualquer caso, Leonor era, pois, adolescente à data do seu casamento com Edward, celebrado em Outubro de 1254 em Santa Maria La Real de Las Huelgas, Burgos; além de panteão dos monarcas de Castela, curiosamente um mosteiro cisterciense, tal como Santa Maria de Alcobaça, e cuja fundação remonta a outro anterior casamento anglo-castelhano.<sup>10</sup> No caso de Edward e Leonor, tratou-se, conforme era corrente na época, de um enlace ditado por conjunturas político-diplomáticas<sup>11</sup> decorrentes das pretensões de Alfonso X, "o Sábio" (1252-1284), meio irmão de Leonor, à região sul da Aquitânia (Gasconha).<sup>12</sup> As reivindicações castelhanas eram, porém, mais antigas, como nota, enquadrando-as, María Bullón-Fernández:

... da perspectiva das alianças e políticas régias, o século XII assiste a um interesse Anglo-Normando crescente face à Ibéria e,

em particular, a Castela. Uma razão vital ... consistia no domínio Angevino sobre a Aquitânia, um ducado que fazia fronteira com Navarra e Aragão e que era uma fonte de grande tensão entre Inglaterra e Castela. Como parte da crescente colaboração... Henrique II casou a sua filha Eleanor com Afonso VIII, em 1176. Este casamento deteve um leque abrangente de implicações. O capítulo IV ... [Walker 75-94] examina a importância destes matrimónios e a sua influência nos intercâmbios Anglo-Ibéricos numa perspectiva cultural e de história de arte como, por exemplo, a fundação do Convento de Las Huelgas por Eleanor e Afonso VIII. Walker também examina um posterior casamento real Anglo-Ibérico que se encontra associado ... a Las Huelgas: o filho de Henrique III, o futuro Eduardo I, casado com a irmã de Afonso X, Leonor, provavelmente nesse convento em 1254. ... Em 1254, aproximadamente, Henrique III e Afonso X assinaram o importante Tratado de Toledo, que colocou fim às pretensões de Afonso sobre a Aquitânia ... . Estas ligações estabelecidas entre Henrique III, Afonso X, Eduardo I e Leonor, resultaram ... em importantes intercâmbios culturais e diplomáticos entre Inglaterra e Castela que precisam de ser abordados em maior detalhe. (Bullón-Fernández 17-18)13

Como vimos, através do casamento de 1254, as pretensões alfonsinas foram transferidas para o moço Edward, cuja carreira militar e política, antes e depois da sucessão ao trono (1272), ficaria marcada pelas guerras baroniais (1258-1265), pelo cruzadismo, pelos desígnios 'imperialistas' subjacentes às campanhas galesas das décadas de 70 e 80 e às suas congéneres escocesas, menos bem sucedidas, na transição intersecular, para já não falar na celebração da *Auld Alliance* (1295), nas crises na Gasconha, na expulsão dos judeus, na abundante produção estatutária, na criação do *mal(e)tolt* (1294-1297), na consolidação da instituição parlamentar, tipificada no "Parlamento Modelo" de 1295, etc. Por se tratar, contudo, de questões periféricas para os nossos propósitos, centrar-nos-emos apenas na relação pessoal entre Edward e Leonor.

Boa parte das informações disponíveis sobre ambos e as *Eleanor Crosses* provém das centenas de milhares de páginas e *websites* disponibilizados na Internet. Pese embora a sua variável fiabilidade científica, todos eles convergem no enfoque dado à proximidade entre os cônjuges,<sup>14</sup> manifestada, por exemplo, em deslocações conjuntas dentro e fora de Inglaterra;<sup>15</sup> de todas essas viagens, destacaremos a efectuada à Terra Santa (entre 1270 e 1272, consoante as fontes), porque, segundo a lenda, Edward terá sido salvo da morte por Leonor, ao oferecer-se para sugar a ferida causada no marido

por um punhal envenenado.<sup>16</sup> Tanto quanto sabemos, a historicidade deste episódio permanece por provar,<sup>17</sup> sem que, no entanto e apesar de apócrifo, ele deixe de constituir um sinal de união entre os esposos, atestada e cimentada por trinta e seis anos de vida em comum.

Apesar da existência de várias versões dos acontecimentos, as circunstâncias históricas que precederam a morte de Leonor de Castela (1290), em Harby, Nottinghamshire,<sup>18</sup> comprovam, na verdade, tal união.<sup>19</sup> Assim, o falecimento de Alexander III da Escócia (1286) e, ainda em 1290, da sua neta e indigitada sucessora Margaret, *The Maid of Norway*, viriam a abrir uma crise sucessória que marcaria os últimos lustros do reinado eduardino;<sup>20</sup> ora a morte de Leonor ocorre praticamente nas vésperas do envolvimento inglês na delicada questão escocesa, conforme ressalta das seguintes transcrições:

He [Edward] and his queen had left Westminster at the end of July for their usual summer progress to the Midland shrines, hearing suits and petitions and hunting the great forests of Whittlewood, Rockingham and Sherwood. A further parliament had been called at Clipstone in Nottinghamshire in the autumn ... . [21]

On October 25<sup>th</sup>, at his favourite hunting-lodge in the Nottinghamshire woodlands, surrounded by the magnates of the realm, Edward announced his plans ... . Shortly before, he had despatched a Yarmouth ship to Bergen ... to bring the child queen of Scotland from her father's court in Norway to her kingdom and future husband [Edward of Carnarvon, n. 1284; Edward II, 1307-1327].

But a few days after Edward met his parliament at Clipstone a disturbing letter reached him. ... It reported a rumour that after a stormy voyage across the North Sea the Maid had died in the Orkneys at the end of September... .

Before confirmation could arrive, news even more dire reached the king. His queen had been taken suddenly ill at Harbey [sic] in Nottinghamshire. On November 28<sup>th</sup> she died in his arms. 'My harp is turned to mourning,' he wrote, 'in life I loved her dearly, nor can I cease to love her in death.' She had been his inseparable companion for thirty-six years ... . For the rest of his life nothing ever went wholly right for him.

As the stricken king followed his wife's body on its long journey to Westminster, at each town and village where the bier rested he vowed to raise a cross to her memory. ... beautiful stone memorials rose during the next few years to express his love for his lost consort... .

A week before Christmas her body was laid in the Abbey ... Then, having bidden farewell to all that was happiest in his past, the king rode to the monastery of the Bonhommes at Ashridge which his cousin, Edmund of Cornwall [1249-1300], had founded. There, in the cold solitude of the Chiltern beech-woods, he spent his Christmas. (Bryant 126-128)

... after a successful campaign in Wales, he [Edward] then turned his attention to Scotland.

He wrote to Eleanor asking her to join him in the north, but she was taken ill on the journey and died in a little village called Harby in Nottinghamshire.

Edward was devastated and rushed back south to make arrangements for her funeral. ... It appears that Edward really loved his wife, as he ordered that two wax candles were to burn for all time beside her tomb in Westminster Abbey. They burned for two and a half centuries, and were extinguished only at the time of the Reformation.

Now that sounds like love in any language. ("The Eleanor Crosses — Monuments to an enduring love" in <<http://www.historic-uk.com/DestinationsUK/EleanorCrosses.htm>>)

Embora Edward tenha voltado a casar,<sup>22</sup> a sua evocação, frequentemente citada, da primeira esposa como alguém "... whom living we dearly cherished, and whom dead we cannot cease to love." (*Apud* Agnieszka Sadraei, "Eleanor's Crosses" in <[http://www.artandarchitecture.org.uk/insight/sadrei\\_eleanorcross.html](http://www.artandarchitecture.org.uk/insight/sadrei_eleanorcross.html)>)) prepara-nos de algum modo para a derradeira homenagem:

When Eleanor of Castile died, her husband ... was heart-broken for her 'whom living I have dearly cherished and whom dead I shall not cease to love'. As the body was brought from Hardby [sic; Harby] in Lincolnshire [sic; Nottinghamshire] to Westminster, memorial crosses were set up at each stopping-place, following perhaps an example ... given ... when St Louis's body was carried through France. At Hardby [sic], Edington, Blackfriars in London, and Westminster, perpetual endowments for Masses were set up, and priests were salaried and appointed to celebrate them. No less than twenty-two manors were given by Edward to Westminster. Day and night two large wax candles were kept burning by Eleanor's tomb, and on feast-days thirty were lit round it. And so it continued until the Reformation brought other modes. (Boase 59-60)<sup>23</sup>

Na verdade, os pontos de paragem do cortejo fúnebre até Westminster, onde Leonor seria sepultada em túmulo encimado por uma efígie em bronze a corpo inteiro, ricamente trabalhada, da autoria de William Torel,<sup>24</sup> ficariam assinalados pela construção, entre 1291 e 1294, de doze cruces de pedra.<sup>25</sup> Embora o objectivo fosse provavelmente o de convidar os viandantes a uma oração por alma da defunta rainha, assegurando ou acelerando a sua bem-aventurança eterna, o momento presta-se a analogias e metaforizações bíblicas, com o monarca, em jeito de quem cumpre uma dolorosa ‘via sacra’ pessoal, carregando a ‘cruz’ de uma inesperada viuvez até ao ‘calvário’ de Londres. Hoje em dia, porém, e consubstanciando o reconhecido gosto britânico pela organização de acontecimentos para fins assistenciais ou lúdicos, bem como o inegável potencial (re)criativo daquilo a que chamaríamos, com Hobsbawm, “a (re)invenção de tradições”, o itinerário régio de 1290 inspira provas de marcha e ciclismo entre Lincoln e a capital inglesa.<sup>26</sup>

Das doze cruces originais, erigidas por vontade e ordem expressas de Edward, mas custeadas pelo erário da própria Leonor, sobrevivem apenas três — as de Geddington, Hardingstone<sup>27</sup> e Waltham —, todas elas restauradas e distintas entre si, apesar do recurso comum ao estilo gótico decorado (*Decorated*),<sup>28</sup> além de fragmentos, como os da cruz de Lincoln, e de réplicas produzidas pelo revivalismo neogótico vitoriano, como a de Charing Cross, frente à estação ferroviária homónima. Uma crença romanticamente bonita, se bem que histórica e linguisticamente infundada, apresenta, aliás, o topónimo “Charing” como uma evolução de *Chère Reine*.<sup>29</sup>

## Conclusão

Vítima talvez de um excesso de significação decorrente das alegadas intraduzibilidade do termo e ‘portugalidade’ do sentimento, a história cultural da saudade (literária, filosófica, psicológica, etc...) permanece por escrever, apesar das apostas editoriais em histórias temáticas e da existência de numerosas obras, antigas e recentes, sobre este traço supostamente constitutivo e distintivo da identidade anímico-cultural portuguesa.<sup>30</sup> Mais documentadas estarão já as histórias do casamento, da mulher, do amor e da morte, mesmo social, espacial e temporalmente restringidas, para o que aqui nos

importa, à realeza europeia n(d)o Ocidente medieval.<sup>31</sup> Desses estudos ressalta, sem grande surpresa, a frequente ausência, na equação matrimonial, de factores, motivações e sentimentos de afecto<sup>32</sup> ou a sua subordinação a condicionalismos e circunstâncias político-diplomáticos, geoterritoriais, estratégico-militares e patrimoniais, aplicáveis também, em menor grau e escala, às classes nobres. E se é verdade que a Idade Média nos legou algumas das mais belas e tocantes histórias de amor,<sup>33</sup> parte delas surge veiculada a/por criações e tradições literárias e lendárias, não dispondo de uma sólida fundamentação histórica nem envolvendo sempre a realeza; por outro lado, históricos ou não, tais amores ocorrem não raro fora da esfera da conjugalidade, apesar da ‘tolerância’ com que a moral da época encarava e aceitava os relacionamentos, favoritismos e entusiasmos régios, mais ou menos duradouros, por concubinato, mancebia ... ou genuína paixão.

Estas duas relações amorosas — uma de finais do séc. XIII, entre um rei inglês e a sua rainha castelhana; outra de meados do século XIV, entre um príncipe português e uma fidalga galega (também sua alegada esposa) — sugeriram-nos este esboço proto-comparatista e tendencialmente pluridisciplinar<sup>34</sup> sobre os sentimentos, as vivências e as representações medievais da dor e do luto régios, públicos e privados, traduzidos(íveis) no plano arquitectónico, artístico e escultórico em panteões e funerais ‘de Estado’,<sup>35</sup> mas também — passe o paradoxo — na ‘intraduzibilidade’ do(s) sofrimento(s) pessoal(is) e íntimo(s) que aqui se presente(m).<sup>36</sup> Pese embora a diversidade de situações, poderíamos talvez aplicar a Edward as palavras de DUBY sobre Baudouin II, conde de Guisnes (c.1142-1204), após a morte de Christine (Ou Christiane) d’Ardres, sua esposa (1177):

Com que direito ... vamos nós considerar este luto uma afectação? Porque havemos de nos recusar a acreditar neste marido profundamente dorido? O facto de os casamentos serem todos combinados pelas famílias talvez não impedisse que ... alguns fossem bons, ... que se estabelecesse no seio do casal uma certa ternura. Resignemo-nos: o historiador destas épocas distantes não tem qualquer meio de sondar corações ... . Um facto, pelo menos, ressalta claramente . . . : embora os pactos de noivado, que comprometiam raparigas muito novas, pudessem romper-se facilmente, o vínculo mantinha-se sólido depois das núpcias, depois da união dos corpos. (DUBY, *As Damas do Século XII* 2: 164-165)

Ou transpor o discurso final de Romeu em *Romeo and Juliet* (acto V, cena 3), antecedendo o beber do letal veneno,

para D. Pedro, contemplando o que haviam sido as nêvas mãos e os louros cabelos de Inês:

. . . O my love! my wife!  
Death, that hath suck'd the honey of thy breath,  
Hath had no power yet upon thy beauty:  
Thou art not conquer'd; beauty's ensign yet  
Is crimson in thy lips and in thy cheeks,  
And death's pale flag is not advanced there.  
. . . Why art thou yet so fair? Shall I believe  
That unsubstantial Death is amorous,  
And that the lean abhorred monster keeps  
Thee here in dark to be his paramour?  
For fear of that I still will stay with thee,  
And never from this place of dim night  
Depart again: here, here will I remain  
With worms that are thy chambermaids; O! here  
Will I set up my everlasting rest.  
And shake the yoke of inauspicious stars  
From this world-wearied flesh.  
(Shakespeare 771)

Fantasia da imaginação ensaística? Talvez...; mas, passados sete séculos sobre estas manifestações, elas testemunham, afinal e ainda, a pungência de algo que, por mais que se 'mate', permanece sempre de alguma forma 'intumulável': a Saudade.

---

<sup>1</sup> “Na tradição portuguesa, Pedro e Inês distanciaram-se das realidades do país em que viveram; tornaram-se ‘um dos símbolos em que a alma de Portugal se reconhecia’, transcenderam os limites do real, encarnando o mito do amor para além da morte. ... A terrível vingança de Pedro e a saudade que o acompanha ... perpetuam o drama na memória dos homens” (Sousa, *Inês de Castro na Literatura Portuguesa* 15-16). Esta ideia é várias vezes reiterada noutras obras da autora, por exemplo: “Concretização de um dos mitos eternos da Humanidade, o da permanência do amor para além da morte, a história ... de Pedro e Inês tem uma força que o monumento ... não deixa olvidar nem enfraquecer” (*Inês de Castro: Um Tema Português na Europa* 448) ou “A impressionante permanência da história de Inês de Castro como fonte literária e artística ... deve procurar-se na forma exemplar como ilustra um tema ... de todos os tempos, a luta do sentimento contra a razão, que por sua vez dá força ao mito da força do amor, ... mesmo para além da morte” (477; cf. também 144, 362 e 451).

<sup>2</sup> O casamento entre D. Pedro e D. Constança teve lugar em 1340.

<sup>3</sup> “... corpo e alma abrasados no fogo do amor celtibérico...”, no dizer de Armando Martins Janeira (*Apud* Sousa, *Inês de Castro: Um Tema Português ...* 418).

<sup>4</sup> Em 1382, D. Álvaro tornar-se-ia, de resto, o primeiro Condestável do reino (Sousa, *Inês de Castro: Um Tema Português ...* 34 e 391-2), antecedendo no cargo

o mais recente santo português (D. Nuno Álvares Pereira, 1360-1431). Curiosamente, uma geração mais tarde, outra personagem galega viria a ter um papel influente na condução da nossa política interna e externa: o conde Xoan Fernandez Andeiro, assassinado nos paços do Limoeiro, no dealbar da chamada “crise de 1383-85”.

<sup>5</sup> Mais precisamente nas tragédias *Nise Lastimosa e Nise Laureada* (cf. Sousa, *Inês de Castro: Um Tema Português ...* 54ss). Sobre o episódio da coroação e a própria coroa que orna a estátua jacente, cf., da mesma autora, “A coroação de Inês de Castro” 81-119 e *Inês de Castro: Um Tema Português ...* 54-64 *passim*.

<sup>6</sup> António José Saraiva refere-se-lhes, porém, como “... os mais belos túmulos de escola francesa que se fizeram em Portugal, encomendados talvez a um artista residente em Espanha, talvez em Castela” (Saraiva, “Amor e morte” 48).

<sup>7</sup> Dois óleos de Mestre Lima de Freitas (1927-1998), visionador e ilustrador do imaginário mí(s)t(ic)o português, intitulados “Até ao fim do mundo” (1984) e “A que depois de morta foi rainha” (1987), antecipam de algum modo tal reencontro (cf. reproduções como extratextos em Sousa, *Inês de Castro: Um Tema Português ...* N. pag).

<sup>8</sup> Cf. a afirmação de Georges Duby, segundo a qual “A obra de arte maior do século XIV não é a catedral; mais do que o palácio, é o túmulo.” (237) Em capítulo intitulado “A morte de si próprio”, outro conhecido medievista, Philippe Ariès, fala-nos de uma personalização ou “individualização” das sepulturas naquela que designa de segunda Idade Média (a partir do século XII), traduzida em inscrições e esculturas tumulares, estas últimas pautadas por uma crescente preocupação ou intenção realista (39-42; cf. também 65-66).

<sup>9</sup> *D. Inês e D. Sebastião na Literatura Inglesa* 38ss; “Pedro I de Portugal e Inês de Castro” 61-65; e sobretudo *Inês de Castro: Um Tema Português ...* 478-479, estas últimas integradas no Anexo IV (“Heroínas paralelas”, 477-492), onde a especialista apresenta, comparando-os, outros exemplos provenientes do espaço histórico-cultural europeu da Baixa Idade Média.

<sup>10</sup> Na circunstância o de Alfonso VIII (1158-1214) e Leonor Plantageneta ou de Inglaterra (1162-1214), filha dos já mencionados Henry II e Leonor de Aquitânia; como data do casamento, deparámos --- estranhamente, na mesma obra! --- com 1170 (Walker 75) e 1176 (Bullón-Fernández 18). Para Rose Walker, a celebração destes dois casamentos no mesmo local e no espaço de cerca de oitenta anos não foi uma coincidência, mas um acto político deliberadamente concebido e executado: “De facto, Afonso X nunca mais foi tão generoso com Las Huelgas como pela ocasião do casamento de Eleanor de Castela com o futuro Eduardo I de Inglaterra.” e “Assim, o casamento Anglo-Ibérico dinasticamente importante de 1254 deu novo ímpeto à memória distinguida dos fundadores de Las Huelgas e à sua união com sucesso de 1170” (Walker 90 e 94, respectivamente) Quanto a Las Huelgas, diversamente apresentado, consoante os autores, como convento, mosteiro ou abadia, data de 1187 (76), encontrando-se Alfonso e Leonor sepultados em túmulos colocados lado a lado.

<sup>11</sup> Em “The Eleanor Crosses: A Love Story in Stone”, Sara Eliot apresenta esta união como “(...) an arranged marriage which became true love” (<<http://www.timetravel-britain.com/articles/history/eleanor.shtml>>), acrescentando: “When they started married life, Edward and his Queen became inseparable. Where Edward went --- and he travelled widely --- so did she.”

<sup>12</sup> Parte integrante e a única sobrevivente do “império angevino” de Henry II, após as perdas joaninas (John, 1199-1216) e as tímidas tentativas de reconquista protagonizadas por Henry III (1216-1272), sogro de Leonor. De resto, pelo tratado de Paris (1259), Henry viria a reconhecer Louis XI (São Luís, 1226-1270) como seu suzerano, prestando-lhe homenagem pela Gasconha.

<sup>13</sup> Uma outra colaboradora, Jennifer Goodman Wollock, acrescenta: “Como Filipa de Lancaster, ela [Leonor de Castela] merece ser alvo de estudo enquanto uma das rainhas cavaleirescas importantes na Baixa Idade Média Inglesa e Ibérica.” (33)

<sup>14</sup> No artigo anónimo intitulado “The Eleanor Crosses: King Edward I’s 12 stone statues showing love and grief for his wife”, tal proximidade é ilustrada através de um

argumento curioso: “The couple appeared to have been happy together. Unlike medieval kings, Edward had no known mistress or bastard children.” (<<http://www.webhistoryofengland.com/?p=184>>)

<sup>15</sup> “Despite the marriage being an arranged match, historians agree that King Edward and his queen were devoted to each other. Eleanor travelled almost everywhere with her husband, even accompanying him on crusade.” (Rachel Bellerby, “The Medieval Eleanor Crosses Built by King Edward I to Mourn Eleanor of Castile” in <[http://highmiddleages.suite101.com/article.cfm/the\\_medieval\\_eleanor\\_crosses](http://highmiddleages.suite101.com/article.cfm/the_medieval_eleanor_crosses)>)

<sup>16</sup> Segundo Sara Eliot, “In 1272 Edward led his army to the Holy Land in the Ninth Crusade, accompanied by his Queen. ... At Haifa Edward was stabbed with a poisoned dagger. Legend has it that Eleanor herself saved his life by sucking the poison from the wound ...” (<<http://www.timetravel-britain.com/articles/history/eleanor.shtml>>) Esta informação reaparece noutros *websites*, por exemplo: “There is a legend that Eleanor once saved Edward’s life by sucking the poison from a wound he received while fighting in the Holy Land. This tale is unlikely to be true; it did not appear until well after the couple were dead, but it does show the extent to which their devotion to each other was known.” (<<http://www.britainexpress.com/History/eleanor-crosses.htm>>)

<sup>17</sup> “... Edward’s crusade has become famous for the romantic story of the attack on the future king by a Moslem assassin. His wife, Eleanor of Castile, is said to have sucked the poison from the wound. Regrettably, the story is highly suspect: an earlier version has Edward’s great friend the Savoyard noble Otto de Grandson perform this task, but the most reliable account tells of an operation by surgeons, with the wailing Eleanor ordered firmly from the room — she was told that it was better that she should be in tears than the whole land of England weep.” (Prestwich 7)

<sup>18</sup> Praticamente na fronteira com o vizinho condado de Lincolnshire, o que explica a indicação ocasional deste último; em todo o caso, não deverá confundir-se com Harby, Leicestershire. A morte da rainha deu-se na mansão de Richard de Weston (<<http://www.harby.org.uk/Eleanor.htm>> e <<http://www.seiyaku.com/customs/crosses/eleanor.html>>, etc.), encontrando-se Edward presente (<<http://www.webhistoryofengland.com/?p=184>>).

<sup>19</sup> “... in the middle of November, came the news that his [Edward’s] wife was ill at Harby, near Lincoln, where Edward may have left her some weeks earlier. He was with her when she died ... and followed her bier for most of the way on its slow progress to Westminster.” (Powicke 513); segundo outras fontes, Edward terá, porém, integrado o cortejo durante todo o percurso (<<http://www.webhistoryofengland.com/?p=184>>)

<sup>20</sup> Através da arbitragem entre John Balliol e Robert Bruce (1292), da deposição nominal de Balliol (1296), seu antigo candidato, dos recontros de Stirling Bridge (1297) e Falkirk (1298), da consolidação do patriotismo escocês com William Wallace e da fragilidade do projecto de conquista, patente na derrota inglesa de Bannockburn (1314), já no reinado de Edward II (1307-1327), filho e sucessor de Leonor e Eduardo e, desde 1301, o primeiro Príncipe de Gales.

<sup>21</sup>] Como curiosidade histórica, citamos Brian Conduit: “Sherwood was a popular hunting ground with nearly all medieval monarchs from Henry I [1100-1135] to Richard III [1483-1485]. It was conveniently close to the royal castle at Nottingham and around the middle of the 12th century, Henry II built a hunting lodge in the heart of the forest at Clipstone, known ... as King John’s Palace. The palace was used a great deal over the following three centuries and was enlarged several times. ... Not far from the palace stand the remains of an ancient oak tree under whose branches Edward I is alleged to have held a meeting of Parliament in 1290, hence its name Parliament Oak.” (8; cf. também 32 e 35)

<sup>22</sup> “Edward was to remarry in 1299, but his second queen, the King of France’s sister Margaret, was never to occupy as strong a place in his affections as Eleanor had done.” (Prestwich 24-25)

<sup>23</sup> Agnieszka Sadraei corrobora esta alegada influência do exemplo francês: “The precedence for Eleanor’s crosses was sought in Louis IX’s *montjoies*, erected to mark the passage of his funeral procession from Aigues-Mortes to Paris in 1270 and constructed

to aid his canonization process. However, it is doubtful that the English crosses were intended to promote the idea that Eleanor was a saint. Instead they seem to have been designed as cenotaphs or memorials.” (in <[http://www.artandarchitecture.org.uk/insight/sadrei\\_eleanorcross.html](http://www.artandarchitecture.org.uk/insight/sadrei_eleanorcross.html)>)

<sup>24</sup> Acrescente-se que estamos a falar da sepultura propriamente dita, uma vez que, após o embalsamento, as vísceras da rainha seriam depositadas na catedral de Lincoln, em arca funerária encimada por uma cópia da estátua jacente de Westminster, e o coração enterrado na igreja de Blackfriars, Londres, em túmulo que não logrou sobreviver.

<sup>25</sup> São elas: Lincoln, Grantham, Stamford, Geddington, Hardingstone (próximo de Northampton), Stony Stratford, Woburn, Dunstable, St. Albans, Waltham (actualmente Waltham Cross), Westcheap (Cheapside) e Charing (Charing Cross, em pleno centro de Londres).

<sup>26</sup> É o caso da *Queen Eleanor Walk*, realizada entre 17 e 31 de Agosto de 2009 (cf. <[http://www.kettering.gov.uk/site/scripts/news\\_article.php?newsID=282](http://www.kettering.gov.uk/site/scripts/news_article.php?newsID=282)>), e da *Queen Eleanor Cycle Ride*, entre 2 e 5 de Maio de 2008, novamente agendada para 2010 (cf. <<http://www.queeneleanorcyclerride.org.uk>>).

<sup>27</sup> Segundo uma tradição local, a cruz de Hardingstone terá sido derrubada pelo voo excessivamente rasante de um avião durante a Segunda Guerra Mundial; cf., entre outros, <[http://www.paradoxplace.com/Photo%20Pages/UK/British%20History/Eleanor%20Crosses/Eleanor\\_Crosses.htm](http://www.paradoxplace.com/Photo%20Pages/UK/British%20History/Eleanor%20Crosses/Eleanor_Crosses.htm)>.

<sup>28</sup> “Although much damaged by time and the iconoclast, with their canopied niches and delicately carved statues, their free-flowing foliage and tracery, their pinnacles, finials and delicate crowning crosses, they are exquisite examples of the new Decorated style which ... had begun to replace the austerity of early English Gothic.” (Bryant 128)

<sup>29</sup> OE *cyring*, *cearring* ou *cerring*, significando “curva de rio” (cf., por exemplo, Eliot in <<http://www.timetravel-britain.com/articles/history/eleanor.shtml>> e <<http://www.seiyaku.com/customs/crosses/eleanor.html>>), o que se aplica ao curso do Tamisa, acompanhando o Embankment em direcção a Westminster.

<sup>30</sup> Sem pretendermos remontar já a D. Duarte, Teixeira de Pascoais (1877-1952), etc., tanto mais quanto não é nosso propósito reflectir sobre a saudade *per se*, cf., por exemplo, Vasconcelos, Dias, Costa e Gomes, Lourenço, Filippi, etc.

<sup>31</sup> Seria, uma vez mais, pouco funcional multiplicar referências, ainda que exemplificativas, sobre estes tópicos, razão pela qual nos limitaremos a indicar, sobre o casamento, Brooke e Goody; sobre a mulher, Shahar 131-138, Duby e Perrot e Christiane Klapisch-Zuber, ed.; sobre o amor, Rougemont e AAVV; e, finalmente, sobre a morte, Ariès e Duby, “A morte” 235-268. Mesmo reportando-se sobretudo ao espaço românico-francófono, a trilogia de Duby, *As Damas do Século XII*, abarca transversalmente as quatro áreas mencionadas.

<sup>32</sup> Numa generalização um tanto crua, mas sancionada pela história matrimonial de Henry VIII (1509-1547), escreve Christopher Brooke: “Os reis procuravam o casamento, acima de tudo, para obterem herdeiros do sexo masculino e para sua satisfação pessoal; se a esposa não servia, trocavam-na.” (110)

<sup>33</sup> “... é na Idade Média que vamos encontrar, criados ou revividos, os grande casos amorosos históricos ou lendários que a literatura imortalizou e que através dos séculos mantiveram a atracção de um modelo inatingível e serviram de hiperbólico termo de comparação aos poetas de todos os tempos.” (Sousa, “Amor para além da morte” [55]); na verdade, além de Pedro e Inês, apontem-se Tristão e Isolda, Lancelot e Guinevere, Abelardo e Heloísa, Amadis e Oriana, etc., já sem falar de exemplos legados pela literatura e mitologia clássicas, baladística, dramaturgia shakespeariana, narrativa e poesia (ultra-)românticas, etc. No âmbito de uma ‘lirica trovadoresca’ de inspiração ou temática inesiana que, por razões fáceis de compreender, encontra forte tradição e cultivo em Coimbra, Miguel Torga (1907-1995) referir-se-ia, aliás, à Colo-de-Garça como “... eterna Julieta castelhana [sic]/Do Romeu português.” (*Apud Sousa, Inês de Castro: Um Tema Português...* 434)

<sup>34</sup> Conforme reconhece Christopher Brooke, “O casamento tem sido analisado por estudiosos da história social, teólogos, historiadores da lei, estudantes de literatura de diversas línguas, e especialistas em arte e arquitectura. Mas nem sempre compreenderam a linguagem uns dos outros.” (9) A própria interpretação antropológico-cultural da Dança da Morte, merecedora de vasta figuração visual num século historicamente marcado pela Peste Negra (1348-9, com surtos posteriores até final do século e para além dele), constitui um exemplo das possibilidades abertas pelo cruzamento e confronto intersemióticos de diferentes linguagens.

<sup>35</sup> No caso de Leonor de Castela, “foi um enterro notoriamente régio, desde a heráldica na pedra tumular e na almofada sob a cabeça da efígie, ao ceptro na sua mão e às jóias postas na sua coroa e vestido. Mesmo dentro do túmulo, o corpo encontrava-se vestido com roupas régias, coroa e ceptro. A sua efígie tumular em bronze dourado, a maior até agora produzida em Inglaterra, foi pioneira e executada com mestria notável.” (Walker 86)

<sup>36</sup> “... as well as monuments to dynastic glorification, they [the crosses] also stood as an expression of personal grief. And it can be argued that they were intended as a manifesto in favour of the queen, directed at Eleanor’s adversaries in the royal circles and amongst the higher clergy who frequently criticized her greed and opportunism in accumulating estates.” (Agnieszka Sadraei in <[http://www.artandarchitecture.org.uk/insight/sadrei\\_eleanorcross.html](http://www.artandarchitecture.org.uk/insight/sadrei_eleanorcross.html)>)

## BIBLIOGRAFIA

- AAVV. *Amor e Sexualidade no Ocidente*. Pref. Georges Duby. Mem Martins: Terramar — Editores, Distribuidores e Livreros, Lda., 1992 (*Amour et Sexualité en Occident*. Paris: Société d’Études Scientifiques, 1991).
- Ariès, Philippe. *Sobre a História da Morte no Ocidente desde a Idade Média*. 2.ª ed.. Lisboa: Editorial Teorema Lda., “Teorema”, 6, 1989 (*Essais sur l’histoire de la mort en Occident du Moyen Age à nos jours*. S.l.: Éditions du Seuil, 1975).
- Boase, T. S. R.. *Death in the Middle Ages. Mortality, Judgment and Remembrance*. London: Thames and Hudson Ltd., “Library of Medieval Civilization”, 1972.
- Brooke, Christopher. *O Casamento na Idade Média*. Mem Martins: Publicações Europa-América, Lda., “Forum da História”, 12, 1991 (*The Medieval Idea of Marriage*. Oxford: Oxford University Press, 1989).
- Bryant, Arthur. *The Story of England — The Age of Chivalry*. London: Collins, 1963.
- Bullón-Fernández, María. “Nem todos os caminhos vão dar a Roma: Intercâmbio Anglo-Ibérico na Idade Média”. *A Inglaterra e a Península Ibérica na Idade Média — Séc. XII-XV. Intercâmbios Culturais, Literários e Políticos*. Org. María Bullón-Fernández. Mem Martins: Publicações Europa-América, Lda., “Forum da História”, 46, 2008. 13-21 (*England and Iberia in the Middle Ages, 12<sup>th</sup>-15<sup>th</sup> Century: Cultural, Literary and Political Exchanges*. S.l.: Palgrave/Macmillan, 2007).
- Camões, Luís de. *Os Lusíadas*. Ed. Emanuel Paulo Ramos. Porto: Porto Editora, Lda., 1972.

- Conduit, Brian. *Exploring Sherwood Forest*. Clapham, via Lancaster: The Dalesman Publishing Company, 1985.
- Costa, Dalila L. Pereira da e Pinharanda Gomes. *Introdução à Saudade: Antologia Teórica e Aproximação Crítica*. Porto: Lello & Irmão, 1976.
- Dias, Jorge. *Os Elementos Fundamentais da Cultura Portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, “Essencial”, 6, 1985.
- Duby, Georges. *As Damas do Século XII – 1: Heloísa, Leonor, Isolda e muitas outras*. Lisboa: Editorial Teorema, Lda, “Série Especial”, 17, 1996 (*Dames du XIIe Siècle*. S.l.: Éditions Gallimard, 1995).
- . *As Damas do Século XII – 2: Lembranças das Antepassadas*. Lisboa: Editorial Teorema, Lda, “Série Especial”, 20, 1996 (*Dames du XIIe Siècle — Le souvenir des aieules*. S.l.: Éditions Gallimard, 1995).
- . *As Damas do Século XII – 3: Eva e os Padres*. Lisboa: Editorial Teorema, Lda, “Série Especial”, 21, 1997 (*Dames du XIIe Siècle — Ève et les prêtres*. S.l.: Éditions Gallimard, 1996).
- . “A morte”. *A Europa na Idade Média*. Lisboa: Editorial Teorema Lda., “Teorema”, 13, 1989. 235-268 (*L’Europe au Moyen Âge*. Paris: Flammarion, 1981).
- . e Michelle Perrot. *Imagens da Mulher*. Porto: Edições Afrontamento, 1992 (*Images de Femmes*. S.l.: Plon, 1992).
- Filippi, Sergio. *A Saudade: Apontamentos para um Estudo*. Porto: Lello & Irmão, 1981.
- Goody, Jack. *Família e Casamento na Europa*. Oeiras: Celta Editora Lda., 1995 (*The Development of the Family and Marriage in Europe*. Cambridge: Cambridge University Press, 1983).
- Huizinga, Johan. “The Vision of Death”. *The Waning of the Middle Ages*. Harmondsworth, Middlesex: Penguin Books Ltd., 1955. 140-153 (1924).
- Klapisch-Zuber, Christiane, ed. *História das Mulheres — A Idade Média*. Porto: Edições Afrontamento Lda., “História das Mulheres no Ocidente” (dir. Georges Duby e Michelle Perrot), vol. II, 1993 (Roma-Bari: Gius. Laterza & Figli Spa, 1990).
- Lopes, Fernão. *As Crónicas de ---. Crónica de El-Rei D. Pedro. Crónica de El-Rei D. Fernando. Crónica del-Rei D. João, seleccionadas e transpostas em português moderno* por António José Saraiva. Queluz de Baixo: Portugália Editora, “Antologias Universais”, s.d.
- Lourenço, Eduardo. *O Labirinto da Saudade — Psicanálise Mítica do Destino Português*. Lisboa: Publicações D. Quixote, 1978.
- Powicke, Sir Maurice. *The Thirteenth Century, 1216-1307*. 2.<sup>nd</sup> ed. Oxford: Clarendon Press, “The Oxford History of England” (ed. Sir George Clarke), IV, 1970 (1953).
- Prestwich, Michael. *The Three Edwards. War and State in England 1272-1377*. London: Methuen & Co. Ltd., “University Paperbacks”, 755, 1981 (S.l.: Weidenfeld & Nicolson Ltd., 1980).

- Rougemont, Denis de. *O Amor e o Ocidente*. 2.<sup>a</sup> ed.. Lisboa: Moraes Editores, “Margens do Texto”, 21, 1982 (*L’Amour et l’Occident*. S.l.: Librairie Plon, 1939).
- Saraiva, António José. “Amor e morte”. *O Crepúsculo da Idade Média em Portugal — Partes I e II*. Lisboa: Gradiva-Publicações, Lda., “Cultura e História”, 1996. 47-51.
- . “Os túmulos de Alcobaça”. *O Crepúsculo da Idade Média em Portugal — Partes I e II*. Lisboa: Gradiva-Publicações, Lda., “Cultura e História”, 1996. 51-55.
- Shahar, Shulamith. *The Fourth Estate. A history of women in the Middle Ages*. London and New York: Methuen & Co. Ltd, 1984 (1983).
- Shakespeare, William. *The Complete Works of ---*. Pref. Sybil Thorndike. London: Murray Sales & Service Co., “Rex Library”, 1973.
- Sousa, Maria Leonor Machado de. “A coroação de Inês de Castro”. *Mito e Criação Literária*. Lisboa: Livros Horizonte, Lda., “Horizonte”, 46, 1985. 81-119.
- . “Amor para além da morte”. *Mito e Criação Literária*. Lisboa: Livros Horizonte, Lda., “Horizonte”, 46, 1985. 53-80.
- . *D. Inês e D. Sebastião na Literatura Inglesa*. Lisboa: Editorial Vega, col. “Universidade”, n.º 18 [1979].
- . *Inês de Castro na Literatura Portuguesa*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, “Biblioteca Breve”, 96, 1984.
- . *Inês de Castro: Um Tema Português na Europa*. 2.<sup>a</sup> ed. revista e actualizada. Lisboa: ACD Editores, 2004 (Edições 70, 1987).
- . “Pedro I de Portugal e Inês de Castro”. *Portugal: Mitos Revisitados*. Org. Yvette Kace Centeno. Lisboa: Edições Salamandra, Lda., 1993. 51-68.
- Vasconcelos, Carolina Michaëlis de. *A Saudade Portuguesa: Divagações filológicas e literar-historicas em volta de Inez de Castro e do cantar velho Saudade minha — Quanto te veria?* Porto: Renascença Portuguesa, 1914.
- Walker, Rose. “Leonor de Inglaterra e Eleanor de Castela: Casamento Anglo-Ibérico e intercâmbio cultural nos séculos XII e XIII”. *A Inglaterra e a Península Ibérica na Idade Média — Séc. XII-XV. Intercâmbios Culturais, Literários e Políticos*. Org. María Bullón-Fernández. Mem Martins: Publicações Europa-América, Lda., “Forum da História”, 46, 2008. 75-94 (*England and Iberia in the Middle Ages, 12<sup>th</sup>-15<sup>th</sup> Century: Cultural, Literary and Political Exchanges*. S.l.: Palgrave/Macmillan, 2007).
- Wollock, Jennifer Goodman. “A Inglaterra e a Península Ibérica medievais: Uma relação cavaleiresca”. *A Inglaterra e a Península Ibérica na Idade Média — Séc. XII-XV. Intercâmbios Culturais, Literários e Políticos*. Org. María Bullón-Fernández. Mem Martins: Publicações Europa-América, Lda., “Forum da História”, 46, 2008. 23-39 (*England and Iberia in the Middle Ages, 12<sup>th</sup>-15<sup>th</sup> Century: Cultural, Literary and Political Exchanges*. S.l.: Palgrave/Macmillan, 2007).

### **Websites:**

- Anónimo. "Eleanor Crosses". *Britain Express*. David Ross. n.d. Web. 17.01.2010. <<http://www.britainexpress.com/History/eleanor-crosses.htm>>.
- Anónimo. "Eleanor Crosses". *Paradoxplace*. Adrian Fletcher. n.d. Web. 17.01.2010. <[http://www.paradoxplace.com/Photo%20Pages/UK/British%20History/Eleanor%20Crosses/Eleanor\\_Crosses.htm](http://www.paradoxplace.com/Photo%20Pages/UK/British%20History/Eleanor%20Crosses/Eleanor_Crosses.htm)>.
- Anónimo. "Eleanor Crosses". *seiyaku.com*. n.d. Web. 17.01.2010. <<http://www.seiyaku.com/customs/crosses/eleanor.html>>.
- Anónimo. "Queen Eleanor Crosses Way Walk to be launched". *Kettering Borough Council*. 10.08.2009. Web. 17.01.2010. <[http://www.kettering.gov.uk/site/scripts/news\\_article.php?newsID=282](http://www.kettering.gov.uk/site/scripts/news_article.php?newsID=282)>.
- Anónimo. "The Eleanor Crosses: King Edward I's 12 stone statues showing love and grief for his wife". *History and traditions of England*. WordPress. 25.06.2009. Web. 17.01.2010. <<http://www.webhistoryofengland.com/?p=184>>.
- Anónimo. "The Eleanor Crosses — Monuments to an enduring love". *Historic-Uk.com*. n.p., n.d. Web. 17.01.2010. <<http://www.historic-uk.com/DestinationsUK/EleanorCrosses.htm>>.
- Anónimo. "The Queen Eleanor Cycle Ride". n.p., n.d. Web. 17.01.2010. <<http://www.queeneleanorcycl ride.org.uk>>.
- Bellerby, Rachel. "The Medieval Eleanor Crosses Built by King Edward I to Mourn Eleanor of Castile". *suite101.com*. n.p., n.d. 19.05.2008. Web. 17.01.2010. <[http://highmiddleages.suite101.com/article.cfm/the\\_medieval\\_eleanor\\_crosses](http://highmiddleages.suite101.com/article.cfm/the_medieval_eleanor_crosses)>.
- Croft, Richard. n.p., n.d. Web. 17.01.2010. <<http://www.harby.org.uk/Eleanor.htm>>.
- Eliot, Sara. "The Eleanor Crosses: A Love Story in Stone". *TimeTravel-Britain.com*. Moira Allen, 2008. Web. 17.01.2010. <<http://www.time-travel-britain.com/articles/history/eleanor.shtml>>.
- Sadraei, Agnieszka. "Eleanor's Crosses". *A&A. art and architecture*. The Courtauld Institute of Art, n.d. Web. 17.01.2010. <[http://www.artandarchitecture.org.uk/insight/sadrei\\_eleanorcross.html](http://www.artandarchitecture.org.uk/insight/sadrei_eleanorcross.html)>.

## BYRON IN SINTRA, 1809

*Gerald Luckhurst*  
*Arquitecto Paisagista envolvido na recuperação*  
*de edifícios históricos em Sintra,*  
*nomeadamente o Palácio de Monserrate.*

Thus far have we pursued our route, and seen all sorts of marvellous sights, palaces, convents, &c ; which, being to be heard of in my friend Hobhouse's forthcoming ' Book of Travels,' I shall not anticipate by giving any account to you in a private and clandestine manner. I must just observe that the village of Cintra, in Estremadura, is the most beautiful, perhaps, in the world very far superior to my expectation and Portugal pleasant enough. The inhabitants have few vices, &c.... The first and sweetest spot in this kingdom is Montserrat, lately the seat of the great Beckford.<sup>1</sup>

Lord Byron visited Sintra in 1809, travelling with John Cam Hobhouse, at the beginning of a journey that was to become the basis for his celebrated epic poem *Childe Harold's Pilgrimage*. This visit would make Sintra an obligatory destination for all Romantic pilgrims. Already familiar to English readers as the supposed venue for the infamous convention,<sup>2</sup> Sintra was to be propelled into fame, as was the poet himself, by the publication of the first two cantos of the poem in 1812.<sup>3</sup>

Hobhouse's forthcoming book of travels never materialised, not at least for the first part of the journey (from Falmouth to Malta, via Portugal and Spain). Although he produced over a thousand pages describing his onward *Journey through Albania*,<sup>4</sup> the equally voluminous *Recollections*, compiled posthumously

from his journals by his daughter, Lady Dorchester, gives just two lines to Sintra: "We paid a visit to Cintra. Montserrat, formerly the house of Mr. Beckford, is now devoid of all furniture, and deserted."<sup>5</sup> Byron nevertheless devoted stanzas XIV-XXX of the first Canto of *Childe Harold* to Portugal.

Byron and Hobhouse were in Portugal from July 7<sup>th</sup> to 23<sup>rd</sup>, 1809. Despite the brevity of their passage, the excursion has attracted the attention of a number of scholars notably, Alberto Telles (Telles), and more particularly Daniel Dalgado in 1919 (Dalgado). The evolution of Portuguese attitudes towards Lord Byron has been considered by João Almeida Flor (Flor) and more recently examined by Maria Leonor Machado da Sousa (Sousa).

To reconstruct just what Byron and Hobhouse saw whilst in Portugal, and in particular at Sintra, it is necessary to consult other biographical documents. This was done in great detail by Philip Churchman in the *Bulletin Hispanique* (Churchman), in which he quotes freely from Byron's letters. Churchman was unable to consult the Hobhouse papers bequeathed to the British Museum upon his death in 1869. This bequest had been conditional on the papers remaining reserved until 1900 and the diaries were further reserved until 1934.<sup>6</sup> In 1971, additional diaries (Add. MSS 56527-56571), were acquired by the British Library from Sir Charles Hobhouse, the 6<sup>th</sup> Baronet.<sup>7</sup> These included the journal kept whilst travelling in the Iberian Peninsula in 1809.<sup>8</sup> Francisco José Magalhães studied this manuscript at the British Library whilst making a television documentary in 1988 and it forms the basis for his highly informative book *John Cam Hobhouse: Diário de Viagem*.<sup>9</sup> The journals of John Cam Hobhouse throughout his life have been minutely edited and are made available online by Peter Cochrane: a readily accessible resource that is essential reading for all those interested in Byron's life. (Cochran)

## **The departure**

A fitting illustration of Byron's state of mind as he prepared his pilgrimage is provided by the portrait commissioned from George Sanders that he gave to his mother almost as a parting gift between 1808 and 1809.<sup>10</sup> This painting shows Byron spuriously dressed as a midshipman of the Royal Navy, the Red Ensign fluttering in the breeze. Just two years after the death of Nelson at Trafalgar, Byron wished to be seen in an heroic guise. He is accompanied by Robert Rushton, the young page later to

travel with him on his pilgrimage (well just as far as Gibraltar when, hopelessly homesick, he was sent home). The rugged sea-coasts, wind-tousled hair and masculine company are all part of the carefully orchestrated projection of the future protagonist of *Childe Harold*.

## **Falmouth**

On arrival at Falmouth Byron wrote to his Mother that he was to “leave England without regret”, he intended to write to her from each of the ports that he was to visit but that she was not to be alarmed if his letters were mislaid since the “continent is in a fine state”.<sup>11</sup> This state of political affairs in Europe had obliged Byron to travel by sea,<sup>12</sup> and his initial destination was Malta. Just as Beckford before him, Byron had never intended to visit Portugal. He had missed his intended sailing to Malta and was too impatient to wait for another.<sup>13</sup> As Byron explained to Henry Drury, his old tutor from Harrow, Falmouth was becalmed for several days after his arrival and he had elected to sail for Portugal by the Falmouth Packet: presumably the faster to quit England! Hobhouse meanwhile had made elaborate preparations for the promised book of travels by equipping himself with “100 pens, two gallons of japan ink and several volumes of best blank”.<sup>14</sup>

Falmouth was a town full of “many Quakers and salt-fish” (the latter also bound for Portugal).<sup>15</sup> Defending the harbour there were twin forts, St. Maws and Pendennis, both described in most disparaging terms:

there is a fort called St. Mawes off the harbour, [...] it is well defended by one able-bodied man of eighty six years old, six demi-culverins, that would exceedingly annoy anybody — except an enemy; — and parapet walls which would withstand at least half a dozen kicks of any given grenadier in the kingdom of France.<sup>16</sup>

Byron had plenty of time to explore and wrote several more letters, often with repetitive content. The picturesque countryside around the Falmouth Bay was illustrated in a number of travel books and also painted by watercolorists. J. M. W. Turner in his 1812/13 view from high above the town shows the bay full of masts,<sup>17</sup> becalmed, just as the good ship *Elizabeth* was in those midsummer days of 1809.<sup>18</sup>

Huzza! Hodgson, we are going,  
Our embargo's off at last;  
Favourable breezes blowing  
Bend the canvass o'er the mast.  
From aloft the signal's streaming,  
Hark! the farewell gun is fir'd;<sup>19</sup>

High spirited lines, these were written by Byron on departure from England. Even then it was made clear that the final destination of the pilgrimage was to be Turkey, "Lord knows when we shall come back!"<sup>20</sup>

## Portugal

On the fifth day of the voyage Byron was glad to see the coast of Portugal, greeted by "*Cintra's mountain*" and the "*dashing*" Tagus.<sup>21</sup> The Rock of Lisbon, as English sailors call the *Cabo da Roca* is continental Europe's westernmost point and an important landmark for navigators. Frequently the subject of maritime artists there is a good example of this sea-view painted in watercolour by John Christian Schetky at the National Maritime Museum at Greenwich.<sup>22</sup>

Arriving at the Tagus estuary *Childe Harold's* enthusiastic description of Lisbon contrasts harshly with his apparently preconceived notion of the inhabitants: <sup>23</sup>

What beauties doth Lisboa first unfold!  
Her image floating on that noble tide,  
But now whereon a thousand keels did ride  
Of mighty strength, since Albion was allied,  
And to the Lusians did her aid afford:  
A nation swoln with ignorance and pride,  
Who lick yet loathe the hand that waves the sword  
To save them from the wrath of Gaul's unsparing lord.<sup>24</sup>

Perhaps Byron too was *swoln* with pride: to arrive at the Tagus surrounded by such a display of British naval strength must have touched something of the emotion that led to his commissioning that picture of the "midshipman" with the Red Ensign, with which we began. England was already some days behind him and here he might have allowed himself to forget his haste to flee his homeland. Published in the same year of 1809 as an engraving, there is a painting by Nicholas Pocock that shows an imaginary scene of Nelson's flagships riding at anchor that

gives a similar idea of this national nautical pride.<sup>25</sup> Byron's perception of the Portuguese nation expressed so vehemently here shows how deeply felt were the events leading to the Convention of Cintra.<sup>26</sup> Received opinion at home had coloured the judgement of even one so wholly prejudiced against his own people.<sup>27</sup> Of his low opinion of Falmouth Byron had written "I shall say nothing of Falmouth because I know it and you don't a very good reason for being silent as I can say nothing in its favour, or you hear anything that would be agreeable."<sup>28</sup> Apparently he had no such qualms with regard to Lisbon. On closer acquaintance things did not improve between Byron and the Portuguese.

John Cam Hobhouse if anything was even more incensed. He began his diary, written up in dog-Latin, by complaining of diseased beggars and noisy greedy boys hunting with an ass in a vineyard. Having walked two miles to the theatre, Byron and he were unable to get a seat and returned to spend the night on the packet.<sup>29</sup>

## Lisbon

Saturday July 8<sup>th</sup> was spent in Lisbon. After getting up late and paying an extortionate rate on their bills of credit, the pair set off to explore the town yet "saw nothing". They settled into Barnwell's Hotel in the Buenos Ayres district of Lisbon and dined "with the regulars Duff —, Drummond —, Marsden —, Westwood". Unimpressed with the theatre they retired to Barnwell's.<sup>30</sup>

Sunday 9<sup>th</sup> July was begun with bathing: "I swims in the Tagus all across at once".<sup>31</sup> It took Byron three hours. Ten years later he was still boasting of this as his greatest swimming achievement.<sup>32</sup> The evening was spent at the theatre, applauding *saltationes Ibericæ magis magis lascivi*. (Lady Dorchester conveys this more passively: the audiences are much addicted to Iberian dances of a lascivious character (Broughton 6). A tableaux vivant of doubtful morality, *The Moving Statues*, was also on the bill.<sup>33</sup> The *Rua dos Condes* theatre is illustrated by an engraving published by Sousa Bastos in his *Dicionário de Teatro Português*.<sup>34</sup> Beckford in 1787 described the theatres as "low and narrow".<sup>35</sup> In his time there were no actresses, as women had been banned by Royal Decree (a law revoked in 1799).

Late the next day together with Marsden, their new acquaintance from Barnwell's, they went to watch a "not exactly English" military parade, commanded by Robert Craufurd. The general, like Byron had only just arrived in Lisbon, where from 28 June until 2 July he had been engaged "in purchasing horses,

mules, pack-saddles and many other necessities for the coming campaign". His English troops had been landed forty miles up river at Vallada. Joining his Light Brigade they then hastened north to meet Sir Arthur Wellesley, arriving just the day after the Battle of Talavera.<sup>36</sup>

After the parade Byron and Hobhouse went to visit the monastery at Belém. Here Hobhouse confesses that "neither in Portuguese nor in Latin" was he able to communicate with the monks that they met.<sup>37</sup> In the early nineteenth century the monastery lay hard upon the banks of the Tagus and surrounded by nautical clamour as may be seen in a number of contemporary illustrations.<sup>38</sup>

## **Sintra**

Tuesday July 11<sup>th</sup> an excursion to Sintra was begun, travelling by Calash, and bolstered by three jugs of wine and plenty of bread and cheese.<sup>39</sup> It seems from Hobhouse's diary that they took a quick ride out to Monserrate "once owned by the English sodomite Beckford, now deserted and bare of all furnishings."<sup>40</sup>

There thou too, Vathek! England's wealthiest son,  
Once form'd thy Paradise, as not aware  
When wanton Wealth her mightiest deeds hath done,  
Meek Peace voluptuous lures was ever wont to shun.

Here didst thou dwell, here schemes of pleasure plan,  
Beneath yon mountain's ever beauteous brow;  
But now, as if a thing unblest by man,  
Thy fairy dwelling is as lone as thou!  
Here giant weeds a passage scarce allow  
To halls deserted, portals gaping wide;  
Fresh lessons to the thinking bosom, how  
Vain are the pleasaunces on earth supplied;  
Swept into wrecks anon by Time's ungentle tide!<sup>41</sup>

These lines from Childe Harold were to produce decades of travel literature regarding the ruins of Beckford's house. Indeed Sintra's associations with Beckford were undoubtedly the strongest attraction of the town for Byron. The opportunity to moralise upon the effects of a wanton lifestyle upon the solidity of Monserrate's construction was an opportunity too good to miss. One wonders whether Beckford would have returned the compliment had he ever visited the ruins of Newstead Abbey!

Meanwhile Byron went to Mafra for another monkish encounter. Of this he wrote to his Mother "... the monks who possess large revenues are courteous enough, and understand Latin, so that we had a long conversation, they have a large Library and asked if the English had any books in their country."<sup>42</sup> This, the largest building in Portugal at the time has been amply illustrated. C. Landseer provided a sketch that was redrawn and engraved for Finden's *Illustrations of the Life and Works of Lord Byron*<sup>43</sup>

On Wednesday 13<sup>th</sup> July, having spent the night in Sintra, the pair took to the heights of the serra to visit the convents of Pena and Santa Cruz. To the sound of braying asses (*asinorum chorus*) they passed pious stations of crosses along the steep ascent which Byron, still wary of brigands, took to mark the site of numerous assassinations.<sup>44</sup> Of course here there were yet more monks, just four at Pena "*pauperes —, non ireligans confectorum*" (poor, not badly dressed) but a community of seventeen at the Cork Convent where Byron and Hobhouse tucked into cheese, plums and oranges with the Abbott.<sup>45</sup> Once again the Findens give us a glimpse of the scene with engravings of drawings by C. Stansfield and George Vivian.<sup>46</sup>

The next day (Thursday 14<sup>th</sup>) Byron and Hobhouse visited Seteais. They had ridden past on Tuesday on their way to Monserrate, Childe Harold christened it "Marialva's Dome."<sup>47</sup> Beckford was at the original inauguration on 25<sup>th</sup> July 1787. But it had been rebuilt in 1801-2 by Diogo José Vito de Menezes Noronha Coutinho, 5<sup>th</sup> Marquis of Marialva: the house now presented an ostentatious triumphal arch but still no dome.<sup>48</sup> Byron followed the popular misconception that it was in one of the salons here that the infamous Convention of Cintra had been signed. Hobhouse recorded: "Went with Byron by appointment, to the sister of the Marquis of Marialva, to see his palace, magnificently furnished in the English style —, there entered the very room in the right wing where the famous Convention was signed —, opposite saw a hermitage in the hillside." At the end of the day they settled their account at the hostel. The inn keeper was a "noisy drunken dirty Irish woman" who gave them a "monstrous bill for forty dollars") and thence made their way back to Lisbon.<sup>49</sup>

## **Lisbon**

Friday July 15<sup>th</sup> was spent looking for a ship to take Byron's baggage and the small train of followers on to Gibraltar. Following

this the poet visited the Convent of Jesus in a further attempt at communication with the clergy. This time he succeeded by talking in French and discovered that the magnificent library contained only two books in English: "Travels in Portugal" (it is not clear if this is Murphy's famous work or the similarly titled book by Link) and the works of Newton.<sup>50</sup> These last are still held in the library today, as indeed the bust of Isaac Newton still stands above the bookshelves. Today the library forms part of the *Academia das Ciências*; an illustration of the inauguration of the academy in 1880 was published in *O Ocidente*.<sup>51</sup> Saturday July 16th was as Hobson relates a day lost: "*Trajanus similis diem perdidit ...*"<sup>52</sup>

On Sunday Byron found time to write a letter to Francis Hodgson.<sup>53</sup> In this, the letter quoted in epigraph, he describes with great enthusiasm "all sorts of marvellous sights", and Sintra, in Byron's mind, is already superlatively set. It is this letter that contains the famous quotes about eating oranges and talking bad Latin to monks, riding mules and swimming the Tagus: in short what Byron wishes his trip to Portugal to be remembered for! At this point Byron and Hobhouse had determined to travel overland for 400 miles to Gibraltar —, he was, as he says, "sick of the sea". Hobhouse reports a walk through the city, lewd behaviour by monks and another night at the theatre. He considered the public gardens of Lisbon to contain well-designed promenades,<sup>54</sup> but he later describes how men were pressed for the army by locking the gates and arresting all the unmarried men unfortunate enough to be enjoying these walks!<sup>55</sup>

Monday was another lost day, spent sick in bed. Tuesday July 18<sup>th</sup> 1809 Byron and Hobhouse went to the "Praca de Commercio" to get their passports and on to visit Belém for a second time where the monks showed them an embalmed body over 300 years old. In the evening yet another night at the *Rua dos Condes* where they were both attacked "by four men".<sup>56</sup> As suggested by various writers this was the incident that coloured Byron's opinion of the Portuguese ("... this purple land, where law secures not life").<sup>57</sup> He was certainly happier with his lot in his letter to Hodgson, two days earlier: "When the Portuguese are pertinacious, I say, 'Carracho!'—the great oath of the grandees, that very well supplies the place of 'Damme,'—and, when dissatisfied with my neighbour, I pronounce him 'Ambra di merdo'... I am infinitely amused with my pilgrimage as far as it has gone."<sup>58</sup>

Thus amused Byron and Hobhouse dashed across the Alentejo to the Spanish border

Where Lusitania and her sister meet,  
Deem ye what bounds the rival realms divide!  
Or ere the jealous queens of nations greet,  
Doth Tayo interpose his mighty tide?  
Or dark Sierras rise in craggy pride?  
Or fence of art, like China's vasty wall?  
Ne barrier wall, ne river deep and wide,  
Ne horrid crags, nor mountains dark and tall,  
Rise like the rocks that part Hispania's land from Gaul:

But these between a silver streamlet glides,  
And scarce a name distinguisheth the brook,  
Though rival kingdoms press its verdant sides.<sup>59</sup>

In Gibraltar Byron summed up his Portuguese experiences in a letter to his Mother.<sup>60</sup> Soon the travellers would embark to their original destination Malta, and Portugal would become just a memory ... a memory that has endured until this very day 200 years later.

---

<sup>1</sup> Byron's letter to Francis Hodgson, Lisbon, 16 July 1809. Hodgson, James Thomas. *Memoir of the Rev. Francis Hodgson: B. D., scholar, poet, and divine*. London: Macmillan and Co., 1833, Vol. I, p. 163.

<sup>2</sup> See for example: Wordsworth, William. *Concerning the relations of Great Britain, Spain and Portugal, to each other, and to the common enemy, at this crisis; and specifically as affected by the Convention of Cintra: the whole brought to the test of those principles, by which alone the independence and freedom of nations can be preserved or recovered*. London: Longman, Hurst, Rees, and Orme, 1809.

<sup>3</sup> Byron, George Gordon Noel, Lord. *Childe Harold's Pilgrimage: a romaunt* [Cantos I and II]. London: Thomas Davison for John Murray, William Blackwood and John Cumming, 1812. Online link to frontispiece of first edition, *Christies*, n.p., n.d., Web, 23 June 2010, <<http://www.christies.com/LotFinder/LargeImage.aspx?image=/lotfinder-images/d30984/d3098409x.jpg>>

<sup>4</sup> Hobhouse, John Cam. *A journey through Albania and other provinces of Turkey in Europe and Asia, to Constantinople, during the years 1809 and 1810*. London: James Cawthorn, 1813.

<sup>5</sup> Broughton, Lord (John Cam Hobhouse). *Recollections of a Long Life*. New York: Schribner's & Sons, 1909, Vol. I, p. 8.

<sup>6</sup> *The British Museum Quarterly*, Vol. XVI, 1951, p. 66.

<sup>7</sup> Zegger, Robert E.. *John Cam Hobhouse: a political life, 1819-1852*. Columbia: University of Missouri Press, 1973, p. 290.

<sup>8</sup> British Library ADD.MS 56527 (8<sup>th</sup> July —, 26<sup>th</sup> December 1809)

<sup>9</sup> Magalhães, Francisco José. *Byron in Portugal, Screenplay, Direction & Production*. Lisbon: The British Council, Câmara Municipal de Sintra & RTP, 1988.

<sup>10</sup> George Sanders (1774-1846). The painting is now held in The Royal Collection: RCIN 402411. *The Royal Collection*, Royal Collection department of the Royal Household, n.d., Web, 23 June 2010, <[http://www.royalcollection.org.uk/egallery/images/collection\\_large/402411.jpg](http://www.royalcollection.org.uk/egallery/images/collection_large/402411.jpg)>

<sup>11</sup> Byron's letter to his Mother, Falmouth, 22nd June, 1809. Byron, George Gordon Noel, Lord. *Works of Lord Byron: with his letters and journals, and his life*. London: John Murray, 1833, Vol. II, p. 269.

<sup>12</sup> Events of 1809: Treaty of peace between Great Britain and Turkey, January D. Battle of Coruña ; death of Sir John Moore, January 16. Saragossa stormed by the French, January 27. Conduct of the duke of York investigated by parliament, January-March. War between Russia and Turkey, February. The lines of Travancore stormed by English, February 10-21. James Madison president of United States, March 4. Gustavas IV. of Sweden deposed, March 29; Charles XIII. succeeds. Oporto taken by Soult, March 29. Revolt of Tyrol under Hofer, April 8. Invasion of Bavaria by Austrians, April 11. Passage of the Douro by Wellington; occupation of Oporto, May 12. Napoleon enters Vienna, May 13. States of the Church annexed to France, May 17. Battle of Aspern, May 21-22. Charles XIII. king of Sweden, June 6. Napoleon excommunicated by the Pope, June 10. Arrest of the Pope, July 5. Battle of Wagram, July 6. Battle of Talavera, July 27-28. English expedition to Walcheren sails, July 28. Finland ceded to Russia, August 7. Flushing taken by the English, August 16. Peace of Vienna between France and Austria, October 14. Perceval administration formed, October 30. Divorce of the Empress Josephine, December 15. Evacuation of Walcheren by the English December 23. Chronology of political events taken from *The Encyclopaedia Britannica*, London: A. & C. Black, 1833, Vol. 5, p. 750.

<sup>13</sup> Byron's letter to Mr. Hodgson, Falmouth, June 25<sup>th</sup>, 1809. BYRON, George Gordon Noel, Lord. *Works of Lord Byron: with his letters and journals, and his life*. London: John Murray, 1833, Vol. II, p. 272. Further letters to John Hanson, dated Falmouth, June 21<sup>st</sup>, 1809 indicate that Byron lodged at Wynn's Hotel, Peter Cochran, Web, 23 June 2010, <<http://petercochran.files.wordpress.com/2009/02/index53.pdf>>.

<sup>14</sup> Byron's letter to the Rev. Henry Drury, Falmouth, June 25<sup>th</sup>, 1809. Byron, George Gordon Noel, Lord. *Works of Lord Byron: with his letters and journals, and his life*. London: John Murray, 1833. Vol. II, p. 271.

<sup>15</sup> Byron's letter to Mr. Hodgson, Falmouth, June 25<sup>th</sup>. 1809. BYRON, George Gordon Noel, Lord. *Works of Lord Byron: with his letters and journals, and his life*, London: John Murray, 1833, Vol. II, p. 273.

<sup>16</sup> Byron's letter to Edward Ellice, Falmouth, June 25<sup>th</sup>, 1809. BYRON, George Gordon Noel, Lord, & Marchand. Leslie Alexis (ed.). *Byron's Letters and Journals: The Complete and Unexpurgated Text of All the Letters Available in Manuscript and the Full Printed Version of All Others Tuner*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1973, p. 209.

<sup>17</sup> Turner, J. M. W. Falmouth Harbour, Cornwall, 1812-13, Lady Lever Art Gallery — Accession number LL 3771 *Lady Lever Art Gallery*, National Museums Liverpool, n.d. Web, 23 June 2010, <[http://www.liverpoolmuseums.org.uk/ladylever/exhibitions/masterpiece/collector/turner\\_falmouth.aspx](http://www.liverpoolmuseums.org.uk/ladylever/exhibitions/masterpiece/collector/turner_falmouth.aspx)>

See also *View of Falmouth from the Base of Pendennis* by J. Triggs, engraved by C. Hullmadel in *A panorama of Falmouth, containing a history of the origin, progress, and present state of the port; particulars of the packet and other establishments; directions to the public offices, taverns, lodging houses, &c. &c. descriptions of the walks, rides, aquatic excursions, and every other object of interest in its vicinity; with a map and other engravings. Being a complete guide to the harbour, town, and surrounding country*. Falmouth, Printed at The Cornish Magazine Office, by and for J. Philp, [etc., etc.] [1827]. *Falmouth Packet Archives*, n.p., n.d., Web, 24 June 2010, <<http://www.falmouth.packet.archives.dial.pipex.com/05c41040.jpg>>

<sup>18</sup> The Packet Boat *Princess Elizabeth* was commanded by Captain John Kidd. «A list of His Majesty's Packet-Boats commissioned by the Admiralty, Falmouth Station» *The Navy List*, London H. M. Stationery Office, 1814, p. 122. The Falmouth Packet Service commenced to operate out of Falmouth in 1689 and ceased operations in 1850. *Cornwall calling*, n.p., n.d., Web, 24 June 2010 <<http://www.cornwall-calling.co.uk/falmouth-packet.htm>>

<sup>19</sup> Byron, George Gordon Noel, Lord. «Lines to Mr. Hodgson Written on Board the Lisbon Packet» *Miscellanies: Occasional pieces, 1807-1824*. London: J. Murray, 1837.

Vol. 3, p. 43. [written Falmouth Roads, June 30, 1809]. *Poetry Foundation*, The Poetry Foundation, Web, 23 June 2010 <<http://www.poetryfoundation.org/archive/poem.html?pid=173095>>

<sup>20</sup> Ibid.

<sup>21</sup> *Childe Harold's Pilgrimage*, Canto I — XIV

<sup>22</sup> The Rock of Lisbon, NE by E, July 27 1861, John Christian Schetky, National Maritime Museum —, accession number PW6225. *National Maritime Museum: sea, ships, time and the stars*, National Maritime Museum, n.d., Web, 23 June 2010, <<http://www.nmm.ac.uk/collections/displayRepro.cfm?reproID=PW6225>>

<sup>23</sup> «Lisbon from Fort Almada, Drawn by C. Stanfield from a sketch by W. Page» in Brockendon, William. *Finden's Illustrations of the Life and Works of Lord Byron*, London: 1833, p. 75. *Wikipedia Commons*, Wikipedia foundation, Web, 12 July 2010 <[http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/d/d0/Lisboa\\_view\\_from\\_Fort\\_Almada\\_c1835.jpg](http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/d/d0/Lisboa_view_from_Fort_Almada_c1835.jpg)>

<sup>24</sup> *Childe Harold's Pilgrimage*, Canto I —, Stanza XVI

<sup>25</sup> Pocock, Nicholas. *Nelson's Flagships at Anchor*, 1807, National Maritime Museum, accession number BHC1096. *National Maritime Museum: sea, ships, time and the stars*, National Maritime Museum, n.d., Web, 23 June 2010, <<http://www.nmm.ac.uk/collections/nelson/viewObject.cfm?ID=BHC1096>>

Published as an engraving by James Fittler in Clarke, James & McArthur, John. *The life of admiral lord Nelson*. London, 1809; see also «A view taken of the Tagus near Villa Franca which shows part of the British Lines» in L'Eveque, Henry. *Campaigns of the British army in Portugal*. London: Colnaghi & Co., 1812.

<sup>26</sup> «The embarkation of General Junot after the Convention of Cintra at Quai Sodre» in L'Eveque, Henry. *Campaigns of the British army in Portugal*. London: Colnaghi & Co. 1812.

<sup>27</sup> See João Almeida Flor, note 9. He quotes in translation *O Investigador Portuguez*, 6 April, 1812, “We have noticed an absurd prejudice against the Portuguese character that is deeply rooted in England...”

<sup>28</sup> Byron's letter to Edward Ellice, Falmouth, June 25<sup>th</sup>, 1809. Byron, George Gordon Noel, Lord, & Marchand, Leslie Alexis (ed.). *Byron's Letters and Journals: The Complete and Unexpurgated Text of All the Letters Available in Manuscript and the Full Printed Version of All Others*, Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1973, p. 209.

<sup>29</sup> July <9/>8. 1809 + 3 Man. *Tagum intravi —, Olyssipum tetigi 10 a.m. —, per Urbem ambulatio —, ... pauperem morbo pesticulari perditissione affectum fugi. in naviculâ trans-flumine vineta cum magno strepite puerorum asino agentium vidi. —, ... (pueri cupidissimi peccia balneum cessi in Tago —, prandium in Anglicano Diversorio (Branwell's Buenos Ayres) pedes ad Thatrum tria millia passuum ivi frustra —, in navi (packet) pernoctavi —, ...* edited from B.L.Add.Mss. 56527 by Peter Cochran. *Hobby-O*, Peter Cochran, Web, 23 June 2010, <<http://www.hobby-o.com/portugal.php>> Cochran gives the following translation: «Friday July 8th 1809. Entered the Tagus three a.m. —, went ashore at Lisbon at ten a.m. —, walk through the city —, avoided diseased beggars by crossing the river in ferry. 3 Saw noisy greedy boys hunting with an ass in a vineyard —, bathed in the Tagus —, dined at the English hotel (Barnewell's Buenos Ayres) —, on foot to the theatre —, two miles —, couldn't get a seat —, spent the night on board the packet». Hobhouse was confused about the exact date and this has been corrected by Cochran.

<sup>30</sup> All these gentlemen remain to be identified

<sup>31</sup> Byron's letter to Francis Hodgson, Lisbon, 16 July 1809. Hodgson, James Thomas. *Memoir of the Rev. Francis Hodgson: B. D., scholar, poet, and divine*, London: Macmillan and Co., 1833, Vol. I, p. 163.

<sup>32</sup> Byron's letter to Mr. Murray, Ravenna, 21 February, 1821 Moore, Thomas. *The life of Lord Byron: with his letters and journals*. London: John Murray, 1854, Vols. I & II, p. 498.

<sup>33</sup> Hobhouse Journal, Sunday July 9th 1809, *Hobby-O*, Peter Cochran, Web, 25 June 2010, <<http://www.hobby-o.com/portugal.php>>

<sup>34</sup> Sousa Bastos. *Dicionário de Teatro Português*. Lisbon: Imprensa Libanio da Silva, 1908, p. 359. I have been unable to find the original date of publication of this engraving.

<sup>35</sup> Letter XIV, 14 June, 1787, in Beckford, William T., *Italy: with sketches of Spain and Portugal*. London: Richard Bentley, Vol. I. p. 68.

<sup>36</sup> Crauford, Alexander. H., *General Craufurd and His Light Division, with Many Anecdotes, a Paper and Letters by Sir John Moore*. London: Griffith, Farran, Okeden & Welsh, 1891, pp. 65-79. A portrait of the general from this book *Jardim Formoso*, Gerald Luckhurst, Web, 25 June 2010, <<http://jardimformoso.blogspot.com/2010/06/general-robert-craufurd.html>> ; see also «The Battle of Talavera» in L'Eveque, Henry. *Campaigns of the British army in Portugal*. London: Colnaghi & Co. 1812;

<sup>37</sup> *Hobby-O*, Peter Cochran, Web, 25 June 2010, <<http://www.hobby-o.com/portugal.php>>

<sup>38</sup> «Departure of His R.H. the Prince Regent of Portugal for the Brazils» in L'Eveque, Henry. *Campaigns of the British army in Portugal*. London: Colnaghi & Co. 1812; «L'Eglise de Belem, en Portugal» Wood engraving 1838. *Philographikon*, Rainer Rauhut, Web, 25 June 2010, <<http://www.philographikon.com/imagesportugal/belemeglise.gif>>; Ste. Marie de Belem, Steel engraving by Lemaitre ca 1840. *Philographikon*, Rainer Rauhut, Web, 25 June 2010,

<<http://www.philographikon.com/imagesportugal/por%201054.gif>>

See also «Mosteiro de Belem» *O Panorama*, Series 2 —, Vol. I, March 5, 1842, p. 73

<sup>39</sup> Peter Cochran's translation. *Hobby-O*, Peter Cochran, Web, 25 June 2010, <<http://www.hobby-o.com/portugal.php>> The Calash was a kind of two-wheeled carriage, drawn by a pair of horses or mules used in Lisbon and Oporto at this time: «A view of the national and social character of the Portuguese. From the observations of a traveller lately returned» *La Belle assemblée*, London: J. Bell, vol. II, October, 1810, p. 172.

<sup>40</sup> *Hobby-O*, Peter Cochran, Web, 25 June 2010, <<http://www.hobby-o.com/portugal.php>>

<sup>41</sup> *Childe Harold's Pilgrimage*, Canto I, Stanzas XXII & XXIII

<sup>42</sup> Letter to Mrs. Catherine Gordon Byron, Gibraltar, 11th August 1809. Byron. George Gordon Noel, & Marchand, Leslie Alexis (ed.). *Lord Byron: selected letters and journals*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1982, p. 25

<sup>43</sup> Brockendon, William. *Finden's Illustrations of the Life and Works of Lord Byron*. London 1833, p. 95 *Le voyage en papier*, Marc Dechow, Web, 12 July 2010, <<http://www.antique-prints.de/shop/Media/Shop/9106.jpg>>

<sup>44</sup> *Childe Harold's Pilgrimage*, Canto I, Stanza XXI.

<sup>45</sup> John Cam Hobhouse's Diary, Wednesday July 12th 1809, B.L.Add.Mss. 56527. *Hobby-O*, Peter Cochran, Web, 25 June 2010, <<http://www.hobby-o.com/portugal.php>>

<sup>46</sup> Murray's 1845 edition of *Childe Harold's Pilgrimage* is illustrated "from sketches taken on the spot, expressly to illustrate "Childe Harold".

*Le voyage en papier*, Marc Dechow, Web, 12 July 2010, <<http://www.antique-prints.de/shop/Media/Shop/1951.jpg>>

<sup>47</sup> *Childe Harold's Pilgrimage*, Canto I, Stanza XXV.

<sup>48</sup> An engraved view of the Marialva façade accompanies «Cintra Palacio dos Seteais» *Arquivo Pittoresco semanario ilustrado*, Vol. X, Lisboa: Typographia de Castro Irmão, 1867, p. 265.

<sup>49</sup> Peter Cochran's translation, *Peter Cochran Files*, Peter Cochran, Web, 25 June 2010, <<http://petercochran.files.wordpress.com/2009/12/01-portugal.pdf>>

<sup>50</sup> Link, Henry Frederick. *Travels in Portugal*, (trans. from the German by J. Hinckley). London: T. M. Longman & G. Rees, 1801.

<sup>51</sup> «Sessão da Academia Real das Ciências», *O Ocidente*, 1880, vol. III, p. 165.

<sup>52</sup> «As Trajan lamented, a lost day....» Peter Cochran's translation. *Peter Cochran Files*, Peter Cochran, Web, 25 June 2010, <<http://petercochran.files.wordpress.com/2009/12/01-portugal.pdf>>

<sup>53</sup> Byron's letter to Francis Hodgson, Lisbon, 16 July 1809. Hodgson, James Thomas. *Memoir of the Rev. Francis Hodgson: B. D., scholar, poet, and divine*. London: Macmillan and Co., 1833, Vol. I, p. 163.

<sup>54</sup> The principal public garden of Lisbon in 1809 was the *Passeio Público* (Public Promenade) built between 1764 and 1771. A drawing of the promenade by Legrand lithographed by Manoel Luiz is published online: *Flickr*; Gulbenkian Foundation, Web, 10 July, 2010, <<http://www.flickr.com/photos/biblarte/2649569039/sizes/o/>>

<sup>55</sup> John Cam Hobhouse's Diary, «Miscellaneous observations at Lisbon:» following Thursday July 20th 1809, B.L.Add.Mss. 56527. *Hobby-O*, Peter Cochran, Web, 25 June 2010, <<http://www.hobby-o.com/portugal.php>>:

<sup>56</sup> *Peter Cochran Files*, Peter Cochran, Web, 25 June 2010, <<http://petercochran.files.wordpress.com/2009/12/01-portugal.pdf>>

<sup>57</sup> *Childe Harold's Pilgrimage*, Canto I, Stanza XXI

<sup>58</sup> Byron's letter to Francis Hodgson, Lisbon, 16 July 1809. Hodgson, James Thomas. *Memoir of the Rev. Francis Hodgson: B. D., scholar, poet, and divine*, London: Macmillan and Co., 1833, Vol. I, p. 163.

<sup>59</sup> *Childe Harold's Pilgrimage*, Canto I, Stanzas XXXI & XXXII.

<sup>60</sup> Letter to Mrs. Catherine Gordon Byron, Gibraltar, 11th August 1809. Byron, George Gordon Noel, & Marchand, Leslie Alexis (ed.). *Lord Byron: selected letters and journals*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1982, p. 25

## BIBLIOGRAPHICAL REFERENCES

Broughton, Lord (John Cam Hobhouse). *Recollections of a Long Life*. New York: Schribner's & Sons, 1909.

Cochran, Peter. *B.L.Add.Mss.56527*, Peter Cochran. Web, 23 June 2010, <<http://petercochran.files.wordpress.com/2009/12/01-portugal.pdf>>

Churchman, Philip. H. «Lord Byron's experiences in the Spanish Peninsula» *Annales de la Faculté des Lettres de Bordeaux, Bulletin Hispanique* XI, 1, (Jan.-Mar. 1909): 55-95, 125-171.

Dalgado, Daniel Gelanio. *Lord Byron's Childe Harold's pilgrimage to Portugal : critically examined*. Lisbon: 1919.

Flor, João Almeida. «A Portuguese Review of Childe Harold's Pilgrimage» in *Byron Portugal*. Coimbra: Instituto de Cultura Portuguesa (1977): 59-73 e 137-151.

Churchman, Philip H. «Lord Byron's experiences in the Spanish peninsula in 1809.» *Annales de la Faculté des Lettres de Bordeaux*, IV Série, *Bulletin Hispanique*, 1 (Janvier-Mars 1909): 55-95, 125-171.

Magalhães, Francisco José. *John Cam Hobhouse: Diário de Viagem*, Lisboa: Livros Horizonte, 1993.

Sousa, Maria Leonor Machado de. «'Tempting Demon': The Portuguese Demon» Richard Andrew, ed. Cardwell, *The reception of Byron in Europe*, London: Continuum, 2004, Vol. I, 164-187.

Telles, Alberto. *Lord Byron em Portugal*, Lisbon. 1879.



«NO FLORIDÍSSIMO REINO DE INGLATERRA...»:  
LOCUS ET EXEMPLUM NA NARRATIVA FICCIONAL BARROCA

Sara Augusto  
Universidade de Coimbra  
Centro de Literatura Portuguesa

1.

No âmbito da produção ficcional barroca portuguesa, a história das peripécias do casamento do Rei Eduardo de Inglaterra com a Princesa Isabel de Portugal situa-se num contexto onde se cruzam, de forma particularmente feliz, o impacto do espaço narrativo com a dimensão exemplar do sucesso narrado. Este cruzamento do *locus* e do *exemplum* na ficção barroca marca um percurso de desenvolvimento ficcional cujas características se delinearam a partir da novela pastoril, iniciada com a publicação da *Primavera* (1601) de Francisco Rodrigues Lobo, mas que se acentuaram na novela exemplar, cuja produção se estendeu proficuamente até meados do século XVIII, e de que a longa novela *Agravo e Desagravo da Misericórdia*, em que se insere o episódio, constitui uma das melhores realizações.

Mas a história destes dois tópicos, o *locus* e o *exemplum*, no período do Maneirismo e do Barroco, é também a história da legitimação da produção ficcional, sobretudo depois de 1625, com *Os Infortúnios Trágicos da Constante Florinda*, quando Gaspar Pires de Rebelo optou por uma estratégia narrativa distinta do bucolismo pastoril, apontando caminhos para a ficção barroca. Os ecos da novela pastoril, da novela sentimental e das novelas de cavalaria, parecem prolongar-se, mas nas obras de Gaspar Pires de Rebelo, de Mateus Ribeiro e de Gerardo de Escobar, libertas do constrangimento das convenções e impulsionadas pela imaginação, as narrativas vêm os

seus universos claramente ampliados, multiplicam peripécias e personagens e crescem nos níveis narrativos. Nesta riqueza e diversidade, característica maior da ficção barroca, apenas encontram um estorvo, único mas significativo: a constante necessidade de legitimar os enredos, de estruturas labirínticas, a maior parte de carácter amoroso, feitos de enganos e disfarces, de fugas, encontros e reconhecimentos. Essa legitimação é conseguida pela atribuição de um carácter exemplar às peripécias narradas e pelo reconhecimento da necessidade de tornar mais eficaz a lição a ser aprendida através do inicial entretenimento do espírito. Este sentido é constantemente reforçado nos prólogos, onde autores e editores levaram a cabo uma intensa campanha de justificação da matéria romanescas, associando o *prodesse* e o *delectare*. Foi esta a intenção de Gaspar Pires de Rebelo — «Para que vindo buscar recreação para o entendimento em a elegância das palavras, em o enredo das histórias, em a curiosidade das sentenças e em a lição das fábulas, achem também o proveito que estão oferecendo, que é um claro desenganho das cousas do mundo, e fiquem livres dos perigos, a que estão mui arriscados, com seus ruins conselhos» (*Segunda parte dos Infortúnios trágicos da Constante Florinda*, 1633) — que continuaria válida quase meio século depois, quando Mateus Ribeiro, no prólogo da novela *Alívio de Tristes*, na edição de 1672, retomava a mesma questão, invocando Séneca e Cícero, ao recomendar para as penas rigorosas, para os males sofridos, para as tristezas sentidas e infelicidades queixadas, o alívio e a consolação da leitura «desta piquena obra, empenho de algúas horas que furtou minha curiosidade a outras ocupações, para diverti-las». Na primeira metade do século XVIII, contudo, o *exemplum* foi cedendo lugar à alegoria, de moralização mais explícita, conseguida pela aliança da fantasia com a reflexão didáctica, procedimento de reconhecido sucesso e eficácia, mas que conduziu a um tratamento específico do espaço enquanto concretização de conceitos.

Também na novela exemplar a realização das coordenadas espaciais se adequa de forma específica ao duplo objectivo do entretenimento e da lição, distanciando-se assim tanto do bucolismo como da alegoria. Em relação ao *locus amoenus* da novela pastoril, que se apresenta como essência na sua perfeição, imutabilidade e convencionalidade, cenário preciso para as cenas de confiança melancólica do canto e do amor, o *locus* da ficção exemplar barroca caracteriza-se por três aspectos significativos: maior amplitude geográfica, menor descrição e subalternidade em relação ao protagonismo das personagens e da acção que desenvolvem. Na verdade, no desenrolar das

peripécias, sempre surpreendentes nos seus contornos, as personagens movem-se de forma ágil e extraordinária, cobrindo longas distâncias no decurso dos enredos. Por outro lado, essa multiplicação do espaço torna-se ainda mais visível quando temos em conta as numerosas segundas narrativas, ampliando de forma surpreendente os *loci* por onde personagens principais e secundárias desenham percursos, ricos de proveito e de exemplo.

Na sequência da narrativa pastoril, ainda assim a novela exemplar mantém um esquema actancial semelhante, uma vez que os capítulos iniciais em ambos os tipos de novela implicam que determinado facto conduza ao afastamento do protagonista. Foi o que aconteceu com o pastor Lereno, protagonista da *Primavera* (1601) de Francisco Rodrigues Lobo, que continua a constituir o primeiro e o melhor exemplo, de tal forma que a sua longa «peregrinação» passa da primeira novela para as duas seguintes da trilogia, destino errante bem visível nos títulos, *O Pastor Peregrino* (1608) e *O Desenganado* (1614). O mesmo procedimento verificou-se nas duas partes dos *Infortúnios Trágicos da Constante Florinda*, de Gaspar Pires de Rebelo, em qualquer uma das longas novelas do Padre Mateus Ribeiro, ou ainda nas histórias dos três protagonistas da primeira parte dos *Brados do Desengano* (1736), obra assinada por Leonarda Gil da Gama, anagrama e pseudónimo de Soror Madalena da Glória. Para além de se poder constituir como metáfora dos enganos da ventura e das certezas do desengano, desenvolvida nos complexos contornos da diegese, esta obra de Madalena da Glória apresenta um tratamento do espaço com características semelhantes à novela *Agravo e Desagravo da Misericórdia*: em primeiro lugar, pela oposição entre o espaço fixo da diegese, lugar de encontro dos protagonistas, situado em parte indeterminada, e os espaços diversos das metadiegeses, correspondendo aos percursos imbricados de cada uma das personagens; em segundo lugar, a dispersão geográfica, de norte a sul, do oriente ao ocidente, dos caminhos que conduziram Alexandre, Cloriano e Félix, a um espaço «zero», podendo esta dispersão ser entendida como metáfora de um estado de alma, marcada pelo desengano das paixões e vaidades humanas, e em processo de reconversão ao verdadeiro caminho. De alguma forma, a dispersão espacial que atinge o conjunto da narrativa é uma marca da «errância» inicial, reflexo da desorientação dos protagonistas, atingidos pela adversidade, num processo de *questing journey*, motivado pela fuga, pela necessidade de reconhecimento ou de reabilitação, depois de algum acontecimento de carácter mais ou menos trágico ou impositivo.

## 2.

Neste quadro da produção narrativa barroca, a novela *Agravo e Desagravo da Misericórdia*, que se mantém manuscrita até hoje, constitui uma das mais interessantes novelas de caráter moral e exemplar. É conhecida por uma cópia da Biblioteca Municipal do Porto, com letra do século XVIII, constando de um volume onde também foi copiada a obra *Christiados ou Vida de Christo Redemptor Nosso*, da autoria de José Mendes da Silva, falecido em 1736. Na mesma folha de rosto, a novela é atribuída a Soror Maria do Céu, religiosa no Convento da Esperança da cidade de Lisboa, informação que deve ser aceite com algumas reservas tendo em conta a diferença dos enredos e do estilo em relação às novelas conhecidas desta autora, sendo difícil entender que alguma das suas obras, sempre tão procuradas e esperadas, tenha deixado de ser publicada.

Fugindo aos esquemas apertados do gênero alegórico, o mais cultivado pela autora, *Agravo e Desagravo da Misericórdia* cumpre com os aspectos necessários à captação de uma leitura atenta: novidade, variedade e exemplaridade. O grande tema a ser desenvolvido diz respeito às *Obras de Misericórdia*, obras corporais e espirituais, matéria moral da maior importância, glosada na literatura e na pintura, mas que, nesta novela, adquire uma perspectiva completamente inesperada.

Seguindo uma estrutura típica das narrativas exemplares, a novela apresenta uma primeira parte que funciona como introdução: situa-se a narrativa no tempo e no espaço, apresenta-se a protagonista e o motivo que levará ao desenvolvimento da história e à sua conclusão edificante. Assim sendo, em terras de Itália, mais propriamente em Florença, se apresenta a jovem Floriteia, «ilustre como muitas; fermosa como poucas; engraçada como menos; se respeitarmos fazer aliança a graça com a beleza; não livre nos costumes mas na pessoa, por estar ainda alheia de ser alheia sem que do contrato nupcial conhecesse mais que as pertençações pelos ouvidos» (fls. 2-2v). Era engraçada mas também imponderada, e essa desenvoltura irresponsável levou-a, numa tarde amena, em conversa de passeio com as amigas, a tecer comentários sobre o valor das obras de misericórdia: «entendo-as em mui diferente sentido que aquele comum, que lhe deu este nome. Assim não tenho nenhuma devoção com elas, nem hei-de ter nenhum exercício» (fl. 1v). E passou a expor a sua interpretação da Misericórdia em catorze propostas, claramente distorcendo o sentido da caridade associada a estas obras:

Dar de comer a quem tem fome, é fartar gulosos.  
Dar de beber a quem tem sede, embebedar vilões.  
Dar de vestir aos nus, tomar o ofício aos alfaiates.  
Visitar os enfermos e encarcerados, inquietar os doentes e tratar com os facinorosos.  
Dar pousada aos Perigrinos, encher a casa de ladrões.  
Remir os captivos, enriquecer os mouros.  
Enterrar os mortos, fazer saudade aos vivos.  
Dar bom conselho, é presumpção de entendimento.  
Ensinar os ignorantes, encher de malícia a inocência.  
Consolar os tristes, diminuir o merecimento de padecer.  
Castigar os que erram, agravar o próximo.  
Perdoar as injúrias, facilitar insultos.  
Sofrer com paciência a fraqueza de nossos próximos, cobardia de ânimo.  
Rogar a Deus por vivos e defuntos, arremedar as merceeiras.  
(fls. 2-2v)

Com tais palavras, e insistindo que falava «muito de siso» (fl. 2v), foi motivo de grande escândalo entre as amigas, que tentaram demovê-la, «mas Floritea nem se mostrava corrida, nem se prometia emendada, segurando sempre a firmeza de sua opinião na desistimação daqueles exercícios» (fls. 2v-3).

Assim ficou cumprida a primeira parte anunciada desde logo no título da novela: *agravos da misericórdia*. E é esta primeira sequência que permite o desenrolar do enredo e o desenho da estrutura da narrativa, encaminhando-a para a segunda parte, *os desagrvos da misericórdia*. Assim, de forma extremamente engenhosa, a matéria não estará dividida em capítulos, nem em partes, mas em «dias», exactamente catorze dias, tantos quantos os desvarios de Floriteia, cada um correspondendo ao desagravo de cada uma das catorze obras de Misericórdia.

O castigo da presunção de Floriteia começou com a viagem da donzela de Florença para Cortona. Em determinando momento, quando pararam para descansar e enquanto a moça esperava que lhe preparassem a refeição, afastou-se sozinha para o interior da floresta. Nessa altura, a sua comitiva foi acometida por um bando de salteadores.

Não estava Floriteia tão longe que se lhe escondesse o estron-do, ainda que não percebesse a causa deste fracasso; e querendo voltar e fazer especulação dele, se achou presa, não dos salteadores, mas dos seus próprios cabelos, que mal sujeitos só ao caso de uma fita, se lhe enredaram de sorte, ao querer romper pela maleza, nos esgalhos dos ramos de uma oliveira, que por mais diligên-

cias que fez para desenredá-los, não lhe foi possível o conseguiu-lo. (fls. 3v-4)

Sujeita a tal situação, chamou e lamentou-se, «mas porque lhe faltasse até o desafogo da queixa, ficou a voz extinta nestes lamentos, como cansada já naqueles brados: assim com o peito cerrado e o coração aberto se via a triste dama tão muda como as aves» (fl. 5v). Não podendo pedir ajuda, sem fala, sem movimentos, durante catorze dias ali esteve a donzela, sujeita à chuva e ao sol do dia e às sombras da noite. À sua frente estava uma clareira e neste cenário vão desfilar catorze representações, envolvendo um número extraordinário de personagens, cuja experiência testemunha sem discussão a dignidade e a validade de cada uma das obras da Misericórdia.

A estrutura de cada um dos «dias» é semelhante, do amanhecer ao anoitecer, em cada um se demonstrando o valor de uma obra, até completar o desagravo de todas elas e Floriteia reconhecer o seu erro e ser resgatada do seu padecimento. A imobilidade e a mudez da moça contrastam com a eloquência, a variedade e diversidade dos viajantes que paravam na clareira da floresta. E o progressivo enfraquecimento da donzela, sem alimento e sujeita ao frio e ao medo da noite, corresponde a um lento acordar da consciência e do entendimento dos desígnios da sua desventura.

A grande qualidade desta novela está no engenho com que trata a matéria moral. Se no nível das segundas narrativas continua a complexidade dos enredos, marcados por resoluções inesperadas e coincidências recambolísticas, na esteira da novela de entretenimento, contudo ganha uma insólita unidade ao impor o ponto de vista de Floriteia, personagem «fixa» que surge como princípio organizador, distribuidor e avaliador da variedade metadieética.

Sem que a protagonista tenha de partir numa peregrinação ou lutar com as forças do Mal (como acontece com as protagonistas das novelas alegóricas), a aprendizagem e o amadurecimento espiritual acontecem pela contemplação e pela reflexão: a dinâmica do espaço do protagonista é transferida para o universo metadieético, onde atinge um grau considerável de diversidade, sendo substituída na primeira narrativa por uma dimensão estática. Floriteia ficou presa na floresta durante catorze dias, perdida a voz e perdida gradualmente a presunção imponderada. À sua frente, na clareira onde desemboca o caminho, improvisa-se um palco. Apresentando uma estrutura que lembra os autos vicentinos, com o romper de cada dia as personagens entram (fidalgos, frades, militares, peregrinos, cativos,

pastores, camponeses, ciganos, estudantes, donzelas, caçadores, músicos, mercadores...), dialogam, representam o papel que lhes foi atribuído e a que melhor se parecem adequar, contam as suas histórias ou casos ouvidos a outros, sentenciam sobre as matérias e voltam a sair, deixando o palco, quando chegam as sombras da noite, entregue a Floriteia, a única espectadora. Assim, para além da técnica de encaixe narrativo, temos presente a representação dentro da representação, numa técnica de espelho, de *mise en abîme*. O leitor aprenderá com a dor de Floriteia, que aprendeu com o sofrimento de catorze dias e com a experiência de uma multiplicidade de personagens, todos eles representando exemplarmente uma obra de caridade, e em tais extremos a praticando que conduzem Floriteia à meditação e ao lamento do abuso cometido. Mas o leitor terá no seu campo de visão, no cenário da floresta, o palco e a espectadora, um pros-cênio bem mais amplo.

É no universo das narrativas de segundo grau que se compõe a complexidade e a multiplicidade narrativa, alcançando variados tempos e espaços. Cada metadiegeese, enunciada por um narrador específico, transforma-se em unidade autónoma, quase como um pequeno conto, de sabor sentimental, exótico ou até fantástico, mas terminando sempre com o reconhecimento da validade das obras de Misericórdia, no fim de contas, a intenção temática da novela.

### 3.

Desta diversidade de tempos e espaços faz parte o episódio que tem lugar no último dia do castigo de Floriteia. À sua frente já tinha passado gente vinda de partes diversas e contando casos passados na Itália, na França, Castela, norte de África, Angola e Constantinopla. Naquele dia amanhecera um céu carregado de nuvens; a chuva matou a sede da donzela, mas não a fome, atormentada ainda pela roupa molhada e pelo frio.

Assim passou a manhã, dizendo repetidas vezes: aqui espero, Senhor, os fins da vossa justiça, os princípios da vossa misericórdia, ou já para a vida encontrando-vos propício no remédio, ou já para a morte achando-vos clemente na Eternidade. (fl. 174v)

A tarde veio com sol e trouxe os dois últimos viajantes da floresta, acabando por cumprir a contemplação da última obra de Misericórdia: um jovem nobre, Rosicloro, e um venerável ermitão

que, de joelhos rogava com devoção a Deus por vivos e defuntos, a sétima obra espiritual. Mostrou Rosicloro a mesma devoção não só com esta mas com todas as obras de Misericórdia, assim justificando a sua viagem:

Há em Florença uma dama, cujo nome é Floriteia, e concorrendo nesta todas as prendas que em uma mulher a fazem celebrada, ou já da natureza em ilustre sangue ... ou já da fortuna em rico dote, apagou as luzes de misto tão soberano com a nota de um abuso tão feio, como desconhecer nas obras da misericórdia a caridade cristã que resplandece nelas, porque dando-lhe diferentes sentidos, indignos todos de doutrina tão venerável, descompôs com eles a séria gravidade deste precioso tesouro ....

E correndo a fama de tão indecente desatino, chegou aos meus ouvidos, com admiração deles. Afervorado assim o zelo à vista do escândalo, me resolvi ir em busca de Floriteia para que, com a reverente política que deve um cavalheiro a uma dama, possa repreender o seu abuso, convencer a sua opinião, emendar o seu erro, e fazer este sacrifício à misericórdia, de cuja fermosura me confesso amante. (fls. 176v-177)

À admiração do ermitão por tão grande impiedade juntou-se a vergonha de Floriteia ao ouvir que era dela que o nobre Rosicloro falava. A pedido do jovem nobre, procedimento comum na introdução de segundas narrativas, o Ermitão deu início à sua história: «Que no floridíssimo Reino de Inglaterra, então glória dos católicos, hoje lástima dos fiéis, houve um Rei por nome Eduardo...» (fl. 177v). A esta primeira anotação espacial, acrescenta-se o espaço onde decorre a acção, a cidade de Londres, dois palácios e uma igreja, sendo que esta exiguidade descritiva aponta claramente para o domínio da acção sobre as restantes categorias narrativas. No mesmo sentido aponta a escolha das personagens, construídas com alguma verosimilhança, mas sem fundamento histórico. Na continuação da história, conta-se como tinham proposto ao Rei Eduardo casamento com Isabela de Portugal, «Infanta daquele nobilíssimo Reino, tão aventejado aos outros, que pode chamar-se rosa de Espanha, pérola da Europa e delícia do mundo» (fl. 178).

Pelas circunstâncias religiosas enunciadas, o sucesso deve ser colocado antes de 1534, sendo que nenhum dos reis de Inglaterra, desde Eduardo I até Eduardo V, que foi rei em 1483, casou com alguma princesa de Portugal. As referências mais próximas dizem respeito ao casamento de D. Filipa de Lencastre, filha mais velha de João de Gaunt, 1.º Duque de Lencastre, com D. João I, em 1387, e ao casamento de duas

princesas de nome Isabel de Portugal: a primeira, filha de D. João I, com Filipe III de Borgonha, em 1430, e a segunda, filha de D. Manuel I, com Carlos V, em 1525. Só no século XVII aconteceu um casamento real com Inglaterra, o de D. Catarina de Bragança, filha de D. João IV, com Carlos II em 1662. Seria mais próxima a memória deste último casamento, havendo até alguma semelhança no carácter do «rei Eduardo» com o carácter afável de Charles II de Inglaterra, mas os acontecimentos são deliberadamente projectados num passado mais longínquo, misturando factos e memórias que não coincidem temporalmente e que naturalmente se confundem, ganhando foros de verosimilhança.

A continuação da história nada mais adianta neste aspecto, ficcionando as outras personagens, como seja a referência ao Príncipe Florisberto da Escócia. Estavam ainda nas conferências iniciais, quando a esquadra do rei chegou trazendo uma nau portuguesa capturada nas costas da Galiza, onde vinha uma dama de rara beleza e de sangue ilustre com vasta e rica comitiva. Tendo em conta a aliança futura com a princesa de Portugal, o Rei aposentou a dama portuguesa num palácio junto da corte. Não demorou a visitá-la e ficou rendido à beleza de Maximília que, sensata e prudente, rejeitou todos os oferecimentos de Sua Majestade.

Neste estado de coisas, aconteceu que o Rei visitou uma igreja de religiosos eremitas que lhe contaram como, todos os dias, às primeiras horas da noite, uma mulher de rosto coberto ali rezava devotamente pela vida e pelo bom sucesso do Rei Eduardo e pela alma do defunto Florisberto, Príncipe da Escócia. O Rei esperou e assistiu escondido às orações da dama encoberta; no final saiu-lhe ao encontro, insistindo em conhecê-la. Valeu nesta aflição o inesperado aparecimento do fantasma do Príncipe da Escócia que, apagando todas as luzes, favoreceu a fuga da dama desconhecida. E o Rei, por mais que procurasse, dentro e fora da igreja, nada pôde encontrar. Quando se retirava deparou-se ainda com Olinda da Escócia, noiva do defunto Príncipe, que tinha vindo a Londres e que se queixava da ausência das visitas do Rei ao seu palácio.

No dia seguinte, sobre tudo isto reflectia o Rei Eduardo, vendo o seu coração dividido em três affectos: a Infanta de Portugal, a bela dama Maximília, e a comoção que sentira com a piedade da dama encoberta a cujas orações devia os seus sucessos. Mas, ao jantar, quando expunha as suas dúvidas, foi interrompido por um dos seus conselheiros. Acontecera que, pela manhã, saindo o Rei ao campo, os pescadores lhe tinham oferecido um peixe, logo destinado para o jantar. Quando os cozinheiros o

abriram, encontraram no buxo um retrato, o mesmo que agora o conselheiro lhe mostrava:

admirado El-Rei, pegou na lâmina, em cuja guarnição luziam preciosíssimas pedras; e vendo nela a imagem de Maximília, tão natural, e tão viva, que podia agravar-se a alma dos furtos que lhe fizera o pincel, passou desta vista a ler umas letras dóricas, que em idioma português ... diziam: Isabela Infanta de Portugal, oradora de Eduardo Rei vivo, e Florisberto Príncipe defunto. (fl. 186)

Tendo logo voltado do campo para Londres, o Rei procurou a Infanta e obteve dela a confirmação dos factos e da sua piedosa devoção, vendo na mesma pessoa reunidos os três affectos. Quando a princesa portuguesa lhe fez notar como o seu coração de Rei facilmente parecia dividido, afirmou ele a sua dedicação: «assim como para todos, disse El-Rei, não há mais que um sol, para Eduardo não há mais que uma Isabela, ainda que para esta haja aquelas piedades, que não sei se fizeram um morto vivo, ou um vivo morto» (fl. 189).

Tudo parecia bem e a história podia acabar aqui, mas o caso do espectro do príncipe Florisberto não ficou resolvido. Estando Isabela sozinha, às primeiras horas da noite, apareceu-lhe o defunto fantasma, que lhe anunciou grandes desgraças se acontecesse o casamento com o Rei Eduardo. Assustada, a Infanta resolveu regressar a Portugal. Logo soube o Rei do sucedido e no dia seguinte procurou Isabela. No parque do palácio, invocou o Príncipe da Escócia para que lhe aparecesse. Lutaram e o do corpo do suposto fantasma saiu sangue, prova maior da falsidade da aparição. Acabaram por subir os dois à presença da Infanta, indignada por assim corresponderem à piedade das suas orações. Florisberto teve de explicar o facto de estar vivo, como tinha escapado da tempestade e da morte e depois foi levado por Olinda, que entretanto também chegara. Daí a poucos dias partiram para a Escócia.

Quanto ao Rei e à Infanta de Portugal, «se celebraram em Londres os desposórios deste Rei, com pompa tão magnífica, que não ouve ali memória que se lembrasse de ver naquela corte espectáculo de tal magnificência, donde Isabela ficou a lograr o fruto da sua misericordiosa devoção, pois com ela fez venturoso aquele Príncipe, de que foi consorte, e aquele Reino de que foi senhora» (fl. 195v). E, com este definitivo efeito exemplar, terminou o ermitão de contar a história em louvor da última obra de Misericórdia. Aprendeu o leitor, aprendeu Floriteia e Rosiclora, ouvintes do ermitão, aprendeu o Rei Eduardo com o exemplo

da sua futura esposa, todos beneficiando da caridosa prática da Infanta de Portugal. Assim, se Rosiclóro ouviu o caso com grande comoção, foi Floriteia, arrependida e envergonhada, que com mais intensidade se perturbou:

Grande foi, ó Isabela, a tua devoção, grande a tua humildade, pois nascendo Infanta, nem os divertimentos alteraram a observância, nem a soberania a forma com que a exercitastes; e nesta obra, que por última é a coroa de todas, quando me parece menos custosa que nenhuma, ficam com os mortos os meus desvarios e com os vivos as minhas emendas, reconhecendo, ainda que tarde, naquele exemplo, o quanto se estima e o quanto vale encomendar a Deus os vivos e defuntos:

Nesta obra meritória  
Já todo o fiel assista,  
Pois com ela se conquista  
De um e de outro mundo, a glória. (fls. 195v-196)

Depois deste reconhecimento, a donzela recuperou a voz e foi socorrida por Rosiclóro. O mancebo cortou-lhe cuidadosamente os cabelos enredados nas silvas com uma tesoura e levou-a para casa de sua irmã. Passado algum tempo, celebraram o seu casamento.

#### 4.

Passou-se a história exemplar do Rei Eduardo e da Infanta Isabel de Portugal no «floridíssimo reino» de Inglaterra. Tendo em conta o carácter didáctico deste sucesso, e também do conjunto da obra, parece que esta circunstância faz parte de uma estratégia de sedução e de persuasão do leitor. Em qualquer outro espaço e com outras personagens poderia, efectivamente, ser comprovada a validade desta específica obra de Misericórdia, mas a participação na intriga de personagens de estatuto régio reforça a lição que se pretende transmitir.

Quanto ao espaço, no reino de Inglaterra e na cidade de Londres, com a Escócia lá mais ao longe, constitui uma referência única na novela barroca portuguesa, que se caracteriza pela imensa amplitude e diversidade topográfica. Os sucessos passam, não só nesta mas nos enredos das diversas novelas exemplares, pela Itália, pela Espanha, pela Dinamarca, pela Polónia, Alemanha e França, estendendo-se à Turquia, Jerusalém, descendo ao norte de África e mais a sul, procurando a sedução da

distância, do exótico e do cosmopolitismo. Mas não se alongaram para lá da Mancha, nem prolongaram uma tradição que, desde a Idade Média, envolvia as novelas de cavalaria e os tratados morais. Num contexto de produção conventual e essencialmente religiosa, que contamina praticamente toda a produção ficcional romanesca da época barroca em Portugal, os temas e o espaço de Inglaterra, «hoje lástima dos fiéis», seriam sempre uma presença herética incómoda. Este facto torna a escolha deste espaço, como pano de fundo para a última obra de misericórdia, ainda mais significativa, mas obrigou a um recuo estratégico no tempo narrativo do episódio, para uma idade em que o Reino de Inglaterra era «então glória dos católicos», quando havia um Rei Eduardo e uma Infanta de Portugal chamada Isabel.

Nestas circunstâncias, as histórias que ensinaram Floriteia, obrigando-a a prestar atenção à matéria que tão gravemente ofendera, cumprem com os princípios que marcam a ficção romanesca barroca. A diversidade e a novidade, patentes no ambiente cosmopolita e sofisticado da novela, capazes de fazer as personagens mais distintas deambular pelo «exótico» do Oriente, pelas terras africanas e pelas capitais e cortes europeias, deleitam os espíritos; e o exemplo ensina e moraliza. Como dizia Horácio, numa lição antiga que a literatura barroca praticamente esgotou: *Omne tulit punctum qui miscuit utile dulci, lectorem delectando pariterque monendo* (*Arte Poética*, vv. 343-344).

### **Transcrição<sup>1</sup>**

**(Manuscrito 1412, Biblioteca Pública Municipal do Porto, fls. 177v-195v)**

Que no floridíssimo Reino de Inglaterra, então glória dos católicos, hoje lástima dos fiéis, houve um Rei por nome Eduardo, de tão fermoso semblante, tão galharda presença, que se fez assumpto da fama a gentileza rara da sua pessoa, voando esta já em línguas, já em retratos, a fazê-lo digno não só dos louvores, mas das admirações. Porém, como ordinariamente observa a fortuna ser inimiga daqueles que favorece a natureza, era Eduardo tão pouco feliz nas suas empresas, que de nenhua saía com glória, de todas com perda, não lhe faltando prudência para as resoluções, sobrando de valor para os empenhos. E esta é a suma desgraça, não errando as causas segundas, estar severa a primeira. Com a mesma fortaleza que este Príncipe saía aos lances, ficava aos infortúnios, (fl. 178) desprezando-os discreto, quando não podia evitá-los diligente. Sucedeu pois a

transmutação deste grande teatro da sorte, quando se esperava menos, mudando os seus sucessos de semblante, antes com se-  
nho, depois com alegria. Seguiram-se as desgraças às ditas, as  
exaltações aos despenhos. Já em Londres se praticavam aplau-  
sos, não lamentos, por que eram triumphos os que tinham sido  
desastres. Um ano havia que lograva El-Rei esta exaltação da  
fortuna, quando ao tempo que as suas armas tinham as por-  
tuguesas por inimigas, lhe propuseram os seus o casamento  
de Isabela de Portugal, Infanta daquele nobilíssimo Reino, tão  
aventejado aos outros, que pode chamar-se rosa de Espanha,  
pérola da Europa, e delícia do mundo, para que este laço augus-  
to fosse concórdia ao mesmo tempo que fosse prisão. Andava a  
fermosura da Infanta mui célebre naquele clarim, cuja melodia  
volante não só se levava pelas coroas dos Príncipes (fl. 178v)  
esta notícia, mas também a de outras prendas suas, que po-  
diam ser lustre de sujeito tão soberano.

Assim ouvia El-Rei com estimação a prática, que não tinha  
passado das primeiras conferências, quando foi avisado que as  
suas naus tinham chegado com a presa de outra. Era portugue-  
sa esta, e que nela vinha uma dama de rara beleza e, segundo  
as notícias, de illustre sangue, em que resplandecia o melhor da-  
quele Reino, de donde navegava ao de Galiza em cumprimento  
de um voto a visitar o célebre Sanctuário do Patrão de Espanha;  
e que trazendo decorosa companhia de criados, estava sus-  
penso o agasalho de todos, esperando-se a forma em que sua  
Majestade o dispunha.

Eduardo, que na esperança das premeditadas núpcias, de-  
sejava já de antes agradar que desabrir aos portugueses, res-  
peitando também as galantarias que se deviam a tal dama,  
mandou fosse (fl. 179) aposentada com os seus em um palácio  
que ficava fora, mas junto à corte, e nele assistida de tudo que  
precisasse, não só a necessidade, mas o regalo, sendo entregue  
de quanto trazia quando aprisionaram. Executada esta ordem,  
ficou Maximília, que assim se chamava, a lograr os benefícios  
dela, que enxugaram em parte as lágrimas do seu infortúnio.

Desejoso El-Rei de vê-la, mais pelo enteresse dos ouvidos  
que dos olhos, quando esperava informar-se com particulares  
notícias da Infanta, cujas ideas formavam já na sua fantasia  
um conceito amante, se foi ao palácio. Avisada Maximília deste  
favor, saiu a recebê-lo. Olhou-a<sup>2</sup> com atenção Eduardo e vendo  
naquela beleza, antes encarecida, as ventagens com que se fazia  
maior que os louvores, com alma de semblante, gravidade de  
acções, tudo tão alheo das fermosuras do seu País, ficou ab-  
sorto no primeiro encontro dos olhos, que divertidos em tão (fl.  
179v) soberano objecto, parece o esqueciam das políticas a que

ali estava obrigada a voz. Mais em si ficou Maximília, mas também não desdinhou os reparos, que na galharda prisença de Eduardo se faziam precisos. E cobrado da suspensão, disse ele: saí, senhora, de Londres a buscar-vos, e sendo dous os motivos que me trouxeram, só de um se lembra o desejo, que era ver-vos, quando também vinha a perguntar por outrem. De toda a sorte, respondeu ela, devo agradecer o favor, que reconheço por grande, com os mais benefícios que tenho recebido da vossa generosidade. Mas por quem é que vínheis perguntar, pois vos não pode esquecer? Desejam os meus vassallos, respondeu Eduardo, que a vossa Infanta seja a sua Rainha. Daqui podeis infirir o que queria saber, mas o empenho do ouvir era na suposição de que não havia tanto que ver. Toda a novidade, disse Maximília, lisonjea os olhos; se eu não fora de outro País, menos acharam aqui que estimar os vossos. Tão remoto, respondeu ele, é o (fl. 180) País de que vos considero! Que me parece decestes lá do remontado sólio dos deuses a iluminar a terra<sup>3</sup>, quando não sejais a mesma Vénus achada e nascida naqueles mares, aonde vos encontraram as minhas armas, para celebrarem tão nunca visto triumpho. Tão lisonjeiros paradoxos, respondeu ela, parece que os acusa a modéstia, quando não seja a razão. E pois a minha Infanta é expectação da vossa coroa, não gasteis comigo os estilos, que só ficarão bem empregados nela. Essa fortuna, disse ele, está muito longe e vós muito perto. Mais perto fica, disse Maximília, o que pode estar no coração, que o que é só para os olhos. Que olhos vos veriam, disse El-Rei, que não dessem entrada ao coração? Eduardo, disse Maximília, eu nasci desigual para o vosso sólio, Portuguesa para as minhas isenções. Assim não queiraes fazer agravo do que viestes a fazer favor, entendendo que, para os meus decoros, os carinhos são injúrias e as galantarias ofensas, quando ao exame (fl. 180v) da severidade deles, não fica a ser só política o que traz visos desta cor. Vendo El-Rei o cenho, ouvindo as razões de Maximília, apesar dos affectos, que parece tomaram mais força à vista daquela isenção galharda, tão peregrina em Londres, como achada em Portugal, e satisfeitos os cumprimentos da visita, voltou para a corte tão outro do que saíra dela, quanto vai de livre a rendimento. E como amor é fogo que se alimenta das operações, repetia Eduardo as visitas de Maximília, em cuja gravidade encontrava sempre a mesma soberania, e também o rejeite dos preciosos dons que lhe tinha oferecido, com termos tão corteses, que se não agravava a Majestade.

Neste estado se via o seu cuidado, quando achando-se em um devoto Templo de Religiosos Eremitas, soube deles como todos os dias às primeiras horas da noite entrava naquela igreja

uma mulher, cujo rosto coberto disfarçava a pessoa, e que esta, em devota postura e alta (fl. 181) deprecação, encomendava fervorosamente a Deus assim a sua vida, como os seus sucessos, juntamente com a alma do Príncipe de Escócia, Florisberto, que havia um ano era difunto. Estranhando Eduardo a notícia, pois se é uso encomendarem-se a Deus os Reis em outra forma, naquela era novidade, resolveu esperar ali a noite para fazer especulação do caso, reconhecendo a mulher a cujo cuidado devia tão continua obrigação. Presente a hora costumada, escondido ele em uma capela da igreja, a viu entrar nela com duas mais que lhe faziam companhia, e rebuçadas todas, vestidas não rica, mas decentemente. E ajoelhadas diante do altar mor, depois de orarem menos espaço as duas, levantou a voz a outra, dizendo: ponde, Senhor, os olhos da vossa clemência em Eduardo Rei, para que em larga vida reconheça felicíssima sorte; sejam ditosas as suas empresas e mais que tudo agradecido o seu coração, que a fazê-lo estas ingrato, não ficavam a fazê-lo venturoso. Um ano há que chego a vós com (fl. 181v) semelhante súplica, e ainda que na emenda da sua fortuna a vejo despachada, a não dou por feita, pois na conservação das ditas está o melhor delas, e na vossa liberalidade magna não há limites, ainda que nas minhas culpas há deméritos. Também vos rogo pelo defunto escocês Príncipe; saia a sua alma de penas a engolfar-se naquele oceano vastíssimo da vossa glória.

Esta foi a deprecação manifesta da incógnita dama e, passando à mental tarefa, ficou um pouco mais no mesmo lugar e na mesma postura, até que acabada a oração se levantou para deixar o templo. Quando saindo-lhe El-Rei ao encontro e alguns criados com luzes detendo-a, disse: ouvi, senhora, a vossa deprecação devota, e fora indigna acção de quem sou não conhecer a bemfeitora para pagar o benefício, ainda quando não estivera logrando os frutos dele, como vós confessastes, e eu experimento. Não sei, oh Rei, respondeu ela, que se paguem orações senão às (fl. 182) merceeiras, e quando neste género de serviço coubera recompensa, só pedira a de me deixares livremente, sem ser especulada, nem seguida. Instava El-Rei, mais com rogos cortesões que com diligências soberanas. E vendo ela neste perigo o seu segredo, lhe ofereceu uma jóia, dizendo se contentassem as suas curiosidades com a inferência que podia fazer da sua pessoa à vista daqueles diamantes, e também da palavra que lhe dava, de fazê-la manifesta em outra ocasião. Pegou El-Rei da jóia, dizendo que a ser furto o que fora favor, se presumira outro Promoteu, roubando ao sol um raio, pois o luminoso daqueles diamantes raio do sol parecia, mas que os não aceitava sem a troca daquele relógio. Era este preciosíssimo, e a encoberta

respondeu tomaria o relógio se a deixasse ir, e não só serviria de sinal para quando se descobrisse, mas também de contar em tanto as horas que importavam ao seu segredo. Mas El-Rei, que se não acomodava a ficar ignorante no (fl. 182v) sucesso, continuava as persuadições, quando saindo de uma capela escura um homem, se faz presente, dizendo: eu sou o defunto Florisberto, que agradecido as tuas orações, venho socorrer o teu aperto. Vai-te em paz, que não serás seguida. E apagando as tochas que junto a El-Rei ardiam, sem que os criados rendidos ao assombro pudessem estorvá-lo, os deixou às escuras, por que à diurna luz das alâmpadas, como era grande a igreja, só se divisavam os vultos. Mas Eduardo, em cujo coração não cabia temer, chamou que tornassem a acender<sup>4</sup>. E animando-se um dos religiosos que o acompanhavam, o fez, mas quando apareceu a luz, já tinha desaparecido assim a dama, como a fantasma, em busca dos quais correu El-Rei a Igreja toda, sem escapar deste exame a mais retirada capela. E passando a fazê-lo fora, se encontrou na porta com Olinda de Escócia, prima do mesmo Florisberto, e tão grande senhora assim no sangue, como no estado, que estava tratado com ele o seu (fl. 183) casamento, quando sucedeu a desgraça da sua morte. E querendo Olinda enxugar as lágrimas desta perda com novas esperanças, vendo-se dama não só de real sangue, mas de aprazível presença, passou a Inglaterra a ver se podia esta conseguir os agra-dos de Eduardo, por que uma coroa fosse satisfação da falta de outra. E depois de visitar o célebre teatro de Santo Tomás de Cantuária, com cuja romagem cobriu os seus intentos, satisfeita esta aparente devoção naquelas relíquias sagradas, então corpo, depois cinzas (tal foi a barbaridade herética), passou a Londres com o pretexto de ver aquela corte, onde foi festijada de Eduardo, como mereciam os requisitos que concorriam na sua pessoa para a estimação.

Encontrando-se pois com ele naquele convento, de quem era bemfeitora, disse: não sei como as assistências de Maximília vos deixaram lugar para este cuidado, quando estas cortaram até pelas (fl. 183v) atenções que se deviam à minha pessoa, vindo esta coroar as glórias de Londres, pois é cousa rara vezes vista nas cortes dos Príncipes o serem as Princesas hóspedes suas. As piedades, senhora, que exercito com uma pobre prisioneira, respondeu ele, são muito alheias das galantarias e aplausos que se devem à vossa assistência e que tendes experimentado nelas, mas próprias de um animo real. Assim mal podia esquecer-me uma cousa por outra. Vejo-vos tão trocado, respondeu ela, para os meus obséquios, que não posso acusar de temerário este juízo. Mas ainda que vós não sejais já Eduardo, sempre fico

a ser Olinda. Assim não sirva de embaraço este encontro, se ides daqui visitar a portuguesa, que eu fico bem empregada em mais religiosa visita. Respondeu El-Rei que às fortunas só eram embaraço as desgraças, e que ele esperava para acompanhá-la como saísse da igreja, aonde Olinda gastou pouco tempo, (fl. 184) respeitando este inconveniente sem saber do que tinha passado, porque El-Rei, por lhe escusar o sentimento de tão pavorosa notícia, preveniu este segredo.

Voltou acompanhada dele ao seu palácio, onde deixando-a e tornando ao próprio, começou a fazer discurso do que tinha sucedido. Paricia-lhe que aquele aparecimento tão notável não podia ser indústria da dama, pois não saíra da sua presença, nem tão bem de algum homem que lhe viesse assistindo, pois a vira entrar desacompanhada deles. Presumia não ser suposta a fantasma e que, assim como ele na sua fortuna experimentara os milagres daquelas rogativas, o difunto Florisberto se acharia com igual obrigação para a recompensa daquele socorro, que inculcava ser tão importante o segredo, quando de tão intratável região viera zelá-lo. Mas como são mui vários os juízos que forma a dúvida, tornava a destruir estes, parecendo-lhe que também poderia ser (fl. 184v) algum amante que, escondido na capela, esperaria a dama na Igreja, e conferindo com os seus íntimos estes pensamentos, e também as preciosidades da jóia que a dama lhe dera, em que achou tam raros os diamantes e tão novo o capricho, se persuadiu a que não podia ser prenda senão de pessoa ilustre, pois se o rico se acha no vulgar, o bom gosto só no soberano. Este conceito fazia do ser daquela dama, cuja promessa entretinha o desejo de conhecê-la.

Com estes cuidados saiu Eduardo uma menhã ao campo, e quando lograva o divertimento deste, chegaram uns pescadores apresentando-lhe um peixe de tão estranha grandeza, que se fez digna oferta de um Rei, o qual pagando generosamente a galantaria, mandou o adereçassem para o jantar. Havia de ser este em uma casa sua, coroa daquelas amenidades, e ficando só com os criados mais confidentes, começou a desabafar (fl. 185) com eles os seus cuidados, dizendo que se achava só com um coração e três affectos a credores deste: um que respeitava a grandeza, o queria para a Infanta de Portugal; outro que arguia pelo amor, para a prisioneira Maximília, e o último, que olhava para a obrigação, para a dama encoberta. E que a ser esta ilustre, como presumia, entrava em argumento a sua escolha na prática de eleger esposa entre as três. Pois, ainda que os requisitos reais da Infanta eram os que convinham à sua coroa, a encoberta, devia a esta todas as felicidades, e Maximília lhe arrastava todo o alvedrio.

Ouvido El-Rei dos criados, respondeu um que não se admirava, ainda que sentia fizesse Maximília competência com a Infanta, quando a fermosura e o amor são os dous pólos em que muitas vezes se sustentam as disparidades; mas que a encoberta, sem que Sua Majestade tivesse visto se era de anos verdes ou (fl. 185v) maduros, de feio ou agradável semblante, corresse o mesmo paralelo! É que mais estranhava. E como podem deixar de ser verdes anos, respondia El-Rei, no garbo daquele corpo, no xarifo daqueles cabelos, no cristal daquelas mãos! E em quanto ao semblante, não seria tão nécia a natureza que entregasse estas prendas a uma fea podendo empregá-las em uma fermosa. Senhor, casai como Rei, que o mais será errar como homem. Melhor será, disse outro, casar com todas três: com uma como Rei, com outra como amante, e com a última como obrigado. Eu vos dera de alvíssaras, respondeu Eduardo, parte da minha coroa a poder fazê-lo como católico. Mas a encoberta não quis expor o seu segredo a segundo perigo, por que não tornou mais àquele Templo.

Com estas e outras práticas descorriam por aquelas amenidades, em cujos acasos hora se encontravam, hora se não viam, quando um daqueles criados, que (fl. 186) teve com El-Rei a conferência e se tinha apartado, chegando alvoraçado em sua busca, disse: dai-me, senhor, alvíssaras, ainda que não sejam tão generosas com as que prometestes, por que já podeis casar com as três damas sem faltar as atenções de católico. Respondeu El-Rei ao cavalheiro, motejando-o de frio. Mas, como afirmasse repetidas vezes o desmancho do impossível, lhe perguntou o como. Dir-vo-lo-á, tornou ele, este retrato, que se achou no buxo daquele peixe. Admirado El-Rei, pegou na lâmina, em cuja guarnição luziam preciosíssimas pedras, e vendo nela a imagem de Maximília, tão natural e tão viva, que podia agravar-se a alma dos furtos que lhe fizera o pincel, passou desta vista a ler umas letras dóricas que, em idioma português, em que El-Rei e o cavalheiro eram práticos, diziam: Isabela Infanta de Portugal, oradora de Eduardo Rei vivo, e Florisberto Príncipe defunto. De tão novo sucesso foram ali tributos (fl. 186v) as adorações, sendo em El-Rei notável a estimação dele, mal podendo a prudência temperar os excessos da alegria. E despachando logo o Duque Artur, que era um dos criados que ali se achavam, o mandou fosse da sua parte despachar a Portuguesa como a Infanta e não como a Maximília, em quanto ele se dilatava nas prevenções da mesma visita. E depois de comer poucos bocados, por que eram muitos os alvoroços, voltou a Londres, em cujo palácio achou já o Duque com a resposta da Infanta, que sabendo dele a forma do seu conhecimento, disse sentia ser descoberta em quanto d'El-Rei,

seu Pai, não era aconselhada, cujo aviso estava esperando. Mas que acaso tão misterioso não era razão fosse desmentido, que o retrato lhe caíra no mar quando em cumprimento daquele voto navegava disfarçada, por escusar na tal romagem o embaraço do fausto que precisava a grandeza da sua pessoa a ir manifesta. (fl. 187)

Com estes seguros, cresceu em El-Rei o gosto de tal sucesso, e perguntando ao Duque se alcançava a razão daquelas rogativas devotas de Isabela, respondeu de tudo vinha informado. E que sendo a Infanta criada por uma dama, virtuosa matrona, em cujo sangue havia não só os esmeros que se buscavam no cândido, mas também os lustres que se respeitavam no purpúreo, aprendera desta, e por conselho seu, a devoção de encomendar a Deus os vivos e defuntos, com tão piedoso affecto, tão severa observância, que era nela indispensável, assim no número, como na forma, por que todos os dias fazia esta rogativa na sua tribuna, muitos com os pés descalços, e para isso buscava horas nocturnas. E que tinha sempre a Infanta alguns mais particulares por quem fazia a deprecação; os quais em vertude dela experimentavam particulares beneficios do céu. Sabia-se dos vivos, e assim aconteceria aos mortos (fl. 187v). E que chegando à sua presença um dos retratos que andavam do mesmo Rei Eduardo, cuja efígie era inteira, e assim mais natural nela a gentileza galharda d'El-Rei, como também aos seus ouvidos os disfavores da sorte deste, olhando Isabela com atenção o retrato e afeiçoando-se não com alvedrio rendido mas com coração benévolo à presença fermosa da efígie, resolvera ser ele por algum tempo o assumpto da sua devoção, a ver se os fervores dela podiam emendar tão mal merecidos infortúnios, sem fazer objeção de ser inimigo, pois assim ficava mais airosa a caridade; e que chegando juntamente com o retrato a nova de que o Príncipe de Escócia, Florisberto, tinha deixado rendida a vida às procelosas cóleras do oceano, compassiva no conflicto de tal morte e de tal pessoa, fora este o difunto que as suas piedades tomaram então por emprego deste beneficio, estimando tanto o uso referido delas (fl. 188) que se prezava do título que mandara por no seu retrato, ainda que só para as atenções da suas domésticas.

Informado assim El-Rei e divulgado o caso por toda a corte, avisada a nobreza desta, para que com todo o luzimento, acompanhá-la viesse, e vestido Eduardo de preciosíssima gala, que nas naturaes prendas do Rei realçava a fazê-lo singular entre todos, saiu na mesma tarde a visitar a Infanta, que já o esperava prevenida, levando no chapéu a jóia que na igreja lhe dera.

Vestia ela da cor do seu nome, que é aquela a que os Portugueses chamam cor de carne, e os castelhanos color Isabela.

Esta, matizada com muito ouro e pouco verde, ficava a fazer a gala preciosa. O toucado era de jóias, a fermosura singular, que nos endiosados da sua gravidade se fazia mais soberana. Assim a achou a corte de Londres. E como estando nos longes de Portugal (fl. 188v) a desejavam Rainha sua, mais vivo ficaria o empenho, vendo-a perto e encontrando-a tal.

Este tesouro, senhora, disse El-Rei, ainda que encoberto não esteve escondido, pois a preciosidade da vossa pessoa era manifesta. Eu, sim, fui mui ignorante em não conhecer que só real sangue podia viviçar sujeito tão soberano. E passando às mais políticas que pedia a ocasião, foi respondido da Infanta com atenções discretas, achando nela os rendimentos de todos a afável correspondência. Não era ingrata para com El-Rei a dos seus pensamentos, porque depois que o tratou em Inglaterra, passou a carinho a piedade com que se lembrava dele em Portugal, mas a sua devoção nunca foi empenho do amor, sim da misericórdia.

Sentados em duas cadeiras, conversavam já nos primores desta, que El-Rei agradecia com encarecidos affectos, como à fortuna e à glória de tê-la (fl. 189) em Londres. Essa, respondeu Isabela, será por poucos dias, respeitando o trabalho que há-de dar a um Rei o contemporizar com duas Princesas na sua corte, quando ainda sendo eu Maximília, houvestes mister estudo para as satisfações de Olinda. Não duvido, respondeu ele, que haja mister estudo aquela prática que é alhea da vontade, por que se veste um engano, mas não é o custo destas políticas o que pode turbar a glória da vossa presença! Tal é o valor da outra, respondeu a Infanta, que ficaram equivocadas as glórias. Assim como para todos, disse El-Rei, não há mais que um sol, para Eduardo não há mais que ua Isabela, ainda que para esta haja aquelas piedades, que não sei se fizeram um morto vivo, ou um vivo morto. Isso, disse a Infanta, é converter o horror em malícia. Para mim, disse ele, só no que pudera ter lugar a malícia, estivera o horror, mas deixemo-lo ser morto (fl. 189v) para ficar vivo. Eduardo, disse Isabela, zelar fantasmas não é para entendidos, e comigo fora só para desatentos; o vosso império é todo visível, não chegam à região da morte os seus domínios. Mas a tê-la, disse ele, chegara o meu ciúme seguindo as vossas piedades, e com maior sentimento, onde não posso vingar-me delas. Respondeu a Infanta com cenho: mal será para Isabela aquela prática que não era para Maximília. El-Rei então passou a outra mais geral até se despedir. E acabada tão célebre visita, por ordem d'El-Rei, foi a Infanta para outro palácio magnífico, que dentro da corte havia escuso, aonde lhe pôs aquela casa que convinha à sua grandeza. E despachando logo Embaixador

a Portugal com a notícia do sucesso, assim para ajustar as pazes, como o casamento, a mandou pedir a El-Rei, seu Pai, com licença da mesma Infanta, que celebrava contente os lances da sua fortuna, (fl. 190) e as finezas com que Eduardo lhe assistia, quando Olinda sofria as envejas e dissimulava as iras, tratando da sua partida.

Sucedeu pois que estando Isabela às primeiras horas da noite em ua galaria do seu palácio, assistida só de uma dama sua, e tratando (quem o duvida!) das galantarias generosas com que El-Rei a festijava, atravessou um homem a casa, dizendo: se casares, oh Isabela, com Eduardo, será infausta a tua boda, sem que nela ardam as nupcias teas da alegria, sim as diurnas alâmpadas do pesar. Será emfim turbada a glória dos teus princípios, trágicos os teus fins. Eu sou Florisberto, que da região dos mortos venho a dar-te este aviso, pois agradecido às tuas piedades, imploro para ti as de quem mo manda fazer. Disse, e saindo por outra porta fronteira, desapareceu. Ao fatal susto desta vista, caiu Isabela desmaiada nos braços (fl. 190v) da dama que lhe assistia, a qual emudecida ao sobressalto, não teve voz para chamar quem acudisse, senão depois de passados os primeiros espaços do assombro. Já então não puderam encontrar com a fantasma os criados que se empenharam em descobri-la. Estava El-Rei precisamente ausente naqueles dias e quando voltou, já com a notícia e com os sentimentos dela, eram estes ciosos (tal é o amor, que nem à morte perdoa), achou um recado da Infanta, em que lhe dizia que os avisos do céu eram mais para tímidos que para desprezados. Assim se resolveu a voltar para Portugal, aonde professa em um convento ficaria a fazer a fineza de não ser para outrem, já que não podia ser para ele.

Assustado El-Rei com a novidade, quisera ir logo a levar na resposta os embargos dela, mas sabendo estava já a Infanta e o seu palácio recolhido, a deferiu para o seguinte dia (fl. 191) no qual madrugou. Achou-se em um parque, ficava junto das janelas do quarto da Infanta, a esperar ali que lhe amanhecesse para falar-lhe a ela, mandando o deixassem só. E assim, passeando pelo parque, dizia: se és vivo, ó Florisberto, e foi falsa a voz da tua morte, como te não vens a matar comigo, fazendo a vileza, quando me quis embarçar a dita, de esconder a cara? E se és morto, ensina-me por algum modo os caminhos dos lentes para que, passageiro na Barca de Aqueronte, me leve o ciúme aonde a Orfeu levou o amor? Se apareces às damas para assombrá-las, vê-te comigo, que quero desafogar a minha paixão, ou já na tua aparência, ou já na tua realidade, se és vivente! Apenas Eduardo proferiu estas razões, quando de entre umas

árvores que guarneciam o parque saiu Florisberto e disse: aqui vem Florisberto, ou seja morto, ou seja vivo, por que chamado a desafio, ainda que não havia (fl. 191v) quem me arguisse de que faltava, bastava sabê-lo eu, para querer dar esta satisfação a mim mesmo. Assim desagrave, se puderes, a tua espada o que dizes que embaraço à tua fortuna, que já te espera a minha.

Conhecia El-Rei a Florisberto, porque já o tinha visto em a sua corte, e ali o via a toda a luz, com que não escusou o pavor naquele repente que dessimulou valeroso. E fazendo juízo do caso, o explicou, dizendo: não são nos mortos tão pontuaes os pundonores do duelo, nem se rende o meu valor a fantásticos assombros. Assim quero supor-te vivo, para esperar o gosto de dar-te a morte. E começando a peleja usava cada qual das galhardias do seu esforço, quando o sangue de uma pequena ferida acabou de desmentir de fantasma a Florisberto, pois não há sangue nos espíritos. Mas Isabela, a quem tão bem fizeram madrugarem os cuidados, de um postigo, apenas aberto, (fl. 192) presenciou todo o sucesso, já com menos horror, também na presumpção de que Florisberto seria vivo. Compondo-se apressadamente, abriu a janela e lhes pediu os suspendesse o seu respeito. Foram os impérios deste obedecido ao mesmo tempo que acudia muita gente ao parque, por ordem da mesma Infanta, que pediu aos Príncipes subissem ao palácio. Os vassallos, que viram ao seu Rei com a espada desembainhada e a Florisberto na mesma acção, lhe perguntaram o que queria fizessem dele! Nada, respondeu Eduardo, porque as satisfações que hei-de tomar do Príncipe Florisberto, não hão-de ser como rei senão como cavalheiro. Pois estas já aqui não são possíveis, subamos ao palácio a obedecer a Isabela. Sim, disse o de Escócia, vou a obedecê-la e não a virar costas ao empenho.

E seguidos dos mais subiram ao palácio, onde chegados à presença da Infanta, as primeiras razões que ouviram dela (fl. 192v) foi que se se achavam obrigados a satisfazer o que deviam ao cuidado das suas orações? Responderam que a tal dívida não havia recompensa igual. Pois se não posso ter a que não há, respondeu a Infanta, contento-me com a que podeis dar-me. E vem a ser a de vos fazeres amigos. Tal é oculto, disse Eduardo, que presumo ficáveis paga, mas seja por outro caminho, pois sendo eu o agravado, fica mui desigual o partido assim? Esperai, disse a Infanta, atalhando, e tende entendido, não hão-de cessar os meus rogos, sem o vosso rendimento. Tomai exemplo em mim, pois também sou ofendida! Isso, respondeu ele, é para mim o maior agravo, mas tudo sacrifico à vossa obediência.

Em mim, disse Florisberto, achareis a mesma sujeição. Assim se deram as mãos, protestando amigável correspondência.

Quiseram saber todos como escapara Florisberto daquela tempestade, que fora assumpto da mentirosa fama da sua morte, e ele os satisfez, (fl. 193) dizendo: como a Fénix, que renasce, ou ressuscita do voraz ardor das chamas em que morre, assim eu, não do fogo, mas da água, das areas, não das cinzas, saí mal vivo, quem duvida que em vertude de deprecações tão soberanas, pois já me estavam destinadas. E rompendo por montes cristalinos, vim a dar aonde menos perigrinas compaixões me receberam, quando fez certa a suposição da minha morte o horrível da tormenta, e o desaparecimento da pessoa, que veio nesta corte a buscar a passagem para a minha, depois que jovens curiosidades me levaram à de outros Príncipes, logrando seguro o disfrás na fama que corria. E buscando aquele Templo a mesma curiosidade que a El-Rei Eduardo, por ter o mesmo aviso, parecendo-me pela instância da real encoberta, valeria mais o segredo do que pesaria o assombro, busquei a indústria sucedida, para que este ficasse seguro. E vendo como saía assustada da Igreja em busca dos criados que a esperavam, e que a meteram (fl. 193v) em braços na carroça, rendidos os alentos às grossarias do pavor, a fui seguindo até donde ficou com Maximília. E agora que a vejo como Isabel, venho a sacrificar-lhe politicamente aquela mesma alma, e aquele mesmo espírito, que logrou o affecto das suas pronúncias e o elevado dos seus pensamentos, sendo assumpto da sua devoção, para que naquilo que favoreceu, como compassiva, domine como soberana.

Admirados todos na resolução do Príncipe, respondeu a Infanta: eu estimei, Príncipe Felisberto, ficasse inútil o meu assombro, pelo que tocava a Eduardo, também a minha devoção, porque val mais a vossa vida; mas usar mal dos beneficios, é de ingratos, não de agradecidos! Confesso, respondeu ele, e me arrependo<sup>5</sup> do erro dos meus desvarios, e tornando ao cuidado, tanto é o que val, que trocara por ele a vida. Mais val, disse El-Rei, aquele cuidado com que se recomenda um vivo, (fl. 194) pois se emprega em quem pode fazer desvanecimento da obrigação. Mais fina, disse Florisberto, é a dádiva que tem indevisível a recompensa. Sujeitos tão soberanos, disse o Inglês, não olham para a satisfação quando fazem o beneficio. Mas olham, disse o outro, para o agradecimento, que é a recompensa em que falo, por que ninguém quer fazer ingratos, quando faz venturosos. Duas partes há, disse Eduardo, na composição de homem vivo, a alma e o corpo, só ua no defunto; assim que este logra o favor no menos, o outro, no todo. Aqui, disse Florisberto, não arguimos sobre a capacidade de quem recebe, senão no valor do que se dá, e é certo ser mais empenho da lembrança a que chega ao desaparecimento, que ao presente.

Com que alcança mayor gloria  
el muerto faborecido,  
que en la Region del olvido  
pudo lograr tal memoria.

Respondeu Eduardo. (fl. 194v)

Yó tengo por mas altivo  
a mi favor, por que és cierto,  
que lo que és alivio al muerto  
será vanidad al vivo.

A Infanta ouvindo a disputa, de que era causa, e vendo que se a porfia, ainda de amigos seguros, fazia inimigos, muito melhor os podia fazer de amigos reconciliados, disse se contentasse cada um com o que devera àquele uso infalível da sua devoção, sem arguir a preferênciã. Quando os Príncipes obedientes a este perceito, passaram a outra matéria, apesar do empenho com que arguiam, a tempo que a Princesa Olinda, avisada de quanto tinha passado, chegou com o alvoroço de achar a Florisberto vivo, ainda que com a queixa de se lhe não ter manifestado, e passar empenhos por outrem. Mas não era ocasião de argui-lo, nem ele aproveitou a de achá-la em Londres, por que vendo logo a Infanta Isabela, divertiu aquele (fl. 195) emprego, com novo cuidado discursando só o como poderia conseguir as aspirações dele, sendo o primeiro alicerce<sup>6</sup> desta delineada fábrica, a indústria referida.

Chegada pois Olinda à presença de todos e bem recebida deles, falou a Florisberto aprazível, queixando-se só de atalhar o gosto de vê-lo vivo. Respondeu ele a presumira tão divertida nas grandezas de Londres, que entendera lhe não fazia falta esta notícia. Mas a dama mostrou com lágrimas o sentimento de se ver tão mal julgada, dizendo que os divertimentos só podiam supor-se no raro dos seus aparecimentos. E vendo que desprezando a ferida, que era em uma mão, perdia o sangue dela, lha apertou com um lenço, deixando-o agradecido a este favor, e despedindo-se ambos, foram para o palácio de Olinda, e daí a poucos dias para Escócia a efetuar o casamento tratado, já Florisberto com o desengano de que El-Rei (fl. 195v) de Portugal aceitara gostoso a praticado de sua filha com Eduardo. Com que se celebraram em Londres os desposórios deste Rei, com pompa tão magnífica, que não ouve ali memória que se lembrasse de ver naquela corte espetáculo de tal magnificência, donde Isabela ficou a lograr o fruto da sua misericordiosa devoção, pois com ela fez venturoso aquele Príncipe de que foi consorte, e aquele Reino de que foi senhora.

<sup>1</sup> Normas de transcrição: desdobramento de abreviaturas; eliminação de consoantes duplas; correção de erros manifestos, com indicação em nota de rodapé; separação de formas verbais enclíticas e mesoclíticas, acentuando devidamente; substituição de y/i; substituição de o/u e u/o (formas verbais e nomes); regularização da terminação dos verbos ão/am; regularização dos ditongos finais oens/ões, aã/ã; regularização de s/z, s/ç/ss; regularização g/j; regularização do uso do h; regularização da acentuação e da pontuação.

<sup>2</sup> No manuscrito «olhoa».

<sup>3</sup> No manuscrito «Tão remoto, respondeu ele, he o País de que vos considero! Respondeu ele, que me parece decestes lá do remontado solio dos deuses a iluminar a terra».

<sup>4</sup> No manuscrito «ascender».

<sup>5</sup> No manuscrito «arependo».

<sup>6</sup> No manuscrito «alicesse».

## BIBLIOGRAFIA

- Augusto, Sara. “Agravos e desagrvos da Misericórdia: ficção barroca”, *Actas del Congreso Internacional de Historia y Cultura en la Frontera — 1<sup>er</sup> Encuentro de Lusitanistas Españoles*, Tomo I, Cáceres, Universidad de Extremadura: 2000, 315-322.
- . “Os desagrvos de Floriteia e as histórias de Gambo e Tupinda”, *Máthesis*. Viseu: 9 (2000), 85-103.
- . “A Alegoria na Ficção Romanesca do Maneirismo e do Barroco”. Diss. Viseu, 2004.
- . “As aventuras de Cloriano, príncipe da Polónia, ou a multiplicação do espaço na ficção romanesca barroca”. *Actas da Conferência Comemorativa dos 30 anos da Secção Luso-brasileira do Instituto de Estudos Ibéricos e Ibero-Americanos da Universidade de Varsóvia*, Varsóvia, 2008, pp. 11-26. ([http://iberystyka-uw.home.pl/pdf/Dialogos-Lusofona/Coloquio\\_ISLiI-UW\\_1\\_AUGUSTO-Sara-MARTINS\\_As-aventuras-de-Cloriano-principe-da-Polonia.pdf](http://iberystyka-uw.home.pl/pdf/Dialogos-Lusofona/Coloquio_ISLiI-UW_1_AUGUSTO-Sara-MARTINS_As-aventuras-de-Cloriano-principe-da-Polonia.pdf))
- . “No Reino da Ficção: o Espaço e a Literatura Conventuais”, *Atas do IV Congresso Internacional do Barroco Ibero-Americano*, Belo Horizonte: Editora C/Arte, 2008, 1339-1350 (edição em CD).
- Bouju, Emmanuel et alii, *Littérature et exemplarité*, Rennes, Presses Universitaires de Rennes, 2007.
- Carvalho, José Adriano de, e PIRES, Maria Lucília Gonçalves. *História Crítica da Literatura Portuguesa (Maneirismo e Barroco)*, vol. III. Lisboa: Verbo, 2001.
- Céu, Soror Maria do, *Agravo e desagrvos da Misericórdia*, ms. 1412 da Biblioteca Pública Municipal do Porto.
- Fernandes, Maria de Lourdes C., «A Prosa didáctico-moral», *História da Literatura Portuguesa. Da Época Barroca ao Pré-Romantismo*, vol. III, 2002, Mem Martins: Publicações Alfa, 141-149.

- Ferreira, João Palma. *Novelistas e contistas portugueses dos séculos XVII e XVIII*. Lisboa: INCM, 1981.
- Gonçalves, Artur. “Infortúnios Trágicos da Constante Florinda de Gaspar Pires de Rebelo. Uma novela de Amor e Aventuras Peregrinas”, 2 vols.. Diss. dout. policopiada: Lisboa, 2003.
- Greenwood, Pilar Fernandez-Cañadas. *Pastoral Poetics: the uses of convention in Renaissance pastoral romances —, Arcadia, La Diana, La Galatea, L’Astrée*. Madrid: Ediciones José Porrúa Turanzas, s.d.
- Loughrey, Bryan (ed.) *The Pastoral Mode*. London: Macmillan, 1984.
- Rebelo, Gaspar Pires de, *Segunda Parte da Constante Florinda e Infortúnios Trágicos de Arnaldo*. Lisboa: António Álvares, 1633.
- Ribeiro, Mateus. *Alívio de Tristes e Consolação de Queixosos*. Lisboa: João da Costa, 1672.
- Santos, Zulmira Coelho dos. “Literatura de Espiritualidade”, *História da Literatura Portuguesa. Da Época Barroca ao Pré-Romantismo*, III. Mem Martins: Publicações Alfa, 2002, 151-164.

A VERSÃO PORTUGUESA DE *THE MONK*:  
CONTRIBUTO PARA O ESTUDO DA TRADUÇÃO  
DO ROMANCE GÓTICO INGLÊS  
NO PORTUGAL OITOCENTISTA

Joana Lourenço  
CETAPS

No panorama da literatura portuguesa oitocentista, já muitas vezes se tem referido o papel incontornável desempenhado pela poesia tumular inglesa no estabelecimento de um gosto pelo *negro* em Portugal, enfatizando-se a relação directa que existe entre a tradução das obras de Thomas Gray, Edward Young e James Hervey e o aparecimento, entre nós, de uma preferência por uma ambiência melancólica, lúgubre e intimista, que se manifesta tanto no domínio da lírica como no da prosa e do teatro.<sup>1</sup> À acção exercida pela tradução do romance gótico britânico, no entanto, pouca atenção tem sido prestada, estando ainda por fazer todo o trabalho de análise das versões portuguesas, que antecede necessariamente a indagação do seu lugar no cânone literário português oitocentista.

É com o intuito de ajudar a colmatar essa falha que nos debruçamos sobre uma das muitas traduções produzidas nesta época,<sup>2</sup> *O Monge*, que tem como original *The Monk*, publicado por Matthew Gregory Lewis (1775-1818) em 1797.

Embora só traduzida em 1862, a obra de Lewis é conhecida em Portugal pelo menos desde a década de 30 do século XIX; prova disso mesmo é a versão que Alexandre Herculano faz da composição mais célebre da obra, *Alonzo e Imogene*,<sup>3</sup> publicada em 1835 na tipografia de Alvares Ribeiro, mas que, a avaliar pelas palavras de António Feliciano de Castilho em *Reparos Acerca da Invenção da Noite do Castello* (1836), estava já pronta em Março de 1834:

Um dos maiores pasmos que jámais em minha vida senti, foi depois de ter criado, executado e levado ao fim a *Noite do Castello* em 1830, ir encontrar a sua idéa fundamental em uma ballada que pela primeira vez ouvi no Porto em março de 1834. Recitava eu o poema ao meu bom amigo Alexandre Herculano de Carvalho ... quando este me interrompe e me pergunta se porventura tomei por assumpto a ballada ingleza de *Affonso e Isolina*? Respondi-lhe que nem sequer jámais tivera d'ella noticia. Então m'a repetiu, por elle vertida em quadras. (Castilho 1864: 125)

Embora só traduza uma das baladas do romance, Herculano conhecia-o na íntegra, sendo da sua autoria o juízo crítico que Castilho insere em nota no já referido *Reparo*:

Lewis forma na litteratura inglesa com Radcliffe e Godwin a escola dos romancistas, a que podemos chamar horribili-metafísicos. O *Monk* é o romance (em prosa) em que vem inserido o rimance (como chama João de Barros a estes pequenos contos populares em verso) de *Alonzo and Imogene* .... No meu entender, o *Monk* é um romance que nada vale, e que ninguém hoje leria se não fosse o terror que inspira, sentimento que o homem procura por uma tendência semelhante à da mariposa que procura a luz que a destroe. (*ibidem*: 26)

Em 1850 seria a vez do dramaturgo António Xavier Pinto de Campos voltar a chamar a atenção para *The Monk*, utilizando um excerto da obra como epígrafe para o início do Acto III da sua peça *O Ermitão da Serra de Sintra*: “Uns lhe chamam o grão Mogol, outros o Propheta Elias...É um homem extraordinário, que apparece por toda a parte...a todos desconhecido...e a quem ninguém ouza fazer mal” (Campos 1850: 75).<sup>4</sup>

Não se pense, contudo, que o conhecimento da obra era um exclusivo dos nossos homens de letras; na página 53 do catálogo dos livros franceses do gabinete de leitura de Pedro Bonnardel, publicado em 1839, encontramos um título que demonstra que o romance foi colocado à disposição do grande público desde muito cedo —, *Moine, traduit de l'Anglais*.<sup>5</sup>

Os leitores que não percebiam francês teriam, no entanto, de esperar até 1862 para a lerem na íntegra, pois só nessa data é que a Typographia Franco-Portugueza publica a versão portuguesa de *The Monk*. O seu tradutor é Manoel Martins da Cunha, e o facto de este ter assinado o seu trabalho é prova de que começava a impor-se uma nova atitude perante a profissão; embora muitos ainda a denegrissem, considerando-a “uma forma subalterna de actividade literária” (Santos 1985:

235), outros, como Alexandre Herculano, saíam em sua defesa, reconhecendo-lhe o devido mérito. Num artigo publicado no *Panorama* em 17 de Junho de 1837, o escritor afirma: “Porque desprezarão os nossos homens conspícuos nas letras o serem tradutores? Não nos parece isso fundado em boa razão. Uma versão bem feita é também um título de glória” (*apud* Pais 1997: 128).

Dado que encontrar um editor disposto a publicar a obra de um escritor desconhecido era um feito quase impossível, os estreatantes procuravam normalmente estabelecer o seu nome em campos *secundários* da produção literária, trabalhando como jornalistas, dramaturgos ou tradutores antes de tentarem a sua sorte no mercado livreiro propriamente dito. Traduzir uma obra estrangeira foi muitas vezes, portanto, uma forma de os aspirantes a escritores granjearem a atenção dos que já se encontravam estabelecidos no meio literário e reclamarem para si um lugar entre eles. Haviam-no feito Mendes Leal aos catorze anos, com *Isabel da Baviera* (de Dumas), e o próprio Alexandre Herculano, aos vinte, com *O Fantasma* (de Schiller), não sendo de desprezar a hipótese de a publicação de *O Monge* corresponder a uma primeira incursão de Manoel Martins da Cunha no campo da literatura com o intuito de nele fazer carreira.

A verificar-se esta suposição, pode dizer-se que a estratégia do autor saiu gorada, pois não só não se lhe conhecem outras produções literárias — embora seja de admitir que o nosso conhecimento possa estar dificultado pelo uso de um pseudónimo ou de outro artifício semelhante —, como o seu nome está ausente de obras como *Diccionario Bibliographico Portuguez*, de Inocêncio Francisco da Silva (continuação por Brito Aranha), *Portugal Antigo e Moderno*, de Augusto Soares d’Azevedo Barbosa de Pinho Leal, *Diccionario Universal Portuguez Illustrado*, de Henrique Zeferino de Albuquerque, *Portugueses Illustres* ou *Diccionario Popular*, de Pinheiro Chagas, dedicadas à compilação de dados biobibliográficos sobre as personalidades que se destacaram no panorama cultural oitocentista.

Não obstante o facto de se tratar de um trabalho da autoria de um desconhecido, *O Monge* consegue despertar a atenção de 304 assinantes, que encomendam previamente 372 exemplares do livro, número ligeiramente abaixo do valor médio necessário para cobrir as despesas de publicação, que, segundo Artur Anselmo (1997), se situava entre os 400 e os 500 exemplares. Como, por norma, as angariações de assinaturas estavam a cargo do próprio autor — mesmo se consagrado —, a lista dos subscritores que se anexou à obra fornece-nos importantes pistas sobre o círculo de relações de Manoel Martins da Cunha,

podendo revelar-nos, por conseguinte, alguma informação acerca deste desconhecido.

A avaliar pela distribuição geográfica das encomendas, o tradutor possuía conhecimentos um pouco por todo o Norte e Centro de Portugal, com especial incidência nas cidades de Lisboa (26,3%), Coimbra (15,9%) e Porto (8,8%) — outrora, como hoje, os principais centros de actividade intelectual do país, com um grande número de instituições de ensino, teatros, livrarias, gabinetes de leitura, exposições etc. —, seguindo-se-lhes Ponte de Lima (4%), Lamego (3,5%) e Arcos de Valdevez (3,5%). A maior parte dos subscritores comprometeu-se a adquirir um exemplar, mas alguns houve que se comprometeram com mais, sendo de admitir que fossem livreiros. É o caso de Gaspar Joaquim Cerqueira, de Lisboa, com 6 exemplares, de Raphael da Costa, da Covilhã, com 7, de João F. Camacho, da ilha da Madeira, com 10, e de Manoel Coelho da Silva, do Porto, com 30. Infelizmente, nem estes nem os restantes nomes da lista foram suficientemente soantes à época para que tenham sobrevivido até aos nossos dias, e isto apesar de muitos deles pertencerem a uma elite socio-cultural, conforme denunciam os títulos eclesiásticos, académicos ou nobiliárquicos que lhes foram devidamente apensados (*D. Maria da Conceição Pereira de Amorim, Prior Miguel Nunes Ferreira de Carvalho, Dr. António José Lopes d’Azevedo, Pe. Manuel Alves Ferreira, etc.*).

Da relação dos subscritores consta também o nome de Joaquim Martins da Cunha, irmão do tradutor, a quem de resto é dedicado o livro. De acordo com os dados nela fornecidos, este encontrava-se em Coimbra, o que nos poderia levar a pensar que a família era proveniente desta cidade. Contudo, convém ter em mente que à época somente Coimbra possuía Universidade, sendo de admitir a hipótese de Joaquim Martins da Cunha ali se ter estabelecido para a frequentar. Do mesmo modo, o facto de Manoel se encontrar em Lisboa não é significativo, pois é muito provável que o tradutor para ela se tenha mudado por considerar que a capital lhe traria mais oportunidades de se lançar no mercado editorial. Assim, e embora nos forneça pistas importantes, a listagem de assinaturas não nos permite descobrir nada acerca do tradutor, de que apenas se conhece o nome. Incapazes de descortinar quem foi Manoel Martins da Cunha enquanto cidadão do Portugal oitocentista, resta-nos descortiná-lo enquanto tradutor.

Como tantos outros que se dedicaram a esta actividade, o responsável pel’ *O Monge* serve-se não do original inglês mas de uma versão produzida em França,<sup>6</sup> país onde se registara, desde

muito cedo, a tradução dos principais autores góticos ingleses. Com a intenção de satisfazer a enorme procura que a obra de Lewis despertara nos leitores transalpinos, a indústria tradutória francesa produz, até 1862, três versões distintas —, uma de 1797 (com reedições em 1798, 1849, 1850 e 1860), da responsabilidade de Jean Baptiste-Denis Desprès, Pierre-Bernard Lamare, Pierre Vicent Benoist e Jaques-Marie Deschamps, uma de 1838, do abade André Morellet,<sup>7</sup> e outra de 1840, de Léon de Wailly.

Uma vez que a primeira das três versões foi reeditada numa data muito próxima à da nossa tradução —, medei-am-nas apenas dois anos —, seria de esperar que fosse esta a servir-lhe de base; todavia, ao analisá-la, verificamos que não possui divisão em capítulos nem, conseqüentemente, qualquer epígrafe, o que exclui de imediato essa possibilidade. Seriam também as epígrafes a eliminar a versão de Leon de Wailly; no original, Lewis inicia o primeiro capítulo com um excerto de *Measure for Measure* de Shakespeare, que Wailly mantém quando traduz a obra:

Lord Angelo is precise;  
Stands at guard with envy; Scarce confesses  
That his blood flows, or that his appetite  
Is more to bread than stone.  
*Measure for Measure*

(Lewis 2008: 7)

Le seigneur Angélo est au glière; Il se sent an garde contre l'envie; c'est à peine s'il avoue que son sang circule, ou qu'il a plus d'appelle pour la pain que pour la pierre.  
*Mesure pour Mesure*, Shakespeare

(Lewis 1840: 1)

Já a tradução portuguesa insere, no lugar de Shakespeare, um excerto da *Profecia da Bohemiana*<sup>8</sup> em francês:

Si quelqu'un vous parait excessivement vertueux, si vous rencontrez un homme qui déchainé contre les vices dont il est peut-être exempt, ne compatit point aux faiblesses d'autrui, ressouvenez-vous de mes paroles. Croyez que cet homme, en apparence si parfait, cache sous des dehors séduisants un coeur gonflé d'orgueil et de luxure. (*Profecia da Bohemiana*) (Lewis 1862:1)

Ao consultarmos a versão levada a cabo por Morellet, encontramos exactamente a mesma epígrafe:

Si quelqu'un vous paraît excessivement vertueux, si vous rencontrez un homme qui déchainé contre les vices dont il est peut-être exempt, ne compatit point aux faiblesses d'autrui, ressouvenez-vous de mes paroles. Croyez que cet homme, en apparence si parfait, cache sous des dehors séduisants un coeur gonflé d'orgueil et de luxure. (*Prophétie de La Bohémienne*) (Lewis 1838: 1)

No capítulo II, Lewis elege um excerto da peça *L'Alminta* de Torquato Tasso, um autor seiscentista nascido em Sorrento. A citação é fornecida primeiro no original, em italiano, e só depois traduzida para inglês, de modo a ser compreendida pelo público britânico:

Forsé sé tu gustassi una sòl volta  
La millésima parte délle giòje,  
Ché gusta un còr amato riamando,  
Diresti ripentina sospirando,  
Perduto è tutto il tempo  
Ché amar non si spènde.  
Tasso.

Hadst Thou but tasted once the thousandth part  
Of joys, which bless the loved and loving heart,  
Your words repentant and your sighs would prove,  
Lost is the time which is not past in love.

(Lewis 2008: 39)

Mais uma vez, Leon de Wailly revela-se fiel ao original, mantendo o excerto em italiano, e só depois o traduzindo para a sua língua nativa:

Forsé sé tu gustassi una sòl volta  
La millésima parte délle giòje,  
Ché gusta un còr amato riamando,  
Diresti ripentina sospirando,  
Perduto è tutto il tempo  
Ché amar non si spènde.  
(Tasso)

Pout-être si tu goûtais une soule fois la millième partie des joies que soule un coeur aimé qui aime, repentante, tu dirais en souplant: Il est perdu tout le temps [qu'ue?] ne passe pas à aimer.

(Lewis 1840: 41)

Já na tradução portuguesa pode ler-se:

Oh! Si vous aviez une seule fois goûté la millième partie des plaisirs que l'on goûte quand on aime et quand on est aimé, quel serait votre repentir! Vous diriez en soupirant: Combien hélas! J'ai perdu de temps! Il est perdu tout le temps qui ne fut pas consacré à l'amour. (Le Tasse) (Lewis 1862: 33)

Comparando as duas versões, verifica-se que elas não coincidem: não só a citação em italiano está ausente da edição portuguesa, como o texto em francês<sup>9</sup> difere bastante do apresentado por Wailly. O oposto acontece quando a comparação é feita com o trabalho de Morellet: tanto esta como as restantes nove epígrafes contidas na obra coincidem na perfeição.

Estas e outras comparações — de que daremos conta a seu tempo —, permitem, sem sombra de dúvida, afirmar que é na edição francesa de 1838 que o nosso tradutor português se baseia para escrever *O Monge*. Tendo feito esta identificação, podemos prosseguir com a análise, que nos permitirá descobrir com que tipo de tradução lidamos — aquilo a que Georges Mounin (1974) chamou de *verre coloré*, que preserva fielmente as palavras do autor, ou de *verre transparent*, que, pelo contrário, domestica essas mesmas palavras, neutralizando a sua alteridade ao “fit them to contemporary standards of language and taste” (Bassnett 1991: 61).

A resposta à nossa questão não tarda em surgir: antes mesmo de nos debruçarmos sobre o texto propriamente dito, a página de rosto informa-nos que a obra foi traduzida do *francez livremente*. A inserção do advérbio é intencional, filiando o trabalho numa metodologia tradutória caracterizada pelo total desrespeito pelos princípios de fidelidade e precisão, que os profissionais modernos hoje defendem. Ao abrigo dessa metodologia multiplicam-se, neste tipo de versões, cortes de passagens que não correspondam ao gosto vigente na época, inserções de trechos da própria lavra dos tradutores ou retirados de outras obras, adulterações das ideias e dos valores, do estilo da escrita, dos nomes das personagens, do enredo, etc.

Os autores destes trabalhos julgam-se não raras vezes “personalidade[s] literária[s] capaz[es] de suprir as deficiências

de vária ordem ostentadas pelo texto matricial” (Ribeiro, 2001: 105), superando-as. Bastante elucidativas, a esse respeito, são as considerações por eles expressas em diversos paratextos, como é o caso do prólogo à *Tradução livre das melhores fábulas de La Fontaine* (1820), de Belchior Manuel Curvo Semedo:

Posso dizer que muitas vezes nem traduzi, nem paraphrasiei: apoderei-me do assumpto, alterei-o onde me pareceo, adornei-o a meu modo, esclareci onde era obscuro, cortei o que julguei superfluo, e augmentei onde carecia de adorno, emendando muitas inverosimilhanças (*apud* Pais 1997: 117),

da advertência que acompanha a versão de *Fausto*, de Goethe, realizada por António Feliciano de Castilho em parceria com o seu irmão e publicada em 1872:

A divisão e subdivisões do poema, como n’este livro apparecem, não pertencem ao original, nem tambem o descriptivo do scenario e outras particularidades da execução theatral ... Todas essas lacunas me pareceo indispensavel preencher; preenchi-as pois como pude pela reflexão e conjecturando, isto é, apalpan-do muita vez por entre sombras cerradissimas. (*apud* Pais 1997: 153-154),

ou do parecer dado por Manuel Sanches Goulão em relação a *Recreações do Homem de Bem, ou Discursos sobre a vida e costumes de homens em geral*, que este publica em 1821-1822:

Eu disse pois que estes Discursos erão traduzidos e imitados, porque, segundo as ideas que faço, e devo fazer de uma traducção, elles estão muito alheios ao de se podêrem chamar simplesmente traduzidos, pela liberdade que tomei de alterar, transpôr e accrescentar. (*apud* Silva 2002: 101)

A mesma filiação metodológica pode ser encontrada no posfácio a *O Monge* escrito pelo próprio Manoel Martins da Cunha, quando afirma que se limitou a vestir o texto, “isto é, aproveitando[-o], fazendo d’elle um esqueleto, comecei a cobrir-lhe a ossada com aquella pouca carne litteraria com que o vês, e foi a que reduzi a traducção” (Lewis 1862: 349).

Enquanto produto deste tipo de pensamento, *O Monge* apresenta todas as características que acima enumerámos, a começar por um desconcertante número de cortes que se manifestam ostensivamente ao longo de todo o romance. O primeiro deles antecede a narrativa propriamente dita e engloba uma

epígrafe de Horácio, um poema intitulado *Imitation of Horace* e uma advertência em que o autor dá conta das obras que o influenciaram aquando da redacção da sua. A decisão de eliminar este tipo de textos era bastante comum à época, mas, neste caso, ela não coube a Martins da Cunha; de facto, as composições literárias em causa estão ausentes da edição francesa, não tendo o nosso autor podido traduzi-las, ainda que o quisesse.

O mesmo acontece a meio do primeiro capítulo do volume I,<sup>10</sup> quando a jovem Antónia e a sua tia Leonella travam conhecimento com Lourenço e Christóvão na igreja. No original, Lewis escreve:

‘But now, when, obliged by the duties of his situation, he must enter occasionally into the world, and be thrown into the way of temptation, it is now that it behoves him to show the brilliance of his virtue. The trial is dangerous: He is just at that period of life when the passions are most vigorous, unbridled, and despotic: His established reputation will mark him out to Seduction as an illustrious Victim: Novelty will give additional charms to the allurements of pleasure: and even the Talents with which Nature has endowed him will contribute to his ruin, by facilitating the means of obtaining his object. Very few would return victorious from a contest so severe.’<sup>11</sup>

‘Ah! surely Ambrosio will be one of those few.’ (Lewis 2008: 21)

Quando comparamos esta passagem com a da versão portuguesa, verificamos que uma quantidade considerável de texto desapareceu:

porém hoje seus misteres o arrancam da solidão, para se encontrar cara a cara com o mundo: depois de terem decorrido alguns annos de communição com outros homens, então poderemos ajuisar de suas virtudes

— Espero, e creio firmemente que saberá sustentar seu carácter, ainda mesmo no meio da sociedade mais corrupta. (Lewis 1861: 14-15)

Antes de atribuírmos este desaparecimento à acção de Manoel Martins da Cunha, justifica-se uma consulta prévia à versão francesa:

... mais à présent que, par les devoirs de son état, il va se trouver obligé de sortir de temps en temps de sa retraite, de voir

un peu le monde, qui lui est encore inconnu, il faut voir comment il soutiendra cette épreuve.

— Oh! J'espère qu'il la soutiendra glorieusement. (Lewis 1838: 15)

A tradução portuguesa não é fiel às palavras usadas por Morellet — na verdade, afasta-se bastante delas —, mas o que aqui nos interessa destacar é o facto de ter sido omitida a mesma quantidade de texto em ambas as versões, comprovando que esta alteração não se deve à liberdade criativa do tradutor português. Nem todos os cortes se limitam a um ou dois parágrafos, sendo alguns deles bastante mais avultados. Dê-se como exemplo o sucedido no capítulo 8,<sup>12</sup> em que a frase “Fez às freiras uma breve exposição do assumpto” (Lewis 1862: 264) — “Après avait accordé sa guitare il fit un court exposé de son sujet, préluda quelques instans” (Lewis 1838: 259), na tradução francesa —, resume toda uma página do original.

Mais representativa ainda é uma passagem do capítulo 4,<sup>13</sup> em que o Marquês das Cisternas conta a Lourenço as desventuras que o tinham obrigado a separar-se de Ignez, amada do narrador e irmã do ouvinte:

Ignez amava-me. Quando encontrei ocasião favoravel de lhe fallar a sós, como filha obediente a seus paes, recusou ouvir-me. Porém, instada muito por mim, escutou-me finalmente. Justifiquei-me a seus olhos, expuz-lhe todos os motivos de esperança, e, não faltando dia algum, vinha a um certo sitio isolado e só franqueado pelo jardineiro: ali livremente lhe jurei uma eterna amizade. (Lewis 1862: 171-172)

O texto segue muito de perto a versão francesa:

Agnès m'aimait. Lorsque j'eus trouvé l'occasion favorable de lui parler sans témoins obéissant aux volontés de son père, fidèle à ses vœux, elle refusa de m'écouter; elle m'écoula cependant, pressée par mes sollicitations. Je me justifiai pleinement à ses yeux; je lui exposai tous mes motifs d'espérance; je la fis consentir à seconder mes projets. Chaque nuit elle se rendait dans un réduit écarté que m'avait procuré le jardinier. Là, plus libre qu'au milieu du monde, je lui jurais une éternelle tendresse. (Lewis 1838: 175)

O que escapa ao leitor que se limite a ler as traduções é o facto de elas condensarem em poucas linhas o que, no original, se prolonga por quase três páginas.

Tais cortes parecem ser aleatórios, não se reportando às passagens que em Inglaterra tinham sido consideradas imorais por muitos leitores, obrigando Lewis a fazer consideráveis alterações ao seu romance. O facto de *The Monk* ser um livro bastante extenso e complexo terá contribuído mais para a decisão de expurgo de Morellet de “la grossièrité et immoralité” nele contidas, que, a avaliar pelas recensões publicadas em jornais como *Le Mercure de France*, “contribuèrent plutôt, à un certain degré, au succès du *Moine* en France” (Killen, 1915:115); informação acessória que se prolongasse por demasiado tempo, ou trechos que suscitasse dúvidas quanto ao modo a serem traduzidos constituíram os seus alvos preferenciais. Como já foi dito, este fenómeno ocorre ao longo de todo o romance, mas acentua-se visivelmente nos capítulos finais, onde se chega a registar um corte a cada dois ou três parágrafos, que por norma são curtos. Isto parece sugerir que o tradutor fora sujeito a um prazo de entrega que se esgotava a passos largos, pressionando-o a adiantar o término do seu trabalho.

Os cortes são, de longe, o tipo de alteração mais vezes introduzido por Morellet, mas não é o único, podendo ser observados também alguns acréscimos e alterações pontuais. No capítulo 4,<sup>14</sup> por exemplo, a aia Conegundes descobre o plano de fuga de Ignez engendrado por Raymundo, sendo este e o seu criado, Theodoro, obrigados a raptá-la para evitar que esta os delatasse à patroa, a Baronesa:

But I seized her by the wrist, and detained her forcibly. At the same moment Theodore, who had followed her into the room, closed the door, and prevented her escape ... At length I succeeded in gagging her so compleatly, that She could not produce a single sound. Theodore and myself with some difficulty next contrived to bind her hands and feet with our hand-kerchiefs ... Theodore assisted me in carrying off my antiquated Prize. She was hoisted over the wall, placed before me upon my Horse like a Portmanteau, and I galloped away with her from the Castle of Lindenberg. The unlucky Duenna never had made a more disagreeable journey in her life: She was jolted and shaken till She was become little more than an animated Mummy; not to mention her fright, when we waded trough a small River, through which it was necessary to pass in order to regain the Village. (Lewis 2008: 150-151)

Morellet decide alterar a técnica narrativa desta passagem, convertendo para discurso directo certas informações que Lewis fornecera em discurso indirecto:

Je la saisis par la milieu du corps et la retins de force. Au même instant Théodore, qui était entré après elle dans le pavillon, en ferma la porte ... A la fin, je parvins, avec le secours de Théodore, à bâillonner si complètement la pauvre Cunégonde, qu'il ne lui fut plus possible de pousser un seul cri. Nous eûmes beaucoup plus de peine à lui lier, avec nos mouchoirs de poche, les pieds et les mains; nous y parvinmes cependant .... — Il faut avouer, dit Théodore en riant, que nous avons fait là une riche capture. Eh! Qu'allons-nous faire de cette antiquaille? Je lui dis de m'aider sans perdre de temps. Nous la hissâmes par-dessus le mur, et ne trouvant aucun meilleur moyen de la transporter à notre auberge, nous prîmes le parti de l'attacher, en travers, sur la croupe de mon cheval, en guise de porte-manteau; et je partis avec elle au galop. La malheureuse duègne n'avait de sa vie fait un voyage aussi désagréable; elle fut tellement secouée et ballotée, qu'à son arrivée elle n'avait plus l'air que d'une momie vivante, sans parler de son effroi, lorsque nous traversâmes une petite rivière que nous ne pouvions éviter de passer pour nos rendre au village. (Lewis 1838: 145-146)

A alteração transparecerá obviamente na versão de Martins da Cunha:

Segurei-a, e Theodoro que apoz ella tinha entrado, fechou a porta .... Auxiliado por Theodoro, pude socegar a misera Cune-gundes, a ponto de não lhe ser possível gritar mais. Ligamos-lhe com lenços os pés e as mãos ....

– Sou obrigado a confessar, diz Theodoro rindo; que fizemos uma grande pesca n'esta enorme tartaruga. Que devemos fazer d'ella?

– Sem perda de tempo lhe disse eu: guindemo-la por cima do muro, e vamos procurar um cavallo: e atravessando-a na garupa em logar de malla, partiremos com ella.

Effectuamos sem interrupção alguma o nosso projecto, e a pobre Conegundes estava tao livida e estupefacta que mais parecia uma mumia que uma mulher. Não podia fallar, porque o susto lhe embargava a voz, e muito principalmente quando atravessamos uma pequena corrente para nos dirigir à aldea. (Lewis 1862: 143-144)

Noutro passo, Ambrosio, sentindo remorsos por não ter sido misericordioso para com Ignez, dirige-se para o jardim a fim de acalmar a sua consciência: “‘I have done my duty’, said Ambrosio to himself. Still did He not feel perfectly satisfied by this reflection. To dissipate the unpleasant ideas which this scene had excited in him, upon quitting the Chapel He descended into the Abbey-Garden” (Lewis 2008: 49-50). A isto acrescenta a versão francesa algumas peripécias adicionais, que a portuguesa mantém:

– J’ai fait mon devoir, dit en lui-même Ambrosio; et après quelques instans passées en méditations, il se rendit au réfectoire, ou la cloche l’appelait.

Après le souper, Ambrosio, rentré dans sa cellule, regardait par la fenêtre, et cherchait en vain à se distraire de sa dernière aventure. Tous les religieux s’étaient retirés; la soirée était belle; la lune brillait de tout son éclat. Ambrosio se détermina à descendre pour prendre le frais quelques instans dans le jardin. Il n’était point, dans tout Madrid, un jardin plus beau .... (Lewis 1838: 44)

Fiz o meu dever, diz Ambrosio consigo. E começando a fazer algumas reflexões foi chamado pela sineta do refeitório.

Depois de ceiar, dirigio-se à cella e abriu a janella; porque lhe faltava o ar, e aquella lhe parecia pequena para sua emoção. Todos os religiosos se tinham ido deitar. A noite estava bella e serena como o pode estar a mais bonita noite de verão. A lua este satellite da terra alumiaava com seus frouxos e argentininos raios as obras da natureza. Os travessos e dôces zefiros brincavam com a madura folhagem das seculares arvores, como escarnecendo da sua decrepitude. Ambrosio, depois de ter contemplado esta magestade, determinou descer ao jardim, para mais livremente gosar da suave frescura que ali reinava, e respirar o embalsemado ar do mais lindo jardim de Madrid. (Lewis 1862: 45-46)

Mas o caso onde a manipulação do texto se torna mais visível é na técnica utilizada para traduzir as composições poéticas,<sup>15</sup> enquadrada naquilo a que André Lefevere (1992) chamou de *interpretation*. Em “La Bohémienne”, por exemplo, Morellet procura manter a essência do texto que lhe serviu de base, fazendo apenas, quando possível, alterações a nível estrutural. Comparem-se, a título de exemplo, dois pequenos excertos do original e da sua versão francesa:

Come, cross my hand! My art surpasses  
All that did ever Mortal know;  
Come, Maidens, come! My magic glasses  
Your future Husband's form can show:

For 'tis to me the power is given  
Unclosed the book of Fate to see;  
To read the fixed resolves of heaven,  
And dive into futurity.

(Lewis 2008: 35)

Qui veut rire, qui veut pleurer?  
Qu'on m'écoute en silence  
Venez tous, venez admirer  
Ma profonde science.  
Jeunes garçons, venez savoir  
Votre bonne aventure;  
Fillettes, je vous ferai voir  
Vos maris en peinture.

(Lewis 1838: 28)

Sobre estas imitações Martins da Cunha operará ainda a sua própria *interpretation*, dando origem a “A Bohemiana”:

Minha profunda sciencia  
Venham todos admirar  
Escutem silenciosos...  
Uns a rir outros a chorar

Aventuras amorosas  
Que vos hão de acontecer  
Nos arcanos do futuro  
Vinde jovens, vinde ver

(Lewis 1862: 29)

Já em “L'exile” Morellet vai mais longe, produzindo uma versão que apenas partilha com a sua homônima inglesa o título e o tema:

Farewell, Oh! native Spain! Farewell for ever!  
These banished eyes shall view thy coasts no more;  
A mournful presage tells my heart, that never  
Gonzalvo's steps again shall press thy shore.

Hushed are the winds; While soft the Vessel sailing  
With gentle motion plows the unruffled Main,  
I feel my bosom's boasted courage failing,  
And curse the waves which bear me far from Spain.

(Lewis 2008: 215)

O beau pays de l'Ibérie!  
Champs et vallons aimés des cieux;  
Heureux climats, terre chérie,  
Recevez mes derniers adieux.

Sur des bords déserts et sauvages  
Gonzalve, bientôt égaré,  
Sentira son coeur déchiré  
Du regret de vos doux rivages  
O beau pays, etc.

(Lewis 1838: 198)

O mesmo decide fazer Martins da Cunha, apresentando-nos em “O Exílio” um poema muito distinto daquele em que se baseia:

A ave tão livre que fende o ar!  
Batel atrevido qu'ê tão veleiro!  
Deixa cantando gentil marinheiro  
A patria que vio seu terno folgar!

Deixa chorando o desterrado  
O seu paiz de tanta valia;  
Diz um adeos, não esprançado  
De o ver um dia.

(Lewis 1862: 196)

As alterações estão longe de se limitar às referidas, mas a análise de todas seria um trabalho de natureza redundante, pelo que escolhemos cingir-nos aos exemplos dados, confiantes de que eles são suficientes para demonstrar que muitas das diferenças entre *The Monk* de Lewis e a nossa versão são explicadas pela mediação de Morellet.<sup>16</sup>

Mas se é verdade que muitas das alterações que encontramos se devem ao tradutor francês, também é verdade que Martins da Cunha nem sempre está isento de culpa — e, se nos lembrarmos das palavras do posfácio, nem poderíamos esperar outra coisa. Para além do que já aqui dissemos acerca das composições poéticas, atente-se, por exemplo, na eliminação de

diversos trechos de teor erótico e tétrico, uma decisão que tanto pode ser entendida como manifestação de uma moral austera como herança de um tempo, não muito distante, em que leis repressivas, reguladoras dos bons costumes, obrigavam à prática regular dessa auto-censura.

Veja-se, por exemplo, a cena de violação de Antônia, no capítulo 11,<sup>17</sup> descrita pormenorizadamente nos textos inglês e francês:

'Every feature, look, and motion declares you formed to bless, and to be blessed yourself! Turn not on me those supplicating eyes: Consult your own charms; They will tell you, that I am proof against entreaty. Can I relinquish these limbs so white, so soft, so delicate; These swelling breasts, round, full, and elastic! These lips fraught with such inexhaustible sweetness? Can I relinquish these treasures, and leave them to another's enjoyment? No, Antonia; never, never! I swear it by this kiss, and this! and this!'

With every moment the Friar's passion became more ardent, and Antonia's terror more intense. .... The aspect of the Vault, the pale glimmering of the Lamp, the surrounding obscurity, the sight of the Tomb, and the objects of mortality which met her eyes on either side, were ill-calculated to inspire her with those emotions, by which the Friar was agitated. .... He clasped her to his bosom almost lifeless with terror, and faint with struggling. He stifled her cries with kisses, treated her with the rudeness of an unprincipled Barbarian, proceeded from freedom to freedom, and in the violence of his lustful delirium, wounded and bruised her tender limbs. Heedless of her tears, cries and entreaties, He gradually made himself Master of her person, and desisted not from his prey, till He had accomplished his crime and the dishonour of Antonia. (Lewis 2008: 382-384)

Porquoi ces regards supplians? Consultez vos charmes; ils vous diront que je dois être sourd aux prières. Puis-je négliger cette peau si fraîche, ce sein éblouissant, ces lèvres parfumées? Puis-je abandonner ces trésors à quelque autre? Non, Antonia, jamais! J'en jure par ce baiser, par celui-ci encore.

La passion du moine devenait de plus en plus ardente, et la terreur d'Antonia plus active. Elle fit pour se dégager de ses bras des efforts inutiles; et la hardiesse du moine augmentant, elle jeta des cris perçans pour appeler du secours. La vue du souterrain, la pâle lueur de la lampe, l'obscurité, les tombeaux, et les tristes débris de l'humanité tout autour d'elle était propre à la disposer à des sentimens contraires à ceux dont le moine était agité.

Les caresses hardies qu'il lui prodiguait, ne lui inspiraient que de l'effroi. Ses craintes, au contraire, sa répugnance et ses efforts, ne faisaient qu'enflammer les désirs d'Ambrosio, et donner une nouvelle ardeur à sa brutalité. Elle ne cessa de crier, quoique personne n'entendit ses cris. Elle continua, sans succès, à tâcher de lui échapper, jusqu'à ce qu'enfin ses forces épuisées venant à lui manquer, elle se laissa tomber à genoux, et recourut de nouveau aux prières et aux larmes. Cette voie ne lui réussit pas mieux que la première fois. Prenant même avantage de sa situation et de son affaiblissement, il la saisit épouvantée; et sans pitié, sans ménagement, le barbare, malgré ses cris, ne quitta point sa proie qu'il n'eût consommé son crime et complété le déshonneur d'Antonia. (Lewis 1838: 348-349)

Quanto ao público português, só lhe é dito que “Ambrosio sem piedade satisfaz em Antonia todos os seus lascivos desejos” (Lewis 1862: 325), não sendo fornecida qualquer informação adicional.

Mesmo algumas passagens aparentemente inócuas, como a descrição do demônio invocado por Mathilde, presente no capítulo 7,<sup>18</sup> não escapam a este tipo de controlo: enquanto que no original inglês e na versão francesa se diz taxativamente que a nudez do ser é total, no texto português os seus genitais são pudicamente tapados por um tecido —, “estava completamente nú, trazendo um débil sendal que lhe vedava as partes” (Lewis 1862: 254).

O mesmo princípio de auto-censura rege a passagem em que Ignez dá conta de todos os pormenores do seu cativeiro, no capítulo 12:<sup>19</sup>

Só, sem socorro algum, sem amigos, sem consolação, dei à luz uma creança que poucas horas depois morrêo. Envolvi-a em pedaços rasgados de meus vestidos, e coloquei-a em meu seio, seus bracinhos em volta de meu pescoço, sua face fria contra a minha; assim passei os dias e noites a cobri-la de beijos, a fallar-lhe, a chorar e gemer. Camilla entrava regularmente uma vez de vinte em vinte quatro horas, para me trazer sustento. Com quanto ella fosse de um natural duro, não podia vêr sem emoção um tão triste espetáculo; temia que o excesso do meu penar me enlouquecesse; e para dizer a verdade, nem sempre estava em meu perfeito juízo. Ignez não pôde continuar por vêr Lourenço banhado em lagrimas e Raymundo afflicto ao ultimo ponto, por ter em parte causado tantos males à pessoa que tanto amava. (Lewis 1862: 334)

A frase destacada não consta nem do original nem da versão francesa, sendo uma invenção de Martins da Cunha; ao contrário do que este afirma, o relato de Ignez prolonga-se ainda por diversas páginas, adensando-se progressivamente nele o tom lúgubre:

From a principle of compassion She urged me to permit the Corse to be buried: But to this I never would consent. I vowed not to part it while I had life: Its presence was my only comfort, and no persuasion could induce me to give it up. It soon became a mass of putridity, and to every eye was a loathsome and disgusting Object; To every eye, but a Mother's. In vain did human feelings bid me recoil from this emblem of mortality with repugnance; I withstood, and vanquished that repugnance. I persisted in holding my Infant to my bosom, in lamenting it, loving it, adoring it! Hour after hour have I passed upon my sorry Couch, contemplating what had once been my Child: I endeavoured to retrace its features through the livid corruption, with which they were over-spread: During my confinement this sad occupation was my only delight; and at that time Worlds should not have bribed me to give it up. Even when released from my prison, I brought away my Child in my arms. The representations of my two kind Friends, “— [Here She took the hands of the Marchioness and Virginia, and pressed them alternately to her lips] —” at length persuaded me to resign my unhappy Infant to the Grave. (Lewis 2008: 412-413)

Elle me pressa, par un motif de compassion, de me permettre qu'elle enterrât mon enfant. Je n'y voulus point consentir; et quoique bientôt il ne fût plus qu'une masse informe et dégoûtante pour tout autre qu'une mère, je surmontai toute répugnance, je persistai à garder contre mon sein l'être infortuné qui avait été mon enfant, à tâcher, en le regardant de me rappeler ses traits. Cette triste occupation était mon seul plaisir, et je n'y ai renoncé, même après ma délivrance, que vaincue par les sollicitations de deux bonnes amies. (Ici Agnès porta alternativement à ses lèvres les mains de la marquise et de Virginie.) J'ai consenti alors que sa dépouille mortelle fut déposée en terre sainte. (Lewis 1838: 367)

Contudo, se a intenção de Martins da Cunha ao eliminar e retocar partes destas passagens era zelar pelo bem-estar dos leitores mais sensíveis, não se pode dizer que tenha feito um bom trabalho: embora tenha expurgado do livro grande parte das cenas eróticas<sup>20</sup> e téticas, foi condescendente para com

trechos de extrema violência. Um dos mais significativos encontra-se no capítulo 11,<sup>21</sup> quando o povo de Madrid toma conhecimento dos actos ignóbeis perpetrados pela Abadessa do Convento de Santa Clara. Indignado, o povo faz justiça pelas próprias mãos:

The Rioters heeded nothing but the gratification of their barbarous vengeance. They refused to listen to her: They showed her every sort of insult, loaded her with mud and filth, and called her by the most opprobrious appellations. They tore her one from another, and each new Tormentor was more savage than the former. They stifled with howls and execrations her shrill cries for mercy; and dragged her through the Streets, spurning her, trampling her, and treating her with every species of cruelty which hate or vindictive fury could invent. At length a Flint, aimed by some well-directing hand, struck her full upon the temple. She sank upon the ground bathed in blood, and in a few moments terminated her miserable existence. Yet though She no longer felt their insults, the Rioters still exercised their impotent rage upon her lifeless body. They beat it, trod upon it, and ill-used it, till it became no more than a mass of flesh, unsightly, shapeless and disgusting. (Lewis 2008: 356)

Tout entier à sa vengeance, le peuple ne l'écouta point. On lui fit toute sorte d'insultes, on la couvrit de boue et d'ordures; on lui prodigua les noms les plus odieux: des homes furieux se l'arrachaient les uns aux autres; et le dernier était toujours plus barbare que celui qui venait de la quitter; ils étouffaient, par leurs cris de rage, la faible voix dont les accens plaintifs imploraient leur pitié. Traînée au travers des rues, foulée aux pieds, accablée de coups, elle subit tous les tourmens que purent inventer la fureur et la vengeance. Enfin, un pavé lancé par une main vigoureuse vint la frapper à la tempe; elle tomba baignée dans son sang, et, quelques instans après, termina son sort et son supplice. Quoique devenue insensible aux insultes de la multitude, elle continua à en recevoir les outrages. La rage impuissante de ses meurtriers s'exerça sur son cadavre, et ne s'arrêta qu'après l'avoir mutilée, défigurée, de manière à lui ôter jusqu'à la forme d'une créature humaine. (Lewis 1838: 324-325)

Apesar da crueza da imagem, o tradutor português não omite qualquer pormenor ao seu público:

O povo todo sequioso pela vingança não a escutava. Fizeram-lhe toda a sorte de insultos, cobriram-na de lama e de immundi-

cies, prodigalisaram-lhe os nomes os mais injuriosos. Abafavam por seus gritos de raiva, a fraca voz cujos accents lamentosos imploravam piedade. Arrastada pelas ruas, soffrêo todos os tormentos que inventaram o furor e a vingança. Em fim, uma pedra lançada por mão vigorosa, veio bater-lhe n'uma fonte; caio banhada em sangue, e alguns instantes depois, terminou a sua sorte e seu supplicio. Ainda que tornada insensivel aos insultos da multidão, continuou a receber os ultrages. A raiva impotente de seus homicidios se exercêo sobre seu cadaver, e não finalizou senão depois de o terem mutilado e desfigurado. (Lewis 1862: 312)

Mais violenta ainda é a cena final do livro, em que Ambrosio é castigado pelo próprio Diabo:

As He said this, darting his talons into the Monk's shaven crown, He sprang with him from the rock. The Caves and mountains rang with Ambrosio's shrieks. The Deamon continued to soar aloft, till reaching a dreadful height, He released the sufferer. Headlong fell the Monk through the airy waste; The sharp point of a rock received him; and He rolled from precipice to precipice, till bruised and mangled He rested on the river's bank. Life still existed in his miserable frame: He attempted in vain to raise himself; His broken and dislocated limbs refused to perform their office, nor was He able to quit the spot where He had first fallen. The Sun now rose above the horizon; Its scorching beams darted full upon the head of the expiring Sinner. Myriads of insects were called forth by the warmth; They drank the blood which trickled from Ambrosio's wounds; He had no power to drive them from him, and they fastened upon his sores, darted their stings into his body, covered him with their multitudes, and inflicted on him tortures the most exquisite and insupportable. The Eagles of the rock tore his flesh piecemeal, and dug out his eye-balls with their crooked beaks. A burning thirst tormented him; He heard the river's murmur as it rolled beside him, but strove in vain to drag himself towards the sound. Blind, maimed, helpless, and despairing, venting his rage in blasphemy and curses, execrating his existence, yet dreading the arrival of death destined to yield him up to greater torments, six miserable days did the Villain languish. (Lewis 2008: 441-442)

Parlant ainsi, il enforça ses griffes [?] dans la tonsure du prier, et s'enleva avec lui de dessus le rocher. Les cris d'Ambrosio retentirent au loin dans la montagne. Le démon s'élevait rapidement. Parvenu à une hauteur immense, il lâcha sa victime. Le moine, abandonné dans les airs, vint tomber sur la pointe alongée d'un

rocher: il roula de précipice en précipice , jusque'à ce que, brisé, froissé, mutilé, il s'arrêta sur le bord d'une rivière. La vie n'était pas encore éteinte dans son corps déchiré. Vainement il essaya de se relever, ses membres disjointes et rompus lui refusèrent leur office: il ne put quitter le lieu où il était tombé.

Le soleil venait de paraître sur l'horizon: ses rayons brûlants tombaient à plomb sur la tête du pêcheur expirant; des millions d'insectes, éveillés par la chaleur, viurent sucer le sang qui coulait des blessures d'Ambrosio. Il ne pouvait se mouvoir pour les chasser, ils s'acharnèrent sur ses plaies, lui en firent de nouvelles, le couvrirent de leur multitude, et lui firent souffrir autant de supplices que de morsures. Les aigles de la montagne déchirèrent sa chair en lambeaux, leurs becs crochus arrachèrent les prunelles de ses yeux. Dévoré d'une soif ardente, il entendait le murmure des eaux coulant à ses côtes, et ne put jamais se traîner vers la rivière. Aveugle, furieux, désespéré, exhalant sa rage en exécutions et blasphèmes, maudissant son existence, et pourtant, redoutant la mort qui devait le livrer à des tourmens plus grands encore, il languit ainsi pendant six jours entiers. (Lewis 1838: 393)

Com exceção de uma frase, a tradução portuguesa segue fielmente o texto base, não escondendo o seu carácter violento:

Fallando assim, espetou as unhas na coroa do geral dos dominicanos, e subiu com elle a cima dos rochedos. Os gritos d'Ambrosio retiniam em todas as montanhas. O demonio levantou-o rapidamente. O monge abandonado nos ares, veio cahir sobre a ponta aguda e escarpada d'um rochedo; rolou de precipicio em precipicio, até que parou sobre as bordas de um regato. Não tinha ainda a vida extincta; Em vão tratou de pôr-se em pé; os membros contusos recusaram-se a seu mister; não pôde deixar o lugar onde tinha cahido.

O sol acabava d'apparecer sobre o horisonte: seus brilhantes raios cahiam a prumo sobre a cabeça do peccador moribundo; milhões de insectos, despertados pelo calor, vinham chupar o sangue que cahia das feridas d'Ambrosio. Não se podia mover para os enxutar. As aguias dilaceravam-lhe a carne, seus ocos e arqueados bicos arrancaram-lhe os olhos. Devorado por uma sede ardente, ouvia o murmurio das agoas, serenas correndo em seu leito que quasi junto de si passava, e não se podia arrastar para a corrente. Cego, furioso, desesperado, exalando a raiva em execreções e blasfemeas, mal dizendo sua existencia, e portanto temendo a morte que ainda o devia entregar a maiores tormentos, definhou assim durante seis dias inteiros. (Lewis 1862: 347-348)

Mas a atitude de Martins da Cunha para com as cenas de violência não se limita à tolerância; o tradutor não só autoriza a permanência daquelas que tinham sido escritas por Lewis (e traduzidas por Morellet), como acrescenta à versão portuguesa outras da sua própria lavra. Tome-se por exemplo o trecho em que se conhece o destino dado pelo bando de malfeitores aos criados do Marquês das Cisternas e da Baronesa. Tanto Lewis como Morellet dão a informação de forma sucinta: “Their first visit was to the fatal Barn, where they were fortunate enough to find two of the Baron’s Servants still alive, though desperately wounded. The rest had expired beneath the swords of the Robbers, and of these my unhappy Stephano was one” (Lewis 2008: 121); “Leur premier soin fut de visiter la fatale grange, où ils furent assez heureux pour trouver deux des gens de la baronne encore en vie, quoique dangereusement blessés. Le rest avait péri sous les coups des brigands, et de ce nombre était mon infortuné Stéphano.” (Lewis 1838: 115) O tradutor português desenvolve essa informação:

O seu primeiro cuidado foi visitar o fatal casebre, encontrando ali dois creados da baronesa ainda vivos; posto que perigosamente feridos; o resto jaziam aqui e ali mortos, pelas desapiedadas punhaladas, tiros e machadadas dos malvados. Era uma completa carnificina; um com a cabeça rachada, efeitos talvez d’algum golpe de machado; outros com cinco ou seis punhaladas sobre o coração, d’onde ainda brotava algum sangue; outros que com as agonias da morte, se tinham revolido pelo chão, cujas caras eram uma completa posta de sangue e terra negra, não se lhes podia differençar uma só feição. A um canto estava um cadaver, com o craneo esmigalhado, um punhal cravado um pouco abaixo da omoplata esquerda, com as pernas ambas quebradas, cujos ossos da tibia e proneo quebrado em compridos esquirolas se tinham fincado no chão; era este desgraçado o meu pobre Stephano. (Lewis 1862: 111-112)

O mesmo volta a acontecer quando Lourenço diz a Raymundo que “five months had already elapsed since in an excess of passion She [Donna Rodolpha] broke a blood-vessel, and expired in the course of a few hours” (Lewis 2008: 192-193). O mesmo é comunicado ao público francês: “Il y avait déjà cinq mois que, dans un accès de colère, elle s’était rompu un vaisseau, et était morte dans l’espace de quelques heures.” (Lewis 1838: 181) Já o leitor português é confrontado por uma versão diferente dos acontecimentos:

Sendo esta acomettida de um acesso cerebral caio, dando com a cabeça contra uns vasos que estavam no terraço de oeste do palacio de Lindemberg, esmigalhou o craneo a ponto do sangue se lhe derramar pelos miollos, sobrevindo-lhe um tetano e d'isso morreo; finalizando assim uma vida alimentada pelo orgulho e esperança de conquistas só por ella imaginadas. (Lewis 1862: 179)

Coexistindo com os cortes, e até mesmo superando-os em número, encontramos pois diversos acrescentos (*carne litterária*, chamar-lhes-ia o tradutor), denunciando que o tradutor não resistiu à “temptation to improve, enhance or personalize [the text, trying] to make the translation a better book” (Rabassa 1984: 36).

Nem todos eles, no entanto, se destinam a intensificar imagens de violência; muitos parecem pretender incutir valores no público, admoestando-o para que obedeça aos preceitos da religião e dos bons costumes, ao mesmo tempo que atacam quem se subtrai à obrigação de os cumprir. Dê-se como exemplo o trecho em que Baptista afirma que nunca consentiria em abandonar os seus filhos: “But on this point I always stand firm, and never will consent to abandon the poor Lads to the world’s mercy, as She has often solicited me to do. In every thing else I let her have her own way” (Lewis 2008: 102). Morellet limita-se a reproduzir no seu idioma as palavras de Lewis: “mais je tiens bon sur ce point, et je ne consentirai jamais à abandonner ces pauvres enfans à la merci du monde, comme elle m’a bien des fois pressé de le faire. Sur tout le reste, je ne la contrarie jamais.” (Lewis 1838: 96) Já Martins da Cunha faz com que a personagem disserte sobre o papel dos pais na educação dos filhos:

Jamais abandonarei os meus filhos á mercê do mundo, como ella tem querido. Porém V. S.<sup>a</sup> bem sabe que nós pouca differença temos dos outros animaes; se bem que somos mais perigosos, quando na adolescencia não recebemos os conselhos dos nossos paes, ou na juventude somos por elles abandonados, e ficamos entregues a nós mesmos. A alma de um mancebo é semelhante a branda cera, onde sem muito custo se imprimem todas as paixões, e costumes das pessoas com quem vivemos. Muito principalmente quando somos dotados de um génio, forte e temperamento sanguineo, entregando-nos desabridamente ás nossas inclinações, como o pôtro sem governo corre pela densa floresta, precipitando-se cégamente em todos os abysmos. Um joven é um diamante bruto, que o pae o lapidario, e os conselhos, a fina ferramenta que o lapidam. (Lewis 1862: 94-95)

Do mesmo modo, cabe a Raymundo aconselhar os leitores a não menosprezarem familiares que se encontrem em grave situação financeira, um discurso que está totalmente ausente dos textos de Lewis e Morellet:

Don Raymond assured his Friend, that He was not mistaken in supposing him ready to acknowledge his Sister-in-law, and her amiable Daughter. The preparations for the elopement would not permit his visiting them the next day; But in the mean while He desired Lorenzo to assure them of his friendship. (Lewis 2008: 193)

Vous avez raison de conjecturer, dit don Raymond à son ami, que je serais disposé à reconnaître ma belle-soeur et son aimable fille. Les préparatifs de l'évasion de Agnès ne me permettent pas de leur rendre visite aujourd'hui, mas je vous prie, Lorenzo, de les assurer de mon amitié. (Lewis 1838: 181)

Rasões de sobejo tenho, diz Raymundo ao seu amigo; para de todo o coração me dispôr a reconhecer minha cunhada e sua filha. Pois é incompatível com os nobres sentimentos de fidalguia e de cavalheirismo, o desprezar uma parenta por ser pobre. É esta razão sufficiente, para muito me interessar por ellas. Ordinariamente não é costume pratico n'este sociedade corrupta, onde temos a infelicidade de representar o nosso papel. Todas as atencões, delicadezas e favores, que os grandes figurões fazem a qualquer, não é senão ao dinheiro e posição, logo que estes mesmos deixam de ser favorecidos pela fortuna, perdem amigos, nome e posição; desviando os outros d'elles, a bocca da cornocopia das graças, derramando-a sobre outros que de novo aparecem protegidos pela inconstante fortuna. Aquelles que outr'ora pelas ruas, logares publicos, auditorios e imprensas, eram conhecidos e elogiados pelos seus talentos: hoje sem bens do mundo são precipitados do zenith da esphera social, e confundidos com a desconhecida plêbe, no meio do qual exalam o ultimo suspiro, sem ao menos receberem um volver de olhos de algum de seus parentes abastados, de quem dias antes supplicavam mortos de fome e com as lágrimas nos olhos, um pequeno obolo para metigarem a necessidade; e em vez de colherem a esmola de que tanto precisavam, eram postos fóra dos luzidos e faustosos palacios, onde seus donos se reogisavam, dissipando immenso numerario, banquetecendo com aquelles a quem a fortuna tinha favorecido. Eu meu Lourenço, penso de uma fórmula bem diversa; nem quero que me fiques em obrigação alguma, porque é titulo sufficiente a pobreza das minhas parentas, para lhe estender a mão; ajudando-a a aparecer na sociedade

com a decência da minha jerarquia. Porém os preparativos da evasão de Iñez não me permitem hoje ir visitá-las; todavia peço-te Lourenço de certificar essas senhoras da minha estima e dedicação. (Lewis 1862: 179-180)

Mas talvez os acrescentos mais curiosos sejam aqueles em que Martins da Cunha parece querer instruir os leitores, partilhando com eles conhecimentos úteis extraídos, muito provavelmente, de livros ou artigos de periódicos versando sobre assuntos tão diversos como a medicina, as relações entre poesia e música, textos bíblicos ou as artes mágicas. Bastante elucidativa a esse respeito é uma passagem do capítulo 2,<sup>22</sup> em que Ambrosio, mordido por uma serpente venenosa, se encontra às portas da morte. Consternados, os monges perguntam ao médico se é possível salvá-lo, ao que este responde: “Without extracting the poison, He cannot recover; and how to extract it is to me still a secret” (Lewis 2008: 72). O tradutor francês é fiel ao texto original —, “Sans exprimer le poison, il est impossible de lui rendre la vie; et comment exprimer ce poison? C’est ce que j’ignore (Lewis 1838: 66) —, mas Martins da Cunha acredita que esta é a ocasião ideal para explicar como age o veneno no organismo do ser humano:

Há sim, um unico: diz Pablos, que é extrahir o veneno reconcentrado na ferida até agora; mas que dentro em poucos instantes contaminará todas as artérias, e nas junções d’ellas, para com as outras veias, onde se reune o carbónico, que já por si é veneno, augmentará sua força com este novo, que será bem depressa comunicado aos vasos do coração, gangrenando-se repentinamente, começando a fazerem-se-lhe rouxas as unhas e as palpebras para indicar que as entranhas já estão contaminadas e morrerá dentro em poucas horas. (Lewis 1862: 66)

Já no capítulo 8<sup>23</sup> o tradutor português julga pertinente fornecer informação adicional sobre as artes mágicas, explicitando que se dividia em dois grandes ramos, algo que Lewis (e Morellet, seguindo-o) não tinha feito:

‘I formerly mentioned, that my Guardian was a Man of uncommon knowledge: He took pains to instil that knowledge into my infant mind. Among the various sciences which curiosity had induced him to explore, He neglected not that, which by most is esteemed impious, and by many chimerical. I speak of those arts, which relate to the world of Spirits.’ (Lewis 2008: 267)

Je vous ai dit précédemment que mon tuteur était un homme extraordinairement savant; il prit la peine de m'initier, dès mon enfance, dans ses découvertes les plus mystérieuses. Parmi les sciences que sa curiosité le portait à approfondir, il ne négligea point celle que quelques-un regardent, comme impie, d'autres comme chimérique: je veux parler de l'art qui nous met en relation avec les esprits de l'autre monde. (Lewis 1838: 240)

Quando vos contei a primeira parte da minha vida, disse-vos ser meu tuctor um homem sabio, dando-se ao trabalho de me ensinar, desde a infancia, todas as suas descobertas, mesmo as mais mysteriosas. Entre as sciencias que sua curiosidade o levou a profundar, não olvidou aquillo a que muitos olham como impio, outros como senso chimerico; quero fallar da arte que nos poem em contacto com os espiritos do outro mundo. Esta arte, segundo a magia, se divide em duas partes: a primeira a magia branca, e a segunda a magia preta. Na primeira se obtem todas as cousas pelas rezas e orações a algum santo da nossa maior devoção, por uma novena de nove dias consecutivos á hora do meio dia, consultando para isto o sol. A segunda por uma maneira bem differente, supplica-se ao espirito das trevas, junto do muro d'algum cemiterio, invocando para isso o nome d'algum indeviduo alli sepultado que cá na terra fosse o flagello de seus semelhantes. Ambas estas duas partes teem outras particularidades mais, que não vos posso explicar agora. (Lewis 1862: 242)

Na ausência de mais indicações, torna-se impossível afirmar com certeza que inserções como estas foram retiradas de obras alheias, pois podem bem dever-se à imaginação —, ainda que informada —, do tradutor; contudo, casos há em que a intertextualidade está devidamente identificada. O primeiro desses casos encontra-se numa fala em que Ambrósio disserta sobre a necessidade que o homem tem de viver em sociedade:

Nós somos feitos à imagem do creador, segundo nos ensina a Escriptura por estas palavras: «Deos creou o mundo, fez o homem à sua imagem: d'aqui começa Moysés, o mais sabio dos historiadores, o mais sublime dos poetas, e philosophos. Estabeleceo a sociedade do género humano, e a concordia dos casamentos, por base d'esta sociedade» (1). (Lewis 1862: 48-49)

Em nota, o tradutor remete-nos para a proveniência desta passagem: Bossuet, *História Universal* —, cap. 1.º Semelhante identificação é feita alguns capítulos mais à frente quando, a

propósito das atrocidades cometidas por Ambrosio, Martins da Cunha cita documentos de uma instituição religiosa:

Estes pensam, machinam e tratam de forjar momentos onde possam cervar seus malévolos intentos, e se por accaso a consciencia um dia lhe falla ao coração, repelem-n'a buscando bazes falsas para firmarem suas idéas a ponto de chegarem a conceber, que o mal praticado por elles, se torna um bem, por attingir a este ou áquelle fim. Por isso nas leis que regiam a *Santa communidade instituída por Santo Ignacio de Loyola*, se encontra um artigo que diz —, *É permitido o insecto, adulterio, parreicidio, fratericidio, homicido e o roubo, com tanto que seja a bem da ordem (!)*. (Lewis 1862: 230)

Para além de textos de carácter informativo, Martins da Cunha elege ainda obras de romancistas e poetas em voga na época, o que, segundo Vitorino Nemésio, foi muito comum durante todo o Romantismo:

As citações nominais de autores estranhos pelos nossos é abundante e prolixa, nascida do hábito, alimentado por quatro séculos, de estadear erudição ... Pareceria mal que o romântico não recebesse na sua comovida antena as transmissões de Roma, de Londres, de Berlim, de Paris ... Como não falar de Othelo para carregar o ciúme, de Desdémona para acentuar a palidez, de Childe Harrold errante, de Werther desesperado, de René, de Corina, de Graziela, de Adolfo? E, uma vez que vieram à baila estes «entes», porque não invocar os deuses que os criaram? Shakespeare, Byron, Goethe, Chateaubriand, Madame de Staël, Lamartine, Benjamin Constant. Naturalmente...E depois ainda, os deuses menores, cuja divindade se exagera: ... os Crabbes, os Millevoyes, os Delavignes, e ainda um estrada abaixo.<sup>24</sup> (Nemésio 1936: 1-2)

É o que acontece no trecho em que Ambrosio se preparava para violar Antonia. De modo a enriquecer a descrição da cena, o tradutor compara-a com a passagem de outro livro:

Olhava Antonia como sua victima, desafiando todas as potestades se juntas força tivessem para lhe virem arrancar das mãos sua presa: contemplando-a, se ria com uma alegria brutal e selvagem, brilhando-lhe os olhos noctilucos com maior expressão que aquella que descreve o author do Hans-de-Islandia, quando em um val á meia noute esmagava debaixo de bocados de rochedos os artilheiros de Stocolmo. (Lewis 1862: 272-273)

A mesma estratégia é empregada no capítulo seguinte para intensificar o obscurantismo do cenário que envolve Antônia no momento em que tem uma visão da falecida mãe:

Ainda ao longe se sentia grunhir o trovão; de uma e outra parte fusilavam os relâmpagos, que abriam fêndas na densa obscuridade que envolvia n'aquella horrivel noite todo o Madrid. Passado algum espaço de tempo, as trovoadas se crusaram sobre os telhados d'aquella cidade; rebentando com estrepito, echoava seu estampido, que junto com o sibilar do vento e do roído da agoa, se assimilhava ao zunido das longas azas dos vampiros, descriptos nas noites de Young. (Lewis 1862: 285)

É provavelmente também a esta popular obra<sup>25</sup> que Martins da Cunha vai buscar as imagens que utiliza em outros três trechos onde se manifesta um verdadeiro *locus horrendus*. No primeiro deles, Raymundo aguarda pela chegada de Ignez junto ao Castelo de Lindberg. Faltavam poucos minutos para a meia-noite, hora em que a jovem devia pôr o seu plano de fuga em acção, e, impaciente, o Marquês das Cisternas observa a paisagem sombria que o rodeia:

The night was calm and beautiful: The Moonbeams fell upon the antient Towers of the Castle, and shed upon their summits a silver light. All was still around me: Nothing was to be heard except the nightbreeze sighing among the leaves, the distant barking of Village Dogs, or the Owl who had established herself in a nook of the deserted Eastern Turret. I heard her melancholy shriek, and looked upwards. She sat upon the ride of a window, which I recognized to be that of the haunted Room. This brought to my remembrance the story of the Bleeding Nun, and I sighed while I reflected on the influence of superstition and weakness of human reason. (Lewis 2008: 153)

Le ciel était serein et la nuit calme. Des rayons de la lune tombaient à pic sur les tours antiques du château, dont ils argentaient les sommets. On n'entendait que le bruissement des feuilles agitées par le vent frais de la nuit, quelques aboiemens qui par-taient des villages voisins, et le cri d'un hibou qui s'était établi sur un des angles de la tour de l'est. Ce cri lugubre me fit lever les yeux; je l'aperçus sur la corniche d'une fenêtre, que je reconnus pour être celle de l'appartement réservé à la nonne sanglant, dont cette particularité me retraça en un moment toute l'histoire (Lewis 1838: 148)

Morelet, seguindo fielmente Lewis, fornece-nos uma descrição arrepiante da cena, mas Martins da Cunha vai mais longe, exagerando bastante os traços terríficos:

A noute estava calma e serena como costumam ser a maior parte das noutes do mez de Maio. O Ceo crivado de miudas estrellas, apresentava um matiz que muito realçava o azulado das nuvens da parte convexa d'esta abobada sublime. Do lado norte, em distancia se viam montões de negras nuvens um tanto diafnas, que annunciavam uma ligeira trovoada ao longe. Do nascente, brilhava uma especie de metheoro, parecendo por sua embaçada claridade, antecipar-se o crepusculo matutino. Do poente, avermelhadas nuvens, pareciam mergulhar-se em nosso horisonte sensível, apresentando todo este conjuncto de phenomenos e phases da natureza, um espectaculo surprehendedor e maravilhoso; onde mui bem se via, e negar se não podia, as obras do nosso creador. Em uma matta visinha do castello, onde o vento agitava de quando em quando as folhas dos alamos, chopos e sauz, fazendo-as descer até aos mais rasteiros arbustos, que se vergavam debaixo delas, como vergar se pôde um annoso carvalho, pelo pezo e furia do norte. Ali se sentia de quando em quando, gemer compassadamente a meiga rolla, acolá a invejosa tontinegra; exforçando-se pertendia, não só imittar, mas até exceder os melodiosos gorgeios de sua mestra a philoméla. Também o astuto melro, pôlando de cumo em cumo, tomava parte nas saudações innocentes, que outras avesinhas faziam ao autor da natureza. Na serra sobranceira, como já dissemos, ao castello, se sentia piar melancolicamente todas as aves nocturnas, que saíndo das suas tócas, procuravam os logares mais elevados da montanha, para d'ali lançarem suas queixas ao vento, pela condemnação eterna em que jaziam. Uma cruja que pousada estava em uma das pontas da meia lua que rematava o pico do zimborio, respondia em sua linguagem aterradora, ás outras aves suas companheiras de desterro. Tão absorto estava em minhas reflexões, sobre a fugida de Ignez, que pouca attenção a isto dava; mas como os gritos da cruja mais visinha tão repetidos e agudos eram, me obrigaram a levantar a cabeça e vêr uma das janellas do quarto reservado á *Freira Sanguinaria*. Esta vista me recordou em um momento toda a historia. (Lewis 1862: 146-147)

Semelhante tipo de adição surge noutro trecho do capítulo 8,<sup>26</sup> que se reporta a uma das duas ocasiões em que Ambrosio acompanha Mathilde aos subterrâneos do Convento de Santa Clara, cuja entrada ficava no cemitério. Embora o cenário seja sugestivo, prestando-se a uma lúgubre descrição, Lewis

abstêm-se de o fazer, e Morellet respeita a sua decisão. Martins da Cunha, pelo contrário, vê nessa suposta falha uma oportunidade de exibir os seus dotes de escritor e preencher o que ele considera lacunas, oferecendo ao leitor português uma longa e pormenorizada caracterização do lugar, bem como dos sentimentos que ele inspira:

'You tremble!' said Matilda to her Companion; 'Fear not; The destined spot is near.'

They reached the foot of the Stair-case, and continued to proceed, feeling their way along the Walls. On turning a corner suddenly, they descried faint gleams of light, which seemed burning at a distance. Thither they bent their steps: The rays proceeded from a small sepulchral Lamp, which flamed unceasingly before the Statue of St. Clare. It tinged with dim and cheerless beams the massy Columns which supported the Roof, but was too feeble to dissipate the thick gloom, in which the Vaults above were buried. (...) Darkness the most profound surrounded him, and encouraged the doubts, which began to revive in his bosom. (Lewis 2008: 272)

Vous tremblez, dit Matilde à son compagnon, qu'elle conduisait par la main; ne craignez rien: le lieu où nous devons nous rendre n'est pas éloigné.

Parvenus au bas de l'escalier, ils continuèrent à marcher en côtoyant les murs. Au détour d'un de ces chemins, ils aperçurent dans le lointain une faible lueur, vers laquelle ils se dirigèrent; c'était celle d'une petite lampe sépulcrale, que les religieuses tenaient constamment allumée devant la statue de Sainte-Claire. Cette lampe jetait une clarté triste et sombre sur les colonnes massives qui soutenaient la voûte en cet endroit, mais trop faible pour dissiper l'épaisse obscurité des caveaux voisins .... Quand il se vit en ce lieu, environné de profondes ténèbres, ses craintes commencèrent à renaître. (Lewis 1838: 245)

Aqui tremôo Ambrosio, e Mathilde o reanimou com uma voz meiga, posto que varonil. O aspecto deste soterraneo praticado nas profundas entranhas da terra, era horroroso. O pizo, humido e desigual ; altas paredes de architectura antiga, semi-gothica e corinthia sobre as quaes a mão devastadora da antiguidade não tinha poupado. Faltavam-lhe alguns pedaços de pedra, apresentando em diferentes sítios uma especie de nichos que serviam de abrigo aos noctivagos animais .... Não houve fabula alguma mesquinha que não assolasse o pensamento. Em cada morcêgo que sentia, parecia vêr um vampiro. O mais pequeno ruido lhe parecia

ser os sêccos e descompassados passos de algum esqueleto que deixando a sepultura por vêr profanado o seu eterno retiro por algum vivente, ainda battendo a senda por elle já battida, que em logar de lhe dar a mão e ajudal-o a subir á gloria tão desejada com rezas e suffragios, o vinha encomendar em sua ultima morada, e para pagar a ousadia do atrevido o queria comsigo para lhe fazer partilhar do humido leito que lhe era destinado. Outras vezes com uma pouca de reflexão, varria como de um sopro estas pueris chimeras, substituindo-as pelos pensamentos religiosos que com maior base e veneração o apoquentavam ainda mais. (Lewis 1862: 149-150)

Noites de tempestade, vampiros, esqueletos que se levantam da sepultura, almas do outro mundo, ciprestes, architectura gótica, morcegos e outros animais noctívagos —, estas adições são importantes por reflectirem o gosto por uma ambiência *ne-gra* que as composições tumulares de Young, Gray e Hervey haviam imposto nos finais do século XVIII, e que se mantivera vivo graças ao cultivo da poesia ultra-romântica nas décadas de 40 a 60.

Mas não são só os autores estrangeiros a ter lugar em *O Monge*; também Luís de Camões e a sua obra são invocados por duas vezes de modo a ilustrar duas cenas, uma em que o plano de fuga de Ignez é descoberto, e outra em que Ambrosio e Mathilde se entregam pela primeira vez aos prazeres sensuais. Na primeira delas, Ambrosio encontra por acaso o bilhete que Raymundo enviara a Ignez, dizendo-lhe que a fuga se realizaria no dia seguinte; quando confrontada com este facto, a jovem quase desmaia, tendo que se agarrar a um pilar da capela para evitar cair no chão —, “All colour instantly faded from her face; she trembled with agitation, and was obliged to fold her arms round a Pillar of the Chapel to save herself from sinking upon the floor.” (Lewis 2008: 45); “Pâle et tremblante, elle fut obligée de jeter, pour se soutenir, se deux bras autour d’un des piliers qui supportaient la voûte de la chapelle” (Lewis 1838: 40). A cena lembra a Martins da Cunha um verso de Camões, mas para que a correspondência entre as duas obras seja perfeita, o tradutor substituiu *coluna* por *estátua*:

Cai de joelhos aos pés de Ambrosio, com as mãos juntas e supplicantes, pálida e tremula; mas foi repellida por elle, que desaparecendo-lhe da frente, a pobre menina se agarrou a uma estatua que junto lhe ficava. Ao que podemos parodiar Camões: que ficou trémula e fria, junto á estátua de Maria; pois foi á estátua da virgem, a quem se agarrou. (Lewis 1862: 41)

Na segunda cena Martins da Cunha revela-se incapaz de encontrar palavras que comentassem a passagem que Lewis (e Morellet) tinha acabado de relatar, relegando para o gênio de Camões a responsabilidade dessa tarefa:

Por mais que nos exforçássemos para buscar expressões competentes para descrever esta scena de mutuos prazeres, não nos seria possível, nem tão pouco haveria penna que a isso se prestasse. Finalmente só diremos como o Príncipe dos nossos poetas Portugueses:

.....  
.....  
.....

Melhor é experimenta-lo que julga-lo,  
Mas julgue-o quem não pôde experimenta-lo.  
(Camões —, Canto 9º Est. 83)

(Lewis 1862: 84)

A referência ao *príncipe dos poetas portugueses* é apenas um dos muitos elementos a que o tradutor recorre para dar a *O Monge* uma ambiência mais nacional, seguindo uma tendência bastante em voga entre muitos intelectuais do Portugal oitocentista. É o caso de José da Silva Mendes Leal, que no artigo “Marino Faliero (Delavigne)”, publicado na *Revista Universal Lisbonense*, em Maio de 1848, afirma:

Não há falta de respeito, antes verdadeira prova d'elle, em fazer integralmente comprehender a composição transferida. Toda a peça de theatro, ganha em ser nacionalisada, em vez de ser servilmente vertida. Ganha porque fica em tudo mais accessivel a todos. Cumpre readvertir que a nacionalisação não se limite ao nome dos logares e personagens. Isso não passa de accessorio: na linguagem e costumes está o essencial .... O sr. Castilho transportou de França para Portugal toda a acção do *Tartufo* .... D'este modo a individualidade de hypocrita, concepção genérica, sobresaee melhor no meio de personagens conhecidos, familiares, inteiramente portuguezes .... Traduzir litteralmente as obras primas é enfraquecel-as e desfigural-as! Tanto mais vale o original, tanto mais fica descorado o que assim não passa de seu reflexo .... Se copiaes a traço o monumento, tereis apenas uma estampa. Reconstruí-o pelo originário desenho, será outro elle .... Este o methodo que se me figura verdadeiro. (apud Pais 1997: 146-147)

É por esta razão que, para além das citações camonianas, Martins da Cunha adapta ainda a caracterização física das personagens aos padrões de beleza peninsulares, insere referências a personagens ilustres da história lusitana, ditados, provérbios e expressões populares. Passemos a exemplificar alguns desses fenómenos.

No primeiro capítulo, Antonia e a sua tia Leonella chegam ao Convento dos Dominicanos para o encontrar apinhado de gente. Lourenço, atraído pela beleza da jovem, cede-lhe o lugar onde estava sentado e enceta conversa com as duas. Leonella explica-lhe que a sua sobrinha é familiar do Marquês das Cisternas, facto que este ainda ignora. Lourenço afirma conhecer bem o Marquês e oferece-se para servir de intermediário entre as duas partes, marcando um encontro. A esta cortesia responde Antonia com um tímido sorriso: “Antonia raised her blue eyes, and silently thanked him for the offer by a smile of inexpressible sweetness.” (Lewis 2008: 15); “Antonia leva sur lui ses beaux yeux bleus, et le remercia par un agréable sourire” (Lewis 1838: 10). Na versão portuguesa a timidez da donzela mantém-se, mas a cor dos seus olhos altera-se e os seus lábios enrubescem-se para melhor corresponder às características fisionómicas da mulher portuguesa: “Então Antónia levantou para elle os seus bellos olhos pretos e lustrosos como azeviche, agradecendo-lhe o offerecimento com um agradável sorriso, que lhe assumiu aos lindos beiços de carmim” (Lewis 1861: 9).

Outro exemplo de nacionalização ocorre no capítulo 4:<sup>27</sup> depois de escapar da armadilha montada pelo bando de ladrões, Raymundo parte com os barões de Lindenberg para a Baviera, disposto a lá passar uma temporada. Durante a viagem o Marquês tem a oportunidade de conhecer um pouco melhor o Barão, de quem nos diz ser um aficionado pela caça:

His ruling passion was Hunting, which He had brought himself to consider as a serious occupation; ... I happened to be a tolerable Sportsman: Soon after my arrival at Lindenberg I gave some proofs of my dexterity. The Baron immediately marked me down for a Man of Genius, and vowed to me an eternal friendship. (Lewis 2008: 129)

La chasse était sa passion dominante ... Assez versé moi-même dans cet exercice, j’eus le bonheur, peu de temps après mon arrivée à Lindenberg, de lui donner quelques preuves de ma dextérité; alors, je fus à ses yeux un grand homme, et il me voua une amitié éternelle. (Lewis 1838: 123-124)

É a oportunidade ideal, na opinião do tradutor português, para evocar os áureos tempos do reinado de D. Manuel I:

Seu maior divertimento era a caça .... Eu também bastante versado era n'este exercício, por isso fiquei sendo no seu modo de pensar um grande cavalleiro; era assim que conhecia os homens. Bastava serem bons caçadores, grandes entendedores de cães e armas, para no seu modo d'entender, serem altas personagens, como no reinado de D. Manoel, os perfeitos cavalleiros e cortezãos, deviam saber jogar a malha, conca, pião e o fitilho. Durante a minha estada em Lindemberg, muitas poucas ocasiões tive para lhe mostrar toda a destresa em atirar. Por esta forma nos ligámos por estreitos laços de amisade. (Lewis 1862: 121-122)

De todos os recursos destinados a tornar “os eventos representados conterrâneos e contemporâneos —, ou quase contemporâneos —, do público a que a tradução se destina” (Ribeiro, 2001: 99), é à inserção de ditados, provérbios e expressões populares tipicamente portuguesas que Martins da Cunha mais vezes recorre, multiplicando-se os exemplos deste tipo ao longo de toda a tradução: “o senhor marquez, sogro da minha mana já lá está descançando *na terra da verdade*”, “conhecia-a e via-a pois como diz o ditado, somos espelho uns dos outros”, “tentaram romper a turbamulta; mas os esforços foram infructíferos, cederam; pois segundo diz o ditado, a força cede á resistencia”, “as paredes além de grossas, forradas eram com tapetes, e podia dizer que estavam fóra do alcance do bem antigo rifão «*as paredes teem ouvidos*», “... podendo-se muito bem vêr na minha macerada phisionomia, o quanto sofre meu coração; pois bem certo é o ditado: —, o mal e o bem à face vem”, “lembre-se do dictado: O amor tornado em odio, é peor que um cão damnado”, “Abre-nuncio! Credo! Em nome do padre, do filho e do espirito santo! Parece-me já que me estão levantando do chão”, “Antonia mesmo assim innocente não quiz desmentir de um velho e antigo dictado que usam os aldeões: —, O espinho quando nasce, já nasce com o bico que há de picar”, “Apenas pensaram n'isto, foi como se costuma dizer, dito e feito” (Lewis 1862: 8, 16, 28, 83, 116, 137, 143, 233, 261).

A nacionalização levada a cabo por Martins da Cunha em *O Monge* está longe de poder ser equiparável a outras suas contemporâneas: o tradutor não translada a acção de Madrid para Portugal, nem atribui às personagens uma roupagem indubitavelmente lusitana; ainda assim, os elementos que insere são suficientes para conferir à obra um acentuado carácter português, permitindo-lhe escapar à tendência então em voga de *afrancesar*

a linguagem, tendência essa criticada por Francisco de S. Luiz no prefácio à 3.<sup>a</sup> edição de *Glossario das palavras e frases da lingua franceza que por descuido, ignorancia ou necessidade se tem introduzido na locução portugueza moderna*:

nota[-se] em quasi todas as nossas traduções, e ainda em muitas das obras originaes modernamente escritos, *hum certo pensar francez*, o qual, ainda mais que os vocábulos ou frases individualmente consideradas, altera a fôrma original do idioma e lhe dá hum colorido estrangeiro, e alheio da sua natureza. Este *pensar francez ...* consiste em tomarmos do francez hum modo particular de tecer o discurso, e hum certo ar, geito ou estillo de fallar e escrever, que he proprio daquella lingua, e não conforme com a indole, genio e character da lingua portugueza. (Luiz 1846: VIII-IX)

Mas mais que do que dar a *O Monge* uma roupagem claramente lusitana, Martins da Cunha dá-lhe uma roupagem indubitavelmente sua, assenhorando-se orgulhosamente do texto e fazendo questão de deixar transparecer nele a sua voz e o seu estilo de escrita.

Enquanto narrador, intromete-se repetidamente para fazer pequenos comentários pessoais sobre os acontecimentos, mantendo uma conversa íntima com o leitor, a quem por vezes interpela sem qualquer pudor. É o que acontece a) na passagem em que Ambrosio, não se deixando afectar pelos rogos de Mathilde, se mostra irreduzível e frio, b) no trecho em que Lourenço aborda o assunto da situação em que se encontrava Antonia, ou c) na frase de abertura do capítulo VI.<sup>28</sup> Em todos os casos, o tradutor fala directamente para o público, fazendo-o sentir-se parte integrante da narrativa: a) “Revestiu-se com aquelle ar imperioso e arrogante, de que o leitor deve estar lembrado que elle usou, quando ha poucos momentos no pulpito descrevia os horrores do inferno” (Lewis 1862: 56); b) “Passaram a outras conversações, sendo em todas o principal objecto os interesses de Antonia, de que o leitor se deve recordar quaes são” (Lewis 1862: 179); c) “Deixemos Lourenço a cumprir a sua promessa, e voltemos ao quarto, ou cella de Mathilde ou Rosario, onde deixamos Ambrosio entregue a prazeres até então para elle desconhecidos (Lewis 1862: 203). Em todos os casos também, as interpelações encontram-se ausentes das versões homónimas, devendo-se a sua inserção à iniciativa de Martins da Cunha: a) “He assumed an air of severity, and drew away his hand.” (Lewis 2008: 62), “Il prit un air imposant, et retira sa main” (Lewis 1838, 56); b) “He then proceeded to mention the interests of

Antonia.” (Lewis 2008: 193), “Passant ensuite à un autre objet, il lui parla des intérêts d’Antonia” (Lewis 1838: 181).

De outras vezes, a interpelação ao leitor assume a forma de um aparte. É disso exemplo o trecho em que Leonella, saindo da igreja, sonda a sua sobrinha a respeito dos cavalheiros com que tinham acabado de travar conhecimento: “Well, Antonia!’ said the Aunt, as soon as She had quitted the Church; ‘What think you of our Gallants?’” (Lewis 2008: 33), “– Hé! Bien, Antonia, dit la tante aussitôt qu’elle fut sortie de l’église, que pensez-vous de ces deux cavaliers?” (Lewis 1838: 27). A este propósito, Martins da Cunha comenta: “—, Muito bem Antonia, lhe disse a tia, apenas pôz o pé no último degráo do adro (chamar-lhe-hemos o ultimo porque ellas vinham descendo; se subissem chamar-lhe-hiamos o primeiro)” (Lewis 1862: 27). O mesmo acontece na já referida passagem em que Ambrosio e Mathilde se envolvem sexualmente pela primeira vez: “‘Thine, ever thine!’ murmured the Friar, and sank upon her bosom” (Lewis 2008: 91); “– A toi, pour jamais à toi! Balbutia le père en expirant sur le sein de Matilde” (Lewis 1838: 83). A falta de pudor de Mathilde ao entregar-se a este acto faz com que o tradutor português comente: “– Teu...sim...teu...para sempre...repetia o padre balbuciando, e escondendo o rosto entre o seio (que já não chamaremos puro) de Mathilde” (Lewis 1862: 84).

De apartes poderiam também ser classificados muitos dos epítetos referentes a Ambrosio, de que são exemplo *Homem de Deus, Santo Papa, respeitavel varão, Santo Homem, Santa creatura, immaculado padre, reverenda creatura, santo consolador e modelo de piedade*. Destacados a itálico, eles equivalem a uma piscadela de olho ao leitor, advertindo-o de que os epítetos são irónicos, e que por detrás da aparência de virtude monástica se esconde uma personagem malévola; o facto de alguns destes exemplos surgirem antes de Ambrosio ter cometido qualquer acção pecaminosa só vem legitimar esta ideia.

A presença de Martins da Cunha faz-se ainda sentir no estilo da escrita, caracterizado por uma linguagem artificiosa, carregada de imagens, metáforas e comparações, que confere a passagens originalmente simples uma acentuada carga melodramática: a simplicidade de “pour lui, se sentant peu disposé à dormir” (Lewis 1838: 78) —, “He did not find himself inclined to sleep” (Lewis 2008: 86) —, é irreconhecível em “retirou-se à cella para implorar de morpheu o cobril-o com seu pacifico manto; mas elle surdo a seus rogos, enviou-lhe uma insonia que lhe durou toda a noute” (Lewis 1862: 78); algo desprovido de artificios estilísticos, como “excusez-moi, dit-elle, si je vous quitte un moment; le souvenir de mes peines m’a fort agitée, et j’ai besoin

d'un peau de solitude" (Lewis 1838: 197) —, "Excuse my quitting you for a few moments: The remembrance of what I have suffered has much agitated me, and I need to be alone" (Lewis 2008: 214) —, passa a "Desculpe-me V. Ex<sup>a</sup> pelo deixar por um momento: as cicatrizes que ainda hoje conservo de meus antigos pesares, de novo se rasgaram, derramando o sangue da recordação, agitaram-me fortemente; tenho precisão de estar só um momento" (Lewis 1862: 195).

Passagens que, certamente, fariam as delícias do público português oitocentista, adepto incondicional do estilo melodramático da poesia e, em especial, do teatro ultra-românticos:

O destempero original de um drama *plus quam romântico* ... [sempre culmina] na infalível cena da xácara, do subterrâneo, do cemitério, ou quejanda, em que a dama, soltos os cabelos e em penteador branco, endoidece de rigor — o galã, passando a mão pela testa, tira do profundo tórax os três *ahs!* do estilo, e promete matar seu próprio pai que lhe apareça — o centro perde o centro de gravidade, o barbas arrepele as barbas...e maldição, maldição, inferno!... «Ah!, mulher indigna, tu não sabes que neste peito há um coração, que deste coração saem umas artérias, destas artérias umas veias — e que nestas veias corre sangue... sangue, sangue! Eu quero sangue, porque eu tenho sede, e é de sangue... Ah! pois tu cuidavas? Ajoelha, mulher, que te quero matar... esquartejar, chacinar!» — E a mulher ajoelha, e não há remédio senão aplaudir.... (Garrett 1985: 235-236)

Como se pode constatar pelos exemplos fornecidos (e que poderiam ter sido muitos mais), se há coisa de que a versão de 1862 não pode ser acusada é de mimetizar Morellet. O estilo nela presente não é o do tradutor francês, mas sim o de Manoel Martins da Cunha, que fez de *O Monge* um espaço destinado a exibir a versatilidade da sua escrita, permitindo-lhe afirmar "nele a sua condição de criador e [ver] o seu nome inscrever-se, de direito, a par do nome do autor do texto traduzido" (Ribeiro 2001: 99).

Para além da acentuada infidelidade, de que demos uma pequena mas significativa amostra, a qualidade de *O Monge* é também afectada pela presença de uma série de erros motivados pela incompreensão de certas palavras e expressões utilizadas na edição que lhe serviu de base. Atenemos no passo em que Elvira se apercebe de uma mudança no comportamento da filha de cada vez que se pronunciava o nome de Lourenço, sendo comum esta desviar o tema da conversa para Ambrosio: "She had observed with inquietude, that at the mention of Lorenzo a deep blush spread itself over her Daughter's cheek. The timid

Antonia dared not to pronounce his name; Without knowing wherefore, She felt embarrassed when He was made the subject of discourse, and endeavoured to change the conversation to Ambrosio.” (Lewis 2008: 201). A mesma informação é disponibilizada na tradução francesa: “Elle avait observé qu’au seul nom de Lorenzo le rouge montait au visage de sa fille; toutes les fois qu’il en était question, Antonia, timide, embarrassée, détournait la conversation et parlait d’Ambrosio” (Lewis 1838: 185-186). Martins da Cunha, no entanto, diz que Elvira “observava fazer o nome de Lourenço côrar sua filha todas as vezes que o ouvia pronunciar. Timida e embaraçada, mudava de assumpto quando fallava de Ambrosio” (Lewis 1862: 185), o que, como se pode verificar, não corresponde ao que se diz nos outros dois textos.

O mesmo acontece no trecho em que a Madre Úrsula desmascara a Abadessa, revelando as maquinações por ela engendradas para convencer as outras religiosas de que Ignez merecia um pesado castigo:

‘A Council of the twelve elder Nuns was called: I was of the number. The Prioress in exaggerated colours described the offence of Agnes, and scrupled not to propose the revival of this almost forgotten law. To the shame of our sex be it spoken, that either so absolute was the Domina’s will in the Convent, or so much had disappointment, solitude, and self-denial hardened their hearts and sowered their tempers, that this barbarous proposal was assented to by nine voices out of the twelve.’ (Lewis 2008: 351-352)

Mais uma vez, Morellet traduz as palavras de Lewis sem lhes alterar o sentido:

On assembla un conseil de douze anciennes religieuses; j’étais du nombre. Le prieure peïgnet de couleurs exagérées les torts d’Agnès, et n’eut pas de scrupule de proposer la remise en vigueur de cette loi presque oubliée. Je dois le dire à la honte de notre sexe, ou le pouvoir de l’abbesse était si absolu dans le convent, ou le malheur, la solitude et les austérités, avaient tellement endurci les coeurs de nos anciennes, et aigri leurs caractères, que cette barbare proposition obtint neuf voix sur douze. (Lewis 1838, 320)

Já Martins da Cunha depara-se com dificuldades que não consegue transpôr:

Formou-se um conselho de doze religiosas anciãs; eu era do numero d’ellas. A abbadessa pintou com exageradas cores os agravos de Ignez, e não teve escrupulo em pôr em vigor esta lei

quase esquecida. Devo dizê-lo com vergonha do nosso sexo, ou o poder da Abbadessa era tão absoluto no convento, ou a desgraça, ou a solidão e as austeridades, tinham de tal fôrma endurecido os corações das nossas anciãs, que esta barbara proposição obteve doze votos contra nove. (Lewis 1862: 309)

*Neuf voix sur douze* não se traduz, como é óbvio, por *doze votos contra nove*, mas sim por *nove votos em doze*. Mesmo quem não domine particularmente bem o francês pode aperceber-se de que esta correspondência nunca poderia ser possível —, se o conselho era formado por doze religiosas no total, como poderiam ter votado nove contra doze? A discrepância não terá, com certeza, escapado ao olhar dos leitores mais atentos na altura, tal como não escapou ao nosso.

Poder-se-ia alegar que os erros acabados de apresentar não passam de um lapso causado por uma distração momentânea, não constituindo prova de que o tradutor dominava mal o idioma francês. Outros, no entanto, não deixam margem para dúvidas: é o caso da tradução de *vendredi (Friday)* por *quinta-feira*, verificável sempre que o termo ocorre. A repetição do fenómeno não pode ser considerada um lapso; muito pelo contrário, ela documenta o desconhecimento que o tradutor português de *O Monge* tinha do vocábulo, podendo deduzir-se que este não seria o único.

A presença do próximo excerto parece confirmar as nossas suspeitas. Theodoro, disfarçado de mendigo, dirige-se ao Convento de Santa Clara de modo a tentar saber notícias de Ignez, aí encarcerada. Graças à sua boa aparência, voz melodiosa e civilidade, o jovem consegue entrar no edifício, onde as religiosas lhe servem “a double portion of Soup, of better quality than what was given to the Beggars.” (Lewis 2008: 284) Morellet traduz a informação sem dificuldade —, “La portière le fit entrer dans son petit logement, pendant que la tourière allait à la cuisine, d’où elle revint avec une double portion de soupe, meilleure que celle qu’on avait donnée aux mendiants.” (Lewis 1838: 256) —, mas Martins da Cunha parece ficar confuso com o uso do vocábulo *double*, que traduz como *segundo*, e não *duplo*: “A porteira obrigou-o a entrar em seu pequeno aposento, em quanto a rodeira ia à cosinha, d’onde voltou trazendo uma segunda porção de caldo, mais bem adubado do que o dos pobres.” (Lewis 1862: 261) Dado que não existia na versão francesa —, tal como não existia no original —, qualquer referência a uma primeira porção de sopa, o tradutor apressa-se a acrescentar pormenores narrativos que suportam a escolha do termo eleito, mas que contrariam os textos inglês e francês:

Theodoro, não era pedinte por officio; mas sim por necessidade, não sabia o costume de seus novos collegas; por isso, não vinha prevenido como elles, com a classica marmita ou tigela, companheira inseparavel dos pobres pedintes.

Pediu por muito favor para o deixarem comer o seu quinhão nas escadas da portaria: consentiram n'isso sem difficuldade. Depois de ter tomado a sua refeição, ou talvez dando-a a algum cão (porque Theodoro não tinha fome, só sim para seus fins, affectava tê-la) pousou a cuia de estanho sobre o degrao e afinando a guitarra cantou com voz melodiosa uma aria. O assento da voz, e esvelta figura, attraio a attenção da porteira, posto que velha, ainda lhe não era indifferente um mancebo bem disposto. A rodeira tambem movida pela curiosidade, veio escutar Theodoro, e junta com sua companheira lhe pediram para se demorar até os outros mendigos se retirarem, promettendo dobrarem-lhe a ração. (Lewis 1862: 260)

All were provided with jugs or bowls to carry it away; But as Theodore had no utensil of this kind, He begged leave to eat his portion at the Convent-door. This was granted without difficulty: His sweet voice, and in spite of his patched eye his engaging countenance, won the heart of the good old Porteress, who aided by a Lay-Sister was busied in serving to each his Mess. Theodore was bad to stay till the Others should depart, and promised that his request should then be granted. (Lewis 2008: 283).

Chacun avait son écuelle pour emporter sa pitance; mais Théodore n'ayant aucun ustensile de ce genre, demanda à manger sa parte à la porte du couvent. On y consentit sans difficulté. Sa voix douce et sa figure encore jolie, malgré son large empiâtre, lui gagnèrent le coeur de la bonne vieille portière, qui, aidée d'une tourière, distribuait aux pauvres leurs portions. On dit à Théodore d'attendre que les autres s'en allassent, après quoi on lui promit de lui donner ce qu'il demandait. (Lewis 1838: 255)

Estes e muitos outros erros que poderíamos analisar deveram-se —, podemos agora afirmar com um elevado grau de certeza —, ao insufficiente conhecimento que Martins da Cunha possuía da língua francesa. Nos dias que correm pode parecer-nos estranho que alguém que não domine inteiramente um determinado idioma se aventure a traduzir uma obra escrita nesse mesmo idioma, mas a verdade é que no século XIX tal aptidão não era considerada um requisito indispensável para a tarefa, como se pode depreender das palavras de Castilho inseridas na advertência a *Fausto*:

sem me andar à procura de mais exemplos, eu próprio do dinamarquez e do sueco, não entendo uma sillaba única, traduzi poesias suecas e dinamarquezas, e fui por competentes juizes aprovado ... só que me parece questão ociosa esta de se perquirir se um traductor sabe ou não sabe a língua do seu original; o que importa, e muito, é se expressou bem na sua, isto é, com vernaculidade, clareza, acerto e a elegância possível, as ideias e affectos do seu autor. (*apud* Pais 1997: 151-145)<sup>29</sup>

Mas não é só ao nível do idioma francês que Manuel Martins da Cunha deixa muito a desejar; também o seu domínio da língua portuguesa é bastante deficitário, cometendo falhas imperdoáveis, especialmente a quem se dedica ao campo da produção literária.

A mais notória dessas falhas verifica-se ao nível da pontuação, havendo uma grande quantidade de vírgulas, pontos e vírgulas e dois pontos, que aliás são utilizados indiscriminadamente, como se de equivalentes se tratassem — “Devo minha existencia a paes respeitaveis: dos quaes por decencia occulto o nome; pois meu pae ainda vive e não merece ser misturado seu nome com a minha ignominosa vida” (Lewis 1862:112), “Minha mãe já não existe, (e talvez fosse eu a causa de sua morte): aqui se interrompêo Margarida; pois os soluços lhe embargaram a voz, chorando o pranto do arrependimento” (Lewis 1862:118), “Minha resposta foi apressar o passo e deixar quanto antes o castello; apartanto d’elle o corpo; mas ficando-me lá preso o coração” (Lewis 1862: 137).

Não é apenas o uso atabalhoado da pontuação, no entanto, que nos permite dizer que Martins da Cunha não é um bom escritor; também ao nível da sintaxe este parece ter sérias dificuldades, sendo comum encontrarmos vírgulas (ou pontos e vírgulas) a separar os constituintes centrais da frase —, “O túmulo que guardava os restos mortaes da fundadora do convento, fazia que os nossos dois viajantes destemidos não fossem vistos” (Lewis 1862: 210); “Ignez tem amigas no convento, e particularmente a madre Santa Ursula, a defenderá com todo o seu poder” (Lewis 1862:211) —, ou frases demasiado longas e desordenadas, por nelas estarem encadeadas, por exemplo, orações relativas atrás de orações relativas:

Temia a sua colera e os effeitos d’ella; porque, não ha cousa alguma mais terrivel n’este mundo, do que encorrer no desagrado de qualquer senhora, muito mais sendo poderosa, que de um instante para o outro forja uma sentença de extremínio, que cáe como um raio sobre o pobre indeviduo, que teve a infelicidade de a desafiar (Lewis 1862: 127)<sup>30</sup>

A sua mestria da língua portuguesa é ainda comprometida pelas constantes repetições, que se dão não somente a nível semântico — “Apertado pelo desejo de penetrar o mysterio, n’este mysterioso sitio (Lewis 1862:213); “Ambrosio rogado por Jacintha consentio ficar; se bem que contra a vontade de Jacintha, e todos os 3 se encaminharam para o quarto onde diziam aparecia o fantasma” (Lewis 1862:296); “Ambrosio encarando-a sentio uma especie de extremecimento semelhante áquelle que sente o usurario encarando o seu montão de ouro. Pois assim devia ser: Mathilde não era um montão de ouro; mas sim uma fonte inesgotavel de delicias. Ambrosio não era um usurario; mas sim um ávido cioso pelos prazeres” (Lewis 1862:209) —, mas também a nível estilístico: de cada vez que Martins da Cunha procura embelezar o texto original através da inserção de metáforas, comparações ou semelhantes artificios de linguagem, estes são invariavelmente os mesmos —, a ferocidade do leão ou do galgo quando reclamam a sua presa ou protegem a sua prole, a flor que é admirada pela sua beleza e consequentemente cobiçada, o fruto que apodrece quando entra em contacto com o mal, etc. —, resultando o discurso bastante pobre e repetitivo.

Como Manuel Martins da Cunha houve muitos; a tradução portuguesa oitocentista era, no geral, de muito má qualidade, fruto da insuficiente qualificação dos indivíduos contratados, do ritmo de trabalho que lhes era imposto, da teoria que presidia à prática tradutória e do desejo de minorar o custo de produção, que passava pela utilização de papel grosseiro, pelo descuido com a apresentação gráfica e pela ausência de uma entidade responsável pela revisão do texto. Tal realidade é denunciada por diversos críticos da época, como é o caso de José da Silva Mendes Leal, que em 1848 afirma:

Uma traducção em terra de quem está costumado a vêr e tolerar tantas, e tão mascavadas e ininteligíveis, é coisa naturalmente de pouca monte e valia. Verter um livro ou uma péça de theatro é coisa que em Portugal se faz com mais facilidade: é como agenciar eleições. Nem é preciso que o traductor saiba a língua para que traduz, e entenda o idioma de que traduz —, essa é a menos especial condição —, quem não tem que fazer, faz uma versão. (*apud* Pais, 1997: 132)

Semelhante reparo faz José Agostinho de Macedo:

Li o drama incluso, que se diz traduzido do allemão de Kotzebue: este poeta e gazeteiro foi morto ha poucos annos por

um estudante ... e tal é o fado avêso do poeta, que veio a ser segunda vez morto, e mais cruelmente esquartejado em Portugal por um tradutor ... ; a veia poética allemã é mais fria e mais gelada que a Siberia e a Groelandia. O tradutor português ainda nos deu este sorvete mais gelado. .... Não é isto objecto de censura, porque nas instrucções esqueceu o artigo «que se não licenciassem escriptos que compromettessem o tal ou qual credito da litteratura nacional». (Macedo, 1901: 25)

Refira-se ainda que o próprio tradutor está de resto ciente das limitações do seu trabalho, não deixando de se lhes referir na carta dirigida ao seu irmão, que funciona como posfácio: “Este trabalho de pouco merito ... o considero, talvez pelas muitas imperfeições, devidas à minha incompatibilidade e pouco tempo de revisão” (Lewis 1862: 349).

Como tantos outros produtos do circuito popular do livro, *O Monge* é portanto uma obra desprovida de qualidade literária, fruto do trabalho de um dos muitos *traduzideiros empreiteiros* —, como diria Helena Margarida Agarez Medeiros (2002) — não surpreendendo, por conseguinte, que a memória do seu tradutor não tenha sobrevivido ao passar de quase 150 anos.

---

<sup>1</sup> Refiram-se, a título de exemplo, «Aspectos da Recepção em Portugal da Poesia de Thomas Gray» (2001), de Maria de Fátima Jesus Rodrigues Dias, *O Romantismo em Portugal* (6 vols., 1974), de José Augusto França, «Relações do Poeta Eduardo Young com Portugal» (1945), de Henrique de Campos Ferreira Lima, *As Origens do Romantismo em Portugal* (1979), de Álvaro Manuel Machado, e o incontornável estudo da professora Maria Leonor Machado de Sousa (1978), *A Literatura «Negra» ou «de Terror» em Portugal (séculos XVIII e XIX)*.

<sup>2</sup> Diz-nos José-Augusto França (1974) que, durante os períodos do Pré-Romantismo e do Romantismo, se traduziram cerca de 160 títulos negros, 30% até 1835, 50% nos quinze anos seguintes e 20% até 1865. Os autores vertidos foram sobretudo franceses —, Ducray-Duminil, Madame de Genlis, Baculard d'Arnaut, Visconde d'Arincourt, Eugène Sue, Paul Féval, Victor Hugo, etc. —, mas os ingleses ocupam também um lugar de destaque. A par de inúmeros escritores de segundo plano, hoje em dia praticamente desconhecidos, fazem a sua aparição alguns dos grandes romancistas, como Ann Radcliffe, Sophia Lee, Regina Maria Roche, Horace Walpole e Matthew Gregory Lewis.

<sup>3</sup> Alexandre Herculano publicaria uma segunda versão da balada em 1836 no periódico *O Passatempo*. Para a elaboração de ambas, defende Maria Leonor Machado de Sousa (1978), Herculano guia-se não só pelo original inglês —, conforme publicita no título (*traduzido livremente do inglês*) —, mas também por uma versão francesa, o que faz do seu trabalho aquilo a que Jürgen von Stackelberg, na obra *Übersetzungen aus zweiter Hand. Rezeptionsvorgänge in der europäischen Literatur vom 14. bis zum 18. Jahrhundert* (1984), chamou de *ecletic translation*. Ao contrário do que afirmam Gonçalves Rodrigues (1993) e Isabel Lousada (1998), a tradução francesa que terá servido de base ao trabalho de Herculano não foi ainda identificada, mas a investigação que Maria Leonor Machado de Sousa presentemente se encontra a fazer disponibilizará certamente em breve mais informações sobre o assunto.

<sup>4</sup> Conforme nota Maria Zulmira Castanheira (2005), a importância das epígrafes não deve ser subestimada, pois elas ajudaram a publicitar autores e obras. A epígrafe que António Xavier Pinto de Campos insere é um importante testemunho do conhecimento que o escritor tinha da obra de Lewis, e por isso mesmo não deve ser ignorada.

<sup>5</sup> A par do estabelecimento de Bonnardel, é bastante provável que o livro estivesse também disponível nos dos seus concorrentes e em diversas livrarias, mas não nos foi possível averiguá-lo. Infelizmente, o *Catalogue des Livres Français du Cabinet de Lecture* foi o único catálogo de livros franceses de gabinetes de leitura que conseguimos consultar; os restantes (*Catalogue du Cabinet de Lecture* (1845) e *Cabinet de Lecture de la librairie belge et française* (1848)), pertencentes ao espólio da Biblioteca Nacional de Portugal, encontravam-se mal catalogados, não correspondendo as cotas aos títulos. Graças ao acervo da Real Mesa Censória conservado na Torre do Tombo (Catálogos dos Livros Vindos de França/ Catálogos de Livradores e Editores, caixas 139-142 e 494-495), pudemos consultar os catálogos de diversos editores e livreiros que operaram em Portugal na primeira metade do século XIX, entre os quais Viúva Bertrand&Filhos, Borel, Borel&Borel, Manoel José Machado & C<sup>a</sup>, Moré, Francisco Rolland e José Augusto Orce. A obra de Lewis não consta de nenhum deles, o que não quer dizer que não conste de outros que não tivemos oportunidade de verificar.

<sup>6</sup> Embora o inglês tenha sido incluído no plano curricular das nossas escolas pela primeira vez em 1836, aquando da criação dos liceus por legislação de Passos Manuel, cedo foi de novo excluído na reforma de 1844, levada a cabo por Costa Cabral. Só muito mais tarde, em 1860, é que Fontes Pereira de Melo o reinsere como disciplina obrigatória; só muito mais tarde ainda viria esta iniciativa a dar frutos, ou seja, a formar indivíduos que dominassem o idioma. Até pelo menos esta data, portanto, a única forma de aprender inglês era através do ensino privado, o que, dado o seu elevado preço, condicionava sobremaneira o acesso da população letrada, na altura muito reduzida. Assim, e ainda que partilhássemos com a Inglaterra a mais velha aliança do mundo, o conhecimento que possuíamos do inglês era parco, dificultando o acesso directo aos originais nessa língua, que “os povos do Sul ... continuavam a classificar de [bárbara]” (Sousa 1978: 119). A maior parte das traduções de obras britânicas fez-se, consequentemente, não a partir dos originais mas de versões francesas, podendo afirmar-se que “o conhecimento e apreciação da literatura britânica em Portugal no período em causa foram fortemente condicionados pelo modo como a França leu, seleccionou, traduziu e criticou a produção literária do outro lado da Mancha” (Castanheira 2003: 92).

<sup>7</sup> *The Monk* não é o único romance gótico a ser traduzido por André Morellet (1727-1819). São também da sua autoria versões de *The Italian*, de Ann Radcliffe —, *L'Italian, ou le Confessionnal des pénitens noirs* (1797) —, e de *The Children of the Abbey*, de Regina Maria Roche —, *Les Enfants de l'abbaye* (1812).

<sup>8</sup> O texto da epígrafe provém da própria obra de Lewis, consistindo num excerto da profecia da cigana, situada no final do primeiro capítulo.

<sup>9</sup> Todas as restantes epígrafes contidas em *O Monge* encontram-se em francês, apesar de elas serem retiradas de obras de autores ingleses —, (William) Shakespeare, (Alexander) Pope, (Nathaniel) Lee, (Robert) Blair, (William) Cowper, (Matthew) Prior e (James) Thomson. Esta prática, comum a muitas outras traduções —, refira-se, a título de exemplo, a epígrafe de Shakespeare em *O Espectro do Castello de Estalens* —, deve-se à ignorância dos tradutores, que, desconhecendo os autores mencionados, não se apercebiam “do absurdo [que era] manter o texto de Shakespeare [e dos restantes] em francês” (Sousa, 1978: 183).

<sup>10</sup> O original inglês possui três volumes, cada um subdividido em diversos capítulos (o primeiro volume tem 3 capítulos, o segundo 4 e o terceiro 5). As edições francesa de 1838 e portuguesa não obedecem a esta organização, apresentando apenas subdivisão em capítulos.

<sup>11</sup> Sublinhados nossos.

<sup>12</sup> No original inglês, capítulo 1 do volume III.

<sup>13</sup> No original inglês, capítulo 1 do volume II.

<sup>14</sup> No original inglês, capítulo 2 do volume II.

<sup>15</sup> De todas as composições poéticas inseridas em *The Monk*, *Le Moine* exclui só uma, “Love and Age”. Já *O Monge* exclui também “Midnight Hymn”, “The Water King”, “Serenade” e “Alonzo the Brave and Fair Imogene”, poemas cuja eliminação não compromete a coerência narrativa por não serem indispensáveis ao desenvolvimento da acção. De facto, a causa do corte pode residir nessa mesma complementariedade; em 1777, A. M. Aubry defende a eliminação dos poemas de Ossian inseridos em Werther, por considerar “qu[ils] ... interromp[ent] le fil de l’histoire” (*apud* Bär 2006: 59). No caso específico de “Alonzo and the Brave and Fair Imogene”, Maria Leonor Machado de Sousa adianta uma outra hipótese: “Não quereria Manuel Martins da Cunha sair diminuído de uma eventual comparação com as duas versões que Herculano fizera desta balada?” (Sousa, 1978: 184).

<sup>16</sup> As alterações introduzidas pelos tradutores franceses nas suas versões repercutiam-se necessariamente na nossa cultura, que delas se alimentava. Só assim se explica que em *Um Homem de Brios* Camilo Castelo Branco afirme: “Caso elas se desmandem do seu dever, um marido ... dá ao Diabo o romantismo da mulher, e, se não a esfaqueia à laia do herói de Shakespeare ...” (*apud* Silva 2002: 103). Refere-se à versão de *Othello* empreendida por Jean-François Ducis, que, “achando a almofada desadequada ao registo elevado que entendia ser próprio do drama trágico, [a] substitui por um punhal” (Silva, 2002: 103).

<sup>17</sup> No original inglês, capítulo 4 do volume III.

<sup>18</sup> No original inglês, capítulo 1 do volume III.

<sup>19</sup> No original inglês, capítulo 5 do volume III.

<sup>20</sup> Contrariando a tendência anterior, Martins da Cunha não omite a cena em que Ambrosio se deixa seduzir por Matilde, quebrando o seu voto de celibato: “Apertando Mathilde contra o peito, a qual era uma brasa d’amor, prodigalisou-se repetidas carícias e liberto para todo o sempre dos votos outr’ora proferidos, e despido da vergonha que adorna a inocência, febricitante como estava, dêo pleno curso ao seu amor. Entretanto Mathilde não menos amorosa que elle, punha em pratica todas as invenções que o mais lascivo amor pôde imaginar. Ambrosio saboreou as delicias começadas” (Lewis 1862: 206).

<sup>21</sup> No original inglês, capítulo 4 do volume III.

<sup>22</sup> No original inglês, capítulo 2 do volume I.

<sup>23</sup> No original inglês, capítulo 1 do volume III.

<sup>24</sup> Em *Mysterios de Lisboa*, por exemplo, Camilo Castelo Branco estabelece intertextualidade com a escritora gótica Ann Radcliffe em dois momentos distintos: “De livros inglezes devorára todas as novellas de Anna Radcliffe, e traduzira os *Mysterios de Udolpho*, que lhe merecera, entre todos, uma predilecta preferencia” (Camilo 1905: 67); “Dá-vos o riso? É o que vos digo. A vossa predilecta Radcliffe, se conhecesse aquelle castello, dava-vos mais vinte romances, e morria atormentada por mais vinte mil phantasmas da sua lavra” (*idem*: 75).

<sup>25</sup> *Night Thoughts*, de Edward Young, foi uma obra imensamente popular em Portugal, tendo sido objecto de diversas traduções e adaptações: *Noites Selectas traduzido por José Manuel Ribeiro Pereira* (1781), *Noites de Young traduzidas por Vicente Carlos de Oliveira* (de 1785), *Noites de Young (Immitação) por Maria José da Silva Canuto* (1849-50) e *As Noites de Young por Vicente Pedro Nolasco da Cunha* (nunca publicada, mas referenciada por Innocência no seu *Dicionário Bibliographico*). A este respeito consultar Henrique de Campos Ferreira Lima, “Relações do Poeta Eduardo Young com Portugal”. *The Anglo-Portuguese News* 311, Agosto 1945: 1-10.

<sup>26</sup> No original inglês, capítulo 2 do volume III.

<sup>27</sup> No original inglês, capítulo 1 do volume II.

<sup>28</sup> No original inglês, capítulo 3 do volume II.

<sup>29</sup> As traduções de António Feliciano de Castilho foram já objecto de um minucioso estudo levado a cabo por Carlos Castilho Pais (Pais 2000).

<sup>30</sup> Sublinhados nossos.

## BIBLIOGRAFIA

- Lewis, Matthew Gregory. *Le Moine par Lewis, traduit de l'anglais par l'Abbé Morrelet*. Paris: A. Cadeau, 1838.
- . *Le Moine par M. G. Lewis, traduction nouvelle et entièrement conforme au texte de la première édition originale*. Tradução de Léon de Wailly. Paris: H-L. Delloye, 1840.
- . *Le Moine [par M.G. Lewis], traduit de l'anglais par J.M. Deschamps, J.B. Desprès, P. V. Benoist, P. B. de Lamare*. Paris: G. Havard, 1860.
- . *O Monge*. Tradução de Manoel Martins da Cunha. Lisboa: Typographia Franco-Portuguesa, 1862.
- . *The Monk*. Oxford and New York: Oxford University Press, 2008. [1<sup>st</sup> ed. 1796]
- A.A. V.V.. *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*. Lisboa e Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédia Limitada, [s/d].
- . "Matthew Gregory Lewis". *Catalogue Général des Livres Imprimés de la Bibliothèque Nationale*. Tome XCVII. Paris: Imprimerie Nationale, 1929, 417-418.
- . "Matthew Gregory Lewis". *Dictionary of National Biography*. Ed. Sir Leslie Stephen and Sir Sidney Lee. Volume XI. Oxford and New York: Oxford University Press, 1998, 1071-1073.
- Ablamowicz, Aleksander. "Traduction ou Interprétation?". *La Traduction dans le Développement des Littératures*. Ed. José Lambert e André Lefevere. Bern, Berlin, Paris: Peter Lang; Leuven: Leuven University Press, 1993, 219-224.
- Albir, Amparo Hurtado. *La Notion de Fidélité en Traduction*. Paris: Didier Érudition, 1990.
- Albuquerque, Henrique Zeferino de, ed. *Diccionario Universal Portuguez Illustrado*. Lisboa: Typographia do Diccionario Universal Portuguez, 1882.
- Amaral, Maria Brandão. "Referentes culturais e tradução —, um conflito de lealdades". *Actas do I Colóquio de Tradução e Cultura*. Ponta Delgada: Universidade dos Açores, 2006, 47-51.
- Andreeva, Nadezda. "Les Adaptations Littéraires comme Dialogue des Cultures". *La Traduction dans le Développement des Littératures*. Ed. José Lambert e André Lefevere. Bern, Berlin, Paris: Peter Lang; Leuven: Leuven University Press, 1993, 139-146.
- Anselmo, Artur. "A Edição Romântica". *Dicionário do Romantismo Literário Português*. Coordenação de Helena Carvalhão Buescu. Lisboa: Caminho, 1997a, 157-163.
- . *Estudos da História do Livro*. Lisboa: Guimarães Editores, 1997b.
- Baker, Mona, ed.. *The Routledge Encyclopedia of Translation Studies*. London: Routledge, 1998.
- Bär, Gerald. "A citação na tradução: o caso de Werther e Ossian". *Actas do I Colóquio de Tradução e Cultura*. Ponta Delgada: Universidade dos Açores, 2006, 52-67.

- Barreiros, António José. “Época Moderna —, O Romantismo”. *História da Literatura Portuguesa*, Vol. 2 —, Séculos XIX-XX. Braga: Editora Pax, 1992, 9-184.
- Barrento, João. “«Estes sábios do Tejo, os tradutores» — tradução e cultura em Portugal”. *Actas do I Colóquio de Tradução e Cultura*. Ponta Delgada: Universidade dos Açores, 2006, 67-80.
- Bassnett, Susan. *Translation Studies*. London: Routledge, 1991.
- Beers, Henry A.. *A History of English Romanticism in the Eighteenth Century*. New York: Dover Publications, 1968.
- Benjamin, Walter. “The Task of the Translator”. *Theories of Translation —, An Anthology of Essays from Dryden to Derrida*. Edited by Rainer Schulte and John Biguenet. Chicago: University of Chicago Press, 1992, 71-82.
- Bernardo, Ana Maria. “A História Literária sob o Signo da Tradução —, Focalização Cultural sobre a Literatura Traduzida”. *Estudos de Tradução em Portugal —, Novos Contributos para a História da Literatura Portuguesa*. Org. Teresa Seruya. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2001, 122-136.
- Boléo, Manuel de Paiva. *O Problema da Importação de Palavras e o Estudo dos Estrangeirismos (em Especial dos Francesismos) em Portugal*. Coimbra: Coimbra Editora, 1965.
- Bonnardel, Pierre, ed. *Catálogo dos Livros Portuguezes, de Instrução, e Recreio, que se alugão para fora em casa de Pedro Bonnardel*. Lisboa: Oficina de Joaquim Rodrigues de Andrade, 1815.
- . *Supplemento ao Catalogo de Pedro Bonnardel*. Lisboa: Typographia Rollandiana, 1823.
- . *Supplemento ao Catalogo de Pedro Bonnardel*. [s.l]: [s.ed], 1836.
- . *Catalogue des Livres Français du Cabinet de Lecture*. Paris: Imprimerie de Cordier, 1839.
- . *Novo Catalogo e Seis Supplementos sahirão em 1840, 1841, 1842, 1843, 1844, 1845 no completo gabinete de leitura em casa de Pedro Bonnardel*. Lisboa: Typographia Martins, 1845.
- . *Novo Catalogo e Oito Supplementos com as Novellas que saihão até hoje no gabinete de leitura em casa de Pedro Bonnardel*. Lisboa: Typographia Martins, 1847-1848.
- Botting, Fred. *Gothic*. London and New York: Routledge, 1996.
- . “In Gothic Darkly: Heterotopia, History, Culture”. *A Companion to the Gothic*. Ed. David Punter. Oxford, United Kingdom, and Malden, Massachusetts, USA: Blackwell, 2006, 3-14.
- Braga, Teófilo. *História do Romantismo Português*. Lisboa: Ulmeiro, 1984.
- . “Breve Estudo Sobre a Censura Oficial”. In *Obras Inéditas de José Agostinho de Macedo —, Vol. 2: Censuras a Diversas Obras (1824-1829). Composições Lyricas, didácticas e dramáticas. Com um breve estudo sobre a Censura Official, por Teófilo Braga*. Lisboa: Typographia da Academia Real das Sciencias, 1901.

- Bragt, Katrin Van. "Matthew Gregory Lewis". *Bibliographie des Traductions Françaises (1810-1840) —, répertoires par disciplines*. Leuven: Presses Universitaires de Louvain, 1995, 677-681.
- Caeiro, Francisco Gama. *Livros e Livreiros Franceses em Lisboa*. Coimbra: Coimbra Editora, 1980.
- Campbell, Ann. "Satire in *The Monk*: Exposure and Reformation". *Romanticism On The Net*, 8, November 1997: <<http://users.ox.ac.uk/~scat0385/satire.html>> (acedido em 26-01-2009).
- Campos, António Xavier Pinto de. *O Ermitão da Serra de Cintra, Drama Original Português em 5 Actos*. Lisboa: Typographia Academica, 1850.
- Campos, Fernando. "José Agostinho de Macedo". *O pensamento contra-revolucionário em Portugal (século XIX)*. Lisboa: José Fernandes Júnior, 1931, 33-81.
- Canaveira, Rui. *Dicionário de Tipógrafos Famosos*. Alfragide: Ágora Publicações, 1998.
- Carvalho, Rómulo de. "De Passos Manuel ao Fim da Regeneração" e "Da Criação do Ministério da Instrução Pública ao Fim da Monarquia". *História do Ensino em Portugal —, desde a fundação da nacionalidade até ao fim do regime de Salazar-Caetano*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1986, 559-597 e 599-651.
- Castanheira, Maria Zulmira. "A Grã-Bretanha na Imprensa Periódica do Romantismo Português: Imagens Polimórficas". Dissertação para Doutoramento em Estudos Anglo-Portugueses apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 2005.
- . "O Abstruso Idioma de Shakespeare e Byron —, Para a Imagem da Língua Inglesa na Imprensa Periódica do Romantismo Português". *Estudos Anglo-Portugueses —, Livro de Homenagem a Maria Leonor Machado de Sousa*. Lisboa: Colibri, 2003, 91-108.
- . "'O Aborrecido Labor de Traduzir": Camilo Castelo Branco, tradutor de Lady Jackson". *Revista de Estudos Anglo-Portugueses*, N.º 16, 2007: 119-134.
- Castilho, António Feliciano de. "Reparos Acerca da Invenção da Noite do Castello". *A Noite do Castelo e Os Ciúmes do Bardo —, poemas seguidos da Confissão de Amélia traduzida de M. Delfine Gay*. Lisboa: Typographia da Sociedade Typographica Franco-Portuguesa, 1864, 123-42.
- Catálogos de Livreiros e Editores*. Real Mesa Censória. Arquivo Nacional da Torre do Tombo, caixas 494-495.
- Ceia, Carlos. "O conflito da interpretação da natureza do romance: romance ou novel?". *A Construção do Romance*. Coimbra: Almedina, 2007, 67-75.
- Chagas, Manuel Joaquim Pinheiro. *Portuguezes Illustres*. Lisboa: Livraria de A. Ferin, 1873.

- . dir. *Dicionário Popular —, Histórico, geographico, mythologico, biographico, artístico, bibliographico e litterario*. 13 Volumes. Lisboa: Typographia Lallemand Frères, Typographia do Diário Ilustrado, Typographia da Viúva Sousa Neves, 1876-1884.
- Clark, Kenneth. *The Gothic Revival, an essay in the history of taste*. Wiltshire: John Murray, 1983.
- Clery, E. J. "The genesis of "Gothic" fiction". *The Cambridge Companion to Gothic Fiction*. Edited by Jerrold E. Hogle. Cambridge, United Kingdom: Cambridge University Press, 2002, 21-40.
- . and Robert Miles, eds. *Gothic Documents —, A Sourcebook 1700-1820*. Manchester: Manchester University Press, 2000.
- Clingham, Greg. "Eighteenth-Century Studies". *A Dictionary of Cultural and Critical Theory*. Malden, Massachusetts: Blackwell Publishers, 1997, 162-165.
- Coelho, Jacinto do Prado. *A Poesia Ultra-Romântica*. Lisboa: Livraria Clásica Editora, 1944.
- . *L'Originalité de la Littérature Portugaise*. Bruxelles: Sagres-Europa, 1991.
- D'Hulst, Lieven. "La Traduction en France à L'Époque Romantique et L'Évolution de la Culture Française". *La Traduction dans le Développement des Littératures*. Ed. par José Lambert et André Lefevère. Bern, Berlin, Paris: Peter Lang; Leuven: Leuven University Press, 1993, 159-163.
- Dias, Maria de Fátima Jesus Rodrigues. "Aspectos da Recepção em Portugal da Poesia de Thomas Gray". Dissertação de Mestrado em Estudos Anglisticos (Estudos da Tradução) apresentada à Universidade de Lisboa, 2001.
- Domingos, Manuela D.. *Estudos de Sociologia da Cultura, Livros e Leitores do Século XIX*. Mem-Martins: Instituto Português de Ensino a Distância, 1985.
- Ellis, Markman. *The history of Gothic fiction*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2000.
- Esteves, Rosa. "Gabinetes de Leitura em Portugal no séc. XIX". *Actas do Primeiro Congresso da Associação Internacional de Lusitanistas*. Poitiers: Associação Internacional de Lusitanistas, 1988, 96-114.
- . "Gabinetes de Leitura". *Dicionário do Romantismo Literário Português*. Coordenação de Helena Carvalhão Buescu. Lisboa: Caminho, 1997, 199-201.
- Ferreira, Alberto. *Perspectivas do Romantismo Português*. Lisboa: Litexta, [s/d].
- . e Maria José Marinho. *Bom Senso e Bom Gosto (A questão coimbrã)*. Volume 1 (1865-1866). Lisboa: Imprensa Nacional —, Casa da Moeda, 1985.
- Flor, João Almeida. "Romantismo Inglês (leituras e contactos)" e "Traduções de Inglaterra". *Dicionário do Romantismo Literário Português*.

- Coord. Helena Carvalhão Buescu. Lisboa: Caminho, 1997, 509-510 e 557.
- Garrett, João Baptista de Almeida. *Viagens na Minha Terra*. Porto: Porto Editora, 1985.
- Gémar, Jean Claude. “Réflexions sur la Manière de Traduire ou les trois états de la Traduction”. *Translator’s Journal*, Vol. 30, n.º 3, 1985: 236-241.
- . *Traduire ou l’art d’interpréter*. Québec: Presses de l’Université du Québec, 1995.
- Graeber, Wilhelm. “German Translators of English Fiction and Their French Mediators”. *Interculturality and the Historical Study of Literary Translation*. Ed. Harold Kittel and Armin Paul Frank. Berlin: Erich Schmidt, 1991, 5-15.
- Guedes, Fernando. *O Livro e a Leitura em Portugal —, subsídios para a sua história (séculos XVIII-XIX)*. Lisboa e São Paulo: Verbo, 1987.
- Herculano, Alexandre. “Affonso e Isolina, Ballada livremente traduzida do inglez de Lewis”. *A Noite do Castelo e Os Ciúmes do Bardo —, poemas seguidos da Confissão de Amélia traduzida de M. Delfine Gay*. Lisboa: Typographia da Sociedade Typographica Franco-Portugueza, 1864, 143-147.
- Hoof, Henri Van. “La Traduction en France”. *Histoire de la Traduction en Occident*. Paris: Duculot, 1991, 24-117.
- Justiça*. Lisboa: Tipografia J. J. A. Silva, 1852.
- Killen, Alice M.. *Le Roman “Terrifiant” ou Roman Noir de Walpole à Anne Radcliffe et Son Influence Sur la Littérature Française Jusqu’en 1840*. Paris: Georges Crès et Cie, 1915.
- Leal, Augusto Soares d’Azevedo Barbosa de Pinho, ed.. *Portugal Antigo e Moderno: Dicionario Geographico, Estatistico, Chorographico, Heraldico, Archeologico, Historico, Biographico e Etymologico de todas as cidades, villas e freguezias de Portugal e de grande numero de aldeias*. Lisboa: Livraria Editora de Mattos Moreira, 1873-1890.
- Lefevere, André. *Translation, Rewriting and the Manipulation of Literary Fame*. London and New York: Routledge, 1992.
- Lévy, Maurice. *Le Roman «Gothique» Anglais 1764-1824*. Paris: Albin Michel, 1995.
- Lima, Henrique de Campos Ferreira. “Relações do Poeta Eduardo Young com Portugal”. *The Anglo-Portuguese News*, n.º 311, Agosto 1945: 1-10.
- Livros Vindos do Estrangeiro —, Livros Vindos de França*. Real Mesa Censória. Arquivo Nacional da Torre do Tombo, caixas 139-141.
- Livros Vindos do Estrangeiro —, Livros Vindos de Inglaterra*. Real Mesa Censória. Arquivo Nacional da Torre do Tombo, caixa 142.
- Lousada, Isabel Maria da Cruz. “Para o Estabelecimento de uma Bibliografia Britânica em Português (1554-1900)”. Prova de acesso para investigador auxiliar apresentada na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Lisboa: 1998.

- Luiz, Francisco de S.. *Glossário das Palavras e Frases da Língua Francesa que por Descuido, Ignorância ou Necessidade se tem Introduzido na Locução Portuguesa Moderna*. 3.<sup>a</sup> ed. Lisboa: Typographia da Academia Real das Sciencias, 1846.
- Machado, Álvaro Manuel. *As Origens do Romantismo em Portugal*. Lisboa: Instituto de Cultura Portuguesa, Secretaria de Estado da Cultura, Presidência do Conselho de Ministros, 1979.
- . *O “francesismo” na Literatura Portuguesa*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, Ministério da Educação, 1984.
- Medeiros, Helena Margarida Agarez. “O Rei Tradutor e os Traduzideiros Empreiteiros: contributo para a história da tradução de drama em Portugal nos séculos XVIII e XIX”. Dissertação de Mestrado em Estudos Anglisticos apresentada à Universidade de Lisboa, 2002.
- Mendonça, A. P. Lopes de. *Memorias de Litteratura Contemporanea*. Lisboa: Typographia do Panorama, 1855.
- Miles, Robert. “The 1790’s: the Effulgence of Gothic”. *The Cambridge Companion to Gothic Fiction*. Ed. Jerrold E. Hogle. Cambridge, United Kingdom: Cambridge University Press, 2002, 41-62.
- Mounin, Georges. *Os Problemas Teóricos da Tradução*. São Paulo: Cultrix, 1974.
- Pageaux, Daniel-Henri. “Da Imagética Cultural ao Imaginário”. *Compêndio de Literatura Comparada*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004, 133-164.
- Pais, Carlos Castilho. *Teoria Diacrónica da Tradução Portuguesa —, Antologia (Séculos XV-XX)*. Lisboa: Universidade Aberta, 1997.
- . *António Feliciano de Castilho —, o Tradutor e a Teoria da Tradução*. Coimbra: Quarteto, 2000.
- . “A Tradução e a Literatura Romântica Portuguesas”. *Deste Lado do Espelho —, estudos de tradução em Portugal*. Org. Alexandra Lopes e Maria do Carmo Correia. Lisboa: Universidade Católica, 2002, 107-118.
- Pajares, Eterio. “Censorship and Self-Censorship in English Narrative Fiction during the Eighteenth-Century”. *Translation and Censorship in Different Times and Landscapes*. Edited by Teresa Seruya and Maria Lin Moniz. Newcastle: Cambridge Scholars Publishing, 2008.
- Paz, Octávio. “Translation: Literature and Letters”. *Theories of Translation —, An Anthology of Essays from Dryden to Derrida*. Edited by Rainer Schulte and John Biguenet. Chicago: University of Chicago Press, 1992, 152-162.
- Pinilla, José António Sabio e María Manuela Fernández Sanches. *Discurso Sobre a Tradução em Portugal —, o Proveito, o Ensino e a Crítica. Antologia (C.1429-1818)*. Lisboa: Colibri, 1998.
- Prickett, Stephen. “Romantic literature”. *The Context of English Literature —, The Romantics*. Edited by Stephen Prickett. London, Methuen&Co Ltd, 1981, 202-211.

- Punter, David. *The Literature of Terror*. Volume 1 —, *The Gothic Tradition*. Second edition. London and New York: Longman, 1996.
- Queirós, Eça de. “Francesismo”. In *Cartas e Outros Escritos*. Lisboa: Livros do Brasil, [s/d], 322-343.
- Real Mesa Censória* —, *Inventário Preliminar*. Lisboa: Arquivos Nacionais/Torre do Tombo, 1994.
- Rafael, Gina Guedes e Manuela Santos, coord. e org.. *Jornais e Revistas Portugueses do Século XIX*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 2002.
- Rodrigues, A. A. Gonçalves. *A novelística estrangeira em versão portuguesa no período pré-romântico*. Separata do *Boletim da Biblioteca da Universidade de Coimbra*. Vol. XX. Coimbra: Biblioteca da Universidade, 1951.
- . *A Tradução em Portugal*. Volumes III (1835-1850) e IV (1851-1870). Lisboa: ISLA-Instituto Superior de Línguas e Administração, Centro de Estudos de Literatura Geral e Comparada, 1993-1994.
- Roque, J. I. *Dicionário da Língua Portuguesa de José da Fonseca, feito inteiramente de novo e consideravelmente augmentado*. Pariz: Casa da V<sup>a</sup> J. P. Aillaud, Guillard e C<sup>a</sup>, 1879.
- Santos, Maria de Lourdes Lima dos. *Intelectuais Portugueses na Primeira Metade de Oitocentos*. Lisboa: ICS-UL, 1985.
- . “Público Leitor”. In *Dicionário do Romantismo Literário Português*. Coord. Helena Carvalhão Buescu. Lisboa: Caminho, 1997, 441-444.
- Schleiermacher, Friedrich. “On the Different Methods of Translating”. In *Theories of Translation —, An Anthology of Essays from Dryden to Derrida*. Ed. Rainer Schulte and John Biguenet. Chicago: University of Chicago Press, 1992, 36-55.
- Silva, Innocencio Francisco da e Brito Aranha. *Dicionario Bibliographico Portuguez*. 22 volumes. Lisboa: Imprensa Nacional, 1858-1923.
- Silva, Jorge Miguel Bastos da. “Chatterton no Romantismo português”. *Actas do I Congresso Internacional de Estudos Anglo-Portugueses*. Lisboa, 6-8 de Maio de 2001. Lisboa: Centro de Estudos Anglo-Portugueses, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, 2001, 351-365.
- . “Problemática da Tradução em Portugal no Século XIX”. In *Deste Lado do Espelho —, estudos de tradução em Portugal*. Org. Alexandra Lopes e Maria do Carmo Correia. Lisboa: Universidade Católica, 2002, 93-106.
- Silva, José Justino de Andrade e. *Collecção Chronologica da Legislação Portugueza*. XI volumes. Disponível em *Ius Lusitaniae* —, Fontes Históricas do Direito Português: <http://www.iuslusitaniae.fcsh.unl.pt/> (acedido em 18-12-07).
- Sousa, Maria Leonor Machado de. *A Literatura «Negra» ou «de Terror» em Portugal (séculos XVIII e XIX)*. Lisboa: Editorial Novaera, 1978.

## A PINTURA ANIMALISTA NA GRÃ-BRETANHA E EM PORTUGAL: O CASO DE LANDSEER<sup>1</sup>

*Sara Marisa Marques Vicente*  
*Universidade Nova de Lisboa*  
*CETAPS*

### **Introdução**

Este estudo visa analisar a pintura animalista do século XIX, de uma perspectiva anglo-portuguesa, entendida enquanto movimento artístico que problematizou o comportamento humano através da representação de animais em ambientes interiores (domésticos) ou exteriores, nomeadamente nos seus *habitats* naturais.

Centrar-nos-emos no caso do pintor animalista vitoriano, Sir Edwin Landseer (1802-1873), e sua influência em Portugal, nomeadamente nos trabalhos de Tomás da Anunciação (1818-1879) e José Moura Girão (1840-1916).

O ponto de partida para este trabalho foi a existência de um conjunto de artigos sobre Landseer e seus seguidores em Portugal, publicado na imprensa periódica portuguesa entre 1865 e 1890, nomeadamente em *Artes e Letras* (Lisboa, 1872-1875), *A Ilustração. Revista de Portugal e do Brasil* (Paris/Lisboa/Brasil, 1884-1891) e *Museu Ilustrado. Álbum Literário* (Porto, 1878-1879). Nestes artigos, a denominada “moderna escola de pintura inglesa”, isto é, a pintura animalista, de que Edwin Landseer era considerado o mais alto representante, encontrava-se claramente associada não só à estética (ultra)romântica, mas também e sobretudo — quase paradoxalmente — ao evolucionismo darwinista, então muito em voga em Portugal.<sup>2</sup>

O presente artigo desenvolver-se-á a partir de três vectores fundamentais: o estudo da pintura animalista, sublinhando a

sua relação não só com a herança do Iluminismo e da *genre painting*, mas também com o estudo da anatomia animal e do evolucionismo; depois, a análise da obra de Landseer no panorama artístico vitoriano; e, finalmente, a influência do pintor britânico nos trabalhos de Tomás da Anunciação e de José Moura Girão.

### **1. A Pintura Animalista: da Herança Setecentista ao Evolucionismo Darwiniano**

Os progressos científicos e artísticos ocorridos no século XVIII na Grã-Bretanha contribuíram, desde logo, para uma nova perspectiva sobre a relação entre o Humano e o Não-Humano. Assim, as experimentações de cariz científico realizadas à época, sobretudo no âmbito da Ornitologia, ajudaram a desenvolver o estudo de um dos ramos menos aprofundados da Zoologia até então. Neste contexto, registamos os avanços ao nível dos processos fisiológicos da respiração humana, da ventilação e da utilização da bomba de ar, levados a cabo por cientistas tão reputados como Robert Boyle (1627-1691), Robert Hooke (1635-1703), William Derham (1657-1735), Stephen Hales (1677-1761), John Hunter (1728-1793) e Joseph Priestley (1733-1804).

Estas descobertas científicas foram amplamente representadas na arte setecentista britânica, com o intuito de expor não só a crueldade para com os animais utilizados nestas experiências, mas também as diferentes interpretações sobre tais práticas. Constitui um exemplo paradigmático, o conjunto de obras do pintor inglês Joseph Wright (1734-1797). Designados como “Candle Light Pictures”, os quadros retratam episódios nocturnos em ambientes domésticos, nos quais as personagens presenciavam determinadas experimentações de cariz científico.

Na tela intitulada *An Experiment on a Bird in the Air Pump*, de 1768, o artista apresenta-nos várias perspectivas de cariz sociológico sobre uma experiência levada a cabo por um cientista. Este recorre a um pássaro vivo, que julgamos ser o animal de estimação das crianças retratadas na tela, para demonstrar a utilização de uma bomba de ar, suscitando, assim, diferentes atitudes por parte das personagens presentes. Por um lado, as crianças, que antevêm, em profundo desespero, a possibilidade do animal morrer durante a experiência, chegando mesmo uma delas a afastar o olhar; por outro lado, duas outras personagens, um homem e um rapaz, à esquerda, que esperam ansiosamente pelo desfecho desta situação. Deste modo, para além de retratar uma prática comum à época com animais vivos, Joseph Wright

demonstra também o conflito de emoções e o impasse moral das personagens envolvidas.

Ao longo do século XVIII, a experimentação em animais vivos tornou-se cada vez mais frequente no seio da comunidade científica, a qual mantinha ainda uma estreita ligação com a tese criacionista do mundo. Desta forma, as descobertas que iam sendo realizadas tinham como principal objectivo compreender mais detalhadamente o lugar e o comportamento dos animais na Natureza, entendida como um sistema complexo e com as suas leis próprias.

A teoria da transmigração das almas de uns corpos para outros, também designada por metempsicose, não estabelecia qualquer divisão entre o Humano e o Não-Humano. Pelo contrário, segundo os filósofos setecentistas defensores desta teoria, como por exemplo Alexander Pope (1688-1744), a transmigração poderia suceder entre o Homem e as outras espécies. Por seu turno John Ray (1627-1705) e William Derham (1657-1735), continuando a defender a superioridade das capacidades mentais humanas face às outras espécies, acusavam claramente a herança da teologia natural. Deste modo, relativamente à atribuição dessas faculdades, advogavam que “[these] had been endowed by God with an ability to *perceive* the perfect harmony and aptness of animal creation. It was therefore a religious obligation to nurture that ability” (Donald 38).

A ilustração científica apresentou também significativos desenvolvimentos enquanto representação visual não só das espécies estudadas, mas também dos seus comportamentos nos seus *habitats* naturais. Nos trabalhos dos ilustradores George Edwards (1694-1773) e James Bolton (1735-1799), os animais (na sua maioria aves) são retratados de forma isolada, quase estereotipada, sem qualquer interferência do meio circundante ou das outras espécies. Por seu turno, artistas como Thomas Bewick (1753-1828) e Joseph William Turner (1775-1851) detectaram a necessidade de representar também o *habitat* natural das espécies, de modo a transmitir informações mais pormenorizadas sobre os seus comportamentos.

Assim, os avanços científicos e artísticos, no âmbito da relação entre o Humano e Não-Humano durante século XVIII, constituem uma herança indiscutível para a sociedade oitocentista, em geral, e para o subgénero pictórico em apreço, em particular.

A pintura de género representa situações e temas do quotidiano doméstico ou de carácter popular, descrevendo ambientes familiares e íntimos ou tarefas decorrentes do trabalho rural.

Os artistas que se dedicaram à pintura de gênero recorriam à técnica de observação rigorosa do comportamento humano, de forma a captar as expressões faciais e os gestos, criando “a impressão de personagens modeladas, inseridas em situações reais” (Terenas 184). Estas eram retratadas de forma a convidarem o espectador a imaginar os acontecimentos que estariam na origem de tais situações e possíveis desfechos para as mesmas. Desta forma, a pintura de gênero propiciava ao espectador a possibilidade de construção de uma narrativa (ou várias) em torno das cenas retratadas.

Na Grã-Bretanha, os trabalhos de William Mulready (1786-1863), *Sir* David Wilkie (1785-1841) e Charles Robert Leslie (1794-1859) destacaram-se entre os vários artistas que se dedicaram à pintura de gênero,<sup>3</sup> influenciando pintores animalistas como *Sir* Edwin Landseer.

Em Portugal, a pintura de gênero desenvolveu-se mais tardiamente, já na segunda metade do século XIX, sobretudo através dos trabalhos de artistas como Henrique Pousão (1859-84), José Malhoa (1855-1933) e Aurélia de Sousa (1866-1922). Muitos dos pintores que constituíram o Grupo do Leão também produziram trabalhos de pintura de gênero no início das suas carreiras. Porém, na sua maioria, estes artistas acabaram, mais tarde, por se dedicar quase em exclusivo à pintura animalista, refletindo, assim, o apreço e o reconhecimento que este subgênero pictórico granjeou à época.

Muitos dos artistas que desenvolveram trabalhos no âmbito da *genre painting*, produziram, de igual modo, quadros de pintura paisagística, já que o interesse pelo retorno à simplicidade da vida rural, apelava à evasão do indivíduo citadino e à contemplação de cenários e ambientes campestres que transmitissem uma serenidade de espírito contrastante com a agitação da vivência urbana.

Deste modo, a paisagem tornou-se um dos movimentos estéticos mais apreciados na Grã-Bretanha, na primeira metade do século XIX, através de nomes tão reputados como o já referido J. W. Turner e também John Constable (1776-1837). A *landscape painting* influenciou, assim, a maioria dos pintores animalistas que retratavam os animais em cenários naturais, representando-os em situações não só de harmonia com o meio circundante, mas também de luta pela sobrevivência nesses *habitats*.

A predominância de temáticas rurais surge associada a uma crítica feita por estes pintores à crescente industrialização e à consequente exploração de mão-de-obra, bem como à defesa do individualismo decorrente do *modus vivendi* nos novos espaços urbanos, sobretudo o das grandes metrópoles,

onde o tempo e os lugares para contemplar a Natureza começavam a escassear.

A pintura animalista contou também com a influência do desenvolvimento dos conhecimentos científicos sobre os comportamentos humanos e a origem da vida. Aqueles, antecedendo a divulgação da teoria darwiniana e contribuindo para o reconhecimento da mesma, suscitaram um renovado e profundo interesse pelo estudo da anatomia animal por parte dos artistas.

Recorde-se que, entre 1831 e 1836, Charles Darwin (1809-1882) desenvolveu investigações sobre a fauna e a flora dos lugares por onde passou na expedição a bordo da fragata *Beagle*, baseando-se, em larga medida, no método empírico para a observação das espécies, procedendo posteriormente à sua classificação e catalogação. Os pintores animalistas utilizaram igualmente este método de observação de cariz empírico nos estudos de anatomia animal, de forma a adquirir imagens mentais o mais exactas possível da constituição e proporção dos corpos das espécies retratadas.

Com a publicação das obras *On the Origin of Species by Means of Natural Selection* (1859), *The Descent of Man* (1871) e *The Expression of the Emotions in Man and Animals* (1872), o interesse pela Ciência em geral e pela Biologia em particular atingiu uma enorme popularidade, não só entre as comunidades científicas europeias, mas também entre os artistas que procuravam recuperar o gosto pela contemplação da Natureza, apelando às qualidades de vida no meio rural.

Não obstante a relevância que a teoria darwiniana assumiu no panorama científico da sociedade de oitocentos, não podemos esquecer o importante contributo de Erasmus Darwin (1731-1802) com o seu tratado sobre a vida animal intitulado *Zoonomia, or the Laws of Organic Life*, realizado entre 1794 e 1796. De facto, a tese de Charles Darwin sobre a sobrevivência de algumas espécies em detrimento de outras é o produto não só das suas próprias investigações, mas também de descobertas científicas anteriores. Podemos, portanto, afirmar que a pintura animalista surge num contexto de profundas discussões científicas e de tentativas de encontrar respostas para problemáticas tão fundamentais como a origem da própria vida.

O subgénero pictórico em apreço atravessou grande parte do século XIX e, por conseguinte, acabou por estabelecer uma articulação entre os estudos científicos e filosóficos sobre a anatomia e o comportamento animal anteriores ao aparecimento da teoria darwiniana e à publicação das obras de Charles Darwin

já referidas, que surgem como uma nova perspectiva de análise destas questões.

Em *The Descent of Man*, Darwin analisou a questão da semelhança entre o Homem e o animal, centrando-se na comparação entre as faculdades mentais do ser humano e as das outras espécies, tal como Ana Leonor Pereira explica na sua obra *Darwin em Portugal. Filosofia, História, Engenharia Social (1865-1914)*:

Uma parte significativa da obra de 1871 trata precisamente da comparação das faculdades mentais e morais do homem com as dos animais inferiores e Darwin conclui que a sua natureza é a mesma, embora no homem elas tenham alcançado um grau muito elevado, o que era explicado pelo mecanismo da selecção natural das variações úteis, coadjuvado pela acção da selecção sexual e pelos efeitos hereditários do uso do cérebro. (Pereira 63)

Sublinhamos, desta forma, o contributo da teoria darwiniana para a defesa da ideia de que a semelhança entre os seres humanos e os animais não é apenas física, mas também, e sobretudo, ao nível da manifestação dos sentimentos em situações particulares, nomeadamente de perda, ou ainda da afirmação de determinadas posições face aos membros da mesma ou de outras espécies.

Esta proximidade entre o Homem e o animal esteve na génese de muitas obras de pintura animalista que granjearam uma enorme popularidade por toda a Europa, em particular na segunda metade de oitocentos. A crescente procura de quadros animalistas que retratassem os temas debatidos nos círculos intelectuais coevos levou a que inúmeros artistas, até então dedicados apenas à paisagem ou à pintura de género, transpusessem essas influências para um novo subgénero artístico, onde os animais adquiriram um lugar central.

Estes pintores procuraram desenvolver as técnicas necessárias para uma representação tão fiel e exacta quanto possível da anatomia animal, dando especial destaque à expressividade do olhar, às emoções e ainda à textura do pêlo ou das penas, tentando, assim, conferir um certo realismo às situações retratadas.

Neste contexto, a maioria destes artistas estudou a anatomia animal através do processo de dissecação, utilizado à época tanto por anatomistas como por pintores. Estes últimos demonstravam não só um grande interesse pelas temáticas de cariz científico, mas também uma necessidade de aprofundar essas técnicas, com o intuito de desenvolver a capacidade de

transpor os comportamentos dos animais para as telas o mais fielmente possível e com a similitude desejada.

Desta forma, em traços gerais, a teoria dawiniana procurou dar respostas a questões relacionadas com a origem das espécies, mas conduziu também ao aparecimento de novas e múltiplas interrogações, bem como à reflexão em torno de problemáticas sobre o comportamento humano enquanto agente social. É nesta encruzilhada de tendências que surge a figura de Landseer.

## **2. Landseer no Panorama Artístico Vitoriano**

Edwin Henry Landseer nasceu em 7 de Março de 1802, na Queen Anne Street, número 33, em Londres, filho mais novo de John Landseer (1769-1852) e Jane Potts (1774-1840). O pai foi um reconhecido gravador, que trabalhava com pintores britânicos de renome do século XIX e, curiosamente, já o avô havia sido ourives e, por conseguinte, também ele ligado às artes.

Dos seus treze irmãos, apenas sobreviveram Thomas (1795-1880), Jane (1795-1831), Charles (1799-1879), Anna Maria (1805-71), Jessica (1807-80) e Emma (1809-95). Desde cedo que Edwin acompanhou com bastante interesse o trabalho do pai, já que John Landseer teve a preocupação em promover o gosto pela arte junto de todos os seus filhos.

Charles, por exemplo, conciliou o talento para a pintura com uma carreira profissional dedicada à diplomacia. Numa das missões diplomáticas que integrou, chefiada por *Sir Charles Stuart*<sup>4</sup> e cujo “objectivo era defender os interesses da Grã-Bretanha no Brasil” (Terenas 188), Charles chegou mesmo a visitar Lisboa. Dessa viagem resultaram algumas aguarelas de conhecidos monumentos da capital portuguesa, como a Torre de Belém, o Mosteiro dos Jerónimos e o Aqueduto de Alcântara.<sup>5</sup>

Em Londres, ainda hoje se podem encontrar alguns quadros de Charles Landseer, nomeadamente no Victoria and Albert Museum, expostos ao lado das telas do seu irmão Edwin, sendo Charles mencionado sempre como “[the] elder brother of *Sir Edwin Landseer*”. O destaque que conferimos a Charles justifica-se, sobretudo, pelo facto de os dois irmãos terem pintado algumas telas em conjunto. Em quadros como, por exemplo, *Maria* (1836), verificamos curiosamente que o retrato do cão ficou a cargo de Edwin.<sup>6</sup>

A vivência no seio da família Landseer garantiu a Edwin a possibilidade de aprofundar o talento que desde cedo demonstrou para as artes e incentivou-o a prosseguir os seus estudos

artísticos numa das Academias de arte mais reputadas em todo o mundo. Proporcionou-lhe ainda os contactos necessários para o início da sua carreira profissional.

Sir Edwin Landseer começou o seu percurso artístico a retratar membros da alta aristocracia britânica. Porém, rapidamente a sua obra seguiu o rumo da pintura animalista, em que o pintor inglês, substituindo, de certa forma, as pessoas pelos animais, colocou estes últimos como figuras centrais dos seus quadros. Tal reconfiguração visava ainda conferir sentimento e emotividade aos animais. O artista vitoriano procurou sempre transmitir a dimensão emocional dos animais retratados, evidenciando a proximidade existente entre o ser humano e as outras espécies, tal como se verifica na tela *The Old Shepherd's Chief Mourner*, de 1837 (Figura 1).



**Fig. 1** — Edwin Landseer, *The Old Shepherd's Chief Mourner*, óleo sobre tela, 45.7 x 61 cm, 1837, Victoria and Albert Museum, Londres © V. & A. Images, Victoria and Albert Museum, Londres. [Imagem a cores na página 313]

Na sua pintura animalista, Landseer teve a preocupação de representar tão fielmente quanto possível todos os movimentos,

gestos, expressões e posições dos animais, bem como a textura do pêlo, que foi frequentemente retratada de modo a provocar no espectador aquele impulso básico de querer tocar na tela para sentir o pêlo, como se de algo real se tratasse (Figura 2). Assim, tendo como objectivo desencadear esses desejos e sensações no público, Edwin Landseer pretendia justamente que a sua obra não se destinasse a ser apreciada apenas por uma classe social privilegiada.



**Fig. 2** — Edwin Landseer, *Lion: A Newfoundland Dog*, óleo sobre tela, 149.8 x 195.6 cm, 1824, Victoria and Albert Museum, Londres © V. & A. Images, Victoria and Albert Museum, Londres. [Imagem a cores na página 314]

Sob o ponto de vista do enquadramento dos seus “protagonistas”, Landseer alternou a representação de paisagens com a de locais domésticos, garantindo, assim, que os animais retratados estivessem sempre, de alguma forma, no seu meio natural. Por outro lado, quando representados em ambientes familiares, a intenção do artista era de garantir, uma vez mais, a proximidade com todos os públicos, independentemente da classe social.

Embora Edwin Landseer tivesse conseguido, de facto, assegurar a transversalidade do público-alvo através da pintura

animalista, devemos, no entanto, conferir um destaque particular à relação de proximidade estabelecida com a Família Real, nomeadamente com a Rainha Victoria (1819-1901) e o Príncipe Albert (1819-1861).

A aquisição dos seus trabalhos por parte dos monarcas, que muito os apreciavam, constituiu uma das maiores fontes de rendimento de Landseer, o qual foi contratado para pintar os animais de estimação da Rainha e do Príncipe Consorte, permitindo-lhe privar com o casal real tanto no Castelo de Windsor como na estância de férias de Balmoral. *Sir* Edwin tornou-se, assim, um dos poucos pintores vitorianos que conseguiram estabelecer uma relação muito próxima com a Família Real, chegando mesmo a receber visitas da Rainha Victoria e do Príncipe Albert no seu *atelier*, em Londres.

A proximidade com a aristocracia garantiu-lhe a presença nos círculos sociais da alta sociedade britânica, o que contribuiu para alargar a sua rede de contactos entre os membros das classes mais favorecidas, que passaram a desejar possuir quadros animalistas do pintor que privava com a monarquia inglesa. Rapidamente, passou “a ser moda” ter um quadro animalista de Landseer nas residências particulares das famílias mais abastadas da sociedade vitoriana.

Edwin Landseer dedicou-se à representação de várias espécies animais, não só em telas, mas também em esculturas. Relativamente a este último caso, destacamos os célebres leões colocados em Trafalgar Square que simbolizam, no espaço nacional, a hegemonia britânica no mundo. Ainda nos nossos dias, os leões de Trafalgar Square se mantêm como uma referência no contexto da paisagem da memória da capital londrina.

Sublinhamos, assim, a intenção do artista de contribuir para a afirmação do poder britânico, não só através da escultura, mas também da pintura, de que o quadro *The Monarch of the Glen* (1851) constitui um exemplo paradigmático. Apesar de ter sido encomendada para a “Refreshment Room” da Câmara dos Lordes, juntamente com outros dois quadros, a tela acabaria por ser vendida a colecionadores privados. Mais tarde, tornou-se a imagem de marca de empresas particulares, como a *A. & F. Pears* e a *John Dewar and Sons Limited*, as quais associaram o quadro de Landseer à cultura escocesa através da representação do veado, habitante e senhor da paisagem das *Highlands*.

Nas suas frequentes viagens às *Highlands*, onde privou com *Sir* Walter Scott,<sup>7</sup> Landseer estudava os movimentos dos animais de grande porte e respectivos comportamentos em situações específicas, como por exemplo, em caçadas, perseguições e em processo de demarcação de território.

Em síntese, podemos afirmar que as características definidoras da singularidade da pintura animalista de Sir Edwin Landseer, sublinham a forma como a emotividade patente nas suas obras foi susceptível de interpretações multimodas, garantindo, assim, a transversalidade do público-alvo. Simultaneamente, evidenciam a dupla intencionalidade do artista na transmissão de imagens nacionalistas, não só através da especificidade da Escócia, mas também da hegemonia britânica no mundo no século XIX. Veremos em seguida de que modo Landseer influenciou os pintores animalistas portugueses, nomeadamente Tomás da Anunciação e Moura Girão.

### **3. Landseer em Portugal: os Casos de Tomás da Anunciação e de José Moura Girão**

No âmbito da inovação das técnicas leccionadas nas Academias de Belas-Artes de Lisboa e do Porto, os jovens artistas portugueses desempenharam um papel fulcral. Assim, deve recordar-se, antes de mais, que com a extinção das ordens religiosas em Portugal, entre 1833 e 1834, milhares de obras de arte existentes nos conventos e mosteiros espalhados por todo o país passaram a ser propriedade do Estado, o qual assumiu a responsabilidade de as restaurar, já que, na sua maioria, se encontravam em mau estado de conservação. Mais tarde, muitas dessas obras de arte, já depois de restauradas, serviam de modelo para as aulas práticas de pintura nas Academias, em que os alunos tinham como objectivo único imitar esses quadros, tentando reproduzir cópias fiéis dos mesmos. Porém, a fraca qualidade de algumas dessas telas, mesmo depois de restauradas, dificultava a tarefa de copiar os quadros nas aulas de pintura.

Em consequência, os alunos, numa tentativa de introduzir novas técnicas e romper com a pintura histórica clássica, deram início a uma expressão artística que tinha em vista a crítica às sociedades industrializadas, até então vistas como modelares.

De facto, em Portugal, o aparecimento da pintura romântica surgiu não só num contexto de uma profunda dependência cultural, filosófica e social face aos modelos estrangeiros, nomeadamente os europeus, mas também como reacção a valores e ideais — o racionalismo e o progresso — que se encontram, em certa medida, na génese das grandes sociedades industrializadas da Europa.

Deste modo, a pintura romântica portuguesa da segunda metade do século XIX procurou recuperar o prazer na contem-

plaçãõ da Natureza, a par da valorizaçãõ do Sentimento face à Razãõ. Rompendo com o ensino da pintura por imitaçãõ dentro das salas de aula das Academias, a nova geraçãõ de artistas promoveu a pintura ao ar livre, *in loco*, garantindo, assim, o contacto directo com a Natureza. Demonstrava ainda nas suas telas o interesse pela simplicidade do quotidiano rural, atravess da pintura de paisagens rústicas e de figuras campestres.

Neste contexto, a pintura animalista em Portugal traduz-se no retrato da ruralidade e dos costumes populares como, por exemplo, a pastagem dos animais e as colheitas de cereais. Desta forma, o gado bovino, taurino e ovino foi frequentemente representado na pintura animalista portuguesa, já que estas espécies eram utilizadas como animais de carga nas tarefas quotidianas dos meios rurais (Figura 3).



**Fig. 3** — Tomás da Anunciação, *Na Eira*, óleo sobre tela, 123 x 193 cm, 1861, Museu Nacional de Arte Contemporânea — Museu do Chiado, Lisboa © MNAC — Museu do Chiado, fotografia de Luísa Oliveira, Divisão de Documentação Fotográfica — INSTITUTO DOS MUSEUS E DA CONSERVAÇÃO, I.P. [Imagem a cores na página 315]

A referida pintura ao ar livre praticada pelos alunos das Academias, secundarizou a actividade desenvolvida nos *ateliers* e nas salas de aula, promovendo a observação da natureza e dos animais nos seus *habitats* e integrados em rotinas diárias, indissociáveis de trabalhos agrícolas.

Recuperando imagens de ambientes campestres, povoados por animais interagindo em plena harmonia com o meio rural circundante, os artistas românticos e animalistas pretenderam também representar as especificidades da cultura nacional, tentando devolver ao público o orgulho, alegadamente perdido, pela pátria portuguesa.

Assim, torna-se pertinente verificar as aproximações e as diferenças entre a pintura animalista na Grã-Bretanha e em Portugal no século XIX. Em ambos os casos constata-se o objectivo de captar e valorizar a nacionalidade através da expressão artística. No entanto, registamos as diferenças óbvias ao nível da especificidade sócio-cultural veiculada nas telas animalistas britânicas e portuguesas. Os artistas vitorianos, como *Sir* Edwin Landseer, procuraram transmitir uma imagem de um país moderno, desenvolvido e consciente das inovações científicas que viriam a revolucionar a relação entre o Humano e o Não-Humano. Pelo contrário, a pintura animalista portuguesa retratava um país rural e profundamente atrasado tanto do ponto de vista cultural como económico. É neste contexto de aproximação e de diferença que surgem os casos de Tomás da Anunciação e de José Moura Girão.

Tomás José da Anunciação nasceu em 26 de Outubro de 1818, em Lisboa, no seio de uma família de fracos recursos económicos e, desde cedo, demonstrou o gosto pela observação da Natureza fomentado pelo seu pai, Manuel António da Silva, que trabalhava no Jardim Botânico de Lisboa.

Aos dezanove anos, Tomás da Anunciação entrou para a Real Academia de Belas-Artes, como aluno-voluntário, no curso de Desenho. Na Academia recebeu uma educação clássica, já que os professores lhe pediam, frequentemente, que copiasse estampas e gessos, o que, no entanto, não diminuiu o seu interesse pela paisagem e, sobretudo, pela pintura animalista.

Em 1840, Anunciação expôs pela primeira vez na Academia, para orgulho dos seus pares, que demonstravam um profundo respeito pela sua pintura e que com ele, quatro anos mais tarde, viriam a levar a cabo uma “revolta” contra os tradicionais métodos de aprendizagem, ao mesmo tempo que defendiam uma “prática pictórica” a partir da observação *in loco*, tal como Isabel Falcão explica:

O estudo da paisagem exigia a vivência do pintor *in loco*, [...] os jovens pintores [estavam] cansados do trabalho sistemático, nos espaços fechados das salas de aula e dos *ateliers*. Defendiam o processo criativo, iniciado ao ar livre e baseado na observação directa da luz e dos motivos apresentados. (Falcão 71)

Em 1852, o pintor animalista foi nomeado professor substituto da cadeira de “Pintura de Paisagem, Animais e Produtos Naturais” na Academia de Belas-Artes de Lisboa, vindo a assumir, cinco anos mais tarde, a docência definitiva desta cadeira. Na exposição da Academia, em 1856, Anunciação foi o pintor que apresentou o maior número de quadros: oito telas e duas águas-fortes.

Em 1862, Anunciação assumiu um papel de destaque na fundação da Sociedade Promotora de Belas-Artes, onde expôs os seus trabalhos animalistas até 1874. Em 1867 esteve na Exposição Universal, no *Salon* de Paris, onde expôs um dos seus quadros, *Après la pâture* (“*Margens do Tejo*”), aproveitando essa circunstância para contactar com os mestres animalistas estrangeiros.

Para além da divulgação do seu trabalho a nível internacional e da convivência com artistas conceituados, a sua participação em certames artísticos fora de Portugal também lhe permitiu reconhecer a importância dos mais recentes estudos levados a cabo no estrangeiro. Deste modo, consciencializou-se não só da necessidade de difundir mundialmente a arte produzida no nosso país, como também de aprofundar técnicas e métodos que ainda tardavam a chegar a Portugal.

Durante todo o seu percurso artístico, Tomás da Anunciação procurou introduzir inovações no ensino da pintura e na divulgação dos trabalhos realizados pelos artistas portugueses do século XIX, o que lhe valeu, em 1865, a Medalha de Honra recebida na Exposição Industrial do Porto. Foi igualmente proposto para a atribuição do Hábito de Cristo e de São Tiago, que recusou, aceitando apenas a condecoração de Cavaleiro da Ordem de Cristo.

O reconhecimento internacional da pintura animalista de Tomás da Anunciação foi também visível em Espanha, onde, em 1871, recebeu a Ordem de Carlos III, na Exposição Internacional de Madrid. Este galardão à escala europeia divulgou o seu trabalho junto da Rainha D. Maria Pia (1847-1911), que o viria a nomear para seu professor de pintura, cargo que Anunciação aceitou prontamente. A Família Real portuguesa adquiriu grande parte do seu espólio, uma vez que D. Fernando II era um profundo admirador do seu trabalho. Por nomeação régia, Tomás da Anunciação foi Director da Galeria Real da Ajuda e da Academia de Belas-Artes de Lisboa. Ainda que inicialmente tivesse recusado esta última nomeação, acabou por ser encorajado pelos seus pares a aceitar o cargo.

O pintor animalista português viria a falecer em 3 de Abril de 1879, deixando o maior espólio artístico do século XIX e permanecendo entre os seus pares e os jovens artistas como uma

referência incontornável na paisagem e na pintura animalista, com as telas, *Vista Tirada do Sítio da Amora* (1852) e *O Vitelo* (1873) (Figura 4), respectivamente. No entanto, a sua principal influência seria junto do Grupo do Leão.



**Fig. 4** — Tomás da Anunciação, *O Vitelo*, óleo sobre tela, 76 x 125 cm, 1873, Museu Nacional de Arte Contemporânea — Museu do Chiado, Lisboa © MNAC — Museu do Chiado, fotografia de Arnaldo Soares, Divisão de Documentação Fotográfica — INSTITUTO DOS MUSEUS E DA CONSERVAÇÃO, I.P. [Imagem a cores na página 316]

Em 1881, Mariano Pina,<sup>8</sup> cronista do *Diário da Manhã* (Lisboa, 1876-1898) e conhecedor do grupo de jovens artistas portugueses que se reunia frequentemente na cervejaria “Leão de Ouro”, na Rua do Príncipe, no Rossio pombalino, apelidou-o de Grupo do Leão, em homenagem ao nome do local de encontro dos pintores.

Os serões passados na cervejaria “Leão de Ouro” serviam para discutir as inovações artísticas que cada pintor observava nas suas viagens pelo estrangeiro e, em conjunto, debatiam o papel da arte na recuperação do sentimento nacionalista do povo português.

Para decorar uma das paredes da cervejaria, Ramos da Costa, proprietário do estabelecimento, encomendou a Columbano Bordalo Pinheiro (1857-1929) uma tela onde retratasse os membros deste grupo de artistas. Assim, em 1885, Columbano terminou o quadro que até hoje se encontra na mesma parede

da cervejaria. Neste retrato encontramos muitos dos nomes que compunham o Grupo do Leão,<sup>9</sup> tais como João Cristino da Silva (1829-1877), Columbano Bordalo Pinheiro, Manuel Henriques Pinto (1853-1912), José Malhoa (1855-1933), João Vaz (1859-1931), Silva Porto (1850-1893), António Ramalho (1859-1916), José Moura Girão (1840-1916) e Rafael Bordalo Pinheiro (1846-1905).

O Grupo do Leão contou com o apoio de D. Fernando II, nomeadamente através de bolsas de estudo para viagens ao estrangeiro concedidas a alguns destes artistas, com o propósito de aprofundarem as novas técnicas de pintura e trazerem para Portugal os métodos que iam sendo praticados e divulgados fora do país. O monarca português mostrou-se sempre um profundo admirador do Grupo do Leão, tornando-se um dos maiores compradores de quadros animalistas e paisagistas dos jovens pintores. Para além destes apoios, D. Fernando II protegeu de igual modo algumas famílias de pintores, concedendo-lhes uma pensão que lhes permitisse subsistir dignamente em caso de morte do artista.

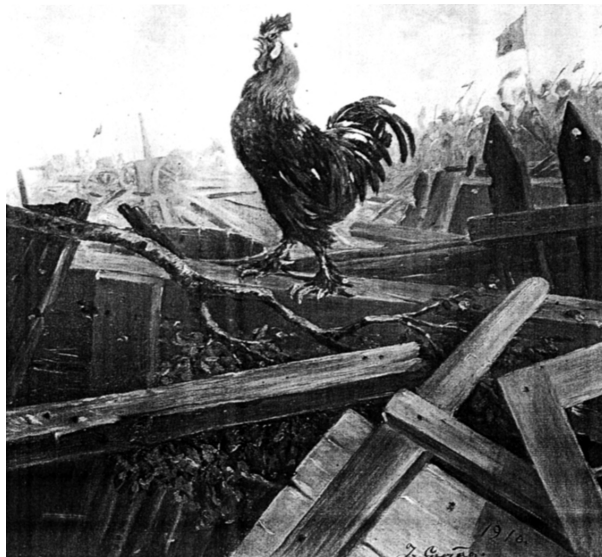
O Grupo do Leão expôs em conjunto até 1888, em oito certames, contando sempre com críticas muito favoráveis publicadas nos periódicos da especialidade e outros, onde era frequentemente denominado “grupo dos dissidentes”, tal como é recordado por José-Augusto França em *História da Arte em Portugal. O Pombalismo e o Romantismo* (França 143), já que os seus membros procuraram sempre distanciar-se da influência dos pintores românticos da geração de 1840-1860, como por exemplo António Manuel da Fonseca (1796-1890).

Este grupo deu continuidade ao trabalho de renovação artística que Tomás da Anunciação iniciara em vida, procurando incluir temas, cenários e figuras do quotidiano rural na pintura portuguesa da segunda metade de oitocentos, como vimos anteriormente.

Se Silva Porto (1850-1893) sucedeu a Tomás da Anunciação na docência da cadeira de “Pintura de Paisagem”, na Academia lisboeta, procurando continuar a promover a técnica da pintura ao ar livre, Moura Girão sucedeu-lhe no gosto pela pintura animalista.

Aluno de Tomás da Anunciação na Academia de Belas-Artes, José Maria de Sousa Moura Girão (1840-1916) foi desde cedo incentivado pelo seu mentor a dedicar-se à pintura animalista. O pintor procurou encontrar títulos para as suas telas que remetessem para questões de ordem política e social marcantes na segunda metade do século XIX e nos inícios do século XX,

tal como o quadro *Viva a República* (1910) (Figura 5) comprova. Nele representa-se um galo, de postura ativa, num cenário de destroços, onde parece ter existido um tumulto, certamente associado à queda da monarquia e à implantação da República, já que é visível, ao fundo, a nova bandeira de Portugal adoptada em 1911, não obstante ter começado a ser utilizada provisoriamente no ano anterior.



**Fig. 5** — José Moura Girão, *Viva a República*, óleo sobre tela, 45 x 35 cm, 1910, colecção privada. Imagem extraída da obra *Moura Girão. 1840-1916*, de autoria de Manuel Nunes Côrrea (149).

Nos seus trabalhos, o pintor animalista demonstrou a preocupação em oferecer ao público a possibilidade de (re)construir uma narrativa das situações retratadas, à semelhança do que verificámos na pintura de género atrás referida.

Moura Girão desenvolveu técnicas e métodos de observação dos animais que retratou, na sua maioria galos e galinhas, os quais mantinha presos em gaiolas no *atelier* do Museu Nacional de Belas-Artes. Pintou nesse espaço durante grande parte do seu percurso artístico, embora as condições não fossem as mais favoráveis à prática da pintura, já que o local se encontrava em avançado estado de degradação.

O artista observava os animais durante longas horas, captando a cor e a textura das penas e dos bicos, bem como as posições e os movimentos, que posteriormente transpunha com exímia precisão e rigor para as suas telas (Figura 6). Este

estudo aturado do comportamento e da anatomia animal remete-nos para os mesmos métodos de observação de base empirista utilizados por Edwin Landseer nos seus quadros animalistas. Tal como o pintor inglês, também Moura Girão se afeiçoava aos animais que retratava e, por conseguinte, recusava-se a matá-los ou a vendê-los, acabando sempre por oferecê-los a amigos.



**Fig. 6** — José Moura Girão, *Galo*, óleo sobre madeira, 28,5 x 18,7 cm, 1885, Museu de José Malhoa, Caldas da Rainha © MNAC — Museu do Chiado, Divisão de Documentação Fotográfica — INSTITUTO DOS MUSEUS E DA CONSERVAÇÃO, I.P. [Imagem a cores na página 317]

Embora, de facto, Girão tivesse ficado conhecido pela sua pintura animalista, deve recordar-se que o artista exerceu a profissão de restaurador durante trinta e seis anos, no Museu Nacional de Belas-Artes, cargo que constituiu a sua principal fonte de rendimentos. Entre 1893 e 1897, José Moura Girão

expôs na Sociedade Promotora de Belas-Artes, embora a nível internacional a sua pintura tivesse granjeado reconhecida popularidade através das exposições realizadas no Brasil, onde, ainda hoje, se encontram algumas telas originais.

D. Fernando II manifestou também a sua admiração pela pintura animalista de Moura Girão, encomendando-lhe dois quadros. O artista manteve igualmente boas relações com o rei D. Luís (1861-1889).

### **Breves Considerações Finais**

Embora conscientes de que ainda há muita investigação a desenvolver no âmbito da influência de *Sir* Edwin Landseer em Portugal, neste momento podemos afirmar que os trabalhos do pintor vitoriano e dos seus seguidores em Portugal, nomeadamente Tomás da Anunciação e José Moura Girão, são todos eles resultantes de um estudo aturado de anatomia, da observação de animais *in loco* e de técnicas de dissecação.

Landseer, Anunciação e Moura Girão reflectiram as especificidades culturais e sociais da sua época, espelhando temáticas muito em voga na segunda metade do século XIX. Todos eles tentaram recuperar uma certa identidade nacional, nomeadamente através do culto da Natureza, do apelo à ruralidade e da crítica ao individualismo decorrente da vida quotidiana nos espaços urbanos. Para além disso, os artistas levantaram também questões intemporais relacionadas com a origem da vida e, sobretudo, com a complexa relação entre os seres humanos e as diversas espécies animais.

---

<sup>1</sup> O artigo apresentado resulta, em grande medida, da investigação levada a cabo até ao momento com vista à elaboração da tese de Doutoramento em Estudos Anglo-Portugueses, sob a orientação da Prof<sup>a</sup> Doutora Gabriela Gândara Terenas.

<sup>2</sup> Sobre esta matéria veja-se Terenas (2001): 183-195.

<sup>3</sup> Destacamos também os trabalhos de alguns artistas britânicos, contemporâneos de Edwin Landseer, cujas frequentes viagens ao estrangeiro deram origem a uma tendência para retratar cenas quotidianas desses países visitados. A título de exemplo, podemos citar os nomes de *Sir* Charles Eastlake (1836-1906), Thomas Uwins (1782-1857), Joseph Severn (1793-1879), Penry Williams (1798-1885), John Phillip (1817-1867) e John Frederick Lewis (1805-1876). Mais tarde, já de regresso à Grã-Bretanha, estes artistas contribuíram para a crescente popularidade da pintura de género britânica de oitocentos.

<sup>4</sup> *Sir* Charles Stuart (1779-1845) era filho do tenente-general *Sir* Charles Crichton-Stuart e neto de John Stuart, 3º conde de Bute e Primeiro Ministro do Reino Unido entre 1762 e 1763. Estudou em Eton e, depois, no Christ Church College da Universidade

de Oxford. A partir de 1801 ingressou no serviço diplomático britânico, assumindo as funções de embaixador e de ministro plenipotenciário em Paris e São Petersburgo. Entre 1810 e 1812 foi embaixador em Lisboa e em 1823 desempenhou um papel preponderante nas negociações para a defesa dos interesses britânicos em Portugal e no Brasil, durante as negociações para a Independência deste país. Em forma de reconhecimento pelo sucesso do seu trabalho, o monarca português D. João VI, concedeu-lhe, em 22 de Novembro de 1825, o título de Conde de Machico. Também a Rainha D. Maria II lhe concederia, em 1 de Maio de 1826, o título de marquês de Angra no Brasil. Recebeu ainda a Ordem Militar da Torre e Espada pelo reconhecimento das suas acções diplomáticas em Portugal.

<sup>5</sup> Foi recentemente dado à estampa um estudo sobre estas aguarelas, da autoria de Leslie Bethell, intitulado *Charles Landseer: Desenhos e Aguarelas de Portugal e do Brasil, 1825-1826*. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2010.

<sup>6</sup> *Maria* contém uma referência inequívoca à colaboração entre os dois irmãos, patente em nota ao título da tela: “the dog is said to have been painted by [Edwin] Landseer”. Esta tela é frequentemente associada à obra *A Sentimental Journey Through France and Italy* (1768), da autoria de Laurence Sterne (1713-1768).

<sup>7</sup> Em 1824, Landseer viajou pela primeira vez para as *Highlands* juntamente com o seu amigo, e também ele pintor, Charles Leslie. Ficou hospedado na residência do grande romancista histórico Sir Walter Scott (1771-1832), em Galashiels, no sul da Escócia, à qual o escritor deu o nome de Abbotsford. A admiração mútua levou Edwin Landseer a visitar regularmente este país, fazendo cerca de uma viagem por ano às *Highlands*. Neste contexto, não deixa de ser curioso sublinhar o facto de Walter Scott também nutrir um imenso afecto pelos seus animais de estimação, em particular pela cadela Maida, que aquando de uma das visitas de Landseer a casa do escritor escocês, já se encontrava bastante doente. Por esse motivo, o pintor resolveu prestar uma homenagem a Sir Walter Scott com um retrato de Maida, que viria a morrer seis semanas após ter sido pintada no quadro intitulado *A Scene at Abbotsford* (1827). Nessa época, o célebre romancista encontrava-se numa situação económica bastante debilitada e uma das suas preocupações era vir a ter de abdicar, a curto prazo, da companhia dos seus animais de estimação. Daí que *A Scene at Abbotsford* tenha tocado de tal forma o escritor, quer pelo sentimento que Edwin Landseer havia colocado no olhar de Maida, quer pelo traço exímio do pintor animalista que, mais tarde, viria a afirmar estar perante “one of the most striking masters of the modern school” (Lennie 36).

<sup>8</sup> Mariano Pina (1860-1899) estreou-se como articulista no *Diário do Comércio*, em 1878, e foi correspondente da *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro, entre 1882 e 1886, substituindo Guilherme de Azevedo. Em Paris, dirigiu *A Ilustração. Revista Quinzenal para Portugal e Brasil*, assegurando a sua publicação entre 1884 e 1892. Para além de dirigir este periódico, o jornalista assumiu a direcção artística de *O Espectro: Castigo Semanal da Política* (Paris, 1890) e *O Nacional: Jornal Político Noticioso, Absolutamente Independente* (Lisboa, 1890-1891).

<sup>9</sup> Curiosamente nenhuma das três mulheres que fizeram parte do grupo foram retratadas. Isto pode dever-se ao simples facto de à época ser considerado impróprio uma senhora frequentar cervejarias.

## OBRAS CITADAS

Bethell, Leslie. Charles Landseer: Desenhos e Aguarelas de Portugal e do Brasil 1825-1826. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2010.

Bowron, Edgar Peters, et al. org. *Best in Show. The Dog Art from the Renaissance to Today*. New Haven e Londres: Yale University Press/The Museum of Fine Arts in Houston/Bruce Museum, 2006.

- Corrêa, Manuel Nunes. *Moura Girão. 1840-1916*. Lisboa: edição de Autor, 1983. 26-28.
- Darwin, Charles. *On the Origin of Species by Means of Natural Selection or, The Preservation of Favoured Races in the Struggle for Life*. Londres: Collector's Library, 1859/2004.
- . *The Descent of Man*. Londres: Penguin Classics, 1879/2004.
- . *The Expression of the Emotions in Man and Animals*. Oxford: Oxford University Press, 1872/1998.
- Donald, Diana. *Picturing Animals in Britain 1750-1850*. New Haven/Londres: The Paul Mellon Centre for Studies in British Art, 2007.
- Falcão, Isabel. *Pintura Portuguesa*. Lisboa: Casa-Museu Dr. Anastácio Gonçalves, 2003. 70-72.
- França, José-Augusto. *A Arte em Portugal no Século XIX*. 3.º ed. Vol. I-II, Lisboa: Bertand Editora, 1990.
- . *História da Arte em Portugal. O Pombalismo e o Romantismo*. Lisboa: Editorial Presença, 2004.
- . *O Grupo do Leão. 1880-1881*. Caldas da Rainha: Museu de José Malhoa, 1981.
- Herrmann, Luke. *Nineteenth Century British Painting*. Londres: Giles de la Maré Publishers Limited, 2000.
- Lambourne, Lionel. *Victorian Painting*. Londres: Phaidon Press, 1999.
- Lennie, Champbell. *Landseer. The Victorian Paragon*. Londres: Hamish Hamilton, 1976.
- Macedo, Diogo. *Tomás da Anunciação, Chefe do Romantismo*. [s/ local]: Coleção Museum, 2.ª série, número 5, [s/ data].
- Ormond, Richard. *Edwin Landseer. The Private Drawings*. Norwich: Unicorn Press, 2009.
- . (Com Contribuições de Joseph Rishel e Robin Hamlyn). *Sir Edwin Landseer*. Filadélfia/Londres: Philadelphia Museum of Art/The Tate Gallery, 1982.
- Pereira, Ana Leonor. *Darwin em Portugal. Filosofia, História, Engenharia Social (1865-1914)*. Coimbra: Almedina, 2001.
- Scott, McDougall. *Sir Edwin Landseer R.A.* Londres: George Bell & Sons, 1903.
- Teixeira, José. *D. Fernando II: Rei-Artista, Artista-Rei*. Lisboa. Fundação da Casa de Bragança, 1986.
- Terenas, Gabriela Gândara. "Diversidade de Olhares sobre a Pintura de Landseer nos Periódicos Portugueses (1865-1890): Visões Românticas e Interpretações Positivistas." *Actas do Congresso Internacional de Estudos Anglo-Portugueses 6-8 Maio 2001*, Lisboa: CEAP/FCSH, 2001. 183-195.
- Treuherz, Julian. *Victorian Painting*. Londres, Thames & Hudson, 1997.

## **AGRADECIMENTOS E CRÉDITOS DAS IMAGENS**

Apresentamos os nossos sinceros agradecimentos a The Victoria and Albert Museum, de Londres e ao Museu Nacional de Arte Contemporânea — Museu do Chiado, de Lisboa, os quais nos autorizaram a reprodução das imagens que acompanham o presente artigo.

The Victoria and Albert Museum: *The Old Shepherd's Chief Mourner* (1837) e *Lion: A Newfoundland Dog* (1824).

Museu Nacional de Arte Contemporânea — Museu do Chiado: *Na Eira* (1861), *O Vitelo* (1873) e *Galo* (1885).

CARTAS INÉDITAS DE UM JOVEM BURGUÊS 1815-1817  
(2.<sup>a</sup> PARTE)

*António Lopes*  
*Universidade do Algarve*  
*CÉTAPS*

Lisboa, [9 de] Setembro de 1816

Estimado Cunhado!

Tenho o prazer de lhe entregar a factura & o conhecimento de carga das 59 sacas de lã espanhola, enviadas pelo *Waterloo*, capitaneado por John Blackler e com destino a Liverpool. Vão consignadas à sua morada e espero que cheguem em segurança.

Uma vez que o câmbio estava a cerca de 18 ½ % abaixo do par e me foi oferecida a oportunidade de comprar uma porção de lã de primeira qualidade, achei que isto seria preferível a fazer-lhe uma remessa de dinheiro, coisa que o Sr. Pollet não teria sido capaz de fazer senão lá para o fim de Novembro, e mesmo então provavelmente apenas no montante de Rs. 3,000\$000, o que, como V— constatará, são quase dois *contos de reis* [sic] abaixo do valor da factura da lã, e uma vez que a embarcação partirá dentro de poucos dias, V— estará certamente na sua posse antes daquele prazo, & estou convencido de que o negócio não só o irá compensar pela perda do câmbio, como também lhe deixará um lucro decente.

Em anexo V— encontrará ainda a factura & junto envio o conhecimento de carga de 33 sacas de lã espanhola que também enviei para a sua morada pelo transporte acima mencionado. Foi só no outro dia que descobri que eles estavam ligados ao seu negócio, quando o Sr. Vizeu nos informou de que tinha ficado acordado com o Sr. A. Pollet — quando ele escambou

pelas 24 sacas que lhe foram enviadas a si pelo *Rambler*, já que a quantia era insuficiente para cobrir o valor das fazendas — que ele (o Sr. V.) deveria ter um outro fardo, pelo qual estas 33 sacas eram para ser dadas em troca de acordo com a mesma taxa e avaliação que as anteriores, cujas condições tinham sido confirmadas por carta recebida do Sr. A. P. por via do paquete anterior.

Considerando que seria este o caso, aproveitei a primeira oportunidade de as enviar, na esperança de que cheguem às suas mãos em segurança. É desnecessário dizer o que quer que seja acerca da qualidade da lã, já que V— terá suficientes amostras para se convencer que não é da melhor; basta dizer que ao inspeccionar as contas constatei que o Sr. V. estava em dívida para conosco no montante de Rs. 813\$063, pelo que pensei que seria melhor dar o consentimento às condições acima. Assim, o fardo encomendado deve ser facturado à mesma taxa que os fardos TS 476, 477, 478 & para o caso de qualquer litígio era melhor que V— o consignasse ao Sr. Pollet, como é hábito.

O Sr. Pollet recebeu a sua carta de 13 do último, que inclui amostras & a factura dos fardos de tecido que me apraz informar terem chegado em segurança por via de Samuel David Power de Liverpool. São de qualidade inferior, mas faremos o que estiver no nosso alcance para os vender. V— diz que são tão bons quanto os que me enviou, mas garanto-lhe que não se comparam — nem merecem ser mencionados no mesmo dia — com aqueles que foram enviados no tempo do seu irmão Sam. De facto, desde a sua morte sou levado a pensar que nós temos estado a perder terreno: as nossas fazendas costumavam ir ao encontro das preferências do mercado, mas agora não há quase casa alguma que não nos ultrapasse na superioridade & qualidade da sua mercadoria.

No outro dia, ao tentar obter uma encomenda de um antigo cliente, ele mostrou-me como os Srs. I. & E. Brooke lhe conseguiam fornecer um artigo de qualidade superior e em condições muito mais razoáveis, nenhum deles a mais de 20/- e a grande maioria abaixo desse valor. Por outras palavras, fiquei surpreendido por ver que eram muito mais finos e com acabamento muito superior a qualquer das nossas fazendas, pelo que volto a repetir que o facto de os nossos artigos não terem mais saída se deve em grande medida ao acabamento. Está sem dúvida nas suas mãos fabricar um tecido tão bom quanto o dos Brookes, do A. Rhoades, do Hogg ou qualquer outra casa mercantil no Yorkshire, mas, se não se prestar a devida atenção à parte do acabamento, tornando-o delicado e suave ao toque, todo o seu trabalho está perdido; por isso, só tenho a acrescentar que, se

fôssemos verdadeiramente apoiados como devíamos pelo nosso departamento de manufactura aí no Yorkshire e conseguíssemos efectuar todas as vendas cá, estaríamos então em condições de dizer que nós, que temos todo o interesse neste mercado, desafiámos todos os estabelecimentos em Lisboa.

Acabou de chegar um paquete, & acuso agora a recepção da sua última de 27 último, que anexa factura e padrões de dois fardos, um com as nossas fazendas & o outro com caxemiras, que espero que nos ajudem a vender o que temos em depósito. Falei com o Sr. Pollet a propósito de lhe fazer a si uma remessa de fundos, que ele me prometeu que faria assim que a primeira oportunidade se oferecesse. Em breve teremos um leilão, momento em que tentarei [vender] as fazendas, se entretanto não as despachar antes através de um contrato privado; assim sendo, se V— tiver necessitado de dinheiro, podemos, assim que recebermos o seu conselho, descontar nas letras e fazer-lhe uma remessa imediatamente, conquanto V— esteja disposto a sujeitar-se ao desconto, que deve rondar os 3%.

Dê à Mary Anne o meu carinho e creia-me

O seu cunhado que muito o estima,  
James Hutchinson Jun.

O câmbio em Lisboa está a 56 ½ d.

O capitão do *Waterloo* comprometeu-se a levar da minha parte uma porção de cebolas, mais de duzentas, que enviei ao cuidado dos Srs. Ormerod Heyworth & Co., para lhe serem reencominhadas para si na primeira ocasião. São um presente para si e para o meu Pai e espero que V— se encontre bem de saúde. São merecedoras da atenção dos *Curiozos* [sic]. Algumas delas medem meia jarda ou mais em diâmetro, e competem com os nabos em tamanho.

---

Lisboa, 15 de Setembro de 1816

Estimado Cunhado!

Sem que nada me tenha chegado da sua parte desde que lhe escrevi em 9 do corrente, tenho a informar que vendi o fardo T8 496 ao Sr. Vizeu em lugar do fardo encomendado. Ao tratar deste assunto, emiti uma nova factura, cobrando as fazendas à mesma taxa visto ele já os ter recebido aos preços a que tinha

aceitado o referido fardo, somando tudo — na proporção dos encargos por cada factura que lhe foi emitida — a quantia de £523.5.5, que à taxa de câmbio de 56 ½ dá Rs 2,222\$743, de modo que o Sr. Vizeu se mantém agora devedor da nossa casa no montante de Rs 697\$393.

Agora peço que V— atente na sua amável referência à minha última, em que V— comenta que, ao emitir as facturas aí anexadas, omiti a comissão do Sr. Pollet. Isso, porém, não tem qualquer consequência de maior visto que pode ser inserida na conta corrente. Estando ansioso por lhe remeter a si a factura o mais cedo possível, a mesma foi emitida com tal afã que não houve tempo para a conferir com a conta do Vizeu, na qual tenho ainda de chamar a atenção para uma diferença de somenos importância, visto que ele só admitiu 6 libras pela tara do saco, mas, calculando o ágio a 14% de desconto, fica quase pelo mesmo valor, de modo que, junto com a comissão do Sr. Pollet, o montante da factura será como adiante se discrimina, a saber:

Fact <sup>a</sup> de 24 Sacas via o <i>Rambler</i> £1.406.18.3 ao câmbio de 68 d.	Rs. 4,965\$569
Fact <sup>a</sup> de 33 Sacas via o <i>Waterloo</i> £ 602.8.4 ao câmbio de 56 ½ d.	<u>Rs. 2,558\$939</u> Rs. 7,524\$508
Montante dos fardos 467, 7 e 8 de acordo com Factura £ 1,511.8 ao câmbio de 68 d.	5,334\$353
Montante do fardo 496, vendido ao Sr. Vizeu £ 523.5.5 ao câmbio de 56 ½	<u>Rs. 2,222\$743</u> Rs. 7,557\$096

A partir do acima declarado, V— pode dar entrada à transacção nos seus livros &, ao conferir as somas em conjunto, pode ver qual o montante do saldo restante.

O *Waterloo* partiu ontem, e estou em crer que fará uma boa viagem, pelo que, se não chegar pouco depois da recepção desta última, V— fará o favor de verificar da necessidade do seguro da carga. Contudo, como é uma nova embarcação, não há urgência nisso. O Sr. Ashworth chegou cá novamente no último paquete. Mostrei-lhe as amostras da lã que comprei, que ele pensa ser de qualidade muito superior, e diz não haver em Londres lã superior a esta. Peço que envie os meus cumprimentos ao V— pai e também a John Hutchinson.

Queira transmitir a Mary Anne e aos pequenos todo o meu amor, e creia-me

O seu cunhado que muito o estima,  
James Hutchinson Jun.

O câmbio em Lisboa está a 58 ½ d.

---

Lisboa, 28 de Setembro de 1816

Estimado Cunhado!

Tenho agora perante mim o V— favor de 10 do corrente que inclui a factura e as amostras de um outro fardo de tecido que espero que me chegue brevemente às mãos. Muito me aprouve saber que V— concordou em expressar a sua satisfação relativamente à compra que fiz recentemente para a sua conta das 59 sacas de lã leonesa. A propósito, consegui há pouco tempo realizar as vendas dos fardos TS nos. 498 & 499, com um desconto de 10% sobre o montante da factura a ser pago à chegada da mercadoria, altura em que é minha intenção remeter-lhe o dinheiro que espero venha de momento a providenciar-lhe algum desafogo temporário. Creia que envidarei todos os esforços para despachar todos os fardos que me cheguem às mãos e lhe fazer novas remessas de dinheiro lá para o princípio de Janeiro próximo. Uma vez que estamos necessitados de dinheiro em caixa, fui levado a despachar o dito fardo pelo desconto acima mencionado, especialmente porque tive a oportunidade de o fazer a um novo cliente que me havia prometido uma quota-parte das suas encomendas, conquanto esta mercadoria fosse ao encontro das suas expectativas.

Tenho igualmente o prazer de informar V— de que fizemos uma venda na quinta-feira passada quando vendemos quase todas as existências que tínhamos, a um crédito a três meses, isto é, num montante superior a Rs. 4,000\$000. Alcançaram melhores preços do que aqueles que temos vindo a obter pela nossa mercadoria desde que cheguei a Lisboa. Em média, foram vendidos a Rs. 4\$184 a jarda, ou algo por aí — isto atendendo a como se encontrava o câmbio nos tempos do seu irmão Sam, que rondaria entre os 26/- e os 30/- a jarda. Nunca tivemos uma venda tão concorrida; ficámos aliás surpreendidos por ver os artigos desaparecendo do modo como desapareceram. Dei instruções para que os restantes três fardos que se encontravam na

alfândega fossem despachados & farei uma outra venda assim que os tiver na nossa posse. O Sr. Policarpo disse que V— deveria mandar instalar iluminação na sua fábrica se conseguíssemos vender estes da mesma maneira.

Recebemos uma carta do Sr. Pollet por via do paquete que chegou esta manhã — ainda está em Londres & nada diz sobre o seu regresso. Escrever-lhe-ei na volta do paquete para ver se ele lhe faz um adiantamento para o ajudar, já que, lamento ter de dizê-lo, nós vimo-nos na contingência de renovar algumas das letras relativas a Joaquim Izidro Craveiro de Faria. Não haja, porém, qualquer dúvida de que ele as pagará, se bem que possa levar algum tempo, de modo que V— pode ficar perfeitamente descansado, tanto mais que com a renovação das letras ele concordou em nos pagar juros a 1% ao mês sobre o montante, já que poderá não ser capaz de as pagar imediatamente após vencimento. Caso não as pague, iremos apresentar um protesto por falta de pagamento e apreenderemos a sua propriedade.

A nossa casa sempre depositou a maior confiança nele e temos agora Rs. 3,300\$000 na sua conta. Foi o seu irmão Sam & e Pollet que o iniciaram no negócio. Por isso, tenho a certeza de que pagará o que nos deve antes de qualquer outro, ou pelo menos se cumprir a sua promessa, coisa que é natural concluir que o faça, na observância das obrigações que lhe foram confiadas.

Quanto ao O'Neil, ele nunca me mencionou a sua conta desde que o visitei a propósito daquela letra, de modo que penso que o saldo não pende nem para um lado nem para outro.

Lembranças minhas a todos aí em casa, ao seu Pai, à Mary Anne & aos pequeninos, & creia-me

O seu cunhado que muito o estima,  
James Hutchinson Jun.

O câmbio em Lisboa está a 56 d

Agradecia-lhe a bondade de informar o meu Pai de que dei a um português, de nome Manoel da Souza Duarte, uma carta de apresentação que lhe vai destinada. É um vizinho nosso e, visto que ele ma pediu, eu não lha poderia recusar. É apenas uma carta de apresentação e não uma de crédito.

---

Lisboa, 18 de Outubro de 1816

Estimado Cunhado!

Acabei de receber o seu favor de 1 do corrente pois desde que lhe escrevi em 28 do último não recebemos nenhuma remessa da sua parte até anteontem, dia em que chegaram dois paquetes quase ao mesmo tempo. Fico satisfeito por saber da chegada do *Waterloo* & apraz-me informá-lo por outro lado de que o *Hope* & o *William* aportaram cá são e salvos. Ambos já começaram a descarregar, e espero que no próximo correio eu possa dar-lhe conta do andamento da sugestão que lhe fiz na minha última. Com excepção do fardo TS n.º 500, aqueles que estavam disponíveis já foram despachados & estão a caminho do nosso estabelecimento vindos da alfândega.

É minha intenção efectuar uma venda amanhã, que espero que seja tão bem-sucedida como a que já lhe contei. Esqueci-me na altura de mencionar que vendi as 5 peças restantes de tecido que pertenciam ao lote do North, pois começaram a criar uma tal quantidade de traças, que me convenci que tinha de me livrar delas, quanto mais não fosse para preservar as minhas próprias roupas, as quais, posso garanti-lo, não deixaram de ser afectadas. Logo lhe darei mais pormenores na próxima.

O Sr. Pollet ainda se encontra em Londres. Não lhe escreverei até ver o resultado da venda de amanhã. Espero que na sua próxima me diga se gostou da lâ: se ela corresponder às expectativas verei se lhe consigo enviar um outro lote; acredite que essa é a melhor maneira de conseguir algum dinheiro em caixa, pois, como o seu irmão Sam costumava dizer, “quando se compra a lâ, o Pollet tem de arranjar o dinheiro para pagá-la, haja ou não haja.”

O Sr. Hogg tem andado a fazer grandes negócios ultimamente, e na realidade ele fornece fazendas muito boas. Gostava de saber se V— não lhe podia fazer um desconto. Se considerar essa hipótese, creia que envidarei todos os esforços em defesa dos seus interesses. Se me enviasse um mostruário ou duas das peças de caxemira e fio de fantasia para coletes, penso que conseguiria boas encomendas. O Sr. Ellerton voltou no último paquete e o Sr. e a Sra. Welby são esperados a qualquer momento.

Faz ele quinze dias que tivemos um assustador incêndio que ameaçou causar triste destruição, mas felizmente não houve a mais leve aragem. Caso contrário, toda a parte nova da cidade teria sido reduzida a cinzas. Deflagrou na Igreja de São Julião, uma das mais próximas de nós e das mais magníficas de toda a cidade. A cerimónia funerária pela morte da Rainha tinha

sido celebrada nesta igreja justamente no dia anterior. Estava sumptuosamente decorada e aberta para visitas a todos aqueles que não tinham conseguido entrar no dia anterior. Um amigo meu que estava presente quando a igreja pegou fogo contou-me que o mesmo tinha sido causado por um dos amigos do alheio, que o sacristão viu a furtar o relógio a uma pessoa no preciso momento em que o sacristão estava a içar as luzes em torno do sepulcro, e, ao voltar a sua atenção para o larápio, sem mais cuidar do que estava a fazer, deitou fogo às colgaduras que estavam suspensas do tecto, tendo-se o fogo propagado àquele, & toda a igreja ficou em chamas antes que as pessoas conseguissem chegar à porta, & em pouquíssimo tempo ficou reduzida a nada a não ser as suas paredes. Não se salvou coisa alguma a não ser uns quantos santos e um hostiário, que foram levados para uma igreja vizinha.

Não tenho espaço para contar mais coisas, e por isso peço-lhe que me desculpe ao me subscrever

O seu cunhado que muito o estima,  
James Hutchinson Jun.

---

Lisboa, 2 de Novembro de 1816

Estimado Cunhado!

Tenho agora perante mim o seu favor de 15 do último e apraz-me informá-lo de que conseguimos efectuar as vendas dos três fardos, com excepção de duas peças. O leilão esteve bem concorrido e penso que as fazendas alcançaram preços tão bons quanto aquelas vendidas da última vez, isto se considerarmos a sua qualidade inferior.

Lamento informar que as fazendas no fardo 498, uma vez aberto, não provaram ser iguais às amostras, e conseqüentemente tivemos uma pequena discussão a esse propósito. Porém, espero ser capaz de concluir o negócio até à vinda do próximo paquete.

Temos estado tão apertados com as contas para Londres que não tive tempo de preparar a conta do North para seguir neste correio e por isso adio até ao próximo.

No que diz respeito às letras que temos relativas a Joaq.m Iz.do Crav.º de Faria, remeto-o para a minha carta de 28 de Setembro, onde poderá ver a soma discriminada. V— não precisa de estar de modo algum apreensivo quanto a esta conta, já

que ele a pagará em pouco tempo, pois estou persuadido de que ele perderia mais depressa o seu crédito junto de toda a gente em Lisboa do que com o Sr. Pollet.

Tratarei de vender o fardo 500 tão depressa quanto possível, & V— pode confiar em como lhe farei a remessa de dinheiro em Janeiro próximo, altura em que espero que algumas das letras de câmbio do Faria sejam pagas. Caso contrário, convencerei o Sr. Pollet a lhe adiantar algum dinheiro, se V— estiver realmente necessitado, já que não o aconselho a vender a lã até que seja a isso forçado.

É-me impossível dizer que género de fazendas poderá vir a vingar no mercado até que se dê por findo o luto, mas é natural supor que as cores prevalecentes e mais na moda em Inglaterra também o serão cá.

De momento, as caxemiras de um tom aveludado escuro vendem-se muito bem. Por isso, se pudesse enviar-me algumas sem mais delongas, não se daria por perdido — umas quantas de lã duplamente feltrada vender-se-iam bem. Quando digo aveludado, refiro-me a um cinzento escuro com um toque azulado ou acastanhado.

Os xailes de cadilhos & debruns estampados de boa qualidade poderiam alcançar cerca de trinta xelins a peça & talvez um pouco mais, se me fossem enviados para a época de inverno. Escarlates, brancos, amarelos torrados, &c. vendem-se melhor, mas nada de carmesins nem cinzentos e azuis para este mercado. Deveria haver maior proporção de escarlates do que qualquer outra cor e apenas uma muito pequena quantidade de lenços, pois não foram muito do gosto das senhoras portuguesas. Na minha opinião, não seria despropositado enviar uma peça de caxemiras escarlates da melhor qualidade, com a medida de 7/4 de largura depois de feltrada, já que as senhoras gostam de debruar os xailes a seu gosto.

Todos os dias espero receber a carta há muito prometida da Mary Anne, pois caso contrário já lhe teria escrito algumas linhas antes desta. Chegou novamente o Sr. Dobson, de quem tive a satisfação de saber que V— estava com muito bom aspecto quando o viu da última vez. V— estava enganado quanto à sua conjectura sobre a minha enfermidade: se eu não tivesse nada de mais grave do que V— supôs, eu teria recuperado mais facilmente.

Com a afeição de sempre creia-me

O seu cunhado que muito o estima,  
James Hutchinson Jun.

Câmbio a 56 d.

---

Lisboa, 11 de Novembro de 1816

Estimado Cunhado!

Não tenho recebido quaisquer favores seus desde que lhe escrevi. Serve a presente para informar que consegui resolver a disputa relativa aos fardos 498 & 499. Recuperei o fardo de caxemiras, pois, como V— disse, foram facturados a um preço inicial e eu não quis fazer qualquer redução, mas ele acabou por ficar com o outro fardo por Rs 997\$025, e prometeu dar-mo no próximo paquete. Na realidade, estou contente por não ter podido fazer a remessa logo neste correio, visto que o câmbio sofreu alterações. Alguns tomaram as letras de câmbio a 55  $\frac{3}{4}$  d & outros conseguiram-nas a 66  $\frac{1}{2}$  d. Estava previsto que o correio do paquete fechasse hoje [segunda-feira] às 8 horas da manhã, de modo que foi necessário ter as letras no sábado à noite, altura em que o câmbio estava fixado em 55  $\frac{3}{4}$  d., mas um outro paquete chegou no sábado já na parte da tarde e trouxe de Londres um câmbio mais favorável. A entrega do correio foi adiada até ao fim do dia, de modo que aqueles que já levaram as letras de câmbio hoje ficaram com uma taxa a 66  $\frac{1}{2}$  e algumas letras privadas a 67 d.

Espera-se que a taxa suba na próxima semana e queira Deus que assim continue até ao Natal, altura em que espero ter o prazer de lhe enviar uma ou duas prendas.

Envie à Mary Anne todo o meu afecto e creia-me

O seu cunhado que muito o estima,  
James Hutchinson Jun.

---

Lisboa, 29 de Novembro de 1816

Estimado Cunhado!

Encontrando-me algo indisposto, não lhe enderecei nenhuma carta pelo último paquete, mas entretanto recebi o seu favor de 11 do corrente, pelo que aproveito a oportunidade de lhe responder.

Se a minha saúde o permitir, logo após a chegada de mais alguns paquetes, irei tratar da conta do North, & assim que vencer a data de pagamento enviar-lhe-ei a ele o saldo. A cópia das facturas de nada serve, penso. Porém, far-lhe-ei chegar a si o montante de cada fardo com mais alguns pormenores.

Agora quanto ao nosso negócio, as caxemiras ainda estão em depósito, mas as restantes fazendas já foram vendidas, com excepção de cerca de 20 peças de cores que não são vendáveis. Ofereceram por elas 2\$000 por côvado na última venda, mas achei que não seria decente deixá-las ir por um preço desses, até ouvir o que V— me aconselhasse a fazer a este propósito. No outro dia mandei ir buscar as caxemiras que estão nas mãos do Dr. Klingelhoefer. Só devolveram 5 peças, de modo que ele vai ter de dar satisfações sobre as outras duas peças que, suponho, já terá vendido.

Poderá ficar descansado em como lhe farei remessa de algum dinheiro por volta de 26 do próximo mês. Lamento não ter podido fazê-lo mais cedo, mas se V— considerar que nos temos visto na contingência de renovar as letras de câmbio no valor de Rs. 3,000\$000, V— pode perceber de imediato o quanto isso tem dificultado as nossas contas. Com base nas ordens de pagamento dos nossos correspondentes, o Sr. Pollet foi obrigado ao reembolso dos Rs. 6,000\$000 que ele emprestou a si em Londres. Tivemos então de garantir o pagamento da lã que lhe foi enviada a si, para além de termos pago as taxas alfandegárias sobre todas as mercadorias que têm sido despachadas: todos estes factos explicam por que motivo ainda não fizemos nenhuma remessa de dinheiro.

Posso rapidamente explicar-lhe como é que o Sr. Hogg permite que o irmão dele conduza o negócio dessa maneira. Deve lembrar-se de que os amigos do Sr. Hogg em Inglaterra lhe forneceram artigos em preto, com base na notícia da morte da Rainha, os quais chegaram cá antes que alguém se lembrasse de os enviar. O Sr. H. foi a única pessoa neste mercado que conseguia fornecer os *Mercadores* com aquilo que tinha procura nesse momento. Ele agarrou a oportunidade de lançar mão de grandes quantidades de artigos não vendáveis a preços vantajosos, já que não venderia os pretos sem lhes juntar um qualquer tecido colorido. Além disso, o Sr. H. faz um leilão todas as semanas, altura em que vende todas as suas mercadorias pelo preço que venham a atingir (e que é a única maneira de fazer negócio hoje em dia), sendo o meio pelo qual consegue sempre reaver o seu capital.

Desde que se instalou o tempo frio, descobri que não recuperei totalmente da minha última doença como pensava; de facto, nestas últimas seis semanas tenho-me sentido mal, e começo a ser incomodado por uma desagradável tosse seca, mas espero melhorar depressa. Tenho-me visto na necessidade de consultar o meu antigo médico, o qual, creio, me irá endireitar novamente. Já me deu as suas ordens bastante rigorosas e não me permite sair de casa excepto ao meio dia.

Envie à Mary Anne e a todos aí em caso o meu affecto e creia-me

O seu cunhado que muito o estima,  
James Hutchinson Jun.

Recebi o favor do William por via do Sr. e da Sra. Welby, que cá chegaram sãos e salvos.

Não se encontram cereais americanos neste mercado. Creio que só sob forma de farinha. A farinha e outros alimentos estão a ficar cada vez mais caros aqui.

Câmbio a 56 ½ d.

---

Lisboa, 3 de Janeiro de 1817

Estimado Cunhado!

Desde que lhe escrevi em 29 de Novembro, tive a satisfação de receber a sua gentil carta de 5 do mês passado e tenho agora o prazer de lhe enviar em anexo uma remessa de £550.— esterlinas, o que à taxa de câmbio de 57 ½ d corresponde a Rs. 2,295\$652, por ordem de pagamento de George Hadley sobre os Srs. Thomas Hadley & Co. de Birmingham, ordem essa que V— me fará a bondade de executar em conformidade, à data de vencimento. Far-lhe-ei nova remessa de £500.— (ou mais) a 19 deste mês, e poderá esperar mais a 22 de Fev.º. Ainda não consegui vender as caxemiras, mas espero que, quando chegarem os artigos que V— mencionou na sua última, as conseguirei vender juntamente com estes últimos; além destes nós temos apenas 15 peças de tecido em depósito. O Dr. Beswick visitou-me hoje a propósito da conta do North, que anexo à presente. Vou remeter-lhe a ele o saldo no próximo paquete se eu conseguir uma letra para o montante. Falei com o Sr. Duff acerca do que V— me pediu na sua última. Ele não gosta de autorizar o irmão dele & deseja que eu escreva um excerto do que V— me escreveu, e que ele se encarregará de reencaminhar. Por isso, V— deve escrever ao Sr. Duff de Nova Iorque para confirmar o mesmo. À Mary Anne o meu amor e a todos Felizes Festas, e subscrevo-me

O seu cunhado que muito o estima,  
James Hutchinson Jun.

---

Lisboa, 17 de Janeiro de 1817

Estimado Cunhado!

Tive o prazer de lhe dirigir uma carta em 3 do corrente, e recebi o seu favor de 17 último com factura e amostras de um fardo que espero que cá chegue em breve. Ofereci-as para a venda, mas as cores das peças números 3878, 79, 3880 & 81 não foram muito apreciadas. Era uma cor na moda de cá há um ano e meio atrás, mas agora o mercado está saturado. Em seu lugar, eu sugeria que me enviasse umas quantas peças de verdes, algo mais claras do que as que foram enviada no tempo do Sam ou, para ser mais explícito, aquilo a que refiro é um verde francês, se V— se lembrar de alguma vez ter visto um. Recomendava novamente que prestasse a sua melhor atenção ao acabamento, para que fosse do melhor, pois pode crer que esta é a parte essencial deste ramo da indústria & o tom geral das reclamações contra os nossos artigos é que eles não são laminados com um corte suficientemente curto. Contudo, apraz-me constatar um aparente ajustamento nas amostras do n.º 501. No outro dia vi algumas das fazendas do Sr. Hogg abertos na alfândega com um acabamento bellissimo e em qualidade um nada inferior às do Oeste de Inglaterra. Fiquei, aliás, surpreendido por ver o quão superiores eram em relação aos nossos artigos.

Serve a presente oportunidade para confirmar o conteúdo da minha última, e junto envio a cópia do câmbio da minha remessa de £550 esterlinas por ordem de pagamento de George Hadley sobre os Srs. Thomas Hadley & Co. de Birmingham, para dele se socorrer em caso de necessidade, e ainda faço uma outra remessa que discrimino em nota de rodapé no valor de £500.—.—, à taxa de câmbio de 58 d. = Rs. 2,068\$965, relativamente à qual me fará a bondade de dar ordem de pagamento no prazo devido. O saldo da conta do North vence no sábado. Tentei arranjar uma letra de câmbio hoje, mas tratando-se de uma quantia tão pequena ninguém quis subscrever o título de crédito, de modo que é melhor V— pagar e dar por findo o negócio. Segundo a conta que enviei a si, constatará que é de apenas Rs. 266\$430, o que à taxa de câmbio de 57 ½ d. dá um total de £63.16.8. Não percebo por que motivo V— não quer aparecer neste negócio. Não dispõe V— dos documentos necessários que lhe enviei para provar a correcção de todas as suas contas & não foram estas certificadas pelo Vice-Cônsul britânico? Se ele não está satisfeito com elas, deixe-o levar a sua por diante

e veremos se ele se corrige. Só desejo que pudesse negociar com ele. Não teria problemas em o denunciar como o patife que ele é. Que mais poderia uma pessoa para sua satisfação pedir do que o certificado de um intermediário? Porém, aquele que não se contenta com isso só prova que é uma pessoa desprovida de todos os princípios e capaz das piores acções.

O negócio tem andado muito parado ultimamente e tem havido falhas consideráveis em Lisboa. Um mercador português de nome Jozé Ant.<sup>o</sup> Moreira partiu para a América numa escuna há pouco tempo. Só em Lisboa (não incluindo o resto do país) deve para cima de Rs. 600,000\$000. Muitas das casas mais respeitáveis foram enganadas por ele: algumas por quase trinta mil libras; outras por mais de vinte, & assim por diante. Felizmente apenas uns poucos mercadores estavam envolvidos com ele. Ouvimos histórias horríveis de Inglaterra. Como V— nada nos diz, julgamos que esteja tudo calmo por essas bandas. Havia imensas letras para Londres na semana passada, mas ninguém as quis aceitar por causa de uma notícia que nos chegou por via de França que dava conta de o *Príncipe Regente* ter sido alvejado, mas a chegada do último pacote repôs a verdade.

Apraz-me informar-vos de que me encontro melhor de saúde e a todos aí em casa as minhas lembranças. Envie à Mary Anne o meu carinho e creia-me

O seu cunhado que muito o estima,  
James Hutchinson Jun.

Ordem de pagamento de George Hadley sobre os Srs. Thomas Hadley & Co.	£350.—.—
Ordem de pagamento de J. J. E. Montanos sobre os Sr. Joseph Echalaz	£150.—.—

---

Lisboa, 25 de Janeiro de 1817

Estimado Cunhado!

Confirmo o conteúdo da minha última de 17 do corrente & anexo cópia do câmbio da minha remessa então feita, no montante, abaixo discriminado em nota de rodapé, de £500.—.— esterlinas à taxa de 58 d. = Rs. 2,068\$965, para que disponha em caso de necessidade.

Desde que lhe escrevi em 17 do corrente nada mais se adiantou — raramente se viu o mercado de Lisboa tão deprimido como de momento; em poucas palavras, pode dizer-se que o negócio agora estagnou — nada se vende a não ser farinha e batatas, artigos cujos preços subiram consideravelmente nestes últimos dias. Saiu uma ordem proibindo os confeitores de usarem farinha para o fabrico de bolos ou de qualquer outro género de doces, e os padeiros estão proibidos de deixar que as pessoas levem mais de metade da quantidade de pão que pedirem. Calcula-se que o Reino tenha pouco mais de dois meses de reservas de trigo, de tal sorte que, se não recebermos abastecimentos de um outro mercado estrangeiro, cá teremos de nos aviar o melhor que pudermos; contudo, julgo que, se vier a verificar tamanha escassez, aqui os pobres não se atreverão a protestar contra as dificuldades dos tempos que correm, ao contrário do que succede em Inglaterra, o que para todos os efeitos sempre me serve de algum consolo.

Nada mais tenho a acrescentar, de modo que se nada mais acontecer não lhe voltarei a escrever até que esteja em condições de fazer outra remessa de valores. Já agora recordava-lhe que completei ontem o meu vigésimo aniversário e espero que não tenha passado o dia sem que se recordasse por breves instantes de mim. Para concluir, só posso desejar que, nos nossos dias de anos, todos nós venhamos a comemorar muitos mais e mais felizes aniversários, & com affecto me despeço de todos vós, & creia-me ainda

O seu cunhado que muito o estima,  
James Hutchinson Jun.

---

Lisboa, 7 de Fev.º de 1817

Estimado Cunhado!

Tenho perante mim o seu favor de 27 último e apraz-me informá-lo de que o *Isabella* chegou em segurança depois de uma longa viagem. Esperam-se várias outras embarcações de Liverpool, algumas das quais partiram antes do *Isabella*. Deu-se por perdido o *Príncipe Regente*, andando há já quarenta dias no mar. Porém, o último paquete trouxe notícias de ele ter aportado a Cork, onde foi obrigado a descarregar a sua carga a fim de que pudesse meter-se de novo ao mar. Os últimos paquetes têm demorado a chegar. O que leva esta carta chegou quase

desprovido de pano, depois de ter aguentado 18 dias de tempo tempestuoso e violento. É digno de nota que a sua última viagem a casa, que foi há vinte dias atrás com destino a Falmouth, tenha demorado 60 horas após levantar ferros no Tejo. Três outros paquetes chegaram cá desde quarta-feira, e somos levados a crer que o tempo irá melhorar. No que diz respeito ao tempo cá, tem estado bastante bom, e não tivemos até agora mais de dez dias de chuva, se bem que seja de esperar que até ao fim do inverno volte a chover e bem.

Receio bem que não sejamos capazes de vender o último fardo sem um desconto, visto que já o ofereci a várias pessoas, e todas elas pensam que está facturado por um valor demasiado elevado. Na realidade, quando consideramos a grande queda no preço da lã e os reduzidos salários em Inglaterra, não se pode esperar que as fazendas mantenham os seus preços antigos em Portugal.

Os Srs. Ab. Rhoads & Co. não facturaram os seus melhores tecidos coloridos a mais de 15/6 a jarda, e os seus azuis extra superfinos não ultrapassam os 17/-; até os tecelões do Oeste de Inglaterra fornecem o mercado entre 18/- e 20/6, & os seus melhores azuis extra não custam mais de 21/- a jarda.

O Sr. Pollet ainda permanece em Londres. Penso que ele não tardará a visitá-lo. Nada mais tenho a acrescentar, no desejo de que todos se lembrem de mim por aí. Envie à Mary Anne bem como a todos aí em casa o meu afecto e creia-me

O seu cunhado que muito o estima,  
James Hutchinson Jun.

Câmbio de 59 ½ a 60 d.

---

Lisboa, 28 de Fev.º de 1817

Estimado Cunhado!

Recebi a carta da Mary Anne de 30 do último, motivo pelo qual gostaria que V— lhe dirigisse os meus mais sinceros agradecimentos & diga-lhe que lhe escreverei em breve. Na sua próxima, ficar-lhe-ia agradecido se me explicasse aquelas passagens na carta da Mary Anne que fiquei sem saber como interpretar, especialmente as respeitantes aos Srs. H. C. S., já que me poderão interessar muito.

Tenho também perante mim a sua de 9 do corrente, onde acusa a recepção da minha remessa de valores de 21 do último,

& espero poder reencaminhar-lhe algo mais dentro de pouco tempo. Não tenho conseguido vender o fardo n.º 501 de modo que estamos a despachá-lo para um leilão, já que espero por esse meio livrarmo-nos do que temos em depósito, e que de nada nos adianta termos por cá guardado. De facto, tenho constatado que o preço de mercado serve sempre a melhor finalidade. Como tem havido cá poucas transacções comerciais ultimamente eu poderia facilmente ir de viagem a Espanha e ver se não poderia estabelecer alguns contactos por esses lados. Se conseguisse arranjar uma parte das encomendas dos intermediários em Cádiz valeria bem o esforço. As despesas de viagem não ultrapassariam os 200 dólares, e agora oferece-se uma oportunidade para ir com uns amigos que têm interesses consideráveis por essas bandas. Caso V— aprove esta proposta deverá responder à presente na primeira oportunidade. Tive apenas cerca de 5 minutos para lhe escrever este rascunho antes de o paquete partir e por isso peço que me desculpe, e creia-me

O seu cunhado que muito o estima,  
James Hutchinson Jun.

Não tinha intenção de escrever-lhe esta carta até que tomei conhecimento desta oportunidade única de ir a Espanha.

---

Lisboa, 29 de Março de 1817

Estimado Cunhado!

Recebi os seus favores até 25 do último a que não respondi de imediato uma vez que nada tinha de particular a comunicar-lhe. O mercado encontra-se de tal modo extremamente parado que adiei um leilão de fazendas por uma quinzena, mais ou menos, na expectativa de que venham melhores dias. Das amostras do último fardo fiquei em crer que as mercadorias teriam melhores acabamentos, mas ao abri-lo achei-o em tudo igual ao que é habitual, admitindo ainda assim que na laminação o corte tenha sido mais curto. Contudo, parecem-se com peles de urso ao toque (comparativamente falando). Parece-me estranho que as outras casas do ramo nos ultrapassem neste aspecto, particularmente porque V— também dispõe de todos os meios que os seus vizinhos possuem para os finos. Já chamei a sua atenção para isto tantas vezes sem que haja surtido qualquer efeito que tenho agora de lhe pedir, para sua própria satisfação,

que examine os tecidos depois de acabados, antes de serem embalados, e se certifique de que os mesmos estão devidamente acabados e não excessivamente passados a ferro. Posso estar enganado na minha opinião, mas parece-me que os passam com ferros de tal forma quentes que destroem completamente a qualidade da lã, e é esta a causa que nos desfavorece na venda dos tecidos, enquanto, se houvesse maior cuidado numa laminação mais curta e na sua passagem a ferro, ofereceriam um toque mais aprazível, suave e macio.

Era minha intenção efectuar-lhe uma remessa antes da presente, mas fomos obrigados a renovar as nossas notas relativas a Joaquim Izidro Craveiro de Faria. Não obstante, paciência, & eu tenho de me arranjar com ele da melhor maneira, já que de nada vale recorrer à justiça neste país. Assim, a menos que ele se disponha a pagar o que deve a curto prazo, pedir-lhe-ei satisfações por tal atraso & se ele não tiver os meios, terei de lhe sacar a dívida, empregando-o no despacho das nossas mercadorias & pagando as taxas aduaneiras, já que ele é um despachante oficial da alfândega.

Já devia ter escrito à Mary Anne antes da presente, mas tenho estado bastante atarefado a emitir as contas para o Sr. Hadley que está prestes a partir, pelo que peço que ela me desculpe a negligência neste momento, & com o meu affecto a si e a todos, creia-me

O seu cunhado que muito o estima,  
James Hutchinson Jun.

Câmbio a 57 ½ d.

---

Lisboa, 11 de Abril de 1817

Estimado Cunhado!

Desde que lhe escrevi em 29 do último, recebi o seu favor de 18 com as amostras & a factura de um outro fardo que farei o meu melhor por vender, se bem que os limites que V— sugere na sua carta não me permitam efectuar uma venda rápida. Se me quisesse enviar um fardo contendo cerca de 16 peças de azuis & 1/3 dessa quantidade de pretos superfinos, eles poderiam ajudar-me na venda dos que temos em depósito, mas tenha cuidado e certifique-se de que são da melhor qualidade que consegue fabricar.

Atentei sobre o que me disse a respeito do Sr. P— ter feito a Ellmand uma encomenda de alguns dos melhores superfinos, mas não me sinto inclinado a dar crédito a isso e, mesmo se tal fosse o caso, isso não affectaria a venda das nossas mercadorias, uma vez que não se podem igualar aos tecidos do Oeste de Inglaterra. Admira-me, aliás, que ele não tenha respondido às suas cartas, e só posso supor que o tenha adiado, pensando que seria mais capaz de dar uma resposta em pessoa, visto que tem andado neste últimos doze meses a prometer que é já na próxima semana que vai ao Yorkshire; todavia, V— pode esperá-lo em breve, já que o Sr. George Hadley parte de Lisboa neste paquete para se encontrar com ele em Birmingham & com toda a probabilidade, assim que tiver despachado os seus negócios aí, ele far-lhe-á uma visita & regressará a Lisboa, visto que esperamos ansiosamente vê-lo entre nós novamente.

No último sábado, o Rei foi proclamado por toda a cidade; o domingo foi reservado para a aclamação. As tropas foram passadas em revista pelo Marechal Beresford, e ainda assim nunca testemunhei manobras executadas de um modo tão inanimado: nunca os portugueses deram um tal Viva ao seu Soberano; quase não houve viva-voza que tivesse aberto a boca, salvo o Marechal e o seu Estado Maior. Foi um autêntico “Viva Buonaparteano”, um grito forçado de aclamação que se desvaneceu num gemido.

No dia da proclamação um amigo meu, ao expressar a sua surpresa por não ter ouvido uns e outros gritarem “Viva” entre a numerosa multidão que se havia juntado, respondeu-lhe um português: “Porque haveríamos nós de dizer Viva ao Rei cujo reinado se iniciou com desgraças e que pelos vistos assim vai acabar?” Em poucas palavras, os portugueses começam a estar descontentes com a permanência do Rei pelos Brasis, & e não se mostram dispostos a fornecer-lhe mais tropas deste país para a expedição contra os insurrectos espanhóis. Também andam desagradados com o Soberano por ele querer privá-los de alguns dos seus antigos privilégios com o propósito de levar a cabo um novo esquema de recrutamento de tropas, tal como lhe fora sugerido pelo Marechal Beresford, pessoa contra a qual eles estão extremamente revoltados por ele dispor de ordens especiais do Rei para tal efeito. Ele já tinha começado a implementar esse esquema quando a Regência interferiu e lhe pôs cobro, de modo que ele agora anda de candeias às avessas com eles por causa desta revolução nas suas leis militares. Todavia, sendo ele a parte mais fraca e vendo-se derrotado em todos os seus projectos, fala-se por aí que se prepara para deixar o país,

o que, na minha opinião, é a decisão mais acertada a tomar, não vá pior destino abater-se sobre ele.

Antes da presente, não lhe cheguei a mencionar a minha situação desde que saí da casa do Conte. Quando me mudei para a do Pollet, tinham um quarto preparado para mim no armazém, sem qualquer comodidade, nem sequer uma sala de estar onde pudesse receber um amigo. Tem sido nesta situação mal-amanhada que me encontro desde Agosto de 1815, ansiosamente aguardando o regresso do Sr. Pollet, de modo a que sejam tomadas algumas medidas.

Tendo verificado que muito tem a minha saúde padecido desde que cá cheguei, tomei a decisão de me mudar para um local mais arejado, & visto que se me oferece a oportunidade de partilhar alojamento com o meu amigo Gregory, agora que o Sr. Hadley está de saída, resolvi fazer a experiência nos próximos três meses, dado ter todos os motivos para pensar que um ar mais salubre concordará melhor com a minha constituição. Não fosse pela minha saúde e eu não me teria mudado, já que eu não queria de modo algum que se pensasse que eu estava descontente com a minha actual situação. Pelo contrário, a minha presente ocupação serve as minhas inclinações, mas a saúde é de todas as bênçãos terrenas aquela que mais devemos prezar, pois sem ela não podemos gozar a vida, e estou em crer que se eu não me adaptar melhor a este clima até ao próximo ano, terei de repensar no regresso à minha terra natal.

Nada mais tenho a acrescentar de momento, a não ser enviar a Mary Anne & aos pequenos o meu amor, & creia-me ainda

O seu cunhado que muito o estima,  
James Hutchinson Jun.

Câmbio a 56 ½ d.

---

Lisboa, 25 de Abril de 1817

Estimado Cunhado!

Sem qualquer dos seus favores desde que lhe escrevi em 11 do corrente, tenho agora a informá-lo da chegada do *Endeavour* com o fardo TS n.º 502.

Envidei todos os esforços para efectuar a venda do fardo a partir da amostra, mas não se me afigurou possível, e por isso irei agora despachá-lo e separá-lo, agrupando-o com o que houver na

casa para se fazer um leilão tão rapidamente quanto possível, o que é a meu ver o único plano para se fazer comércio em Lisboa com algum lucro, já que é de todo impraticável nós vendermos em competição com as outras casas a menos que abramos um armazém e nos tornemos agentes comerciais. Não é difícil perceber que existem poucos mercadores com tão pouca experiência no ramo que ousem comprar as mercadorias no fardo, quando podem ir ao Sr. Hogg e escolher entre as existências aquelas peças de que necessitam. E V— pode ter a certeza de que nós nunca conseguiremos competir contra ele neste mercado, a menos que adoptemos um plano para se efectuar um leilão semanalmente, tal como ele faz, o que constitui uma oportunidade para mostrar as mercadorias e, ainda que possam não ser vendidas em leilão, caso haja interesse nelas, serão certamente procuradas depois.

O acima exposto requer toda a sua consideração, e atrevo-me a dizer que contém toda a informação para se governar de futuro; e sobre isto peço-lhe que me honre com as suas ideias na sua próxima.

Embora haja agora uma procura quase insignificante de azuis, penso que, se me quisesse enviar alguns com a celeridade possível, eles eram ainda capazes de se vender. Seja como for, ajudar-nos-ão a vender o que temos em depósito.

Estou de momento a preparar um pequeno conjunto de cartas para enviar por via de um amigo que vos irá visitar em breve. Diga ao William & à Mary Anne que não me esquecerei deles, e que se lembrem da afeição que lhes devoto a eles e a todos ai em casa, e creia-me

O seu cunhado que muito o estima,  
James Hutchinson Jun.

Câmbio a 58  $\frac{1}{4}$  d.

---

Lisboa, 10 de Maio de 1817

Estimado Cunhado!

Tive o prazer em 25 do último de lhe dirigir uma carta, mas ainda não recebi quaisquer dos seus favores, o que se deverá, concludo, à longa viagem que os paquetes têm tido ultimamente a caminho de casa: algumas das minhas cartas terão andado mais de um mês no mar, ou caso contrário já teria tido uma resposta por esta altura.

Neste correio nada tenho de especial a relatar, excepto que me envolvi num diabo de uma discussão na Alfândega ao despachar o último fardo de mercadorias que chegou. V— deve saber que os actuais concessionários se têm queimado com este negócio, visto que quando firmaram os seus contratos, fazendo os seus cálculos a contar com montante médio de taxas pagas nos últimos três anos, mal imaginavam uma tal quebra no comércio, & em consequência disso tentam tirar o melhor partido dum mau negócio às custas de todos aqueles que se relacionam com eles. Foi com muita dificuldade que consegui despachar este último fardo, sem ter de pagar o imposto à taxa dos artigos extrafinos que tencionavam cobrar sobre todos os preços. Ao ameaçar que lhes deixaria as fazendas nas mãos e que iria expor a situação ao embaixador britânico, lá consentiram em deixar passá-las como meio finas & meio superfinas, o que considerei que seria preferível a entrar num contencioso com eles que se poderia arrastar ao longo de anos.

Pela presente tenho a pedir-lhe que tenha a bondade de escrever ao seu agente em Liverpool e solicitar-lhe que envie para a minha morada já no próximo transporte uma tonelada do melhor feno que esteja à venda, conquanto o custo do frete e de todas as outras despesas não ultrapassem as 12 libras esterlinas. Não lhe importaria a si este incómodo se não fosse o propósito de atender ao pedido do Sr. Frederick Pollet para lhe fazer este favor pessoal, já que no corrente ano a forragem para cavalos tem estado a preços exorbitantes em Lisboa e a palha mal se consegue comprar seja a que preço for. Se a soma acima estipulada não for suficiente, peço-lhe que me diga sem perda de tempo a que preço é que a mesma pode ser comprada. Não me diga agora que o seu filho mais velho ainda não consegue andar, nem os outros seus pequenos, como V— lhes chama. Se o que aí vier for uma menina, deve dar-lhe o nome de Louisa. À Mary Anne o meu amor e aos pequenos três beijos a cada um do seu Tio James, e quanto a si creia-me

O seu cunhado que muito o estima,  
James Hutchinson Jun.

---

Lisboa, 20 de Maio de 1817

Estimado Cunhado!

Sem que nada tenha chegado da sua parte desde a minha última datada de 10 do corrente, venho pô-lo ao corrente da

minha tentativa de alienar a sua mercadoria em venda pública, coisa em que não fui bem sucedido: só vendi o primeiro lote, e não ofereceram pelas fazendas mais do que 2\$500 por côvado & apenas 1\$000 pelas caxemiras.

É com pesar que tenho a comunicar-lhe notícias nada auspiciosas provenientes dos Brasis. Aportou cá o navio *Camõens* vindo de Pernambuco trazendo relatos de que os habitantes seguiram o exemplo dos insurrectos espanhóis ao revoltarem-se contra o Governador, no que foram totalmente bem sucedidos & estabeleceram o seu próprio governo livre. Os pormenores ainda não foram tornados públicos, mas, pelo que ouvi, um português de nome Martins, outrora estabelecido em Londres na firma Martins Curado & Carvalho, juntamente com um padre jesuíta e dois ou três dos principais mercadores locais, encontram-se à cabeça do movimento, & é mais do que provável que uma revolução tenha ocorrido na Baía — embora até ao momento não tenhamos recebido quaisquer outros relatos, já que o dito Martins tinha vindo dessa localidade em Pernambuco poucos dias antes deste acontecimento.

O *Camõens* trouxe 13 passageiros, e os passaportes e papéis estavam todos devidamente assinados pelos novos Governadores, os quais, segundo dizem, prestaram toda a assistência ao navio para que este pudesse aportar onde entendesse. Quando levantou ferros havia cerca de 15 navios no porto. Se estalou uma insurreição na Baía, então é bem provável que o *Príncipe Real* tenha caído, junto com a sua preciosa carga, nas mãos dos revoltosos, dado que havia partido para lá 3 ou 4 dias antes do *Camõens* ter deixado Pernambuco.

V— bem pode imaginar a estagnação causada por esta notícia no mercado de Lisboa, & se este espírito de rebelião se estender ao resto do território brasileiro, podemos prever o regresso do Rei a este país, o que, a meu ver, não acontecerá tão cedo, como se pode facilmente depreender, pois estabelecendo a sua Corte lá ele está a depauperar a Metrópole dia após dia, privando-a das suas receitas e gastando-as numa colónia que, à medida que vai enriquecendo, vai também ganhando maior poder & independência, & que, se não for travada a tempo, irá por fim livrar-se do jugo do actual Governo.

O câmbio no que respeita a Inglaterra mantém-se igual ao da última remessa. Assim sendo, & nada mais havendo a acrescentar, creia-me

O seu cunhado que muito o estima,  
James Hutchinson Jun.

[Câmbio a] 58 d.

---

Lisboa, 4 de Julho de 1817

Estimado Cunhado!

Acuso a recepção da sua de 3 do corrente & lamento nada mais ter a comunicar-lhe, já que desde a minha última nada mais se adiantou no que diz respeito ao negócio, nem vejo perspectivas de melhorias neste mercado. Todos os ramos do comércio parecem estar em declínio, de tal modo que é quase impossível tirar partido do que quer que seja, e as notícias muito pouco auspiciosas dos Brasis não permitem acalentar qualquer esperança de que a coisa se emende. O Marquês de Angeja chegou há poucos dias a Lisboa vindo do Rio de Janeiro com ordens do Rei; o propósito da sua legação não é do conhecimento público, mas correm rumores de que se trata de mais um pedido de tropas. Há-de ter certamente ouvido falar do número de pessoas, na maioria militares, que foram detidas nesta cidade. Porém, ninguém se pronuncia quanto às verdadeiras causas, ainda que se suspeite de uma conspiração contra os governantes. A princípio, a situação parecia bastante má; o Marechal Beresford & o seu Estado Maior estiveram recolhidos nas casernas em Alcântara, assinando mandados de detenção a noite toda. Contudo, posso dizer com alguma satisfação que isso não teve qualquer influência no comércio do país. Bem sabe V— que é necessário ser-se muito prudente no modo como se fala dos assuntos políticos neste país, motivo pelo qual eu evito tudo o que tenha a ver estas matérias, limitando-me apenas àquilo que eu suponho que esteja relacionado com os assuntos mercantis.

Quanto ao negócio do Lawson com o descansado do seu irmão, dei-lhe conta daquilo que pude apurar há cerca de um ano atrás. Tanto quanto me consigo lembrar, o Sr. Conté contou-me que quando o negócio passou para as suas mãos o saldo tinha sido liquidado na altura, mas tinham ficado algumas mercadorias na posse do Sam que eram para ter sido enviadas de cá. O Sr. Conté aí remeteu-me para o Pollet, que seria o único que melhor me poderia informar acerca da natureza da transacção. Por isso, até ao seu regresso não conseguirei dar-lhe qualquer outra explicação.

Quanto ao O'Neil, suponho que o saldo da conta não será de grande importância e por isso, se ele não achar que vale a pena procurar-me por causa do saldo, também penso que não me vou dar ao trabalho de ir a correr atrás dele. Além disso

V— deveria saber se ele tem algo a receber por conta da remessa que lhe fez; se não, eu não sei que outra coisa tem a demandar de si. Klingelhoefer não tem estado em casa de algum tempo a esta parte, pelo que ainda não tive oportunidade de liquidar as contas com ele.

Antes da presente, eu esperava fazer uma remessa, mas lamento informar que o Joaquim Izidro Craveiro da Faria ainda não pagou um único real, & nós somos obrigados a renovar continuamente as suas letras de câmbio. Porém, se ele não vier ter connosco em breve, ameaçarei pô-lo em maus lençóis.

Caso nada de importante ocorra, não espere ter notícias minhas senão uma vez por mês. Não vejo a necessidade de lhe estar a impor as despesas de correio para nada. Estou agora a pôr as suas contas em ordem para o Sr. Pollet as inspeccionar quando voltar. O meu amor a Mary Anne, e creia-me

O seu cunhado que muito o estima,  
James Hutchinson Jun.

Câmbio a 58 ½ d.

---

Lisboa, 13 de Agosto de 1817

Estimado Cunhado!

Atrevo-me a dizer que V— bem que podia esperar notícias minhas antes da presente. Pelo que posso depreender da sua última, os seus vizinhos andam muito atarefados com encomendas vindas de Lisboa, mas posso quase garantir-lhe que nenhuma das duas pessoas que V— refere recebeu cá qualquer encomenda recentemente (ainda que eu pense que o mercado tenha começado a recuperar um pouco), e se chegaram a fazê-las foi apenas por pura especulação, visto que se aproxima a época em que a mercadoria melhor se vende. Não posso garantir que o Dobson não tenha quaisquer encomendas, visto que os últimos artigos recebidos de Inglaterra eram de excelente qualidade, suplantando quaisquer das fazendas que V— me envia em cerca de seis ou oito xelins a jarda. Em suma, não há cá quem não tenha melhor artigo do que os nossos. Aposto a minha vida em como eu não seria capaz de vender o melhor que V— me envia acima dos 3\$000 Rs o côvado, enquanto o Sr. Hogg tem mercadorias que em hasta pública atingem entre os 4\$800 e os 5\$000 ou mais. V— tem de deixar que isso seja

a melhor forma de determinar o valor real das fazendas e estou persuadido de que ninguém ofereceria mais pelos tecidos do Sr. Hogg do que pelos da nossa casa se estes tivessem a mesma qualidade.

Apesar do estado bastante deprimido em que se encontra este mercado desde há dois anos a esta parte, penso que vale a pena apostar nele, como em qualquer outro, e, se me enviasse um lote de fazendas, desde os habituais azuis e tecidos para casacos até aos melhores superfinos, estou em crer que ainda conseguiríamos algum lucro. Este ramo de negócio não se encontra tão confinado como esteve durante a Guerra; tornou-se muito mais variado, e pelo número de comerciantes que a ele se dedicam é quase impossível conseguir aguentar o negócio apenas com um género de artigos, visto que os *mercadores* [sic] darão sempre preferência às casas que lhes podem garantir um fornecimento regular de mercadorias, e é natural supor que se alguém consegue obter os artigos de baixa qualidade num certo estabelecimento, não irá procurar os de melhor qualidade noutra, quando é certo que também se pode abastecer destes últimos no primeiro.

O Sr. Pollet continua em Birmingham, mas pensamos que da próxima vez que tivermos notícias suas ele já estará consigo no Yorkshire. Muito gostaria eu que V— o pressionasse a voltar, pois estou certo de que nós daríamos melhor conta do recado com ele por perto. À Mary Anne & a todos aí em casa envio saudades minhas e creia-me

O seu cunhado que muito o estima,  
James Hutchinson Jun.

Câmbio a 59 d.

---

Lisboa, 18 de Setembro de 1817

Estimado Cunhado!

Sem que tenha ainda recebido quaisquer dos seus favores desde a minha de 18 do último, pego novamente na caneta para lhe dizer que com a chegada do pacote de ontem ficámos a saber que o Sr. Pollet ainda se encontrava em Birmingham em 3 do corrente, mas, antecipando já que esta chegue ao Yorkshire antes dele, escrevo-lhe para lhe recomendar que me faça uma remessa de azuis para dar saída aos artigos que temos

em depósito, senão mal conseguiremos vendê-los; também para lhe pedir que tenha em conta o conteúdo da minha última e o discuta com o Sr. Pollet, pois estou convencido de que não servirá os seus intentos querer continuar com o negócio em Lisboa a menos que atenda ao método que aconselhei. Digo-lhe isto porque verifiquei que aqueles que o seguiram chegaram a efectuar vendas no montante de Rs 30,000\$000 ou mais por mês, o que basta, creio, para demonstrar que vale a pena imitá-los. Está em seu poder abrir um estabelecimento deste género, igual, senão mesmo superior, ao do Sr. H., pois estou ciente de que o seu crédito em Inglaterra suplanta o do Sr. H., e se V— optasse por partir para um negócio deste género e me desse uma participação no mesmo, eu encarregar-me-ia da sua gestão cá, com o apoio do Sr. Pollet como seu agente. Caso contrário, terei de me associar a outrem, pois penso que é tempo de começar a fazer algo por mim. Deste modo, assim que tiver notícias suas irei escrever ao meu pai para que ele me dê o seu apoio.

Muitos dos meus conhecidos, que não são melhores do que eu, fazem cerca de £ 800 ou mais por ano com a venda de mercadorias à comissão e não vejo por que motivo eu tenho que continuar numa posição subordinada. Em média, os artigos vendáveis neste mercado dão retorno ao fim de seis meses desde a sua remessa, o que é mais rápido do que em qualquer outro mercado estrangeiro.

Desde sábado temos tido chuvas fortes, e tudo parece apontar para que o Inverno chegou para ficar. Têm escasseado palha e forragem para o gado este ano; se V— tiver tido um bom ano de feno e feito uma boa colheita, não seria má especulação fazer um envio de palha e feno.

No que me diz respeito, graças a Deus, o meu estado de saúde é satisfatório de momento, & espero que esta o vá encontrar também assim.

V— habitualmente conclui com os cumprimentos que a Mary Anne me envia, mas nem uma palavra mais. Espero que tudo esteja bem com ela e peço-lhe que me recomende à minha irmã com todo o meu amor. Diga-lhe que para mim, dada a distância que nos separa, os cumprimentos são uma forma fria de saudação; eles arrefecem a caminho de Lisboa. Custa-me acreditar que ela me tenha perdido o seu amor de irmã, confiando que a lembrança dos nossos dias de juventude continue a alimentar as minhas esperanças na sua continuação, caso ela ainda tenha alguma verdadeira estima por mim, & muito me apraz pensar que a causa dos meus receios se atribua ao modo algo inadvertido como V— se expressa.

Queira desculpar-me a liberdade com que faço estas observações, e creia-me

O seu cunhado que muito o estima,  
James Hutchinson Jun.

Queira recomendar-me a todos aí em casa e dar-me uma resposta à presente assim que for conveniente.

---

Lisboa, 22 de Outubro de 1817

Estimado Cunhado!

Recebi a sua muito amável de 7 do corrente, mas não tenho visto o Sr. Matthewman, e as remessas e navios provenientes de Inglaterra têm de ficar de quarentena por um período de 10 dias, creio.

É com satisfação que lhe comunico que o mercado começa a animar um pouco, e espero que após a recepção da presente não perca tempo em me enviar alguns azuis e um bom sortido com as cores da moda para nos desfazermos das fazendas que temos em depósito. As que têm mais procura são as de 3\$000 Rs. a 3\$400 por côvado. Seria impossível determinar qual é o valor corrente da lã neste mercado de momento. Têm sido efectuadas poucas compras ultimamente, e todos os lotes que estão por vender são de qualidade inferior. A Casa John Bulkeley & Sons recebeu de Inglaterra encomendas que ascendem a 200,000 libras esterlinas. Compraram alguns lotes neste mercado & andam a comprar tudo o que conseguem encontrar em Espanha. As últimas do Sr. Pollet dizem-nos que ele se encontra novamente em Birmingham. Seja como for, suponho que ele estará consigo quando a presente chegar às suas mãos.

Ainda não sei quais são as intenções dele quanto a conceder-me uma quota-parte do seu negócio, de modo que nada posso adiantar relativamente a este assunto até ao seu regresso. Não duvido porém da bondade da sua pessoa nem da sua palavra, caso as circunstâncias lhe sejam favoráveis para me aceitar na sociedade.

No sábado passado, os pobres e infelizes conspiradores sofreram a pena que a lei lhes reservou. Gomes Freire foi executado em privado no Forte de São Julião por volta das 8 horas da manhã. Enfrentou o seu destino com coragem e resignação, & quando a sua *sentencia* [sic] lhe foi lida não pareceu

minimamente afectado, observando friamente que ela apenas lhe trazia à mente a entrada na sua última campanha. Teve uma longa conversa com o Juiz, que o exortou a dar por melhor empregado o tempo que lhe restava, mas, como não professava qualquer religião, ele preferiu expor os planos que tinha gizado na conjura traiçoeira & diabólica pela qual iria sofrer. Reconheceu que fora a ambição que o perdera, & que assim que foi detido já esperava que a morte fosse o castigo, atribuindo a causa do seu desafortunado fim à negligência completa a que votara os seus deveres religiosos, deplorando não os ter observado ao longo da vida, visto que teriam refreado o seu espírito altivo.

As seguintes pessoas foram executadas publicamente no Campo da Sta. Anna, a saber: Jozé Joaquim Pinto; Jozé Campelo; Jozé Ribeiro Pinto; Manoel Mont<sup>o</sup> do Carvalho; Henrique Jozé Garçia Moraes; Jozé Franc<sup>o</sup> das Neves; António Calheira Catral; Pedro Ricardo de Figuerio; Manoel de Jesus Monteiro; Manoel Ignácio de Figueirado e Maxim.no Dias Ribeiro.

A curiosidade levou-me a ser um dos espectadores desta horrível cena, & por muito terrível que o enforcamento possa ser em Inglaterra, posso-lhe garantir que por cá não o é menos. O carrasco é obrigado a sentar-se aos ombros de cada homem que enforca. Era por volta das quatro da tarde quando os prisioneiros chegaram junto do patíbulo & era sensivelmente meia-noite quando este espectáculo deplorável acabou. Depois da execução de todos eles, 7 dos 11 homens foram queimados numa pira funerária lá no local. Escrever-lhe-ei no próximo correio. Creia-me

O seu cunhado que muito o estima,  
James Hutchinson Jun.

---

Lisboa, 29 de Novembro de 1817

Estimado Cunhado!

O meu prolongado silêncio deve-se em parte ao facto de nada ter de importante para lhe comunicar e também à expectativa de receber a qualquer instante notícias da chegada a Yorkshire do Sr. Pollet, que ainda está em Birmingham, o que muito me surpreende. E, se aquilo que oiço dizer é verdade, lá está agrilhado por uma fascinante Dulcineia ou outra do género; por isso, não se surpreenda por não o ver em Farnley nos próximos tempos

já que o noivado, há que admiti-lo, é de importância suficiente para o reter por algum tempo lá onde ele agora se encontra.

Começa a haver escassez de tecidos no mercado, mas não parece que não haja espírito de procura. Uns quantos fardos de superfinos do Oeste de Inglaterra da melhor qualidade, azuis e pretos vender-se-iam com algum lucro se enviados sem perda de tempo. Se V— ainda não me enviou alguns azuis, não deverá esquecer-se de o fazer imediatamente após a recepção da presente, visto que não podemos perder a presente oportunidade de impormos os nossos artigos ao mercado.

No que respeita a minha saúde, não me tenho sentido tão bem quanto poderia desejar desde que o tempo frio se instalou. Tenho cuspidos sangue dos pulmões em quantidades consideráveis, e começo a recear que nunca mais serei capaz de voltar ao meu país natal novamente, pois estou convencido de que nunca recuperarei da grave enfermidade que tive na primavera de 1816. O Sr. Mathewman ficou muito surpreendido por ver a alteração que ela produziu na minha pessoa. Por outras palavras, penso que vós aí em casa mal me reconheceríeis. As notícias perturbantes da morte da Princesa Charlotte chegaram-nos no último paquete. É uma circunstância penosa, & será lamentada por todo o inglês que se preze como uma das maiores infelicidades que recentemente atingiram o país. Com todo o amor à Mary Anne e creia-me

O seu cunhado que muito o estima,  
James Hutchinson Jnr.

Câmbio a 59 ½ d.

A lã sobe no preço, mas não há nenhuma cá neste mercado, com excepção da de qualidade inferior.

A GRÃ-BRETANHA NOS ANÚNCIOS DA IMPRENSA  
PERIÓDICA DO ROMANTISMO PORTUGUÊS:  
“FIEIS THERMOMETROS, QUE MARCAM  
A MUDANÇA DOS COSTUMES”

*Maria Zulmira Castanheira*  
*Universidade Nova de Lisboa*  
*CETAPS*

Os primórdios da publicidade remontam à Antiguidade Clássica, mas esta actividade só ganhou verdadeiro significado económico a partir da Revolução Industrial. Sabe-se que em Pompeia havia tabuletas indicando a localização de tabernas ou anunciando combates de gladiadores, mas nessa época, bem como ao longo da Idade Média, a publicidade era sobretudo feita oralmente, através de pregoeiros acompanhados de trombetas e tambores. A invenção da imprensa por Gutenberg no século XV veio, entretanto, dar alento à actividade publicitária, uma vez que está na origem das futuras gazetas, folhas periódicas potencialmente abertas à publicação de anúncios. Em breve “os impressores, que foram os primeiros editores da imprensa periódica, nela anunciavam os novos livros saídos das suas oficinas”, como nos diz José Tengarrinha (Tengarrinha 223), autor que afirma também terem sido as folhas inglesas as primeiras “sem dúvida, a inserir anúncios pagos de comerciantes.” (Tengarrinha 223)

Já no século XVII o francês Théophraste Renaudot (1586-1653), médico de Louis XIII e jornalista, fundou em 1630, em consequência da sua nomeação para comissário-geral dos pobres, um *bureau d'adresses* que funcionava simultaneamente como serviço de informações e de colocações. No ano seguinte o mesmo Renaudot fundaria um jornal de quatro páginas, a *Gazette*, que possuía uma secção de anúncios. A crescente atenção prestada

à publicidade traduziu-se no aparecimento de periódicos parcial ou totalmente dedicados à divulgação de anúncios, como foi o caso, em Inglaterra, de *The Daily Advertiser* (1724), *The Gazetteer and New Daily Advertiser* (1728), *The General Advertiser* (1744), *The Public Advertiser* (1752) e *The Morning Advertiser* (1794), e, em França, de *Les Petits Annonces*, *Journal d'Annonces*, *Journal d'Affiches* e *Petites Affiches*.

Até ao século XIX as mensagens publicitárias eram sobretudo informativas, não havendo ainda a preocupação de promover o interesse dos leitores através de palavras e de um estilo adequadamente sugestivos. Contudo, dar-se-á uma evolução aquando do aparecimento do primeiro quotidiano francês de grande tiragem, *La Presse* (1836), vendido a baixo preço graças às receitas da publicidade. Fundado por Émile de Girardin (1806-1881), defensor do princípio de que o jornal deveria ser pago pelos anúncios, aquele periódico introduziu novidades ao nível da redacção das mensagens publicitárias e da própria utilização do espaço reservado aos anúncios que viriam a ser seguidas em outros países, nomeadamente Portugal. Com efeito, o lançamento do *Diário de Notícias* por Eduardo Coelho (1835-1889) em 1 de Janeiro de 1865 assinala, neste país, o início de uma imprensa eminentemente noticiosa que, praticando o baixo preço de 10 réis por exemplar, de molde a conquistar maiores tiragens, fazia depender o seu projecto comercial das receitas proporcionadas pela publicidade; ou seja, partia-se do princípio de que quanto mais barato fosse o jornal, mais pessoas o comprariam e, simultaneamente, de que quanto maior fosse a expansão do periódico, mais anunciantes ele atrairia, daí resultando as receitas necessárias para compensar a venda do jornal abaixo do preço de custo. Logo os primeiros anos de vida do *Diário de Notícias* vieram provar a eficácia desta estratégia: no fim de 1865 tinham sido publicados 14 402 anúncios, no ano seguinte 40 263 e, a partir daí, o número não parou de subir, registando-se em 1879 a impressionante cifra de 600 anúncios diários.<sup>1</sup>

Fenómeno intimamente relacionado com o desenvolvimento do capitalismo, a publicidade comercial vai, pois, ganhando maior importância à medida que o século XIX se desenrola. No caso português há, porém, que considerar dois factores que condicionaram o crescimento desta actividade, como salientou José Tengarrinha: “Tiveram de ser vencidas, em primeiro lugar, duas grandes resistências: a falta de dinamismo da nossa vida económica e a limitada visão dos nossos homens de negócios, que não reconheciam facilmente as vantagens dos anúncios como factor importante nas operações de oferta e de procura.” (Tengarrinha 226)

Apesar dos obstáculos, a publicidade foi-se impondo como uma necessidade, e logo no mesmo ano em que foi fundado o *Diário de Notícias* surgiu em Lisboa, na Rua Augusta, a primeira agência de anúncios — «Agência Primitiva de Anúncios» —, dirigida por Luís Maria Pereira de Braun Peixoto. Por esta altura a publicidade comercial portuguesa ia já descobrindo a importância da sugestão, da persuasão e do impacte visual na elaboração da mensagem destinada a promover a procura e a venda de determinado produto, ou o interesse por dado serviço, como frisou José-Augusto França em *O Romantismo em Portugal*: “Se se analisar o aspecto desta publicidade, vê-se que, pouco a pouco, ela se liberta duma espécie de timidez que caracterizava as suas primeiras manifestações: com o tempo, os anúncios tornar-se-ão mais convincentes, mais práticos e menos agarrados a uma espécie de pudor provinciano.” (França 398)

Tal mudança constituiu sem dúvida um decisivo avanço em relação aos primórdios da publicidade em Portugal, então apenas preocupada em informar. Foi a *Gazeta de Lisboa* o primeiro jornal português a apresentar nas suas páginas um anúncio, corria o ano de 1715. A título de curiosidade podemos especificar que se tratava de um reclamo a um mestre francês que, estabelecido em Lisboa, se oferecia para ensinar a sua língua a todos os interessados. O segundo anúncio, em termos cronológicos, surgiu no ano seguinte e, mais uma vez, foi da iniciativa de um estrangeiro, o médico Luiz Morette, que fez anunciar um fármaco contra a gonorreia. Uma mais ampla vulgarização da publicidade só viria a dar-se, porém, com a entrada do século XIX e, sobretudo, a partir da fundação da *Revolução de Setembro* (1840), o primeiro jornal português a revelar-se capaz de atrair os anunciantes. Antes dessa data, contudo, há que assinalar o aparecimento de periódicos totalmente dedicados aos anúncios, nomeadamente o *Periodico dos Annuncios* (Porto, 1827), a *Folha de Annuncios* (Porto, 1835), o *Jornal dos Annuncios* (Lisboa, 1835), *Jornal dos Annuncios do Porto* (Porto, 1835), o *Gratis* (Lisboa, 1836-1857), o *Corrector de Lisboa* (Lisboa, 1836-1837), o *Sol* (Lisboa, 1837), o *Jornal dos Annuncios* (Lisboa, 1837-1842), o *Publicador de Annuncios* (Lisboa, 1838), o *Pregoeiro* (Lisboa, 1838-1848), o *Noticiador* (Lisboa, 1839) e o *Annunciador Portuense* (Porto, 1839-1840).

Ao longo da década de 40 o interesse pela publicidade jornalística não parou de crescer, como pudemos comprovar consultando a obra de A. X. da Silva Pereira, *O Jornalismo Portuguez*: só relativas às cidades de Lisboa e Porto encontramos aí registadas quase duas dezenas de títulos de jornais de anúncios vindos a público entre 1840 e 1849. Dali em diante, pelo contrário,

constatámos haver um nítido decréscimo na fundação de periódicos deste género: nos anos 50 deparámos com apenas cinco exemplos e na primeira metade da década de 60 constam simplesmente quatro casos. Evidentemente que, para além dos jornais exclusivamente dedicados aos anúncios, muitos outros houve que reservaram algum espaço para a publicidade.

Ao folhearmos os periódicos publicados entre 1836 e 1865, duas balizas temporais que reúnem bastante consenso quanto à delimitação do Romantismo português, deparamos com artigos sobre os anúncios em Inglaterra e transcrições de anúncios curiosos saídos nas folhas inglesas, para além, ainda, de um número significativo de anúncios de produtos de origem britânica ou fabricados “à inglesa” à venda em Portugal, bem como de actividades comerciais e outras ali desenvolvidas por britânicos. No âmbito do estudo da recepção da cultura britânica, em sentido lato, em Portugal, e do rastreio da presença da Grã-Bretanha neste país ibérico, tal material merece atenção, por ter por certo contribuído para a projecção e promoção de uma determinada imagem das Ilhas Britânicas junto do público leitor da velha nação aliada.

Foi na *Revista Popular* (Lisboa, 1848-1855) e em *O Instituto* (Coimbra, 1852-1981) que encontrámos três artigos sobre os anúncios em Inglaterra, todos eles publicados na década de 50.<sup>2</sup> O primeiro, de 25 de Maio de 1850, intitula-se “Curiosidades da Inglaterra. Os annuncios”, e informa-nos sobre as duas grandes categorias em que os anúncios podem ser divididos, “os annuncios que esperam, que espreitam, que perseguem o povo”, ou seja, as tabuletas, o cartaz e o letreiro, e o jornal e o prospecto, “destinados a penetrar no interior das familias”. Detendo-se um pouco em cada um desses tipos de publicidade, o artigo dá contudo um maior desenvolvimento ao cartaz, dizendo que “os ingleses, que lhe reconheceram o merito, usam de todos os meios para o tornar notavel, e capaz de attraír a attenção do mais distraído viandante. Nos muros, nas paredes das casas, por toda a extensão da cidade, reina o cartaz com a sua letra magestosa, cercada d’extranhos ornatos” (62). Os cartazes ambulantes, passeados pelas ruas de Londres por *pole-bearers*, merecem um especial destaque, já pelo seu número crescente, já pela beleza e variedade que vão atingindo, qualidades, aliás, que a notícia contrasta com a simplicidade e seriedade dos anúncios publicados nos mais importantes periódicos ingleses, entre eles *The Times*, definido como “o rei do annuncio” (63).<sup>3</sup> Pelo seu enorme volume de receitas de publicidade e pela grande diversidade de anunciantes que atraía, é também este jornal que é apontado como a melhor prova de que “o annuncio é na Inglaterra uma

das necessidades da vida social”, rematando o artigo com uma lista dos géneros de coisas que eram anunciadas nas páginas de *The Times*, rol este que poderíamos aplicar a muitos dos periódicos portugueses que consultámos: “Barcos de vapor para todas as regiões do globo, sermões para ouvir, esmolas para fazer, livros para estudar, criados, carroagens, cavallos, vendas de moveis e immoveis, mercadorias de todas as especies, emprêgo de capitaes, professores, discipulos, mestres, aprendizes, bailes, concertos, espectaculos, saráus, etc.” (63)

Quanto às notícias de *O Instituto*, estamos em presença de dois artigos publicados, respectivamente, em 1855 e 1856-1857: o primeiro, “Annuncios em Inglaterra”, centra-se apenas nos altos montantes anuais gastos por certos industriais ingleses em publicidade, aparecendo à cabeça da lista, muito destacado (750 000 francos), Holloway, pelos anúncios às suas pílulas laxantes, nome que também encontramos na imprensa periódica portuguesa, como mais adiante comprovaremos; já o segundo, “Os Annuncios em Inglaterra”, saído entre Janeiro de 1856 e Janeiro de 1857, constitui uma interessantíssima peça, em parte baseada num artigo do *Quarterly Review*, onde é feito um historial dos anúncios jornalísticos ingleses a partir da segunda metade do século XVII. Assinado com as iniciais “S. H.”, que, tendo em conta a lista dos colaboradores de *O Instituto*, poderão corresponder ao nome do Marquês de Sousa Holstein,<sup>4</sup> este texto informa-nos sobre os tipos de “avisos” que se foram sucedendo no tempo, a começar pelos anúncios de publicações literárias, escravos fugidos, chá, cães perdidos, objectos de luxo extraviados, bijuteria e perfumaria, curiosidades, raridades, remédios, prémios pecuniários a quem capturasse assassinos ou fizesse revelações sobre crimes de difícil resolução, seguros contra incêndios, divertimentos públicos como o boxe e lutas de galos, passando pelos de maridos que declaram não se responsabilizarem pelas dívidas contraídas pelas suas mulheres e terminando naqueles que, a partir de 1770, reflectem o grande desenvolvimento do comércio, como os anúncios de entradas e saídas de navios mercantes, lojas, produtos à venda, etc.

À semelhança do que se passa no artigo publicado pela *Revista Popular* em 1850, também aqui o *The Times*, “aquelle microcosmo impresso” (225), é apontado como o mais importante órgão de divulgação de publicidade, tendo “S. H.” o cuidado de referir as diferentes secções de anúncios que nele se podiam encontrar: marítimos, vendas de cavalos e de carruagens, procura de empregos (“a interminavel serie dos *wanted* (precisa-se)”), habitação, móveis, pianos, lâmpadas e candeeiros,

livreiros, carvoeiros, médicos e remédios, cabeleireiros e usurários. No final, fica a imagem de uma Inglaterra muito avançada em termos publicitários, a contrastar com o atraso português nesse domínio:

Nestes ultimos annos, o movimento progressivo dos annuncios não se tem atrazado; e pôde dizer-se que a *sciencia dos annuncios*, que entre nós apenas começa a vulgarizar-se, chegou, em Inglaterra e em França, a um gráu d'extrema perfeição. A um estrangeiro recém-chegado a Londres, causam espanto aquelles enormes annuncios de todas as côres, de todos os feitios, de todos os estylos, que forram as esquinas d'aquella cidade. Entra 'num café, 'num hotel, 'numa *tabern*, e vê as paredes revestidas de annuncios; atravessa um *park* e é assaltado por innumerous gaiatos que á viva força o enchem de annuncios; assigna alguma das mais celebres revistas, a *quarterly review*, por exemplo, e acha-lhe 60 paginas d'annuncios... Chega a ser cruel, causa pesadellos; pela minha parte confesso que não poucas vezes sonhei com os annuncios, principalmente se tinha encontrado, pelo dia adiante, algum *homem annuncio*.

Estes homens, de criação moderna, são entes anomalos que nunca pude perfeitamente comprehender. São como o elo que prende a humanidade ás esquinas, porque elles, homens na apparença, são esquinas na realidade. É a manifestação do progresso applicado ás esquinas; e poderiam talvez definir-se «esquinas ambulantes». (S. H. 224-225)

Como dissemos, os anúncios, enquanto fenómeno marcante da vida económica e social inglesa, com repercussão também nos diferentes cantos do mundo onde chegava a civilização britânica — “Thackeray affirma ter visto affixado na columna de Pompeu no Cairo, um annuncio de graxa de Warren” (225), menciona “S. H.” no seu artigo —, apenas foram abordados por dois dos periódicos que investigámos, do conjunto de cerca de 300 jornais e revistas de carácter literário e cultural publicados em Portugal continental entre 1836 e 1865 que constituiu o nosso *corpus* de trabalho; já as transcrições de anúncios curiosos publicados em jornais ingleses são ligeiramente mais numerosas. Para dar uma ideia da singularidade dos anúncios em causa, podemos dizer que dois deles, “O agradecimento de novo gosto”<sup>5</sup> e “Curioso Annuncio”,<sup>6</sup> estão relacionados com comerciantes, sendo o primeiro da iniciativa de um merceeiro de Glasgow que resolveu rifar uma importante propriedade entre os seus clientes, uma vez atingidas as 150 000 vendas de 5 *shillings* cada, e o segundo da responsabilidade de um

sapateiro de Londres que, sob a forma inovadora de um “drama em 3 actos”, mostra como a sua graxa, aplicada numas botas masculinas, pode fazer que um homem brilhe em Hyde Park, escape aos perigos de um naufrágio e case com uma rapariga bonita; outros dois, “Curiozo annuncio para casamento”<sup>7</sup> e “Annuncio matrimonial”,<sup>8</sup> correspondem a originaes anúncios de casamento; e outros dois ainda, publicados no *Periodico dos Pobres no Porto* (Porto, 1834-1858), “Mulher em leilão”<sup>9</sup> e “Annuncio singular”,<sup>10</sup> foram postos, respectivamente, por um marido que quer vender a sua mulher por cinco *shillings* “por não poder com ella” e por uma família que procura uma parente desaparecida, pedindo-lhe que “lhes mande a chave da adega, que levou comsigo”.

Se estes anúncios transcritos das folhas periódicas britânicas contribuem para a formação de uma ideia de excentricidade associada ao carácter dos ingleses, tópicos aliás recorrente na representação do inglês-tipo nas letras lusas de Oitocentos, bem diferente é a imagem que resulta da publicidade portuguesa relacionada com a Grã-Bretanha. Desde muito cedo encontramos nos jornais nacionais anúncios de entradas e saídas de embarcações inglesas das barras de Lisboa e do Porto, e tal continua a verificar-se no periodismo da época romântica, sendo de realçar os inúmeros casos de anúncios de vapores de carga e passageiros prestes a largar para a Grã-Bretanha (Londres, Falmouth, Liverpool, Hull, Southampton, Dublin, Glasgow), normalmente compostos não só pelo nome do navio, mas também pelo do comandante, data prevista de partida, identificação e morada dos agentes aos quais os eventuais interessados se deverão dirigir, por vezes até umas breves palavras sobre a qualidade do serviço oferecido e ainda uma pequena ilustração representando um barco, para que o anúncio salte à vista do leitor. A título de exemplo citamos dois desses anúncios, publicados no jornal lisboeta *O Periodico dos Pobres* (1826-1848) e no portuense *O Nacional* (1846-1870), respectivamente em 1836 e 1864:

*British & Foreign Steam Navigation Company.* O novo e muito velleiro barco de vapor — Transit — capitão J. Wrightson, espera-se de volta de Cadiz e Gibraltar, na Quinta feira 21 do corrente, e demorando-se aqui 48 horas, sahirá para Falmouth e Londres, com escala á barra do Porto, quem quizer carregar ou hir de passagem, dirija-se ao consignatario Henrique James, rua do Alecrim n.º 8, ou a W. H. Goodair, Rua do Corpo Santo n.º 19, ou na Praça ás horas do costume.

Liverpool. O vapor inglez CINTRA, commandante H.W. Lloyd. Sahirá 3.<sup>a</sup> feira 2 d'Agosto ao meio dia. Para carga e passageiros (para o que tem excellentes commodos assim como uma despenseira) tracta-se com os agentes Alexandre Miller & C.<sup>a</sup>, rua dos Ingлезes n.º 73.

No capítulo dos transportes, para além dos “annuncios maritimos”, deparámos igualmente com publicidade relacionada com os caminhos-de-ferro. Em concreto estamos a referir-nos a anúncios de vendas de acções de companhias destinadas a construir vias-férreas em Portugal, de que são exemplo o “Anuncio da companhia inglesa. Grande caminho de ferro entre Madrid e Lisboa”, de 1845,<sup>11</sup> e um outro publicado em 1852 pela Companhia Central Peninsular dos Caminhos de Ferro em Portugal (com escritórios em Londres e Lisboa) no periódico *O Progresso Industrial* (Lisboa, 1852-1853),<sup>12</sup> onde podemos ler os nomes ingleses dos concessionários, Hardy Hislop, John David Barry, Charles Waring, James Kitson, John Owens e Thomas Rumball, e também os dos directores e secretários da companhia, quer na capital portuguesa, quer na inglesa, para além ainda dos banqueiros que lhes estavam associados, a “Companhia União Commercial e Bonança” pelo lado de Portugal, e “Heywood Kennard & C.<sup>a</sup>, Strahan, Paul, Paul & Bates” pelo da Inglaterra.

Se estes anúncios decorrem do interesse britânico em investir no lançamento da nossa rede ferroviária, cujo primeiro troço, Lisboa-Carregado, construído precisamente pela Companhia Central Peninsular, viria a ser inaugurado em 1856, idênticas razões económicas se constataam no anúncio saído em 1865 no jornal portuense *O Nacional*, desta feita relativo à venda de acções de “The Douro Silver-Lead Mining Company-Limited”.<sup>13</sup> Também aqui estamos perante uma companhia com escritórios em Inglaterra e em Portugal, mais concretamente na Rua dos Ingлезes, Porto, e de novo o anúncio que a publicita, aliás totalmente escrito em inglês, divulga os nomes dos seus directores, todos eles britânicos, bem como os das instituições bancárias ligadas à referida companhia, The City Bank e o português Banco Mercantil.

Este tipo de anúncios de sociedades por acções fundadas por ingleses para operarem em Portugal não é, contudo, frequente, e sobretudo o que surge com maior expressão na imprensa periódica portuguesa da época romântica é a publicidade a produtos comerciais de origem inglesa, com destaque para os sectores farmacêutico e alimentar. No primeiro caso distinguem-se, pela frequência com que surgem e pelo espaço

que ocupam nas páginas dos jornais, os anúncios dos remédios da marca Holloway, facto que nos permite lembrar que os medicamentos foram dos primeiros produtos a serem anunciados pela publicidade moderna e também dos primeiros a aparecer associados a marcas, não só em Portugal como na própria Inglaterra, como concluiu Lucy Brown no seu estudo *Victorian News and Newspapers*: “Before the 1890s the sale of goods under brand names was still in its infancy: it had appeared in tea and cocoa, soap and tobacco, and some patent medicines. (Patent medicines appear in early eighteenth-century advertisements; they were perhaps the oldest hands in the business.)” (Brown 20)

Aparecendo em jornais como *O Ecco Popular* (Porto, 1847-1860), *O Portugal* (Porto, 1851-1857), *A Opinião* (Lisboa, 1856-1865), *O Nacional*, *O Tribuno Popular* (Coimbra, 1856-1907) e o *Jornal do Commercio* de Lisboa (1853-1989), os anúncios às pílulas e unguento Holloway terão por certo causado forte impressão nos leitores por apresentarem estes remédios como incomparáveis, prodigiosos, próprios para todos, sem efeitos secundários, capazes de pôr fim às “doenças de qualquer especie e grau, por mais antigas e tenazes que sejam” e de operar “curas maravilhosas”, até em pessoas “que já estavam às portas da morte”. Para mais eficazmente convencer o público, todos estes anúncios consagravam a maior parte do seu espaço à enumeração das muitas enfermidades que as pílulas e o unguento supostamente combateriam, entre as quais vemos doenças tão diversas como a epilepsia, a asma, a gota, a tísica pulmonar, o reumatismo, as úlceras, o “mal venereo”, a falta de apetite, as dores de cabeça, as febres, os tumores, os problemas de fígado, rins e intestinos, etc., etc., etc., no caso das pílulas, e os calos, os cortes, a lepra, as mordeduras de répteis e as picadas de insectos, as queimaduras, a tinha, a sarna, as câibras, o escorbuto, as fistulas, o “tremor de nervos”, os cancros, as dores de todos os tipos, a paralisia, a rigidez das articulações, as “pernas chaguentas”, a tosse, as constipações, as dores de garganta, etc., etc., etc., no caso do unguento.

Thomas Holloway (1800-1883), estabelecido desde 1839 em Londres, na Strand, n.º 244, como todos os anúncios informam, não foi porém o único nome inglês ligado ao comércio de produtos farmacêuticos a aparecer publicitado nos nossos jornais. Pelo que nos foi dado observar, outros quatro, pelo menos, podem ser apontados: Hogg, cujo óleo de fígado de bacalhau e pílulas de pepsina *O Nacional* anunciou em 1864, Keating e James, nomes de marcas de pastilhas e xarope para a tosse divulgadas, respectivamente, pelo *Jornal do Commercio*

de Lisboa e pelo mesmo *O Nacional*, e Radway, criador de umas “pilulas reguladoras” que também aparecem publicitadas no dito *O Nacional*.

Ainda no capítulo das substâncias medicinais merecem menção “O Grande Purificador do Sangue. A Salsa parrilha de Bristol”, um preparado tido como extremamente eficaz no tratamento da sífilis, reumático, esterilidade e anorexia, entre outras doenças, que vimos anunciado em vários jornais, mormente *O Nacional* do Porto; e a “Verdadeira Revalenta Arabica”, capaz de curar “Dispepesia, Constipação, Diarrhea, Molestias Nervosas”, recebida directamente de Londres e à venda na farmácia Azevedo, no Rossio, em Lisboa, como anunciou *A Revolução de Setembro* (Lisboa, 1840-1901). Através desta publicidade a Grã-Bretanha surge, assim, como fabricante de remédios capazes de combater quaisquer doenças, de eficácia dita comprovada.

Mas um outro conjunto de anúncios, desta feita relacionados com cosméticos, perfumes e higiene pessoal, vem mostrar que o comércio inglês não oferecia só produtos destinados à saúde do corpo, mas também ao seu embelezamento e asseio. Na verdade, deparámos com anúncios de perfumes, sabões, sabonetes, cremes para tirar sardas e verrugas e amaciar a pele, pós dentífricos, pomadas para dar lustro ao cabelo, essência de rosas, óleos contra a calvície e o aparecimento de cabelos brancos, tintas para cabelo, e pentes e escovas para cabelos e unhas, publicados em periódicos como *O Portugal*, *O Nacional* e a *Gazeta de Portugal* (Lisboa, 1865), onde se faz o elogio da qualidade dessas substâncias e se garantem os bons resultados a obter da sua aplicação. Sobretudo o que mais chamou a nossa atenção neste domínio foi a publicidade bastante frequente aos artigos dos perfumistas ingleses Henry Rigge e John Cosnell, por em ambos os casos se informar o público leitor, de forma destacada, que se trata de fornecedores da rainha Victoria, desde logo, pois, conferindo aos produtos anunciados uma chance-la de categoria, distinção e requinte; aliás, os próprios anúncios dirigem-se, não a todos, mas ao “mundo elegante”.

Igualmente conotados com qualidade, bom-gosto e refinamento estão muitos outros anúncios de artigos de consumo de fabrico inglês, dispersos pelas páginas de *O Nacional*, *A Revolução de Setembro*, *Diario de Noticias* (Lisboa, 1865 ss), *Gazeta de Portugal* e *Jornal do Commercio*, de Lisboa, como os que publicitam colchas, bordados, panos da Irlanda, estojos para barba e costura, escovas para fato, bijuteria, loiças, talheres e castiçais em metal branco imitando a prata, relógios e pianos de “Boosey & Sons”. Encontramos até, por vezes, anúncios de produtos que, não sendo britânicos, foram fabricados

segundo modelo e processos ingleses, informação esta que surge à laia de título, para despertar o interesse e inspirar confiança nos leitores, como acontece no exemplo que se segue:

FABRICA DE LOIÇA Á INGLEZA, JUNTO Á ESTAÇÃO DO CAMINHO DE FERRO EM SACAVÉM. DEPOSITO GERAL, RUA DA PRATA, 128.

Encontra-se n'este um variadissimo sortimento nas côres, desenhos e fórmãs. É em tudo igual á ingleza, e por preços mais baratos. A fábrica é franca a quem de visita a quizer examinar.<sup>14</sup>

Os objectos que acabámos de referir, não sendo de primeira necessidade, remetem para a esfera do conforto e da sofisticação, mas a Grã-Bretanha utilitária, pragmática, evoluída em termos técnicos e mecânicos também está reflectida na publicidade, nomeadamente nos anúncios de carros, tinta tipográfica preta e de cores, filtros para água, preparados para tirar nódoas e repelir traças da roupa, como a “agoa maravilhosa” de Robertson, foices, máquinas de ceifar e outros utensílios de lavoura de fabrico inglês, que encontrámos em *A Revolução de Setembro* e no *Jornal do Commercio* de Lisboa.

Sobejamente conhecida pelo seu desenvolvimento agrícola, a Grã-Bretanha não viu promovida nos jornais, através de anúncios, apenas a excelência das suas alfaias, mas também a das suas sementes, vacas, cavalos e produtos alimentares. No que diz respeito ao sector das comidas e bebidas a oferta de artigos provenientes das Ilhas Britânicas era grande, tanto na capital como em Coimbra e no Porto. Consultando títulos periódicos como *O Jornal do Commercio* de Lisboa, *A Revolução de Setembro*, *O Popular* (Coimbra, 1854-1856) e *O Curioso* (Porto, 1846), deparamos com um número significativo de anúncios de açúcar, biscoitos, manteiga, queijos de Chester e Londres, presuntos de York, *bacon* irlandês, língua fumada, bacalhau, cervejas e aguardentes, anúncios estes pagos pelos comerciantes que tinham tais produtos ingleses à venda nas suas lojas, como era o caso de Jerónimo Martins & F.º: “BACALHÃO INGLEZ, GRANDE, SUPERIOR A 90 RÉIS CADA ARRATEL. Vende-se no armazem de viveres de Jeronimo Martins & F.º, Chiado, n.º 19.”<sup>15</sup>

Na maior parte das vezes os anunciantes eram, efectivamente, comerciantes nacionais, mas no n.º 3819 de *A Revolução de Setembro*, com data de 31 de Dezembro de 1854, fomos encontrar, por exemplo, um anúncio posto por um tal Adão Dickson, em que este fazia publicidade ao seu café, aberto em pleno Rossio lisboeta, onde, diz o texto publicitário, “se acharão

sempre carnes salgadas frias, fiambre etc., proprio para lanche, cervejas ingleza e portugueza, superiores vinhos, genebra, cognac, licores, marrasquino, assim como terá regular gazetas portuguezas, e as illustradas novidades de Londres por todos os paquetes.”

Um anúncio como este aponta para a realidade dos súbditos britânicos que viviam em Lisboa nesta época e ali mantinham negócios, ou desenvolviam outro tipo de actividades profissionais, como sejam a de médico e engenheiro, facto que pudemos comprovar através de dois anúncios da década de 40 que fomos descobrir na *Revista Universal Lisbonense*<sup>16</sup> e em *O Interesse Publico* (Lisboa, 1847-1851):<sup>17</sup> no primeiro, João Duff, “engenheiro e agente de Haigh Forendry, um dos principais estabelecimentos de engenharia na Gram-Bretanha, terá muito prazer em suprir a quem necessita de planos de todas as qualidades de machina, ou ingenho dos mais modernos e da melhor construção, que hoje se usam nas embarcações de vapôr, ou nas fabricas ou moinhos”, enquanto o segundo divulga laconicamente a morada de um “Doutor Inglez Medico”.

Também por certo que as várias companhias de seguros inglesas (de vida e contra incêndio) que vemos anunciarem nas páginas dos jornais, sobretudo a partir de 1862, as suas agências em Lisboa — a *Imperial*, na Rua da Prata, a *Royal* na Rua da Madalena, a *London & Lancashire*, na Rua dos Fanqueiros, a *Norwich Union*, no Largo de Santo António da Sé, a *Unity*, na Rua Augusta — terão trazido até Portugal cidadãos britânicos que para aqui vieram trabalhar.

Além disso, existem outros anúncios que dão igualmente um sinal da presença britânica em Portugal, nomeadamente os de casas para arrendar escritos em inglês, os de quartos para arrendar a *gentlemen* em casas de famílias inglesas ou de leilões de mobílias de casas inglesas. A própria oferta de aulas e cursos de língua inglesa, diurnos e nocturnos, patente nas secções de anúncios de vários jornais reflecte não só o interesse dos portugueses por aprender aquele idioma, mas também a existência em Portugal de súbditos britânicos que assim procuravam ganhar a vida. Remetendo mais uma vez para o *Jornal do Commercio*, o *Diario de Noticias*, de Lisboa, e *O Nacional*, do Porto, encontramos aí anúncios de ingleses que davam aulas particulares da sua língua materna e iam a casa, ou que eram responsáveis por escolas que, a par do inglês, ensinavam outras línguas e disciplinas, como é o caso dos exemplos que se seguem:

ENGLISH. ENGLISH  
ENGLISH

Mr. CARNALL, late of the Collegio Luso-Britannico, and now residing at the Lyceu Luso-Brazileiro, continues to give private lessons of English at the houses of his pupils. [...] Being a native of London, and speaking his language with a pure and refined accent, are advantages which Mr. C. feels confident will not be overlooked by the Portuguese public. [...] Address, Mr. Carnall Lyceu Luso-Brazileiro, rua dos Moiros, 41. Lisbon.<sup>18</sup>

ENGLISH SEMINARY FOR YOUNG LADIES.  
Rua Direita de Buenos-Ayres,  
n.º 19, late 12

The Ladies of this Establishment being natives of England and having also been educated there, have opened the above entirely on the English system.

They have chosen the situation in the highest part of the city on account of its salubrity [sic].

The utmost attention will be paid to their moral and religious instruction.

The course of education will comprise the English, Portuguese, French, German and Italian languages, Geography, History, Writing, Arithmetic, Piano forte, Singing, Drawing, Dancing, and all description of Plain and Ornamental needlework [sic] [needlework].

Terms moderate according to age, Paid monthly in advance.<sup>19</sup>

MUSICAL INSTITUTE,

and college for young ladies, n.ºs 29 and 31,  
rua de S. Domingos (à Lapa).

A complete education; including the english, french, and portuguese languages (which are so taught as to enable the pupils to *speack* as well as write with correctness and elegance); history, both sacred and profane; geography, writing, and arithmetic; embroidery, etc.<sup>20</sup>

Até mesmo aulas específicas de pintura dadas por uma senhora inglesa de nome “Amari” eram apresentadas como uma excelente oportunidade de praticar o inglês:

#### WATER COLOR PAINTING.

M.<sup>me</sup> AMARI an English lady, in addition to the portrait painting, is willing to give instruction in the various departments of the above elegant art. The pupils have the great advantage of conversation in the english language un exceptionably pronounced, (which is rare) m.<sup>me</sup> Amari having always moved in well educated classes of society in England.

Adress 32, rua de S. Francisco de Borja, Buenos Ayres.<sup>21</sup>

Mas também deparámos com anúncios de colégios dirigidos por portugueses, onde a língua inglesa era ensinada por “professores habilitados”, sem que haja qualquer informação quanto à nacionalidade desses mestres. É o que se passa precisamente com o Colégio da Nossa Senhora da Lapa, no Porto,<sup>22</sup> que fez anunciar em *O Nacional* a abertura das matrículas para o ano lectivo de 1864/65 em texto assinado pelo seu director, Miguel Homem Corte Real.<sup>23</sup>

Cerca de quinze anos antes um aviso publicado em *O Atheneu* (Lisboa, 1850-1851) dava a saber que uma senhora francesa, Catarina de Andrada, que fora redactora do jornal *L’Abeille*,<sup>24</sup> se propunha “abrir um curso de francez e inglez trez vezes por semana, para as senhoras, que quizerem estudar ou aperfeiçoar-se nestas linguas, que maneja perfeitamente”, a funcionar em sua casa, na Rua do Loreto (Lisboa).<sup>25</sup> Curiosamente, mais ou menos pela mesma altura, um outro estrangeiro a residir em Portugal, mas desta vez um espanhol, D. Pedro Sebastião y Vila, um professor de caligrafia nascido em Barcelona em 1832, anunciava em *A Revolução de Setembro* um “Curso de Letra Ingleza Aperfeiçoada em 21 Lições”, a ser ministrado em casa dos alunos ou na residência do professor, na Rua Nova do Carmo, em Lisboa.<sup>26</sup>

Através da consulta dos jornais constatámos, pois, que havia nas duas principais cidades do país alguma oferta de aulas de língua inglesa e de colégios ingleses que estavam abertos não só aos filhos dos cidadãos britânicos residentes em Portugal mas também aos portugueses; interessante foi verificar que a imprensa periódica portuguesa serviu também para fazer publicidade a instituições de ensino situadas na Grã-Bretanha, como é o caso do longo anúncio que saiu no n.º 3217, de 17 de Dezembro de 1852, de *A Revolução de Setembro*, sobre dois colégios em Prior Park, Bath, “dirigidos para a educação dos jovens destinados para o estudo ecclesiastico, para as profissões Academicas e para a vida commercial”, onde é fornecida informação sobre os responsáveis por aqueles estabelecimentos (prelados católicos), as matérias aí ensinadas, o valor das

propinas anuais e ainda a recomendação de que cada estudante “deve trazer consigo um garfo e uma colher de prata.”

Mas os anúncios publicados na imprensa periódica deixam perceber que, a nível cultural, a presença britânica em Portugal excedia em muito o âmbito do ensino e se fazia sentir em outro tipo de manifestações, como os jogos no Lisbon Cricket Club,<sup>27</sup> os espectáculos circenses e musicais dados por companhias britânicas visitantes — encontrámos, por exemplo, no n.º 126 de *O Nacional* (Porto), com data de 7 de Junho de 1864, um anúncio dos espectáculos dados no Teatro Baquet pela “Familia Sawyer”, um grupo de “campanologos escocezes” que tocavam 150 campainhas —, as óperas italianas de tema inglês, nomeadamente aquelas inspiradas em obras de William Shakespeare que iam à cena em palcos como os do Teatro de S. Carlos (Lisboa) e Teatro de S. João (Porto), os dramas históricos igualmente baseados em acontecimentos do passado inglês, como “MARIA TUDOR RAINHA DE INGLATERRA. — Drama Romantico Historico de Grande Espectaculo, por Victor Hugo, em tres jornadas, e quatro partes”, a ser representado no Teatro da Rua dos Condes, conforme anúncio publicado em *O Ramalhete* (Lisboa, 1837-1844) em Junho de 1838, a venda de jornais ingleses, ou os sa-raus literários do tipo do que o *Jornal do Commercio* publicitou em vários dos seus números de 1862:

EVENING LITTERARY

Entertrainments,

Readings from Shakespeare Byron, and  
other well Known English authors.

Will be held at their residence by Mesdames  
Moreto and Andrews twice a week; commencing  
with twelve subscribers. — The course of twelve  
evenings at the price of six thousand reis.

No person will be admitted without a  
competent Card, for which apply at n.º 3.

Largo de S. Carlos, 3.º andar.

Subscribers will be informed when the first  
scéance will take place.

N.B. A musical interlude of half an hour.

A todos estes anúncios que respigámos, relacionados com a presença de uma importante comunidade britânica em Portugal e comprovativos da divulgação que na sociedade portuguesa ia tendo a cultura inglesa — para já não falar de uma certa moda

dos produtos provenientes de além-Mancha, conotados, como já dissemos, com ideias de qualidade, eficácia e bom-gosto —, podemos ainda acrescentar os avisos sobre publicações recentemente surgidas na Grã-Bretanha e os anúncios de obras em língua inglesa, ou na sua tradução portuguesa, à venda em Lisboa ou disponíveis nos gabinetes de leitura da capital, que a imprensa periódica apresentava com alguma regularidade.

Efectivamente, os jornais e revistas da época romântica deram publicidade, com frequência, e de diversos modos, a autores e obras britânicos. Referindo as notícias sobre traduções portuguesas de obras inglesas a sair em breve, ou já publicadas e à venda, diga-se que Walter Scott é o autor que nelas mais se evidencia. Logo em Janeiro de 1836 o jornal *O Artilheiro* (Porto, 1835-1837) dava a saber que as “Obras do célebre Sir Walter Scott, tão conhecidas, e tão estimadas na Litteratura Europêa pela sua instructiva Moral, e excellente delineação dos Caracteres dos Homens, que ellas apresentam nas diferentes classes da Sociedade, vão ser oferecidas ao Público desta Illustre Nação, traduzidas do Original Inglez para a Lingua Portuguesa” (“Publicação Literaria. Prospecto”). Segundo o mesmo prospecto, o tradutor, que não é identificado mas do qual se diz possuir “hum conhecimento perfeito do espirito d’ambas as duas Linguas”, tem já a primeira tradução pronta para o prelo, *O Talisman*, em dois volumes, e irá periodicamente publicando outras, se o bom acolhimento do público o animar a prosseguir a sua tarefa.<sup>28</sup>

Nos anos 40, outras notícias vindas a lume em *O Recreio* (Lisboa, 1835-1842), *Revista Universal Lisbonense* e *O Cinco Réis* (Lisboa, 1843) comprovam que Walter Scott continuava a ser traduzido e procurado pelos leitores. Com o título “Publicações Litterarias”, o primeiro daqueles periódicos anunciou, em Agosto de 1840, a recente edição de *O Lord das Ilhas* (no original *The Lord of the Isles: A Poem*, 1815), uma tradução também anónima que saiu em Coimbra em 1839. Poucos meses depois, em Novembro de 1841, era a vez de a *Revista Universal Lisbonense* dar a saber que estava no prelo a tradução de *Kenilworth* (1841-1842), feita directamente do inglês, o que não era comum, de André Joaquim Ramalho e Sousa (1790-1857), que já antes dera à estampa *Ivanhóe ou a Cruzada Britanica* (1838) e *Quintino Durward* (1838-39); e, em Julho de 1843, *O Cinco Réis* publicava o “Catalogo dos livros que Antonio Marques da Silva Mandou imprimir, e de outros que tem em sortimento, e se vendem na sua loja Rua Augusta n.º 2, em Lisboa”, onde se informa que ali está à venda por 960 réis *A Despozada de Lamermoor*, uma tradução portuguesa anónima, em três volumes, de 1836.<sup>29</sup>

Sem ser Walter Scott, mais nenhum autor britânico é publicitado com alguma insistência a propósito de traduções. No entanto, devemos ter presente que outras obras foram aqui e ali notícia, como é o caso de *O Paraíso Perdido* (1840), tradução do poema de John Milton feita por Antônio José de Lima Leitão (1787-1856), à venda na loja do acima mencionado Antônio Marques da Silva, segundo o número de 19 de Julho de 1843 de *O Cinco Réis*; de *Guerra da Sucessão em Portugal*, de Charles Napier, de que *O Recreio* fez publicidade em Agosto de 1841;<sup>30</sup> dos opúsculos *Cholera* (1848) e *Febre amarella* (1851), ambos traduções de dois artigos da *Encyclopaedia Britannica* feitas pelo médico João Félix Pereira (1822- ?) e noticiadas por *O Jardim das Damas* (Lisboa, 1845-1849), *Revista Universal Lisbonense* e *Jornal da Sociedade Pharmaceutica de Lisboa* (Lisboa, 1836-1950) em 1849 e 1851; de *Othello, ou o Mouro de Veneza*, a imitação da tragédia de Shakespeare de Luís Augusto Rebelo da Silva (1822-1871), vinda a lume em 1856 e nesse mesmo ano anunciada por *A Ilustração Luso-Brasileira* (Lisboa, 1856-1859) (“Obras publicadas pelo editor da Ilustração Luso-Brazileira. — Livraria, Rua Aurea, 227 e 228”); de *Produções de Lord Byron*, traduzidas do francês, cuja primeira parte se encontrava já concluída em Junho de 1857, de acordo com informação fornecida pelo jornal de Coimbra *A Ordem Publica* (Coimbra, 1856-1857);<sup>31</sup> e de *Memoria sobre a litteratura portugueza, traduzida do inglez* que, segundo o n.º 3, de Julho de 1858, da *Encyclopedia das Familias*, podia ser adquirida em Lisboa, na Rua Augusta, n.º 195, pelo preço de 120 réis.<sup>32</sup>

Na morada atrás referida funcionava a livraria de Joaquim José Bordalo (1815-1902), a qual, à semelhança de outras, dava a saber através da imprensa periódica que obras tinha à venda. Assim, uma leitura dos catálogos que fez publicar na atrás mencionada *Encyclopedia das Familias*, um jornal de anúncios e de conhecimentos úteis saído em Lisboa entre 1858 e 1859, permite-nos formar uma ideia mais sólida sobre os autores britânicos disponíveis em versão portuguesa, bem como ficar inteirados sobre os géneros que aquela livraria mais privilegiava e que, supostamente, seriam os de maior procura. A título de exemplo, podemos remeter para o “Catalogo de Varias Obras que se acham á venda na livraria de J. J. Bordalo Rua Augusta N.º 195 Segundo Quarteirão Vindo Do Terreiro do Paço” (*Encyclopedia das Familias*, Setembro-Dezembro de 1858), onde, entre as muitas obras mencionadas, encontramos várias traduções de romances de Walter Scott (*Guy Mannering*, *Uma Lenda de Montroze*, *Waverley*, *Wodsthoch* [sic], *ou o cavaleiro*) e a *Historia da virtuosa e infeliz Clara Harlowe*, em quinze

volumes, de Samuel Richardson, para além de dicionários de Inglês/Português e Português/Inglês, gramáticas inglesas e guias de conversação inglesa e portuguesa.

Como é dito também no referido *Catalogo*, havia naquele estabelecimento “uma collecção de 11:000 volumes de Historias, Romances, e Novellas em Portuguez, tanto originaes como traducções (ainda as mais raras) que se alugam por assignaturas de 300 rs. cada mez, ou 720 rs., por trimestre deixando depositada a quantia de 1440 rs. levando os assignantes quatro volumes de cada vez”, o que nos faz supor que muitas traduções de obras inglesas, sobretudo romances, terão sido lidas por via do sistema de assinatura.

Ao examinarmos os catálogos da Livraria Bordalo não nos deparámos com publicidade a originais ingleses, mas alguns deles chegavam ao nosso país e eram anunciados na imprensa periódica, como sucedeu com o poema *The Ocean Flower*, de Terence MacMahon Hughes (1812-1849), de que a *Revista Universal Lisbonense* deu notícia logo em Novembro de 1845, o ano da sua publicação em Londres, fazendo constar que se achava à venda nas “principais livrarias de Lisboa”.

Pelo menos a partir dos anos 60, uma vez que não encontramos referência a data anterior, a capital lisboeta passou a dispor de um estabelecimento exclusivamente dedicado ao comércio de livros em língua inglesa, facto este que merece ser realçado. Ciente da força da imprensa periódica, o novo livreiro socorreu-se igualmente dela para divulgar a sua loja e os livros que ali podiam ser adquiridos, tendo portanto muito interesse os anúncios publicados no *Jornal do Commercio* de Lisboa por “Matheus Lewtas Bookseller”.<sup>33</sup> O primeiro que registámos saiu no número de 12 de Fevereiro de 1861, dizia simplesmente que na “English Library” havia “variado sortimento de obras dos melhores authores inglezes, poetas, romancistas, etc., etc.”, e informava que a livraria se situava na Rua Nova do Carmo, n.º 26; quatro dias depois, porém, anúncio com texto igual dava a saber que o endereço mudara para a Rua dos Retroseiros, 45, 1º andar, lugar em que se manteve até meados de 1862, quando o estabelecimento voltou a funcionar na primeira morada.

Recuando a Março de 1861, é desde esse mês que a publicidade paga por Lewtas começa a chamar a atenção para autores e obras específicos. Nessa data deu-se destaque a “Traveller’s Life in Portugal by Valdez — Livingstone’s Africa — Murray’s Guide in Portugal — Byron — Dryden — Cowper — Burns — Milton — Shakspeare, etc.”, mas a partir de então outros nomes e títulos foram sendo sucessivamente anunciados: “Burke’s Peerage for 1861. — Macaulay’s England. — Liverpool Life. — Disraeli’s

Novels. — Bulwer's Novels. — Defoe's Works. — Carleton's Works. — Scott's novels" (*Jornal do Commercio*, 6/4/1861), "The Spectator. — D'Orsey's Colloquial Portuguese. — China by Wingrove. — Dictionaries Grammers, etc." (*Jornal do Commercio*, 28/4/1861), "The Yelverton Marriage Case. — White's History of England. — Sir Bernard Burke's Family Romance. — Novels by Marryat — Defoe's Plague of London. — Selections from Rasselas, Gullivers Travels, Sterne's Sentimental Tourney [sic]. — Tom Tones [sic]. — Joseph Andrews. — Humphrey Clinker. — Peregrine Pickle with the Adventures of a Lady of Quality, etc." (*Jornal do Commercio*, 5/5/1861), "Ben Jonson. — Beaumont and Fletcher. — Congreve. — Wycherley — Tarquhar — Vanbrugh. — Marlowe. — Greene and Peele. — Pope. — Goldsmith. — Gray. — Collins. — Kirke White. — Longfellow, etc." (*Jornal do Commercio*, 19/5/1861), "Twice Round the Clock by Sala. After office Hours by Yates. Under Bow Bells by Hollingshead. The Four Georges by Thackeray. Shakespeare by Staunton, etc." (*Jornal do Commercio*, 6/7/1862), "Sensation Novels — Woman in White. Dead Secret. After Dark. No Name. East Lynne. Verners Pride. Shadow of Ashlydyatt. Aurora Floyd. Lady Audley's Secret. Eleanor's Victory. Bel Demonio. Duke's Motto. Shipchandler. Silver Cord. Why Paul Ferrol Killed his wife. Cold Embrace" (*Jornal do Commercio*, 21/1/1864), "Enoch Arden by Tennyson" (*Jornal do Commercio*, 30/9/1864) e "Pictorial History of England by Knight" (*Jornal do Commercio*, 2/5/1865).

Não sendo exaustiva, pois desprezamos vários outros anúncios postos por Lewtas no *Jornal do Commercio* de Lisboa, esta lista dá-nos, mesmo assim, uma ideia da grande variedade de obras inglesas ao dispor do público da capital. Como vemos, aquele livreiro, "Agente da Routledge & C.<sup>a</sup>" e da "Simpkin & C.<sup>a</sup>" conforme indicação de alguns dos anúncios, achava-se bem fornecido no que dizia respeito a romance, teatro e poesia, tendo ainda a oferecer um rápido serviço de encomenda de "qualquer livro inglez, ou periodico".

Outra forma de publicidade de livros provenientes do outro lado da Mancha, e que traduz a preocupação e a vontade de manter Portugal actualizado em relação ao que estava a ser produzido nos mais diversos domínios das letras britânicas, reside nas listas bibliográficas que certos periódicos, com destaque para a *Revista Universal Lisbonense*, inseriam nas suas páginas. Consultando as secções de bibliografia deste importantíssimo periódico do Romantismo português, aí encontramos, na parte referente à Inglaterra, listas de obras sobre agricultura, arquitectura, botânica, educação, electricidade, geologia, história,

literatura, matemática, medicina, numismática, religião, viagens, zoologia, etc., capazes, portanto, de despertar a curiosidade de um público com interesses muito variados. Da mesma forma, um jornal científico e literário como *O Instituto*, de Coimbra, considerou relevante incluir no seu número de Setembro de 1861 uma “Notícia Das principaes obras publicadas em Inglaterra no primeiro semestre do corrente ano”, assinada por J. M. de Abreu, onde é feita uma resenha das produções mais importantes nos campos da história, do romance, das memórias literárias e políticas, da arqueologia, da educação popular, da legislação e das viagens e explorações científicas. Neste caso, porém, não estamos perante uma mera lista de autores e títulos, como sucede com os artigos da *Revista Universal Lisbonense*, mas sim uma relação um pouco mais cuidada, porquanto se faz uma breve apresentação das obras anunciadas e se tecem até algumas considerações sobre a literatura inglesa em geral. Assim, por exemplo, é dito que o romance, na actualidade, leva de vencida a poesia e constitui o que de mais importante se produz nas letras de além-Mancha, chamando-se simultaneamente a atenção para o facto de o seu grande consumo ser favorecido pela publicação em jornais ou em “livretos”. Em seguida nomeiam-se os romances de “incontestavel merito” que foram editados nos primeiros seis meses de 1861, procurando-se, através de alguns juízos valorativos, promovê-los junto do público leitor português e condicionar positivamente a sua recepção: *Framley Parsonage*, de Anthony Trollope (1815 -1882),<sup>34</sup> autor que é definido como um dos mais distintos da escola de William Makepeace Thackeray (1811-1863), *The Woman in White*, de Wilkie Collins, obra recomendada aos amantes do misterioso pelo seu *suspense*, e *Silas Marner*, de George Eliot (1819-1880), um romance escrito por uma senhora “com elevação de sentimentos”.

Para além das listas bibliográficas, de vez em quando surgiam também nas páginas da imprensa periódica portuguesa notícias avulsas sobre uma determinada obra acabada de publicar em Inglaterra e que, por qualquer motivo especial, merecia destaque. Caso disso é o artigo “O ministro auctor”, vindo a lume na *Revista Universal Lisbonense* em Abril de 1852, que comunica ter o actual primeiro-ministro inglês, Edward Stanley, conde de Derby (1799-1869), escrito “um livrinho para as creanças com o título de *Parabolas de Nosso Senhor*”; ou a breve nota publicada por *O Popular* em Junho de 1854 avisando ter sido há pouco dada à estampa, em Londres, uma tradução de *Os Lusíadas* pelo tenente-coronel Levington Mitchell.<sup>35</sup> Outros artigos curtos com função publicitária que recolhemos dizem respeito a produções literárias de autoria feminina, o que é sempre encarado

como uma particularidade digna de realce: a título de exemplo refira-se que em 1846 a *Revista Universal Lisbonense* elogiava a excelência do poema *The Child of the Islands*, de Caroline Elizabeth Sarah Norton (1808-1877), acabado de sair, dizendo tratar-se de uma composição com “eloquentes trechos a favor da classe pobre”, fruto do talento de uma senhora que “tem merecido algumas vezes ser chamada o ‘Byron do seu sexo’”; que passado algum tempo, em Novembro de 1848, a mesma *Revista Universal Lisbonense* registava a publicação do romance *The Young Countess*, de Mrs Trollope; e finalmente que em 1852, *A Semana* (Lisboa, 1850-1852), citando o *Times*, anunciava como magnífica a obra mais recente de Miss Pardoe,<sup>36</sup> *The Life and Memoirs of Marie de Medicis, Queen and Regent of France*.

Falando ainda de publicações recentes, e para concluir a descrição do material que foi possível encontrar relacionado como a matéria em apreço, há que mencionar também que a imprensa periódica da época em estudo fez publicidade de alguns originais portugueses relacionados com a língua e a cultura inglesas, como comprovam os anúncios dedicados à *Grammatica ingleza para uso dos portuguezes, redusida a 27 lições*, de D. José de Urcullu (? — 1852),<sup>37</sup> e a *Uma viagem á Inglaterra, Belgica e França*, por José Mesquita da Rosa;<sup>38</sup> para além de que, ao divulgar com frequência as novidades literárias de França, os jornais e revistas portuguesas levaram ao conhecimento dos leitores nacionais a existência de determinadas traduções francesas de obras britânicas e livros franceses sobre a Grã-Bretanha, alguns dos quais terão por certo sido lidos pelo público português.<sup>39</sup> Este dado ilustra o facto de a divulgação, em Portugal, da realidade política, social e cultural britânica por intermédio da palavra impressa não se ter processado somente graças à leitura de obras inglesas ou portuguesas, mas também por via de publicações francesas, quer originais, quer traduções. No plano literário, Shakespeare e Byron são dois bons exemplos do que acabamos de afirmar, porquanto é sabido ter a sua difusão em Portugal sido feita, em grande parte, por meio de versões francesas em circulação. No *corpus* que examinámos incluem-se precisamente breves notícias de traduções destes autores acabadas de publicar em França: uma delas saiu em Agosto de 1841 em *O Periodico dos Pobres* e refere a tradução de Amédée Pichot (1795-1877)<sup>40</sup> das obras completas de Lord Byron, ao passo que outra, de 1859, intitulada “Nova traducção de Shakspeare” (*Archivo Universal*), anuncia que já se encontra à venda o primeiro volume da tradução das obras dramáticas de Shakespeare feita por François Victor Hugo (1828-1873), filho do célebre escritor.<sup>41</sup>

Extremamente vigorosa, a imprensa periódica portuguesa do Romantismo deu um forte contributo para a dinâmica da vida política, social e cultural de então e constitui um riquíssimo repositório de informações a ter em conta para o conhecimento das ideologias, das sensibilidades, das tendências e dos gostos da época. No que ao contacto com o estrangeiro diz respeito, o jornalismo, na altura *mass media* sem rival, foi o principal difusor de conhecimentos sobre o Outro, muito em especial essa Inglaterra com a qual Portugal mantinha relações multisseculares. Nas páginas dos jornais e revistas falou-se e mostrou-se, por palavras e por imagens, graças à novidade da imprensa ilustrada — autodesignada «pittoresca» ou «pintoresca» e concebida segundo os moldes das folhas periódicas inglesas e francesas com gravuras —, como eram as terras, as gentes, as instituições, os costumes, a ciência, a técnica, o comércio, a indústria, a literatura, as artes dos velhos aliados: a publicidade participou também dessa acção, promovendo produtos e serviços de origem britânica junto do público português e dos estrangeiros, muitos deles naturais das Ilhas Britânicas, residentes em Portugal. Uma pesquisa sistemática da presença da Grã-Bretanha na imprensa periódica do Romantismo português como a que temos vindo a desenvolver no âmbito dos Estudos Anglo-Portugueses não deve, pois, ignorar os anúncios, os quais, com o seu alcance comercial e cultural, se revestem de interesse para a história dos contactos luso-britânicos.

**HENRY RIGGE**  
**PERFUMISTA DA RAINHA**  
**VICTORIA**

35 NEW BOND STREET, LONDON

Artigos superiores e muito recommendados

- Essencia de Rosas para limpar, conservar e aformosar o cabelo.
- Pomada de medulla lãra de lotos os cheiros para lustrar o cabelo.
- Sabonete vegetal, e mollientes para a toilette, apreciáveis ao uso, agradáveis como perfume, e tornam a pelle macia e clara.
- Sabonete militar Um dos melhores para a barba (economico e agradável).
- Cold-Cream de Rosas, sem rival para a amaciar a pelle.
- SAPONACEOUS AU QUININE, pois para dentes recommendados pela facilidade de medela.
- Essencia vegetal para o lenço, perfume delicioso, forte, persistente e barato.

N. B. — Vendem-se em todos os primeiros estabelecimentos de perfumarias. (66)

**Fabrica de loiça á ingleza, junto á estação do caminho de ferro em Sacavém. Deposito geral, rua da Prata, 128**

3 **ENCONTRA-SE** n'este um variadissimo sortimento nas côres, desenhos e fórmãs. É em tudo igual á ingleza, e por preços mais baratos. A fábrica é franca a quem de visita a quizer examinar. \*

## SYSTEMA MEDICO DE HOLLOWAY.



## PILULAS HOLLOWAY.

**E**ste inestimavel especifico, composto inteiramente de herbas medicinaes, não contem mercurio, nem outra alguma substancia delecteraria. Benigno á mais tenra infancia, e á compleição mais delicada, é igualmente prompto e seguro para desarraigal o mal na compleição mais robusta; é inteiramente innocente em suas operaçoens e effeitos; pois busca e remove as doenças de qualquer especie e grau, por mais antigas e tenazes que sejam.

Entre milhares de pessoas curadas com este remedio, muitas que já estavam ás portas da morte, preservando em seu uzo, conseguiram recobrar a saude e forças, depois de haver tentado inutilmente todos os outros remedios.

As mais afflitas não devem entregar-se á desesperação: façam um competente ensaio dos efficazes effeitos d'esta assombrosa medicina, e prestes recuperarão o beneficio da saude.

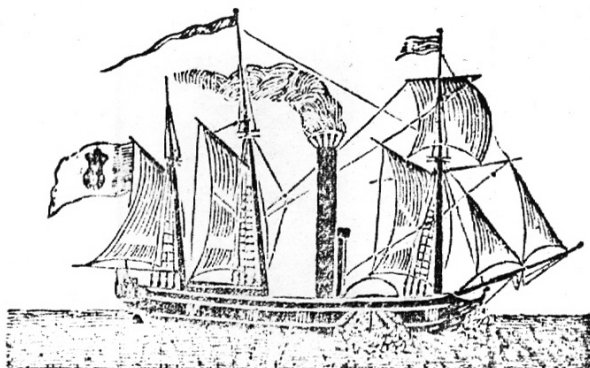
Não se perca tempo em tomar esse remedio para qualquer das seguintes enfermidades:

Accidentes epilecticos.	Dureza no ventre.	Lombrigas de toda a especie.
Alporcas.	Enfermidades no figado.	Mal-de-pedra.
Ampolas.	« veneraes.	Manchas na cutis.
Aréias [mal d']	Enxaqueca.	Obstrucção no ventre.
Asthma.	Erisipela.	Phthisia ou consumpção pulmonar.
Colicas.	Febres biliosas.	Retenção d'urina.
Convulçoens.	« intermittentes.	Rheumatismo.
Debilidade ou extenuação.	« de toda a especie.	Symptomas secundarios
Debilidade ou falta de forças para qualquer cousa.	Gota.	Tenores.
Desinteria	Hemorrhoidas.	Tico doloroso.
Dór de garganta.	Hydropesia.	Ulceras.
« de barriga.	Ictericia.	Veneroo [mal].
« nos rins.	Indigestoens.	
	Inflammaçoens.	
	Irregularidades na menstrucção.	

Vendem-se estas pilulas no estabelecimento geral de Londres, n.º 244, Strand, e na loja de todos os boticarios, droguitas e outras pessoas encarregadas da sua venda em toda a America do Sul, Havana e Hespanha.

Vendem-se ás bocetinhas a 330, 800, e 1:300 réis. Cada uma d'ellas contem uma instrucção em portuguez para explicar o modo de se usar d'estas pilulas.

O deposito geral no Porto, é na drogaria do largo de S. Domingos do snr. M. A. Figueira, o que se faz publicopara conhecimento dos snrs. facultativos e pharmaceuticos.



*Para Southampton.*

**O** VAPOR inglez --- **QUEEN** ---  
capitão Ricardo Williams,  
sahirá sabbado 2 de Março,  
às 3 horas da tarde. --- Quem  
quizer hir de passagem diri-  
ja-se a *Alexandre Miller e C.<sup>a</sup>*,  
rua dos Inglezes n.º 12.

A malla será fechada no  
mesmo dia 2 ás 2 horas da  
tarde. [270]

# ENGLISH. ENGLISH ENGLISH

19 **M**R. CARNALL, late of the Collegio Luso-Britannico, and now residing at the houses of his pupils. Mr. C. was during two years and a half professor of English at one of the largest Colleges of Belgium, which establishment he quitted to the sincere regret of the President and other Superiors as well as of all the pupils of the College. Mr. C. has had the honor of being Private Tutor to a young gentleman descended from a member of the illustrious family of His Majesty Dom Pedro V., and has also occupied a similar position in several of the most noble families of Great Britain. Being a native of London, and speaking his language with a pure and refined accent, are advantages which Mr. C. feels confident will not be overlooked by the Portuguese public. Mr. C. is able to announce with great pride and satisfaction that he left the Collegio Luso-Britannico much to the regret of the whole of the young gentlemen there receiving their education, and he is sure that they, as well as his present pupils both in the Lyceu and in the city, will pardon the liberty he takes in referring any lady or gentleman to them to vouch for the truth of this declaration. Mr. C. has in his possession documents which prove the veracity of all the above statements, and he will feel very great pleasure in showing them to any person who may be desirous to peruse them. As there is a small body of individuals in Lisbon, seeking to compel Mr. C. to quit Portugal, which country he has chosen as the land of his adoption, he with more confidence makes this appeal to the inhabitants of Lisbon, feeling at the same time certain that he will be able, by strict attention to his duties combined with very moderate charges, to merit a share of their kind patronage and support. Address, Mr. Carnall Lyceu Luso-Brazileiro, rua dos Afoiros, 41, Lisbon.

# ENGLISH LIBRARY

M. LEWTAS — BOOKSELLER

RUA DOS RETROZEIROS, 45, 1.º ANDAR

Novo  
sortimento  
das obras  
dos melhores  
autores  
inglezes



Agentes  
de  
Routledge & C.  
Farringdon  
St.  
City

39 **A** Traveller's Life in W. Africa by Valdez. — Sterne's Sentimental Journey illustrated by Tony Tohannot — Murray's Guide to Portugal. etc.

<sup>1</sup> Dados recolhidos em: Tengarrinha 225-226.

<sup>2</sup> “Curiosidades da Inglaterra. Os annuncios”. *Revista Popular*. Vol. III (1850-51), 8, 25 Maio 1850: 62-63; “Annuncios em Inglaterra”. *O Instituto*. Vol. IV, 13, 1 Outubro 1855: 159; “Os Annuncios em Inglaterra”. *O Instituto*. Vol. IV, 19, 1 Janeiro 1856: 220-221; Vol. V, 5, 1 Junho 1856: 56-57; 13, 1 Outubro 1856: 155-156; 19, 1 Janeiro 1857: 224-226.

<sup>3</sup> Para dar uma ideia da grande importância atingida pelos anúncios jornalísticos em Inglaterra, este artigo menciona, a título de exemplo, o caso do número de 26 de Janeiro de 1850 de *The Times*, onde se achavam 1068 anúncios.

<sup>4</sup> D. Francisco de Sousa Holstein (1838-1878), Marquês de Sousa Holstein, título nobiliárquico criado em 3 de Setembro de 1855 pelo rei D. Pedro V. Foi o 13.º filho de D. Pedro de Sousa Holstein, 1.º Duque de Palmela, político, militar e diplomata que por diversas vezes ocupou o cargo de embaixador de Portugal em Londres.

<sup>5</sup> *O Ramallete*. Vol. I, 18, 14 Abril 1838: 143.

<sup>6</sup> *A Ilustração*. Vol. I, 2, Maio de 1845: 34.

<sup>7</sup> *O Passatempo*. Vol. II, 8, 30 Abril 1838: 95.

<sup>8</sup> *O Recreio*. Tomo V, 4, Abril de 1839: 77.

<sup>9</sup> N.º 60, 21 Junho 1844: 239.

<sup>10</sup> N.º 68, 20 Março 1855: 273.

<sup>11</sup> *Revista Universal Lisbonense*, Tomo IV, 41, 1 Maio 1845: 488.

<sup>12</sup> N.º 1, 11 Dezembro 1852: 8.

<sup>13</sup> *O Nacional*, 280, 13 Dezembro 1865: 4.

<sup>14</sup> *Gazeta de Portugal*, 29, 6 Fevereiro 1865: s.n.

<sup>15</sup> *Jornal do Commercio* (Lisboa), 1682, 6 Maio 1859: 4.

<sup>16</sup> Tomo III, 22, 18 Janeiro 1844: 261.

<sup>17</sup> N.º 17, 23 Janeiro 1847: 4.

<sup>18</sup> *Jornal do Commercio* (Lisboa), 2110, 10 Outubro 1860: 4.

<sup>19</sup> *Jornal do Commercio* (Lisboa), 1919, 19 Fevereiro 1860: 3.

<sup>20</sup> *Jornal do Commercio* (Lisboa), 2244, 23 Março 1861: 4.

<sup>21</sup> *Jornal do Commercio* (Lisboa), 1819, 21 Outubro 1859: 4.

<sup>22</sup> Recorde-se que Eça de Queirós, entre 1855 e 1861, frequentou como interno este estabelecimento particular de ensino primário e liceal para o sexo masculino, onde teve como professor de francês Ramalho Ortigão, filho do então director do colégio. Américo Guerreiro de Sousa coloca a hipótese de ter sido aqui que o autor de *Os Maias* se iniciou na aprendizagem da língua inglesa: vd. o verbete “(A) Inglaterra na obra de Eça de Queiroz”. *Dicionário de Eça de Queiroz*. Organização e coordenação de A. Campos Matos. 2.ª edição, revista e aumentada. Lisboa: Editorial Caminho, 1993. 527-530.

<sup>23</sup> *O Nacional*, 207, 15 Setembro 1864: 3.

<sup>24</sup> Catherine Douthat (? -1860), jornalista, educadora e escritora. De nacionalidade francesa, casou em Portugal com Francisco Ladislau Álvares de Andrada, fundador do periódico *L’Abeille* que se publicou em Lisboa em 1836 e 1840-1843. Completamente escrito em francês do segundo número em diante, *L’Abeille*, jornal de «bom-tom», destinava-se a leitores seleccionados entre a burguesia ilustrada e os muitos estrangeiros a residir na capital lisboeta.

<sup>25</sup> *O Atheneu*, 10, 10 Março 1850: 80.

<sup>26</sup> *A Revolução de Setembro*, 2793, 19 Julho 1851: 4. D. Pedro Sebastião y Vila viria a fundar no Porto, nos inícios da década de 60, um colégio chamado Instituto Lusitano e, já em 1865, deu à estampa uma obra intitulada *Curso de Caligrafia Inglesa* (Lisboa, 1865).

<sup>27</sup> O *cricket* é apenas um dos desportos estrangeiros que Portugal importou na segunda metade do século XIX, como nos diz Rui Casção: “A segunda metade de Oitocentos foi uma época de grandes e rápidas mutações ao nível da vida quotidiana e das práticas sociais. Nela nascem e desenvolvem-se alguns dos desportos actuais — as corridas de cavalos, as regatas (vela e remo), a ginástica, o tiro, a patinagem, o *cricket*, o *lawn tennis*, a velocipédia, o futebol. Todos ou quase todos importados, eram então apenas praticados por estrangeiros e por um restrito segmento da sociedade portuguesa, constituído

por membros da aristocracia e da alta e (mais raramente) da média burguesia.”: “Vida quotidiana e sociabilidade”. *História de Portugal*. Direcção de José Mattoso. Quinto volume. *O Liberalismo (1807 — 1890)*. Lisboa: Círculo de Leitores, 1993. 541.

<sup>28</sup> Fica a dúvida quanto à tradução de “The Talisman” (in *Tales of the Crusaders*, 1825) que aqui está a ser anunciada. A de Caetano Lopes de Moura, *O Talisman, ou Ricardo na Palestina*, é feita a partir do inglês mas foi publicada em Paris em 1837, em três volumes. Anterior a ela só se conhece uma anónima, *O Talisman*, também feita com base no original inglês: o primeiro volume, contudo, veio a lume em Lisboa em 1835, sendo o segundo de 1836. Há a possibilidade de o autor desta primeira tradução ser um tal Dr. Rosas: vd. Pires 44.

<sup>29</sup> Maria Laura Bettencourt Pires põe a hipótese de o autor desta tradução ser o mesmo de *O Talisman* que saiu em 1835-36, e poder tratar-se, portanto, do Dr. Rosas referido na nota anterior (Pires 44-45).

<sup>30</sup> *An Account of the war in Portugal between Don Pedro and Don Miguel* (Londres, 1836), do almirante Charles Napier, conde do Cabo de S. Vicente, foi traduzido para a nossa língua logo no ano da sua edição inglesa, por Manuel Joaquim Pedro Codina. A notícia de *O Recreio* refere-se a uma edição da mesma obra publicada em Lisboa em 1841.

<sup>31</sup> Na verdade, a primeira parte desta tradução em prosa da obra de Byron, da autoria de José Miguel Pratt, saiu em Leiria em 1856.

<sup>32</sup> Apesar de a notícia não indicar nem o nome do autor, nem o do tradutor da referida *Memoria*, deve tratar-se da tradução do artigo “Portuguese Literature” que Robert Southey publicou em Maio de 1809 em *The Quarterly Review*. A tradução portuguesa (Hamburgo, 1809) foi feita por J.G.C.M., ou seja, João Guilherme Cristiano Müller (1752-1814), um homem de letras e ciências alemão que veio para Portugal em 1772 e aqui faleceu.

<sup>33</sup> Sousa Bastos, em *Lisboa Velha. Sessenta anos de recordações (1850 a 1910)*, refere a “Livreria inglesa do Lentos”, que só vendia obras escritas nessa língua (Bastos 174). Será a mesma livreria «Lewtas», da Rua do Arsenal, que nos fins do século XIX, princípios do século XX, era o único lugar em Lisboa que vendia jornais e livros ingleses, como afirma Moses Amzalak? (Amzalak 11-12).

<sup>34</sup> Erradamente, J. M. de Abreu atribui a autoria deste romance a Frances Trollope quando, na verdade, se trata de Anthony Trollope. É provável que a confusão se deva ao facto de o autor ser filho da romancista Frances Trollope (1780-1863).

<sup>35</sup> A referência bibliográfica completa é: Sir Thomas Livingston Mitchell (1792-1855), *The Lusiad of Luis de Camoens, closely translated. With a portrait of the Poet, a Compendium of his Life, an Index to the Principal Passages of his Poem, a View of the «Fountain of Tears», and marginal and annexed notes, original and select*. London: T. & W. Boone, 1854.

<sup>36</sup> Trata-se de Julia Pardoe (1806-1862), autora que viajou até Portugal e aqui permaneceu por quinze meses nos anos de 1826, 1827 e 1828. Dessa estada resultou uma obra intitulada *Traits and Traditions of Portugal* (1833) que foi estudada por Maria Luísa Fernandez Alves: *O Portugal de Julia Pardoe*. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica / Centro de Estudos Comparados de Línguas e Literaturas Modernas, 1989.

<sup>37</sup> *Revista Universal Lisbonense*, 7 Dezembro 1848.

<sup>38</sup> *A Ilustração Luso-Brazileira*, 12 Fevereiro 1856.

<sup>39</sup> Em 1865 o *Arquivo Contemporâneo*, no seu n.º 2, afirmava mesmo que a literatura inglesa estava na moda em França, ilustrando essa constatação com uma lista de títulos traduzidos.

<sup>40</sup> Amédée Pichot distinguiu-se como tradutor de autores ingleses e foi redactor-chefe da *Revue Britannique*. Publicou várias obras, entre elas *Essai sur lord Byron* (1825), *Beautés de lord Byron* (1838), *Galerie des personages de Shakespeare* (1843) e *L'Écolier de Walter Scott* (1860).

<sup>41</sup> A tradução de François Victor Hugo, *Oeuvres Complètes de Shakespeare*, foi publicada entre 1859 e 1866.

## Obras citadas

- Amzalak, Moses. *O intercâmbio cultural entre Portugal e a Grã-Bretanha*. Separata do *Boletim da Academia das Ciências de Lisboa*. Vol. XXX (Outubro a Dezembro de 1958). Lisboa: 1958.
- Bastos, Sousa. *Lisboa Velha. Sessenta anos de recordações (1850 a 1910)*. Lisboa: 1947.
- Brown, Lucy. *Victorian News and Newspapers*. Oxford: Clarendon Press, 1985.
- Castanheira, Maria Zulmira. “A Grã-Bretanha na imprensa periódica do Romantismo Português.” 4 vols. Dissertação de Doutoramento em Estudos Anglo-Portugueses apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. 2005.
- França, José-Augusto. *O Romantismo em Portugal. Estudo de factos socio-culturais*. 2.<sup>a</sup> edição. Lisboa: Livros Horizonte, 1993.
- Matos, A. Campos, org. e coord. *Dicionário de Eça de Queiroz*. 2.<sup>a</sup> edição, revista e aumentada. Lisboa: Editorial Caminho, 1993.
- Mattoso, José, dir. *História de Portugal*. Quinto volume. *O Liberalismo (1807-1890)*. Lisboa: Círculo de Leitores, 1993
- Pereira, A. X. da Silva. *O Jornalismo Português. Resenha chronologica de todos os periodicos portuguezes impressos e publicados no reino e no estrangeiro, desde o meiado do seculo XVII até á morte do saudoso Rei Senhor D. Luiz I; bem como dos jornaes em lingua estrangeira publicados em Portugal durante o mesmo tempo*. Lisboa: Typographia Soares, 1895.
- Pires, Maria Laura Bettencourt. *Walter Scott e o Romantismo Português*. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas/Universidade Nova de Lisboa, 1979.
- Tengarrinha, José. *História da Imprensa Periódica Portuguesa*. 2.<sup>a</sup> edição, revista e aumentada. Lisboa: Editorial Caminho, 1989.



AT ODDS AND AGAINST ALL ODDS:  
A GLIMPSE INTO THE PORTUGUESE EXPERIENCE  
IN BRITISH GUIANA, THROUGH THE EYES  
OF EDWARD JENKINS<sup>1</sup>

*Kathleen J. Mundell de Calado*  
*Universidade dos Açores*  
*CETAPS*

### **1. Immigration to British Guiana**

The territory of present-day Guyana<sup>2</sup> has undergone successive occupations since it was first inhabited. The chief settlers were the Dutch, who set up administration in the areas of Berbice, Essequibo and Demerara. They set up a polder system to protect the coastline, and began to exploit the main crop: sugarcane. Significant numbers of British saw the plantations as an attractive source of income and had already settled in the area by the end of the 18<sup>th</sup> century, forming a majority of the population of Demerara. With the Napoleonic Wars, the Dutch finally ceded the territory to the British, in 1814, and it was united under the name of British Guiana in 1831.

It may come as a surprise to some to learn that between 1835 and 1882<sup>3</sup> over thirty thousand Portuguese left for British Guiana in search of a better life. The vast majority were from Madeira, with smaller groups from the Azores, Cape Verde and Brazil. Work in British Guiana was chiefly on the large sugar plantations, which had undergone a labour crisis after the British Government abolished slavery in the colony, in 1834. Most went to Demerara, although some went to the regions of Essequibo and Berbice.<sup>4</sup> Initially the African slaves working on the plantations had to continue to work, as “apprentices”, before they were finally freed. Once the former slaves had abandoned

the plantations, the planters urgently needed to find a source of cheap labour. This was initially provided by labourers from Madeira, where, thanks to political, economic and social crises, many of the islanders were anxious for the chance to improve their living conditions.<sup>5</sup> Many among the first wave of Madeiran workers had difficulty in adapting to the inhospitable climate and the extremely harsh conditions on the plantations, and a number died.<sup>6</sup> Initially, the planters and others in authority encouraged Portuguese immigration to British Guiana, believing that it would be an advantage to increase the white population, whilst at the same time solving the labour shortage, and setting an example to the Afro-Creoles. The planters were soon impressed by their willingness to work and their good behaviour. The Madeiran emigrants, who included people of all classes even though the majority were labourers, were often accompanied by their wives and children,<sup>7</sup> which was to prove to be an important factor in the subsequent success of the Portuguese in British Guiana.

Labourers also emigrated there from other parts of Europe, such as Germany, Malta and Scotland, although not in significant numbers, and workers were also recruited from other West Indian colonies.<sup>8</sup> The Madeirans were the only Europeans who would continue to emigrate to British Guiana on a large scale. The labour shortage meant that a new source would have to be recruited, and in 1838 large numbers of indentured labourers began to arrive from India. The Indian workers, the so-called Coolies,<sup>9</sup> were given five-year indenture contracts. Like the Madeirans, many of them fell ill and even died during the early period, when living conditions were generally poor and many of the new recruits were unused to hard physical labour. Even so, Indian immigration continued, and later, Chinese immigration began, which lasted from 1851 to 1879.

Initially, Madeiran workers paid their own passages to British Guiana and were recruited independently. However, in an attempt to boost numbers, in 1841, Governor Lightfoot appointed an agent to recruit Madeirans officially, paying their passage and giving them contracts, which resulted in an increase in emigration, despite warnings from the island authorities.<sup>10</sup> Even though the early years of Portuguese emigration were not deemed a success, the exodus from Madeira continued, and the workers, once they had completed their contracts on the plantations, began to set up their own businesses. The failure of the wine harvest in Madeira helped to boost the number of emigrants. The Portuguese were resented by the Indians and Chinese because they received higher wages and

were considered to be privileged by the British. The Portuguese also met with considerable hostility from the African population, who were forced to accept lower wages on the plantations once the labour supply grew. Many of the Afro-Creoles had begun to set up their own trades, and they resented the competition from the Madeirans. Thus the Portuguese often found themselves at odds not only with the plantocracy but also with the other immigrant populations. They showed initiative and enterprise in establishing themselves independently and taking advantage of gaps in the economy. Within ten years of their arrival, the Portuguese had begun to leave the plantations and turn to peddling and shop-keeping, running almost seventy-five percent of rural shops by the 1850's.<sup>11</sup> They traded with Madeira, importing wine and traditional foodstuffs, such as codfish, and a number returned to the island and set up businesses there. The Afro-Creoles were also chiefly living in rural areas, although in poorer conditions than the Portuguese, which no doubt added to their resentment. The Chinese and Indians continued to comprise the majority of the plantation workers, but some, when they finally completed their indenture contracts, either established a living in the colony or returned to their native land.<sup>12</sup> By 1870, the year of Edward Jenkins' visit, the number of Portuguese businesses was even higher, and as well as shop keeping included the rum trade and money-lending, details of which are given both in *The Coolie* and *Lutchmee and Dilloo*, as we shall shortly see. But first let us briefly turn our attention to the author of these works.

## **2. Edward Jenkins' life, work and causes**

The British writer and politician Edward Jenkins was born on 28<sup>th</sup> July, 1838, when his parents were engaged in missionary work in Bangalore, in the southern state of Mysore, India. Most of his youth was spent in Montreal, Canada. In his early twenties, Jenkins completed his studies in law in England and became a barrister. He was particularly interested in social issues, and became a member of the Social Science Association. Written together with a fellow member, his first published work was entitled *Medical and Legal Aspects of Sanitary Reform* (1868). This work provided material for Jenkins' first novel, published anonymously under the title *Ginx's Baby* (1870), a biting satire on the condition of the working poor in London, which was later to appear in Portugal, translated by Ramalho Ortigão (1874). The novel became instantly popular in Britain, running into thirty-

eight editions within the space of seven years, and was also published in the United States and Canada, a popularity which was unmatched by any of Jenkins' other works. From 1874 to 1880, Jenkins was elected MP, and was actively involved in debates over education, social welfare and emigration, amongst others. However, despite his earnest intentions, his radical ideas and unconventional behaviour earned him few supporters. Most of his more successful writing was produced during this period, although his fame as a writer rested largely on *Ginx's Baby*. He continued to write for most of the following decade, but later suffered from paralysis, and finally died, in 1910.

In the same year that *Ginx's Baby* was first published, Jenkins was retained by the Aborigines Protection Society<sup>13</sup> and the Anti-Slavery Society<sup>14</sup> to oversee the British Guiana Coolie Commission. However, he points out:

I not only am not but never was a member of either of these associations. No one can accuse me of prejudice either way. ... I determined to form an unbiased judgement, and I claim for my opinion the weight due to impartiality. (*The Coolie* 17)

This commission was organized to investigate the conditions of indentured Indian labourers, or "Coolies", in British Guiana, after attention had been drawn to their situation by William des Voeux,<sup>15</sup> then the Administrator of Saint Lucia, who had been a stipendiary magistrate in British Guiana for five years,<sup>16</sup> and who took a special interest in colonial affairs. It seems that due to his anti-plantocracy stance, his transfer to Saint Lucia had been conveniently arranged.<sup>17</sup> In his long and detailed letter, des Voeux addresses the issue of the grievances "suffered by all classes of immigrants alike" (*The Coolie* 378). The only specific mention of the Portuguese is in Point 130 of 134 points: "The Portuguese merchants and shopkeepers, and the Creole peasant proprietors, who form the only independent class, are almost wholly illiterate, the first entirely so" (408). In the previous point he states that there are no educated men in the colony free of the planters' control. Jenkins' belief in the seriousness of this cause is made clear in his description of his day of departure: "I was going alone beyond seas for indefinite months, into strange regions, with black reputations in health matters, and on business of deep importance" (15), and he no doubt found it particularly hard to leave behind his wife and two babies. *The Coolie* was a 446 page report of Jenkins' experiences and observations, published a year after *Ginx's Baby*, by the same publisher, Alexander Strahan & Co. The author, as in *Ginx's Baby*,

is unnamed, referred to only as “the author of *Ginx’s Baby*”, although his identity was discovered shortly after the publication of *The Coolie*.

Jenkins, perhaps due to the success of his strategy in *Ginx’s Baby* of using a fictional form to draw attention to very real problems, resolved to write a novel about the situation in British Guiana, yet reminding the reader of the factual basis of the novel, by subtitling it “A Study of West Indian Life”. In the preface to *Lutchmee and Dilloo* he recognises that *The Coolie* had been too lengthy and dry for the general reading public. He also stresses the urgency of making the issues known, as they have been left largely unresolved:

Meantime I have waited, hoping that those in power whose consciences have been made alive to the necessity of action, *would act promptly and effectively*. ... But now I feel the subject to be altogether too important to let it sleep.” (28)

He later restates his intention “to disinter the real wrongs and difficulties, and to present them in an appreciable form to those who are ultimately responsible for British honour and British fame — I mean the British people” (28-29). He also stresses that he has tried to depict the lives of the labourers “with exact fidelity” (30). Jenkins not only criticises the implementation of the indenture system, but also general administration of the colony. Let us now look in a little more detail at how Jenkins deals with his subject, and especially at what he reveals of the experience of the Portuguese in British Guiana.

### **3. The Portuguese experience in *Lutchmee and Dilloo***

The story begins in Bengal, where Dilloo, unable to make a decent living, is persuaded by a recruiting agent to go to British Guiana to improve his fortunes. His wife, Lutchmee, pursued by the villain of the story, Hunoomaun, later joins her husband on the Belle Susanne plantation. Conditions on the estate and the system of indenture are described in great detail. The couple suffer much hardship and Dilloo begins to organise an armed uprising of indentured labourers. He is consumed by jealousy and ultimately turns against Lutchmee, who, unlike her husband, retains her honour and integrity. The tale ends in tragedy, as Dilloo kills his rival but is fatally wounded.

Jenkins was aware that by exposing the wrongs of the indenture system and making Indian labourers the protagonists

of his novel he was entering new ground, as he states in the preface to the work:

The field is a new one for fiction, but human nature still bears out the wisdom of the poet who declared that it does not change with clime. The loves, the hopes, the envies, jealousies and fears, the superstitions, the mutual wrongs, the goodness and wickedness of the human heart, bloom everywhere with similar blossoms, developing into the same fruits of life or death, of sorrow or of joy. (30)

He defends his choice of what might be regarded as a remote subject, reminding the reader that “happily the ties of universal brotherhood are ever drawing men closer together” (29). With the advent of post-colonial studies, the novel attracted new interest, and was published in a new edition, with an introduction by David Dabydeen, in 2003. Professor Dabydeen describes it as a “ground-breaking work, one in which the Guyanese coolie in particular and the Indian diaspora in general are for the first time in English fiction portrayed with a degree, however limited, of psychological realism and aesthetic artistry” (Jenkins 2003: 16). I suggest that the novel is also important and unique in allowing special insight into the experience of the Portuguese.

One might be led to imagine that Jenkins’ professed belief in the universality of the human condition is a sign of an enlightened attitude towards race. However, throughout the novel there is a tension between Jenkins’ rational, humanitarian thinking and his emotional response, as Jeremy Poynting comments, “Jenkins’ anxiety also grows from his own racist assumptions about the nature of the coloured races” (Poynting 5). The portrayal of the Chinese and Afro-Creoles relies largely on crude stereotype, whereas the British, Indian and, to a lesser extent, the Portuguese characters are portrayed with greater attention to detail and idiosyncrasy, and are consequently more credible.

Let us start by examining the references to the Portuguese in general. The adjective Portuguese or “Portugee”, the Creole equivalent, is used over thirty times in the novel, whereas the adjective Madeiran only occurs half a dozen times. Thus, even though the Portuguese community is mostly from Madeira, it is identified by nation/language rather than region. Early in the novel, Jenkins refers to the different elements within Guianese society<sup>18</sup> and distinguishes the Portuguese from the other whites. For example, when Lutchmee, who falls ill upon arrival, is being taken to the hospital, she is surrounded by “Blacks,

Indians, Portuguese and Whites" (64). This is an echo of the way in which the different ethnic groups were categorised by the British authorities. In the population censuses the Portuguese were placed in a separate category, outside the other categories of Whites or Europeans. On the one hand, it shows that the Portuguese presence was strong enough to merit their being considered a case apart. On the other hand, it infers that the Portuguese are viewed as not exactly European and "not quite white".<sup>19</sup> Surprisingly, this differentiation is still present in the current Guyana census, in the description of the composition of the population: "The population, therefore, comprises groups of persons with nationality backgrounds from Europe/Portugal, Africa, China, and India, with the Amerindians as the indigenous population". The same report states that "The smallest groups are the Whites (0.06 percent or 476 persons), the Portuguese (0.20 percent or 1497) and the Chinese (0.19 percent or 1396)".<sup>20</sup> Thus the notion that the Portuguese are not exactly white apparently persists even today.

Jenkins makes it clear that the Portuguese often find themselves at odds with the other sectors of society. Some of the more successful Portuguese became money-lenders, which made them generally unpopular. When planning a revolt, Dilloo is reluctant to involve Gonzales, the money-lender, seller and distributor, because he is Portuguese, stating "I do not trust those men. They make a great deal of money out of our people" (147), even though his friend Akaloo assures him that Gonzales sympathises with their cause. When Marston, the magistrate, is pressurised by Gonzales to repay a loan, he also responds with a generalisation: "these Madeirans are worse than Jews!" (120). This episode in the chapter ironically entitled "An English Justice" draws on an anecdotal case that Jenkins learned of and related in *The Coolie*, in which a Portuguese money-lender takes his debtor to court, only to discover that the defendant is also the magistrate, and Jenkins describes the dual role played by "Smith", who of course rules in his own favour (326, 327), illustrating how the Portuguese are at the mercy of the colonial legislature. This point is stressed in the aforementioned episode, when Marston reminds Gonzales "this is an English colony, and your claims are protected by English laws. Don't be too grasping my friend" (121). When Marston hears rumours of a Coolie uprising, he assumes the Portuguese will side with the British. However, Gonzales leaves him in no doubt as to the contrary, "No, sir. Portugee<sup>21</sup> will not fight against the Coolies for you English. We have some spite for you. [...] No Portugee, no black men will help you" (124). When

talking to the British, the Portuguese, Indians and Africans normally use Creole, which in itself reduces communication and accentuates both social and cultural difference between the British and the other ethnic groups, while strengthening bonds between the labourers.

In *The Coolie*, Jenkins refers to a Memorial from the Portuguese, complaining of the Magistrates' Courts, which was forwarded to the Colonial Office. This same Memorial, read before the Court of Policy, in 1870, is mentioned in Mary Noel Menezes' work *The Portuguese of Guyana*. She writes "The Memorial accused officials of the Government, the Members of the Legislature, the Magistrates and the Police, of acting in collusion with the planting interests" (150). This naturally caused a furore. The Memorial was partially rejected on the grounds that it had not been written by the Portuguese themselves, but by lawyers, namely, Mr. E. S. Carbery, barrister-at-law, assisted by Mr. Jenkins (153). As, in *The Coolie*, Edward Jenkins makes reference to "my colleague, Mr. Carbery, a young but rising barrister in the colony" (136), it seems highly likely that he was himself involved in drawing up the document on behalf of the Portuguese. A similar petition is drawn up by the Coolies, in Chapter XXXIV of *Lutchmee and Dilloo*, and submitted by a Welsh attorney, Mr. Williams, and meets with a similar reaction from the Governor and the planters, who conclude that

The whole thing has been concocted between that rascally little Portugee [Gonzales] and that sneaking attorney. If their houses are not burned down by tomorrow night, it won't be because they don't deserve it. (228)

Williams is not attacked physically, but is regarded as a traitor. Mr. Ingledew, "one of the wealthiest and ablest agents in the colony", raises "the question of the course which it is our duty to pursue with the unpatriotic, unnatural, and revolutionary conduct of — I blush while I allude to his origin — that *white man* Williams" (228). Here Jenkins is clearly condemning this racist attitude. Gonzales is not considered to be in the same category, and is brutally attacked and whipped by "a ruffianly-looking manager from the Arabian coast, whose name was Harris" (228), in sight of the Britons in the Georgetown Club, who give the assailant a standing ovation. The narrator then comments:

The Portuguese was well known and respected by his countrymen, and never had the few British residents of the colony been in

more fearful peril than on that night, — not from their suspected Coolies, but from the incensed and fiery Portuguese who thronged the streets. (232)

However, Jenkins writes a footnote stating that a similar incident had happened in Mauritius, but no such event had occurred in Georgetown, adding, somewhat ironically, “I speak from a fortunate experience when I say that I hope it was practically impossible among the men who used to frequent that institution when I was there” (232). However, the detailed information given, namely, that the petition had been “secretly been drawn up by a trustworthy person, a lawyer” (148) and that it had cost twenty dollars, again suggests Jenkins is drawing on personal experience.

Jenkins occasionally intrudes upon the narrative and directly presents his own opinion, such as when he criticises the attitudes and behaviour of the plantocracy:

Out of one hundred and fifty thousand inhabitants, it was a pleasant illusion of these gentlemen [the planting community] to think that a few hundred whites constituted ‘The People!’ Blacks, Madeirans, Coolies, all swarming in tens of thousands, what were they? Why, they were machines to make money for the people of Demerara — to provide cheap sugar to the world in general, and plenty of profit to speculating Britons in particular. ... If you can only manage to put your conscience in your pocket, can you not be a most comfortable and honest thief, or a most gracious and gentlemanly scoundrel? (288)

At another point in the novel, he refers to “the Negroes and Portuguese who form the real ‘people’ of the colony”, implying that the British have a false notion of their own importance (209). However, he also distinguishes between the two groups, referring to the laziness of the Afro-Creoles, in contrast with the industriousness of the Portuguese.

Jenkins, despite recognising the importance of being able to see beyond the barriers of race, and often condemning racist attitudes in the British, is often very clearly racist, such as in his depiction of the Afro-Creoles and the Chinese, who tend to be portrayed through crude caricature. The characterisation of Sarcophagus, the Creole servant of the magistrate, Mr. Marston, is particularly demeaning, especially in the allusions to his mental capacities: “You could explain more to him by signs than by words. If you tossed him a bundle of words, he used them as a gorilla would use a bundle of sticks” (134). The

descriptions of the Chinese are equally deprecatory, such as that of the gambling-house owner, Chin-a-foo, who has:

a face it would be a work of art to describe. ... It seemed to have been crumpled and kneaded and flattened by one of the grotesque idol-makers of his own country into the nearest possible resemblance to a broken-nosed monkey. (106)

Jenkins apparently regards the Afro-Creole and Chinese characters in the novel as a means of providing comic relief to counterbalance the descriptions of the inhumane living and working conditions on the plantations.

Jenkins gives great importance to physiognomy and build as a sign of character. Those characters with positive qualities tend to have lighter skins, smoother complexions, the men tall and well built and the women delicate and graceful with finely drawn features. The Indian characters range from the beautiful, fair-skinned Lutchmee to the black-toothed harlot, Ramdoolah. Lutchmee's name suggests that of the Hindu goddess Lakshmi, or Luxmi, who is associated with numerous noble qualities, such as beauty, grace, wisdom, courage, fertility and wealth. Lutchmee has "a light-brown oval face, with its regular eyes, arched eyebrows, delicately chiselled nostrils and well-turned mouth and chin" (31) and "the delicate mould of her form" was "displayed ... in all its grace, liveness and perfection" (31). Similarly, Dilloo is "of unusually fine development" (33), contrasting with the villain, Hunoomaun:

a tall, powerfully-built man, of extreme darkness of skin, with a shaggy head of hair and a moustache and beard that added their bristly terrors to a face naturally ugly and deeply pitted with small-pox. (32)

Craig, the Scottish overseer, described as being "as superior to the rest in tone and manner as he was in appearance" (84) is very tall, broad shouldered, blue eyed and blonde. Craig appears to match Jenkins' ideal of a colonial administrator, perceptive, shrewd, honest and sensitive to the problems of the labourers, unlike the unscrupulous Drummond, the estate manager of Belle Suzanne.

Let us now consider the portrayal of the three Portuguese characters in the novel. The first to appear is Martinho, the hospital overseer, introduced as "the son of an Englishwoman by a Madeiran father" (82), and "he of Portuguese blood, a lithe, dark, small-faced fellow" (85). Martinho's British descent

is ignored; the reference to his mother is perhaps simply a ploy to justify his being able to speak English. The term “fellow” is widely used to refer to the non-British characters, whereas the British are predominantly referred to as “gentlemen”, even though the latter term is sometimes employed ironically. Jenkins refers to the hard lot of the overseers: “their life was the most penal that could be devised for any man who is not a slave or a prisoner” (82), but later refers to them, with the exception of Craig, with whom Martinho is often unfavourably compared, as:

that low type of Briton and half-breed, common in tropical latitudes; their morality was only restrained by the capacity of their desires, or by considerations of opportunity and safety. Craig ... could scarcely govern his repugnance to the language, ideas and acts of his fellow-overseers. (85)

Martinho is portrayed as having limited respect, especially for those working under him, and low moral standards. Nonetheless, he is entrusted with a post of authority, and is therefore in a more privileged position than the regular workers.

Of the Portuguese characters, Gonzales is the most fully drawn. He is an example of one of the most successful Portuguese immigrants, who has achieved independence and has learned how to exploit the system to the full. The Portuguese became famous for small-scale retail businesses, but Gonzales controls business throughout the colony, as we see when he declares “I travel all over the colony: I know every estate. All Coolie shopkeepers buy my goods” (123) and we later learn that he has “a sort of Coolie agent on each estate ... to extract rum from the puncheons or to help to sell it” (279). This enables him to know exactly what is happening throughout the colony. He deals with all sectors of the community, which not only results in financial gain but gives him social power and status. He is owed money by the magistrate, Mr. Marston, and also lends to the Indians. However, it is pointed out that when they have been in need, he has been particularly helpful in aiding the Indians, and after he is assaulted, not only the Portuguese but also members of the Indian community show their solidarity with him. Gonzales frequently complains about the high taxes levied on the goods he imports and sells: “Planters’ goods, machines, guano, hogs-heads, all come in for nothing; but Coolie rice, ghee, salt-fish, American pork, rum, everything we eat and drink, heavy duty” (22). These facts are substantiated by statistics cited in *The Coolie* (84, 85), to which Jenkins adds the comment that “the

unequal weight of taxation is plain enough" (footnote, 85), showing that his sympathies lie with the Portuguese.

The characterisation of Gonzales also gives some hints as to the traits Jenkins associates with the Portuguese. Marston refers to him as "that valiant but ignoble Portuguese", a citation from Thomas Kyd's *The Spanish Tragedy*, an Elizabethan revenge tragedy. Revenge is in fact one of the major themes of *Lutchmee and Dilloo*. Gonzales is portrayed as clever and calculating, able to turn situations to his own advantage, such as when he persuades Marston to repay his loan, by warning him of an imminent uprising. Gonzales has an affable nature, and is candid and direct in his approach. He openly admits to the magistrate of cheating both the authorities and his clients, but justifies his actions, complaining that "This planters' government swindles me at every turn!" (121). He gives the precise amount of tax he pays for spirit licences, which he is forced to water down to make a profit, namely five thousand dollars in Georgetown and twelve hundred dollars at Berbice. This example not only proves how the administration take advantage of the Portuguese traders, but shows how affluent Gonzales has become. He also admits to "hiding" his money in America, in order to avoid higher taxation. Gonzales speaks a mixture of English and Creole. He frequently uses the interjection "eh?" which is presumably Jenkins' attempt to imitate the Portuguese "é?" Physically Gonzales is described as "a short, sturdy man", with "straight hair, dark eyes, and brown face, with the ruddy tint in his cheeks" (121), suggesting that he is fond of drink. He is an acute observer and quickly notices Marston's daughter's interest in Craig, commenting on the fact: "the young lady perhaps likes him. No? Pardon. Ah, you English are very funny about those things!" (123). Marston is peeved by what he regards as Gonzales' impropriety and over-familiarity, whereas Gonzales mocks Marston's prudishness and aloofness. This illustrates Jenkins' capacity to provide both perspectives, rather than simply presenting the British point of view. Jenkins sums up Gonzales with the comment that he "was as queer a mixture of cunning and good-heartedness as could be found among the wonderful variety of incongruous natures in this medley of a world" (124). Despite his reservations, he portrays Gonzales in a largely positive light.

The third Portuguese character to appear in the novel is the Roman Catholic Bishop Carvalho, who intervenes after Gonzales is attacked by Harris and complains to Mr. Walsingham, the governor of the colony.<sup>22</sup> The Governor still feared reprisals from the Portuguese because of the attack and his "manner

under the influence of the Bishop's eye was not as candid and easy as might, for the sake of his English blood, have been desired" (291). Both in the case of Gonzales and the Bishop, dialogue is a primary means of revealing character. The Bishop speaks English, and manipulates the conversation skilfully and politely to achieve his aims, namely, to resolve a longstanding issue over the inheritance of an estate by the Roman Catholic Church, which the British authorities tried to hamper over a legal technicality. "The Bishop externally looked the picture of polite credulity, but his words were sharper than a two-edged sword" (293). The long conversation reveals the Bishop's strong influence over the Portuguese, whom, the Bishop says, have only restrained themselves due to his "very strong counsels and injunctions" (291). He finally succeeds in obtaining the Governor's assurance that the matter of the estate will be dealt with by the following day, and Harris is arrested for the assault on Gonzales. In return, the Portuguese are to be pacified by the Bishop. Even though this is only a short, anecdotal episode within the story, the contrast between the Governor and the Bishop paints the Portuguese in a far more favourable light than the British. The dialogue between Gonzales and Marston is rather similar to that between Bishop Carvalho and the Governor: in both cases the Portuguese are charming but wily, and both quickly gain the upper hand against figures in authority.

### **Final Remarks**

Through his two works on British Guiana, Jenkins not only provides invaluable historical information on the indenture system but also reveals much about the struggles to assert their identity by the various ethnic groups, including the Portuguese. When the Portuguese arrived in the colony, the odds were hardly in their favour. They had to adapt to the hostile climate and wretched conditions on the plantations, to overcome barriers of language and cultural differences, to maintain their religious beliefs and traditions and to retain a community spirit even when divided and sent to different estates. They often found themselves at odds with others, especially as they began to forge a more independent lifestyle, but they also earned recognition for their hard work and enterprise. Even though Jenkins' prime concern is to investigate the situation of Indian labourers, he shows great interest in the Portuguese, and he apparently draws on first-hand experience in his depiction of

the Portuguese community and individual characters. Each of the three Portuguese characters in his novel displays different characteristics, both positive and negative, revealing a degree of depth and complexity, even though they are secondary to the plot. Jenkins' admiration for the tenacity and enterprising spirit of the Portuguese is summed up clearly in *The Coolie*, when he describes the history of the Portuguese in the colony as "remarkable". He refers to their initiative in leaving the plantations and taking to hawking and retail dealing, commenting that "the colony found itself endowed ... with a frugal, orderly and intelligent race of small shop-keepers; a great boon to the labouring classes, and a great advantage to all" (422). He refers to the fact that, although only a few made fortunes, the majority were on the rise, and "that public opinion in the colony regards them as useful, if not indispensable members of the community" (423). And so we see how, even though they were often at odds both with the British and with other immigrant groups, the Portuguese in nineteenth century British Guiana ultimately thrived, against all odds.

---

<sup>1</sup> This article results largely from the work I am currently engaged in towards my doctoral thesis in Comparative Literature/ Translation Problems, under the supervision of Professor Gabriela Gândara Terenas.

<sup>2</sup> British Guiana was renamed Guyana when it gained independence in May, 1966; it became a republic in 1970.

<sup>3</sup> 1882 was the year in which Portuguese emigration officially ended. See Menezes 1994: 50.

<sup>4</sup> See Ferreira 2006.

<sup>5</sup> See Menezes 1994: 19.

<sup>6</sup> Exact numbers are unknown, but Jenkins suggests a tenth died annually (1871:422).

<sup>7</sup> See Menezes 1994: 22.

<sup>8</sup> *Idem*: 19.

<sup>9</sup> A historical term for manual workers of Asian origin, which became increasingly racist in usage.

<sup>10</sup> See Menezes 1994: 20-21.

<sup>11</sup> *Idem*: 29-30.

<sup>12</sup> The legal system, which protected planter interests, induced the workers to extend their contracts.

<sup>13</sup> This society was founded in 1837 to protect the wellbeing and rights of indigenous populations in the colonies.

<sup>14</sup> Founded in 1839, following the abolition of slavery in the British Empire, the goal of the first Anti-Slavery Society which was founded in 1823, this new society of the same name aimed to abolish slavery worldwide. It merged with the Aborigines Protection Society in 1909 to become the Anti-Slavery and Aborigines' Protection Society, which in 1990 changed its name to Anti-Slavery International. Bodleian Library, Papers of the Anti-Slavery Society: *History*, 24 Nov. 2008, accessed 2 Feb. 2010 at <http://www.bodleian.ox.ac.uk/dept/scwmss/wmss/online/blcas/anti-slavery-society.html>.

<sup>15</sup> Des Voeux's letter is reproduced in Appendix A, p.377, of *The Coolie*.

<sup>16</sup> Jenkins 1871: 12. Des Voeux later became governor of Fiji, Newfoundland and Hong Kong, successively.

<sup>17</sup> See information on Des Voeux at <http://www.guyana.org/features/guyanas-tory/chapter63.html>.

<sup>18</sup> Jenkins makes no reference to the indigenous peoples in the colony (such as the Warau, the Arawak, the Carib, in coastal areas, and the Wapisiana, Makusi and Arekuna, in the interior), although he does describe the exotic appearance of the aboriginal Indians who enter Georgetown to barter, in *The Coolie* (36).

<sup>19</sup> The title of an article by Miguel Vale de Almeida with respect to the Portuguese in former British colonies.

<sup>20</sup> See Ch. 2, page 1, at [http://www.statisticsguyana.gov.gy/pubs/Chapter2\\_Population\\_Composition.pdf](http://www.statisticsguyana.gov.gy/pubs/Chapter2_Population_Composition.pdf).

<sup>21</sup> The Creole term for Portuguese.

<sup>22</sup> In fact, the diocese during that period was under Bishop James Etheridge, who was the first to bring Portuguese-speaking priests to British Guiana, which was extremely important for the Portuguese community there. For details of the history of the Roman Catholic Church in Guyana see the article by Prof. M. N. Menezes at <http://www.guyanaundersiege.com/Cultura/Madeiram%20Portuguese%20in%20Guyana.htm>.

## BIBLIOGRAPHY

Almeida, Miguel Vale de. "‘Not quite white’: Portuguese people in the margins of Lusotropicalism, the Luso-Afro-Brazilian space, and Lusophony". Paper given at the Colloquium "António Vieira and the futures of Luso-Afro-Brazilian studies", The Centre for Portuguese Studies and Culture, University of Massachusetts, Dartmouth, USA, 2-3 May 2008, Web. 8 April 2010.

Ferreira, Jo-Anne S. "Madeiran Portuguese Migration to Guyana, St. Vincent, Antiqua and Trinidad: A Comparative Overview". *Portuguese Studies Review* 14 (2) (2006/7): 63-85. Web. 15 May 2010.

Ishmael, Odeen. "The Guyana Story", Chapters 44-65. 2005: n. p. at Guyana News and Information. Web. May 2010.

Jenkins, Edward, and Alexander P. Stewart. *Medical and Legal Aspects of Sanitary Reform*. London: R. Hardwicke, 1867. Internet Archive 2009. Web. June 2009.

Jenkins, Edward. *Ginx's Baby: His Birth and Other Misfortunes*. 6<sup>th</sup> ed. London: Strahan & Co., 1871. (1<sup>st</sup> ed.: 1870)

---. *The Coolie, His Rights and Wrongs*. London, Strahan & Co., 1871, Internet Archive 2007. Web. April 2009.

---. *Lutchmee and Dilloo*. London, William Mullan & Son, 3 vol. 1877, Internet Archive 2009 Web. November 2009.

---. *Lutchmee and Dilloo*. Oxford, Malaysia/Caribbean: Macmillan, 2003, with an Introduction by David Dabydeen.

Menezes, Mary Noel, R.S.M., *The Portuguese of Guyana: A study in Culture and Conflict*. London, N. Menezes, 1994.

- . "Some preliminary thoughts on Portuguese emigration from Madeira to British Guiana". Starbroek, 07/05/2000 at Guyana News and Information, 1995-2010: n.p. Web. 20 March 2010.
- Poynting, Jeremy, "John Edward Jenkins and the Imperial Conscience". *The Journal of Commonwealth Literature* (1986). [Copy graciously provided by the author]
- Ortigão, J. D. Ramalho (trad.). *Ginx's Baby, O Engeitado. Seu Nascimento e Mais Desastres*. 2 vol. Porto: Imprensa Portuguesa, 1874.

GÉNESE DE UMA CIÊNCIA:  
O LEGADO DOUTRINÁRIO BRITÂNICO  
E A ECONOMIA POLÍTICA NO PORTUGAL OITOCENTISTA<sup>1</sup>

*Iolanda Ramos*  
*Universidade Nova de Lisboa*  
*CETAPS*

O pensamento económico, cuja prática mais alargada se identifica na cultura ocidental com o desenvolvimento do capitalismo, suscitou desde sempre debates acesos sobre questões éticas — reavivadas na actual conjuntura de crise financeira a nível mundial. Nas últimas décadas do século XIX, uma época igualmente abalada por convulsões a todos os níveis, a abordagem do corpo doutrinário identificado como economia política revelou uma forte dualidade, que se expressou tanto nos juízos apologéticos como críticos, patentes em diversos autores. O novo deus ou dogma do progresso material foi também contestado de forma ambivalente, o que nos faz lembrar as célebres palavras de Marco António no funeral de Júlio César, imortalizadas por Shakespeare — “I come to bury Caesar, not to praise him” (*Julius Caesar*) — por se tratar de um estratagemma que a personagem habilmente utilizou para, na realidade, fazer o elogio de César.

O presente artigo propõe-se abordar a génese da economia política como ciência, sendo principal objectivo tecer algumas considerações sobre o modo como esse corpo doutrinário se desenvolveu no contexto social e político. A análise que aqui se apresenta, de modo algum exaustiva, incide sobre três tópicos, a saber, o sucesso de uma “ciência inglesa” e a sua evolução na Grã-Bretanha até finais do século XIX, a génese e breve historial da economia política e, por último, a situação em Portugal e as tendências económicas oitocentistas.

## 1. O sucesso de uma “ciência inglesa”

Nas últimas décadas do séc. XIX, a contribuição ímpar da Grã-Bretanha para o desenvolvimento da ciência económica era reivindicada com grande orgulho. Atente-se nas palavras de John Elliot Cairnes, seguidor da Escola Económica Clássica, numa palestra proferida em 1870:

Great Britain, if not the birthplace of Political Economy, has at least been its early home, as well as the scene of the most signal triumphs of its manhood. Every great step in the progress of economic science (I do not think an important exception can be named) has been won by English thinkers; and while we have led the van in economic speculation, we have also been the first to apply with boldness our theories to practice. Our foreign trade, our colonial policy, our fiscal system, each has in turn been reconstructed from the foundation upwards under the inspiration of economic ideas; and the population and the commerce of the country, responding to the impulse given by the new principles operating through those changes, have within a century multiplied themselves manifold. (Cairnes 252)

Uma definição elementar, retirada do *Oxford Dictionary*, identifica “political economy” com “the study of how nations organize the production and use of wealth”. A Grã-Bretanha vitoriana era, indiscutivelmente, para a maioria dos cidadãos, uma nação rica. Devido ao facto de ter liderado a Revolução Industrial, tinha-se distanciado dos outros países europeus e marcado a diferença em relação às respectivas economias. Na verdade, o elo entre o avanço científico e o sucesso industrial e comercial apresentava-se como uma evidência. O êxito na esfera prática, por seu turno, remetia para a confiança no domínio teórico, ou seja, abalizava os textos e as propostas dos economistas britânicos. O facto de a economia política lidar com questões da ordem do dia em debates públicos, como os preços dos alimentos, as causas da pobreza, os impostos e a instabilidade monetária, entre outras, fez que o tema não pudesse ser ignorado, mesmo por aqueles que, sobretudo a partir da segunda metade do século XIX, encaravam os seus resultados como nefastos para o verdadeiro progresso cultural da nação (Ramos).

Ao debruçarmo-nos sobre a génese e a evolução do pensamento económico, importa realçar que vários autores continentais começaram, por seu turno, a formular alternativas à versão inglesa da economia política, de modo a que as propostas se

adaptassem de forma mais específica às respectivas circunstâncias nacionais. Na verdade, a *Englishness* da ciência econômica, baseada nas peculiaridades da posição única da Grã-Bretanha como a primeira das nações industrializadas, tornou-se o seu ponto fraco na viragem do século XIX para o século XX.

As circunstâncias de declínio econômico face a potências emergentes, como a Alemanha e os Estados Unidos, favoreceram um amplo debate entre opiniões diversas, que se reflectiu na fundação em 1890 da *British Economic Association*, rebaptizada como *Royal Economic Society*. Além disso, periódicos como o *Economic Journal* e a *Economic Review* dedicaram-se, de modo complementar, às matérias econômicas.

A título de exemplo, evoque-se a tomada de posição de Walter Bagehot, director da muito influente revista *The Economist* na década de 60. Na sua obra *Economic Studies*, publicada postumamente em 1880, uma vez que Bagehot tinha falecido três anos antes, resumiu esta tendência contra a ciência “inglesa”, inserindo-a numa conjuntura econômica e política de insularidade:

No theory, economical or political, can now be both insular and secure; foreign thoughts come soon and trouble us; there will always be doubt here as to what is only believed here. ... There are, no doubt, obvious reasons why English Political Economy should be thus unpopular out of England. It is known everywhere as the theory “of Free-trade,” and out of England Free-trade is almost everywhere unpopular. ... More competent persons, indeed, have understood that English Political Economists are not speaking of real men, but of imaginary ones; not of men as we see them, but of men as it is convenient to us to suppose they are. (Bagehot 3-5)

No Prefácio à 2.<sup>a</sup> edição de *Theory of Political Economy*, publicada em 1879 — a 1.<sup>a</sup> edição datava de 1871 — William Stanley Jevons já tinha afirmado: “It would be as well to discard, and as quickly as possible, the old troublesome double-worded name of our Science” (*apud* Winch 565). Acrescente-se, porém, que a mudança da nomenclatura de “economia política” para “economia” como sinónimo de “ciência econômica” só se difundiu a partir de 1890, quando o britânico Alfred Marshall publicou *Principles of Economics*, dissociando a nova matéria do antigo legado doutrinário e político da Escola Econômica Clássica (Louçã 64-66).

Com efeito, ao longo do período inicial, médio e tardio da era vitoriana, muitas foram as vozes que se levantaram contra os pressupostos do liberalismo e do utilitarismo, que contribuía-

a seu ver, para a fragmentação da sociedade. Carlyle imortalizou o epíteto “dismal science”, ou seja, “ciência sinistra” ao aplicá-lo à economia política; Ruskin foi incansável na denúncia da “Britannia of the Market”; Disraeli cunhou a expressão “the two nations” para evocar a clivagem entre ricos e pobres, e a consequente presença de dois mundos diametralmente opostos embora co-existissem na mesma realidade nacional.

Importa ressaltar que os críticos do *laissez-faire*, fruto do advento do capitalismo, não se opunham ao desenvolvimento económico propriamente dito. A sua indignação dirigia-se contra o afastamento da economia política em relação ao modelo tradicionalista de “economia moral”. Os objectores da Escola Económica Clássica identificavam-na como uma mera “mercantile economy” por estar desprovida, segundo eles, da vertente ética, e por esse motivo não a reconheciam como uma verdadeira “political economy”, embora ela fosse divulgada como clássica, o que lhe conferia à partida um cunho de respeitabilidade.

De acordo com os padrões tradicionais, o culto da riqueza é incompatível com os preceitos religiosos. O Antigo Testamento condena veementemente a adoração aos falsos deuses de Mammon, isto é, da riqueza, e o Evangelho segundo S. Mateus explicita que “ninguém pode servir a dois senhores, não se pode servir a Deus e às riquezas”. A ética protestante, contudo, como salientou Max Weber, conciliou a vertente espiritual e material. Na verdade, a neo-puritana Grã-Bretanha oitocentista dignificou os valores burgueses relacionados com o *self-help*, ou seja, com o espírito de iniciativa e a capacidade de auto-suficiência, desenvolvendo amplamente a apologia do “evangelho do trabalho e da riqueza”. Na sua obra *Public Moralists: Political Thought and Intellectual Life in Britain, 1850-1930*, Stefan Collini sustentou que “only political economy could seem to rival jurisprudence as an established ‘moral science’ by the middle of the nineteenth century” (Collini 254).

## **2. A génese da economia política**

A economia é indiscutivelmente um fenómeno plural e permite traçar um “mapa das ideias” que remonta a um amplo quadro de reflexão ética, religiosa e política (Louçã 49-77). A interpretação de pendor moralista (Ramos 186-189) radica, de facto, nos autores clássicos. Embora a economia não fosse considerada um ramo do saber *per se* nem tivesse uma designação própria até ao século XVII, época em que se iniciou a

reflexão sobre os sistemas económicos, o seu historial remonta à Antiguidade. Conceitos como riqueza, utilidade, economia doméstica, posse de escravos e divisão do trabalho constituíram amplo objecto de debate e de estudo em textos legislativos, na medida em que testemunhavam a existência de conflitos entre a aristocracia agrária e uma classe comercial ascendente. Note-se, de resto, que ainda hoje a disciplina de Economia Política é leccionada em cursos de Direito.

Para os filósofos Gregos, como Platão, Xenofonte e Aristóteles, a economia apresentava-se como um dos ramos da política, que por sua vez tinha por objectivo o aperfeiçoamento da sociedade. Por conseguinte, a economia era indissociável da ética visto que concebia a riqueza não como uma mais-valia de um indivíduo para proveito próprio, nem como um fim por si mesmo, mas como um meio através do qual todos os indivíduos poderiam contribuir para o desenvolvimento de uma sociedade melhor. A Idade Média assistiu à constituição dos núcleos urbanos e ao desenvolvimento das actividades comerciais. Com a consolidação da estrutura da Igreja, vai-se organizando uma teoria económica dependente dos ensinamentos da Sagrada Escritura e, por conseguinte, da moral religiosa.

O Renascimento, por seu turno, assistiu a uma diminuição do interesse ético nos assuntos económicos, acompanhada pelo desenvolvimento e intensificação da actividade mercantil, em consequência dos descobrimentos geográficos e da abertura de novas rotas. As práticas económicas correspondiam aos preceitos do sistema proteccionista e da teoria mercantilista. O termo “economia política” terá sido usado pela primeira vez por Antoine de Monchréstien num volume de 1613, para descrever o estudo dos problemas dos principados que, nos finais da Idade Média, substituíram na Europa a ordem política eclesiástico-feudal. Na língua inglesa, a designação foi divulgada pela obra de James Steuart, *Inquiry into the Principles of Political Economy* (1767).

Ao longo dos séculos XVII e XVIII, o desenvolvimento da ciência fez-se sentir com grande peso no cultivo da filosofia política, ao procurar estabelecer não só leis científicas que regessem o comportamento humano, mas também normas universais que se aplicassem a todas as nações. A economia política figurava assim entre as diversas ciências sociais que se foram desenvolvendo e se tornaram autónomas. Com efeito, o estudo das leis no domínio dos fenómenos naturais prenunciava a procura das causalidades na ordem social. Impõe-se sublinhar que Adam Smith, o autor de *The Wealth of Nations*, era professor de Filosofia Moral na Universidade de Edimburgo, e que o seu relato dos princípios subjacentes às causas da riqueza das nações

foi escrito no contexto de uma economia bastante atrasada — a da Escócia.

Há ainda que salientar outro aspecto. A principal preocupação dos economistas sempre tinha sido determinar qual era a origem da riqueza. Para os mercantilistas, a fonte da riqueza residia no comércio, enquanto que para os fisiocratas se encontrava na agricultura. Das teorias de Adam Smith decorre a ideia de que a riqueza anual da nação é fruto do trabalho, de um trabalho comum, em que todas as classes sociais colaboram.

Ao contrário do que sucedeu na maior parte dos países continentais, a tradição britânica da teoria económica não se confinou a iniciativas de ordem intelectual e académica, apesar de estas terem desempenhado um papel fulcral no meio científico. Nos finais do século XVIII, foi sugerido que o estudo da economia política passasse a integrar o currículo das universidades inglesas. Contudo, pode dizer-se que a proposta deu poucos frutos, exceptuando a realização de algumas palestras isoladas, até que, em 1825, Nassau-William Senior ocupou a *Drummond Chair*, uma cátedra de Economia Política em Oxford, tendo John Ramsay McCulloch alcançado posição equivalente no *University College*, em Londres, dois anos depois. Porém, nenhum destes exercícios foi duradouro e nenhuma figura de relevo da economia política clássica inglesa ocupou cargos universitários.

Com efeito, entre os maiores vultos do pensamento económico britânico encontram-se o clérigo Thomas Malthus, o banqueiro Henry Thornton, e o corretor de bolsa David Ricardo, que em 1817 publicou *Principles of Political Economy* com tal sucesso que a versão ricardiana da economia política acabou por triunfar sobre interpretações suas rivais, sobretudo graças a um vasto número de adeptos, com destaque para os seguidores da Escola de Manchester, a principal impulsionadora das doutrinas de *laissez-faire*, mas também graças ao facto de ter sido divulgada de forma semipopular através de artigos na *Edinburgh Review*, na *Westminster Review* e até na *Encyclopaedia Britannica*.

Embora o segredo do sucesso da economia política e da sua divulgação na vida pública britânica, durante o primeiro quartel do século XIX, ultrapassasse o âmbito das universidades, estas constituíram o espaço privilegiado de transmissão dos princípios económicos a futuros jornalistas, comentadores e políticos, entre os quais se incluíam James Mill e Henry Brougham.

A Escócia, território-natal de Adam Smith, como foi supra-referido, desempenhou um papel preponderante na consolidação académica e científica das propostas da Escola Económica Clássica. A crença calvinista no esforço individual e no direito à diferença, como motores de eleição divina e de excelência

humana, marcaram o prolífero Iluminismo escocês. Dugald Stewart, professor de Filosofia Moral e antigo aluno de Smith, destacou-se como autor de inúmeras palestras sobre economia política e como uma das figuras mais marcantes da Universidade de Edimburgo. A sua influência fez-se sentir, por exemplo, na criação em 1802 da respeitada *Edinburgh Review* por Sydney Smith, Francis Jeffrey e Francis Horner, seus antigos alunos. Ao contactar com artigos regulares na imprensa, muitas vezes dedicados ao comentário e transcrição de excertos de diversos manuais e tratados teóricos, a opinião pública começou a estar familiarizada com os preceitos da ciência da economia política.

### **3. A situação em Portugal**

Os periódicos constituem uma fonte fidedigna e um manancial de informações relevantes para a análise da recepção portuguesa do pensamento britânico.<sup>2</sup> No tocante à matéria económica, existem importantes ecos do pensamento de Adam Smith na imprensa portuguesa da segunda metade do séc. XIX. São de destacar igualmente as referências a David Ricardo, cujas teorias económicas foram objecto de grande destaque na Grã-Bretanha, como foi supramencionado. Penso que terá sido possível confirmar que os comentadores portugueses estavam cientes do impacte da sua obra, e coloca-se até a questão de saber, apenas a título de curiosidade, se tinham conhecimento e se fizeram menção à sua ascendência luso-judaica, que, obviamente, não tinha interesse de maior para os seus contemporâneos britânicos mas que poderia suscitar algum comentário por parte dos portugueses.<sup>3</sup>

A recepção do pensamento económico britânico deve também ser procurada nos próprios textos dos pensadores e economistas nacionais. Nas publicações da Academia Real das Ciências de Lisboa, no período compreendido entre 1789 e 1816, o mercantilismo ainda se fazia sentir nos escritos de José Veríssimo Álvares da Silva, D. Rodrigo de Sousa Coutinho e D. Luís da Cunha, tal como a fisiocracia ainda encontrava eco nos textos de António de Araújo Travassos, José Joaquim Soares de Barros e Joaquim José Rodrigues de Brito.

Todavia, em termos gerais, para os europeus que desejavam emular os êxitos britânicos, a economia política, definida em 1915 pelo analista Ernest Barker como “the most peculiarly English study” (Barker 14), era encarada como a ideologia da libertação económica e da modernização. Por esse motivo, os seus admiradores surgiram quer nos países do norte, quer nos

países meridionais, que apresentavam uma economia menos desenvolvida e nos quais Portugal se integrava.

Atente-se no caso português, tendo como ponto de referência José Frederico Laranjo, por ser considerado o fundador da história das doutrinas económicas em Portugal (Cardoso). Terá sido igualmente o primeiro economista nacional a fazer uma leitura séria da obra de Marx, *O Capital*, que muito o influenciou, embora sem o ter convertido ao marxismo (Fonseca 11).<sup>4</sup>

Reformador social convicto, viveu entre 1846 e 1910, foi lente catedrático de Direito na Universidade de Coimbra e em 1879 foi eleito deputado progressista por Portalegre. Foi também autor de *Princípios de Economia Política*, uma obra iniciada em 1878 e publicada em 1883 — e note-se que utiliza a designação convencional de economia política. Em nove estudos intitulados “Economistas Portugueses”, compostos para a revista conimbricense *O Instituto*,<sup>5</sup> abordou de forma crítica os nomes mais representativos do mercantilismo, da fisiocracia e da economia liberal clássica, bem como os seus equivalentes portugueses.

Com efeito, o historial levado a cabo por Laranjo permite acompanhar a evolução e a articulação das teorias económicas e políticas coevas (Laranjo 45, 63, 69).<sup>6</sup> Em 1834, na introdução a *Instituições de Economia Política*, José Ferreira Borges, um dos promotores da revolução liberal de 1820, que esteve emigrado em Londres desde 1823 por um período de dez anos, apelava aos seus contemporâneos e conterrâneos que reconhecessem a importância do estudo da economia política:

Nenhuma nação [é] mais carecedora do estudo e ensino desta ciência do que o nosso Portugal e o Brasil. Nenhum destes dois países saiu ainda da *primeira* época da divisão do trabalho: a subdivisão é-lhes absolutamente desconhecida ainda. (*apud* Fonseca 13, itálico no original)

Para além deste autor, os ventos da mudança proposta pelo liberalismo produziram frutos nas obras de Manuel de Almeida, responsável pelo *Compêndio de Economia Política*, publicado em 1821 — acrescenta-se que este constituiu o primeiro tratado português destinado ao ensino da disciplina nas Universidades de Lisboa, Coimbra e Porto, iniciado na época. É de destacar, igualmente, a acção de José da Silva Lisboa, responsável pela primeira tradução portuguesa da obra *The Wealth of Nations*, de Adam Smith, popularizado como Adão Smith, em 1812 (Laranjo 78). Dois dos economistas mais respeitados foram José Acúrcio das Neves, cujas obras foram publicadas entre 1814 e 1830, tendo expressado o aviso “acautelem-se os fracos nas convenções com

os fortes” (*ibid.*: 89, 92), e José Joaquim Rodrigues de Freitas, republicano, professor de Economia Política na Academia Politécnica do Porto, que sustentava que o liberalismo económico de Smith era compatível com o socialismo.

Entre outras figuras proeminentes contavam-se António da Silva Pereira Magalhães, José Júlio de Oliveira Pinto e Adrião Pereira Forjaz de Sampaio, para não falar de Francisco Solano Constâncio, um estrangeirado que residiu durante muitos anos em Inglaterra e França, amigo de Jean-Baptiste Say e tradutor para francês (Laranjo 81) de *Principles of Political Economy* (1820) de Malthus nesse mesmo ano, após ter traduzido as obras *Principles of Political Economy and Taxation* (1817) de Ricardo e *The Enquiry Concerning the Principles of Political Justice* (1793) de Godwin. Trata-se de uma figura de grande relevo, merecedora de tratamento individual.<sup>7</sup>

De um modo mais explícito, a concepção de uma economia social, cujas bases foram lançadas pelos pressupostos de cooperação comunitária postos em prática por Robert Owen na Escócia oitocentista, ou de um socialismo de Estado, foi defendida em Portugal nas décadas finais do século XIX por José Frederico Laranjo e por figuras como Oliveira Martins, Teixeira Bastos, Sousa Brandão, Caetano de Andrade Albuquerque e Manuel de Arriaga (Fonseca 16).<sup>8</sup> No entanto, a dependência financeira de instituições bancárias externas, como por exemplo, o Banco britânico Barings,<sup>9</sup> perpetuou a incapacidade de o país gerar receitas públicas que garantissem o crescimento da economia nacional.

Fontes Pereira de Melo afirmou em 1867: “Para mim, não há capitais nacionais, para mim os capitais são cosmopolitas” (Sobral 9). Na verdade, as instituições financeiras começaram a dominar a história da economia. A “alegada fragilidade produtiva das estruturas económicas portuguesas” (Neves 75) que poderia conduzir o país à bancarrota tem sido um tema recorrente nas análises económicas, do século XIX aos dias de hoje (Amaral). Aliás, como se sabe, os pressupostos económicos e financeiros espelham as complexidades do tecido social e intelectual. No virar de Oitocentos, o clima cultural tinha-se alterado substancialmente, como fica patente no comentário de Fernando Sobral e Paula Alexandra Cordeiro:

Criavam-se, a pouco e pouco, as condições para a chegada da República. O país estava a mudar, até mesmo culturalmente. A França que iluminara as ideias da elite, começava a ser substituída pela Inglaterra, pelo fascínio do seu poder, do seu desenvolvimento, da discussão que se encontrava nas páginas dos seus

jornais. Eça, ele próprio a abandonar a sua «costela cultural» francesa, escrevia, antevendo ironicamente o futuro: «o século XIX vai findando, e tudo em torno de nós parece monótono e sombrio, porque o mundo se vai tornando inglês». (Sobral 109)

No entanto, após a fase inicial de entusiasmo ilimitado pelo liberalismo de Smith nos finais do século XVIII e inícios do século XIX, começou a fazer-se sentir, não só noutros países como na própria Grã-Bretanha, uma atitude mais cautelosa quanto à receita inglesa para o progresso económico. O exemplo britânico era frequentemente citado como um aviso quanto às consequências nefastas do individualismo excessivo. Foram também expressas dúvidas sobre se era desejável, ou simplesmente exequível, esperar que as forças do mercado e a iniciativa privada conduzissem aos mesmos resultados, devido às circunstâncias sócio-económicas mais atrasadas da maioria dos países europeus, onde o Estado sempre tinha representado uma força mais activa nos assuntos económicos.

Na viragem do século, ou seja, na época em que Portugal revelava um maior conhecimento do pensamento económico britânico, e, por esse motivo, debatia com maior acuidade as teorias e mesmo os sistemas económicos vigentes, a própria Grã-Bretanha estava ciente da evolução das circunstâncias e questionava a validade dos pressupostos que a tinham conduzido ao sucesso como grande potência. Evoque-se o comentário esclarecedor de Donald Winch na sua análise sobre “The Emergence of Economics as a Science, 1750-1870”:

Just as the achievement of Newton had fortified the early economic scientists in their search for natural laws of society so the achievements of Darwin could be cited in support of the virtues of an evolutionary or historical approach based on close attention to specific forms of social life. (Winch 564)

#### **4. Considerações finais**

Como se pode verificar, tanto os autores britânicos como os portugueses, embora com diferentes intensidades, geraram, acompanharam e/ou contestaram pressupostos económicos de acordo com as respectivas mundividências. Em meu entender, os economistas do Portugal oitocentista rejeitaram o modelo de economia política liberal, identificado com a Grã-Bretanha, não só por estarem conscientes de propostas alternativas, mas sobretudo por concluírem que ele não se aplicava à realidade

nacional. Nessa medida, revelaram terem sido tocados por um espírito pragmático que reflectia a tendência porventura mais influente do pensamento britânico<sup>10</sup> — o empirismo.

Escritas há mais de um século, as palavras de José Frederico Laranjo transmitem uma perspicácia intemporal, marcada pelo cunho pouco optimista que resultava da observação do mundo em seu redor:

Um país pequeno cujo movimento político e económico é pouco activo e complicado não tem, por isso mesmo, pensadores de teorias profundas ou arrojadas; faltam os factos salientes e vivos que abalam as inteligências e servem de base aos sistemas; faltam os leitores que animem, pelo menos com esse aplauso pouco ruidoso, mas significativo, do consumo breve duma edição; falta a crítica dos que trabalham no mesmo ramo de conhecimentos, crítica nem sempre serena, mas em que sempre há relâmpagos de luz. (Laranjo 33)

O legado doutrinário britânico de uma disciplina “inglesa”, contudo, tem demonstrado capacidade de subsistir e de se renovar, sobretudo através da crítica a “theoretical excesses of mainstream economics” (Gray 13). Tenha-se presente que a economia política integra as ciências sociais e estuda “as leis da produção social e da distribuição dos bens materiais nas diferentes fases de desenvolvimento da sociedade humana” (Consiglieri 7). Após se ter desligado da caracterização como “política”, a economia na conjuntura actual parece querer recuperar não só a reflexão em torno do significado genuíno da riqueza das nações e dos cidadãos, mas também o carácter inovador que presidiu à economia política na sua génese como ciência.

---

<sup>1</sup> Este texto constitui uma versão revista e actualizada da comunicação “Génese de Uma Ciência: A Economia Política na Grã-Bretanha e em Portugal”, apresentada no Ciclo de Conferências “O Pensamento Político Britânico em Portugal”, organizado pelo Centro de Estudos Anglo-Portugueses na FCSH, de Fevereiro a Maio de 2006.

<sup>2</sup> Consulte-se Gabriela Gândara Terenas. 2004. “Diagnoses Especulares: Imagens da Grã-Bretanha na Imprensa Periódica Portuguesa (1865-1890)”. 3 volumes. Dissertação para Doutoramento em Estudos Anglo-Portugueses apresentada à FCSH da UNL; e Maria Zulmira Castanheira. 2005. “A Grã-Bretanha na Imprensa Periódica do Romantismo Português: Imagens Polimórficas”. 4 volumes. Dissertação para Doutoramento em Estudos Anglo-Portugueses apresentada à FCSH da UNL.

<sup>3</sup> No Ciclo de Conferências, Gabriela Gândara Terenas apresentou a comunicação “Adam Smith no Pensamento Político-Económico Português na Segunda Metade de Oitocentos”. Veja-se o texto publicado (Terenas 2009: 381-398, sobretudo 384, 388, 392, 397).

<sup>4</sup> Sobre os encontros e os desencontros entre uma visão comunista e uma perspectiva nacionalista da economia e das dinâmicas do capitalismo em Portugal no século XX, visando o desenvolvimento económico nacional, veja-se, por exemplo, Neves 2008: 65-71. Sobre o modo como a historiografia portuguesa salazarista, liberal e comunista, respectivamente, celebrou o século XIX, ver *ibid.*: 329-333.

<sup>5</sup> Cf. vols. XXIX a XXXII, publicados entre 1881 e 1884. Utilizei a reedição de 1976.

<sup>6</sup> A pesquisa das fontes permitiu até que detectasse lapsos no *Dicionário Bibliográfico Português* de Inocêncio Francisco da Silva (Laranjo 1976: 69, n1).

<sup>7</sup> No decurso do Ciclo, foi alvo da palestra de Maria Leonor Machado de Sousa, “O Pensamento Político e Económico de Francisco Solano Constâncio”, publicada posteriormente (2007: 101-117). Sobre Constâncio e as suas ideias socialistas, ver Hélio Osvaldo Alves. 1995. “Francisco Solano Constâncio e a polémica sobre Razão e Religião, nos fins do século XVIII, em Inglaterra”. *Revista de Estudos Anglo-Portugueses*. Lisboa: FCT/CEAP. 4. 57-85.

<sup>8</sup> Sobretudo em épocas de crise financeira, a economia social reafirma-se como alternativa ao capitalismo, devendo ser encarada como uma economia da necessidade e não da reparação (Jeantet 2009: 46-49).

<sup>9</sup> O Barings, parceiro financeiro da compra da Louisiana aos franceses pelos EUA, organizou o primeiro grande empréstimo externo a Portugal, sendo o responsável pela primeira emissão de obrigações portuguesas no exterior, em 1802. O Banco, fundado em 1762, colapsou em 1995 devido às operações especulativas do corretor Nick Leeson. Veja-se a cronologia da vida da instituição (Sobral 2005: 199-212).

<sup>10</sup> Filipe Furtado iniciou o Ciclo com a conferência “O Pensamento Político Britânico: Uma Breve Panorâmica”.

## OBRAS CITADAS

- Amaral, Luciano. *Economia Portuguesa: As últimas Décadas*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel doas Santos, 2010.
- Bagehot, Walter. *Economic Studies*. Ed. Richard Holt Hutton. London: Longmans, Green & Co, 1880.
- Barker, Ernest. *Political Thought in England, 1848 to 1914*. 1915. Westport, Conn.: Greenwood Press, 1950.
- Cairnes, John Elliot. *Essays in Political Economy, Theoretical and Applied*. London: Macmillan & Co, 1873.
- Cardoso, José Luís. *História do Pensamento Económico Português*. Lisboa: Livros Horizonte, 2001.
- Collini, Stefan. *Public Moralists: Political Thought and Intellectual Life in Britain, 1850-1930*. 1991. Oxford: Clarendon Press, 1993.
- Consiglieri, Carlos, e Marília Abel. *Lições de Economia Política*. 1, Lisboa: Ulmeiro, 1981.
- Fonseca, Carlos da. “Introdução”. José Frederico Laranjo. *Economistas Portugueses*. Lisboa: Guimarães Editores, 1976, 9-32.
- Gray, John. “We Simply Do Not Know! *Animal Spirits: How Human Psychology Drives the Economy, and Why It Matters for Global Capitalism*, by George Akerlof and Robert Shiller”. *London Review of Books*. (19 Nov. 2009): 13-14.

- Jeantet, Thierry. *A Economia Social: Uma Alternativa ao Capitalismo*. Trad. Manuel Canaveira de Campos. Lisboa: Monde Diplomatique/Outro Modo, 2009.
- Laranjo, José Frederico. *Economistas Portugueses: Subsídios para a História das Doutrinas Económicas em Portugal. 1881-1884*. Lisboa: Guimarães Editores, 1976.
- Louçã, Francisco, e José Castro Caldas. *Economia(s)*. Porto: Edições Afrontamento, 2009.
- Neves, José. *Comunismo e Nacionalismo em Portugal: Política, Cultura e História no Século XX*. Lisboa: Tinta da China, 2008.
- Ramos, Iolanda Freitas. “A Interpretação Moralista e a Conceção Científica da Economia”. *O Poder do Pó: O Pensamento Social e Político de John Ruskin (1819-1900)*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian/Fundação para a Ciência e a Tecnologia. 2002. 185-192.
- Sobral, Fernando, e Paula Alexandra Cordeiro. *Barings: A História do Banco Britânico Que Salvou Portugal*. Cruz Quebrada: Oficina do Livro, 2005.
- Sousa, Maria Leonor Machado de. “O Pensamento Político e Económico de Francisco Solano Constâncio”. *Revista de Estudos Anglo-Portugueses*: 16. (2007): 101-117.
- Terenas, Gabriela Gândara. “Adam Smith no Pensamento Político-Económico Português na Segunda Metade de Oitocentos”. *Letras & Ciências: As Duas Culturas de Filipe Furtado — Livro de Homenagem*. Ed. Carlos Ceia, Miguel Alarcão e Iolanda Ramos. Casal de Cambra: Caleidoscópio. 2009: 381-398.
- Winch, Donald. “The Emergence of Economics as a Science, 1750-1870”. 1973. *The Fontana Economic History of Europe*. Ed. Carlo M. Cipolla. 3 Isle of Man: Fontana/Collins. (1978): 529-564.



A DEMANDA IDENTITÁRIA EM WILLIAM BUTLER YEATS  
E TEIXEIRA DE PASCOAES

*Célia Branco*  
CETAPS



*Que intimidade existe entre o meu ser e a aurora?  
Qual o laço que prende a treva à clara luz?*

John O'Connor / Teixeira de Pascoaes

Poetry is not a turning loose of emotion, but an escape from emotion; it is not the expression of personality, but an escape from personality. But, of course, only those who have personality and emotions know what it means to want to escape from these things.

*T. S. Eliot*

William Butler Yeats e Teixeira de Pascoaes, duas personalidades notáveis do século XX, coetâneos, coincidentes em termos de geração literária, manifestam nas suas obras uma matriz identitária similar, consequência, sobretudo, da sua gênese. Originários de duas nações pequenas, pertencem ao que, na altura (e no presente...), poderemos apelidar de “periferia” europeia: na Irlanda e em Portugal estes autores testemunham transformações político-sociais e históricas que condicionarão os seus legados literários, participando e, muitas vezes, protagonizando conjunturas decisivas para a História e Literatura dos seus países, facto que possibilita o cotejo entre ambos.

É nosso objectivo estabelecer alguns paralelos entre estes criadores: enquanto vates finisseculares testemunham a dessacralização e laicismo progressivo do mundo, bem como o enfraquecimento do sagrado e, em ambas as obras, poderemos identificar a temática da demanda introspectiva da faculdade poética e da própria identidade do sujeito. Simultaneamente, em momentos de descentramento individual e colectivo, os dois poetas ambicionam “ver” para além do físico, afirmando-se quase como demiurgos e guias da humanidade nas suas respectivas criações, metamorfoseando-se na figura do profeta, arauto de utopias (muitas vezes erroneamente interpretadas pelos seus contemporâneos), em poéticas que veiculam esperança e desejo.

Yeats e Pascoaes, indubitavelmente associados à liderança e promoção da Renascença (Renascença Literária Irlandesa/Céltica e Renascença Portuguesa, respectivamente, movimento cultural que, entre outras coisas, se propunha reconhecer e divulgar a essência identitária dos povos), recorrem à mitopoesia, utilizando matérias mitológicas, não perdendo de vista uma atitude de compromisso crítico com a modernidade. Nas suas criações é possível apreciar a harmonia entre realidades aparentemente antagónicas e a conciliação dos contrários: a errância entre o interior e o exterior, o presente e o ausente, o tido e o desejado, o mítico e o divino, a introdução do passado na antecipação do futuro, consubstanciam problemáticas antinómicas e corporizam uma poética do oximoro. Conciliando opostos, os poetas afirmam quadros de valores e perspectivam as suas respectivas visões do mundo e da própria criação poética.

Outro aspecto que nos parece ser relevante salientar consiste na inserção da obra de Yeats e Pascoaes na estética romântica, justificada pela exaltação do sentimento e do poético face à razão e ao científico, pela mencionada representação antinómica do Real e pela dimensão visionária de ambos os autores. Não podemos, contudo, utilizar o adjectivo “romântico” numa mera perspectiva de catalogação histórico-literária, que tornaria a

referência ao Romantismo, a propósito destes autores, contemporâneos dos movimentos modernistas (Simbolismo, Futurismo, Surrealismo...), sinónimo de arcaísmo e atraso cultural.

Serão referidas algumas produções literárias destes dois bardos europeus, para tentar comprovar as afirmações dos parágrafos anteriores, dando-se, no entanto, particular destaque a duas obras: *The Wanderings of Oisín*, de W. B. Yeats, e *Marânus*, de Teixeira de Pascoaes.

William Butler Yeats, poeta, dramaturgo e político, a quem foi atribuído o Prémio Nobel da Literatura em 1923, nasce na Irlanda, mais precisamente em Sandymouth, nos arredores de Dublin, em 13 de Junho de 1865. O seu pai, John Butler Yeats (1839-1922), pintor conhecido, era membro da *Royal Hibernian Academy*; a sua mãe, Susan Pollexfen (1841-1900), era filha de William Pollexfen (1811-1892), comerciante abastado da cidade portuária de Sligo, local onde Yeats passaria muitos dos verões da sua infância (a forte impressão que a paisagem e as tradições deste lugar produzirá no autor irão consubstanciar-se nas alusões tecidas à região, possíveis de encontrar em muita da sua produção escrita). Em 1868 a família muda-se para Londres, de modo a permitir a John Butler Yeats mais sucesso na sua carreira de pintor. William Butler Yeats inicia a sua escolaridade formal em *Godolphin Day School*, no ano de 1877. Regressam a Dublin em 1880, cidade onde o poeta frequenta o *Erasmus High School* e termina os seus estudos liceais. Em 1883, ingressa em *The Metropolitan School of Art*, onde conhece George Russell, figura que influenciará o interesse de Yeats pelas religiões orientais, ocultismo, teosofia e misticismo, e de quem se tornará amigo. Em 1885 publica “*Song of the Faeries*” e “*Voices*”, na *Dublin University Review*. Esta revista, juntamente com outras duas, *The Irish Monthly* e *The Irish Fireside*, divulgam, no ano seguinte, novos poemas, um dos quais, *Mosada* (produção poética, ordenada em três cenas, publicadas separadamente em 1886), se tornará o seu primeiro livro.

Em 1887 a família Yeats regressa a Londres, em cuja vida literária William se integra. Trabalha num colectânea de contos populares irlandeses que publica em 1888 sob o título *Faery and Folk Tales of the Irish Peasantry*, dando ainda à estampa, no ano seguinte, *The Wanderings of Oisín and Other Poems*. No ano de 1891 edita a compilação *Representative Irish Tales*. Durante todos estes anos, para além de uma intensa produção literária, Yeats foi um defensor activo da causa nacionalista irlandesa, facto que muitos ligam à paixão nunca correspondida por Maud Gonne (1866-1953), actriz, patriota irlandesa, activista no movimento de

libertação da Irlanda, admirada pela sua beleza e coragem, que declinará sempre as investidas amorosas do poeta. Inspirado por este amor escreve a sua primeira peça, *The Countess Cathleen*, publicada em 1892. No ano seguinte dá à estampa o seu primeiro livro de ensaios, *The Celtic Twilight* e, em 1894, publica *The Land of Heart's Desire*, uma das suas peças mais conhecidas.

Juntamente com Edward Martyn (1859-1923), Lady Augusta Gregory (1852-1932) e George Moore (1852-1933), W. B. Yeats funda o *Irish Literary Theatre*, inaugurado em 8 de Maio de 1899, com a supracitada peça *The Countess Cathleen*. Todos estes criadores protagonizam a Renascença Irlandesa ou Céltica, que, entre outras coisas, estimulava uma nova apreciação da literatura irlandesa tradicional e encorajava a criação de obras escritas no espírito desta cultura, tomada como distinta da cultura inglesa. Escritores famosos, como John Millington Synge (1871-1909), puderam dar a conhecer o seu trabalho neste local que se tornaria emblemático. Em 1904, a companhia comprou o *Abbey Theatre* em Dublin, tendo o grupo passado a ser conhecido como *Abbey Players*. Durante a década seguinte, Yeats escreve e produz várias peças levadas à cena neste teatro, altura em que também desenvolve uma relação de amizade com o poeta modernista americano Ezra Pound (1885-1972), cuja influência se traduzirá, sobretudo, na utilização de uma linguagem e abordagem temática mais directas (Pound desprezava a prosódia vitoriana). Ezra Pound dá a conhecer ao autor o teatro japonês *noh*, com os seus característicos dramas íntimos, estilizados e altamente simbólicos, influência que Yeats evidencia, por exemplo, na peça *At the Hawk's Well*, produzida em Londres em 1916.

Em 21 de Outubro de 1917, W. B. Yeats casa-se com Georgie Hyde-Lees (1892-1968), uma inglesa que partilhava o seu interesse pelo oculto e com a qual tem duas filhas. Nesta altura começa a reconstruir um antigo castelo, Thoor Ballylee, perto de Coole Park (a "torre", símbolo frequentemente utilizado pelo poeta, tem origem neste castelo).

Em 1922, Yeats torna-se senador no Estado Livre da Irlanda (*Irish Free State*), cargo que ocupará durante seis anos. No ano seguinte, ganha o Prémio Nobel da Literatura, mantendo até ao final da sua vida uma actividade considerável: organiza "The Irish Academy of Letters", dá palestras na rádio e edita *The Oxford Book of Modern Verse*, já em 1935. Morre em 28 de Janeiro de 1939, durante uma viagem a França, em Cap Martin, na Riviera Francesa.

O país de Yeats é uma Irlanda em transformação, que luta pela independência face a uma Inglaterra imperialista, precursora

da Revolução Industrial. Saliente-se que Yeats nunca se identificou com a minoria protestante, sua classe social originária. Da mesma forma, nunca se afirmou católico, religião à qual a maioria da população irlandesa pertence; ao invés, procurou adquirir mais informação sobre as raízes culturais matríciais irlandesas, pesquisando e trabalhando temas da antiguidade céltica. Pretende sempre deixar claro ser um poeta irlandês, *não inglês* (ainda que na sua obra seja possível identificar muitos traços herdados da estética romântica inglesa), justificando-se, assim, algumas linhas sobre a História da República da Irlanda, sobretudo, no que respeita à ligação deste país com a vizinha Inglaterra, de forma a facilitar o entendimento, quer da paixão de Yeats relativamente à autonomia política da sua pátria, quer da sua determinação em estabelecer uma identidade cultural irlandesa perante o materialismo e imperialismo inglês.

A história da Irlanda remonta ao século IV a.C., altura em que tribos celtas de origem gaulesa estabelecem uma civilização gaélica na ilha. Todas estas tribos tinham as mesmas leis e religião e praticavam o culto da natureza, personificada em deuses. Os feiticeiros (ou druidas) e os cantores (ou bardos) tinham um prestígio idêntico ao dos príncipes tribais. O Cristianismo penetrou neste território em meados do século IV (St Patrick (c.387-493) é tido como o santo padroeiro da Irlanda). Contrariamente ao que haviam feito no resto da Europa, os romanos nunca conseguiram invadir a ilha, sendo possível à população desenvolver uma cultura e tradições próprias até ao ano 800 d.C., altura em que o local é invadido pelos *vikings* (após longos e numerosos combates, durante os séculos IX e X, foram definitivamente derrotados na batalha de Clontarf, em 1014). Estas lutas e disputas internas levam os nobres irlandeses a solicitar a protecção de Inglaterra, circunstância que conduzirá à ocupação anglo-normanda. Como consequência, nos séculos seguintes, grande parte do território ficará sob domínio do rei de Inglaterra, o que fundamentará a supressão da constituição irlandesa original e a importação do sistema feudal inglês.

A coacção inglesa sobre a Irlanda atinge o máximo quando os monarcas ingleses, privados dos seus territórios em França, pretendem ampliar os seus domínios. Em 1541, Henrique VIII (1491-1547) declara-se rei da Irlanda e tenta implantar a reforma religiosa que realizara em Inglaterra, introduzindo o Protestantismo. As insurreições que se seguem, apoiadas pelo Papa e pela Espanha, fazem da Irlanda um reduto favorável à Contra-Reforma, na luta contra o Protestantismo inglês. Tropas espanholas desembarcam na ilha, mas, em 1601, no reinado de Isabel I (1533-1603), a Inglaterra derrota espanhóis

e irlandeses na batalha de Kinsale, sendo os católicos afastados da vida pública.

Nos séculos XVI e XVII, os irlandeses são espoliados das suas terras, que se tornam propriedade de colonos ingleses. Ainda no século XVII, imigrantes protestantes, vindos principalmente da Escócia, colonizam grande parte do Norte do país, (a região de Ulster que só em 1603 tinha sido conquistada pelos ingleses). A revolta das colônias inglesas na América do Norte atenuou os conflitos e possibilitou à Irlanda uma certa independência, materializada na criação do parlamento irlandês de 1782 (a Grã-Bretanha necessitava de aumentar a produção de alimentos para fazer face à guerra que teve lugar no reinado de Jorge III, 1738-1820).

A Revolução Francesa (1789) e as Guerras Napoleônicas animaram as reivindicações irlandesas. As tentativas frustradas de desembarque dos franceses e a rebelião de 1798 conduzem a uma política de represálias que culminará, em 1801, no *Act of Union*, tendo a Inglaterra imposto à Irlanda a união política, constituindo-se o Reino Unido da Grã-Bretanha e Irlanda. Os irlandeses dispunham de representantes no Parlamento inglês, embora só pudessem enviar mandatários protestantes (até à emancipação dos católicos, em 1829).

Ainda no século XIX, a nação é assolada por uma onda de fome (uma praga danifica as plantações de batatas), que mata mais de um milhão de pessoas e leva dois milhões a imigrar, a maioria para os Estados Unidos.

No período posterior à Grande Fome, a política é dominada pelos sucessivos esforços de dotar a Irlanda de um governo autónomo e de distribuir as terras pela população através de leis que incentivam a compra de terra aos latifundiários (particularmente aos *landlords* que haviam abandonado o cultivo das terras), por parte dos agricultores. O Primeiro-Ministro liberal inglês William Gladstone (1809-1898) procurou conseguir algum equilíbrio e reconhecer alguns dos direitos da Irlanda, e, ainda que as sucessivas moções a favor de um governo regional (*Home Rule*), propostas na Câmara dos Comuns, tivessem fracassado, os nacionalistas irlandeses foram, gradualmente, ganhando algum terreno: em 1881 a lei agrária permite que as propriedades confiscadas pelos ingleses voltem a ser pertença dos agricultores irlandeses; em 1898 é instaurada a autonomia local segundo o modelo inglês; em 1900 é criada a Liga Irlandesa Unida (*United Irish League*).

Em 1914, quando o governo regional (*Home Rule*) devia entrar em vigor, eclode a Primeira Guerra Mundial. Em 1916, mais uma vez defraudados, os republicanos irlandeses insurgem-se

contra o domínio britânico, sublevação conhecida como *Easter Rising*. Esta insurreição foi derrotada em apenas uma semana, mas a resposta dos britânicos, que executaram os líderes da insurreição e prenderam milhares de activistas nacionalistas, deu a sustentação, necessária ao partido separatista *Sinn Féin*, para se impor na comunidade irlandesa. Em 1918, 70% do eleitorado vota a favor deste movimento (que prometera não ocupar os lugares em Westminster e criar um Parlamento irlandês). Em 1919, o partido, presidido por Éamon de Valera (1882-1975) (criador do Exército Republicano Irlandês), honra o compromisso, formando o primeiro Parlamento em Dublin, em 1919, presidido por Éamon de Valera, que cria o Exército Republicano Irlandês (IRA).

Depois de longos anos de repetidas lutas, a Inglaterra aceita, em 1921, que a Irlanda se converta num estado livre, conservando porém a província do Ulster, estado maioritariamente protestante. Como consequência dá-se a guerra civil entre os partidários do Tratado que tinha sido negociado por Michael Collins (1890-1922) e os republicanos partidários da independência total imediata liderados por De Valera. Michael Collins é assassinado, terminando a guerra civil.

De Valera e o partido republicano *Fianna Fail* governaram a Irlanda entre as décadas de 30 e 70. Entretanto, o governo autónomo irlandês aos poucos ia cortando os laços constitucionais com a Grã-Bretanha, e em 1937 foi admitida uma nova constituição que permitiu à Irlanda ficar neutra durante a Segunda Guerra Mundial. Em 1949, cerca de dez anos após a morte de W. B. Yeats, é proclamada a República da Irlanda.

Neste contexto de inconstância e dubiedade, Yeats procura afirmar a matriz identitária do seu povo e, em muita da sua produção literária, resgata lendas e mitos, indagando no universo transcendental da mitologia céltica aquilo que acredita ser a génese irlandesa.

Teixeira de Pascoaes é o pseudónimo do escritor português Joaquim Pereira Teixeira de Vasconcelos, nascido em Gatão, freguesia situada no concelho de Amarante, em 2 de Novembro de 1877. Em 1901 licencia-se em Direito na Universidade de Coimbra, exercendo advocacia em Amarante e no Porto, chegando a ser juiz substituto entre 1911 e 1913, ano em que abandona a carreira judicial por imposição da sua vocação para a escrita. Aloja-se no solar Pascoaes, nome que adoptará, situado a cerca de 3 km de Amarante, no sopé do Marão, à beira do rio Tâmega, paisagens enaltecidas e recriadas de forma fantástica e mística na sua poesia.

Enquanto poeta, encetou a sua carreira logo em 1895, dando a lume a sua colectânea de versos *Embriões*, ainda enquanto estudante de liceu. Em 1910, com Jaime Cortesão (1884-1960) e Leonardo Coimbra (1883-1936), entre outros, fundou a revista *Águia*, de que foi director literário (entre 1912 e 1916), a qual viria a ser o órgão divulgador da Renascença Portuguesa. Com um compasso quase anual foi publicando vários livros de poesia, entre os quais se destacam: *Embriões* (1895), *Belo I* (1896); *Belo II* (1897), *À Minha Alma e Sempre* (1898), *Profecia* (1899, em colaboração com Afonso Lopes Vieira), *À Ventura* (1901), *Jesús e Pan* (1903), *Para a Luz* (1904), *Vida Etérea* (1906), *As Sombras* (1906), *Senhora da Noite* (1909), *Marânus* (1911) e *Regresso ao Paraíso* (1912). Publica também alguns ensaios, salientando-se *O Génio Português e a sua Expressão Filosófica, Poética e Religiosa* (1913), *Verbo Escuro* (1914) e *A Arte de Ser Português* (1915). Continua a sua produção poética em obras como *Cantos Indecisos* (1921), *Cânticos* e o poema dramático *Dom Carlos* (1925). Em conjunto com Raul Brandão escreve a peça teatral *Jesus Cristo em Lisboa* (1924), bem como uma série notável de biografias: *S. Paulo* (1934), *S. Jerónimo e a Trovoada* (1936), *Napoleão* (1940), *Camilo Castelo Branco, o Penitente* (1942), *Santo Agostinho* (1945), para além de uma outra prosa com características autobiográficas, intitulada *O Livro de Memórias* (1928).

Nos seus primeiros poemas, o leitor encontra desde logo a materialização de uma existência singular, capaz de metamorfosear o prosaico em espiritual, a presença física em ausência nostálgica, sendo possível identificar as bases do saudosismo, ideal estético surgido em Portugal no primeiro quartel do século passado, que teve como mentor o próprio Teixeira de Pascoaes e juntou intelectuais como Jaime Cortesão, Leonardo Coimbra, António Carneiro (1872-1930), António Sérgio (1883-1964) e Fernando Pessoa (1888-1935). Esta corrente de pensamento, contextualizada pelo movimento cultural da Renascença Portuguesa (que na revista *A Águia*, órgão divulgador dos ideais deste movimento, dá a conhecer propostas que visam solucionar os problemas económicos, sociais, educativos e religiosos do país, pautando-se por ideais que incluem uma democracia respeitadora da identidade cultural do povo português), tem por base um ambiente nacionalista, tradicionalista e neo-romântico; vê na saudade um princípio dinâmico e renovador, e pretende levar a cabo, pela acção cultural, a regeneração do país, que havia assistido às imposições do *Ultimatum* inglês, ao derrube da monarquia constitucional, ao assassinato do rei D. Carlos e à consequente implantação da República, regime desejado mas

que, progressivamente, se vai revelando incapaz de corresponder às expectativas dos intelectuais da Renascença. Implicando uma expectativa sebastianista, o saudosismo acabou por dar azo ao afastamento de alguns dos seus adeptos, que não reconhecem no seu passadismo capacidade de renovação (Fernando Pessoa, embora partilhando este elemento messiânico, acabou por preferir o projecto cosmopolita e revolucionário do *Orpheu*. António Sérgio optou pela militância crítica do grupo *Seara Nova*, entre outros exemplos).

Saliente-se que a Primeira República Portuguesa se institui como um período de extrema instabilidade político-social: nesta etapa da História portuguesa, que durou cerca de dezasseis anos, registaram-se sete parlamentos, oito presidentes da república e cerca de cinquenta governos. A esta inconstância junta-se uma crise económica, agravada pela participação de Portugal na Primeira Guerra Mundial. A interferência constante do Parlamento na actividade do Governo torna a sua acção ineficaz, começando a formar-se a ideia de que o exército seria a única organização capaz de impor alguma ordem em Portugal.

Perante o oportunismo dos políticos de ocasião, Teixeira de Pascoaes reafirma o seu ideal e não perde a esperança. Em 1915, quando publica o livro *A Arte de Ser Português* (Miguel Esteves Cardoso, na introdução a esta obra, reeditada em 1998, informa ser “uma história tão convincente que, com a passagem dos anos e das mãos, fez nascer, entre quem a leu, o personagem do Português”<sup>1</sup>), o escritor, que como o seu amigo Miguel de Unamuno (1864-1936) (também ele interessado no conhecimento e compreensão das raízes telúricas e dinamismos culturais das terras ibéricas) assegurava, lia no Infinito, salienta a dificuldade de viver como patriota, observando que,

num meio em que as almas, incolores, duvidosas da sua existência, *materializadas*, não atingem a vida da Pátria, rastjando cá em baixo, entretidas com mesquinhas questões individuais e partidárias. ... O político estranho à sua Raça, não saberá orientar nem satisfazer as aspirações nacionais. É preciso que ele encarne o sonho popular e lhe dê concreta realidade. (Pascoaes, *Arte de Ser Português*: 48)

Note-se, contudo, que a obra de Pascoaes está longe de poder ser reduzida ao paradigma de ideólogo saudosista e passadista que alguns lhe atribuem, e a saudade, tantas vezes invocada pelo poeta, não equivale à simples sensação de privação de um objecto, ao anseio pelo seu retorno ou à vontade

de regressar ao passado; ao invés, concretiza-se na atracção do que foi perdido sem jamais ter sido possuído, no desejo de tudo, transformando-se numa força poética inspiradora, como no poema “À Minha Musa”: “Mulher perfeita em sonho e realidade. / Aparição divina da Saudade.../ Ó Eva, toda em flor e deslumbrada!” (Pascoaes, *Poesia*: 107) estava bem, não alterar), ou na prosa *O Livro de Memórias*, em que, entre muitas considerações, reafirma a sua definição de Saudade como “a nossa alma e a nossa musa”, constatando que “a saudade de Deus é que é Deus; a saudade da mulher amada é que é a mulher da nossa paixão, e a saudade da Pátria é que é realmente a nossa Pátria. Adoramos a ausência e desprezamos a presença” (Pascoaes, 2001: 143). O autor evidencia também o binómio paganismo-cristianismo, presente em quase toda a sua produção poética, quando questiona: “Jesus foi divinizado pela morte e D. Quixote pelo ridículo. Não haverá parentesco entre a morte e o ridículo? (...) Dois irmãos — o ridículo e a morte. Deus criou o mundo por ironia e ri nas estrelas da noite e nas lágrimas da nossa dor” (*idem*: 141). Fernando Pessoa, no seu ensaio “A Nova Poesia Portuguesa”, publicado na revista *A Águia*, a propósito do poema “Vida Etérea”, realça a conjugação do subjectivo e do objectivo nos versos “A folha que tombava/ Era alma que subia.../ E, sob os nossos pés, / A terra era saudade, / A pedra comoção/ E o pó melancolia.” (*idem*: 67), observando, “que produz essa estranha e nítida originalidade da nossa actual poesia — a *espiritualização da Natureza* e, ao mesmo tempo, a *materialização do espírito*” (Pessoa 55), sistematizando desta forma uma das principais características deste poeta.

Nesta breve incursão pelo percurso dos poetas W. B. Yeats e Teixeira de Pascoaes salientemos alguns paralelismos:

— a Irlanda e Portugal, países originários dos autores, eram espaços tidos como periféricos, politicamente instáveis, face a uma Europa que se pretendia moderna e dinâmica. No caso de Portugal, o *Ultimatum* inglês tinha contestado a soberania lusa, e as esperanças postas na consequente implantação da República eram questionadas perante a inconstância e ineficiência demonstradas pelo novo sistema republicano. Relativamente à Irlanda, a luta pela independência revelava-se demorada e tardava em frutificar;

— os dois autores partilham protagonismo na divulgação do movimento da Renascença: Teixeira de Pascoaes tenta doutrinar o regime implantado em 1910, acreditando que através da acção cultural seria possível a reconstrução de Portugal, corrompido na sua alma pela monarquia. Yeats, por seu lado,

promove a Renascença céltica com o propósito de desenvolver e divulgar uma nova apreciação da literatura irlandesa tradicional, encorajando a criação de obras fundamentadas no espírito da cultura irlandesa, considerando-a distinta da inglesa, ambicionando alcançar a independência cultural para além da política;

— em tempos de conflitos e mudanças os autores procuram o Absoluto e a harmonia do Cosmos, concebido como oposição dinâmica de forças contrárias. A poesia de Pascoaes e Yeats consubstancia-se na conciliação desses contrastes. As antinomias harmonizam-se e instauram-se numa projecção utópica de um futuro imaginado com base no idealismo finissecular. Em simultâneo, substitui-se uma filosofia do objecto por uma filosofia do sujeito, instituída na transfiguração do arquétipo que teve lugar na mudança do século XIX para o século XX, concretizada, por exemplo, no intuicionismo de Bergson (1859-1941), na psicanálise de Freud (1856-1939) ou no *Übermensch* (Super-Homem) de Nietzsche (1844-1900). Ambos evocam o bucolismo e o folclorismo, quer recorrendo a temas de carácter histórico-popular, quer fazendo uso de uma visão mística e animista da natureza, visando encontrar a identidade nacional, a *alma* das respectivas nações, nas suas raízes telúricas e dinamismos históricos, como procuraremos mostrar na breve apreciação de dois dos poemas destes autores.

*The Wanderings of Oisín* e *Marânus* são duas obras poéticas que evidenciam algumas características procedentes da tradição romântica do poema reflexivo, quer pelas suas temáticas, quer pela simbologia utilizada pelos respectivos autores. Na primeira, Oisín, guerreiro-poeta feniano, herói recuperado por Yeats do Ciclo Feniano da mitologia irlandesa,<sup>2</sup> divagando por três ilhas mágicas, numa jornada que oscila entre o mundo onírico da fantasia e a base histórica que lhe dá fundamento, sacrifica a vida em favor de um ideal que se institui como memória/identidade de um povo. Por seu lado, Marânus, herói nascido da grandiosidade de um Marão personificado, epifania criativa de Teixeira de Pascoaes, procura a identidade na “Saudade, irmã da Eternidade” (153).

A reflexão sobre a tradição romântica do poema reflexivo relembra a criação de Wordsworth (1770-1850) *The Prelude*, construção emblemática do Romantismo, que demora ao autor uma vida a reescrever e a completar. Os versos informam o leitor sobre a tarefa do poeta romântico da demanda, profeta que alegadamente supera os seus limites imaginativos, recorrendo aos seus poderes visionários:

Prophets of Nature, we to them will speak  
A lasting inspiration, sanctified  
By reason and by truth; what we have loved,  
Others will love; and we may teach them how;  
Instruct them how the mind of man becomes  
A thousand times more beautiful than the earth  
On which he dwells, above this Frame of things  
(Which, 'mid all revolution in the hopes  
And fears of men, doth still remain unchanged)  
In beauty exalted, as it is itself  
Of substance and of fabric more divine.

(Wordsworth 496)

Harold Bloom, no livro que dedicou a W. B. Yeats, aponta o poeta como sucessor consciente desta poética romântica, observando:

most specifically, Yeats's immediate tradition could be described as the internalization of quest romance, and Yeats's most characteristic kind of poem could be called the dramatic lyric of internalized quest, the genre of *Sailing to Byzantium*, *Vacillation*, and many of the *Supernatural Songs*, and indeed of most of Yeats's major works. (Bloom 4)

Este autor enaltece as qualidades do poema *The Wanderings of Oisín*, que considera indevidamente menosprezado pela crítica, esclarece sobre as fontes utilizadas por Yeats e inscreve-o na estética da literatura de demanda romântica, fazendo notar:

the matter of Oisín is Irish, based largely upon an eighteenth-century poem by Michael Comyn that Yeats found translated in the Transactions of the Ossianic Society. At a later time, Yeats perhaps received his material a bit more directly from the folk, through Lady Gregory, if we are to believe him in this regard. But, with Oisín, the reader must begin by remembering how far the poet actually is from his supposed sources; he sits in the British Museum, himself knowing no Gaelic (he never bothered to learn any) and he reads a version of a version. He is so far from mythology, and indeed in every sense so far from Ireland, that we need not be surprised to discover that his poem, despite its Celtic colorings, is in the center of English Romantic tradition, and indeed in one particular current of that tradition, which I have called the internalization of quest-romance. (Bloom 87)

*The Wanderings of Oisín* materializa-se num poema épico, dividido em três partes. Inicia-se com um diálogo entre Oisín e St. Patrick, figura tida como responsável pela conversão da Irlanda ao Cristianismo, a quem ouvimos o lamento acerca do facto de Oisín estar “still wrecked among heathen dreams.” (2).<sup>3</sup> Oisín, por sua vez, relata ao padroeiro da Irlanda a sua peregrinação de trezentos anos. Os seus sonhos pagãos levaram-no a partir para o Outro Mundo,<sup>4</sup> materializado em *Tír na nóg* (*Tír na nóg* significando “Land of the Young.”), onde vive durante cem anos, acompanhado pela sedutora princesa Niamh, como um dos *sidhe*,<sup>5</sup> na terra dos deuses, da poesia e do amor, sítio onde a morte parece ser desconhecida. Niamh apaixona-se pela poesia de Oisín e persuade o jovem guerreiro a acompanhá-la à terra dos imortais:

‘I loved no man, though kings besought,  
Until the Danaan poets brought  
Rhyme that rhymed upon Oisín’s name,  
And now I am dizzy with the thought  
Of all that wisdom and the fame  
Of battles broken by his hands,  
Of stories builded by his words  
That are like coloured Asian birds  
At evening in their rainless lands.’ (71)

Para chegar a *Tír na nóg*, Oisín deixara o mundo terreno — “rode out from the human lands” (5) —, **abandonando, consequentemente**, o seu lado humano e juntando-se aos Imortais. Nesta ilha, de jovens amantes e dançarinos, é curioso reparar que a música da alegria humana é ouvida com tristeza pelos seres eternos, numa espécie de jogo antinómico (que nos lembra as antinomias características da poesia de Teixeira de Pascoaes):

But when I sang of human joy  
A sorrow wrapped each merry face,  
And, patrick! by your beard, they wept,  
Until one came, a tearful boy;  
‘A sadder creature never stept  
Than this strange human bard,’ he cried; (82)

Quando, por acaso, encontra uma lança na praia, Oisín entristece, recordando o tempo passado com os fenianos, seus amigos guerreiros, memória do seu passado. No final da primeira parte, os Imortais entoam um cântico “with a dreamy gaze,” que prenuncia o destino de Oisín:

An old man stirs the fire to a blaze,  
In the house of a child, of a friend, of a brother.  
He has over-lingered his welcome; the days,  
Grown desolate, whisper and sigh to each other;  
He hears the storm in the chimney above,  
And bends to the fire and shakes with the cold,  
While his heart still dreams of battle and love,  
And the cry of the hounds on the hills of old. (92-93)

Niahm leva-o, então, para a segunda ilha, local onde se encontra o castelo de Manannan.<sup>6</sup> Aqui, Oisín combate durante mais cem anos, até conseguir vencer o Deus do Mar, “that demon dull and unsubduable” (114). Finalmente, seguem para uma terceira ilha, onde se encontram adormecidos antigos gigantes por, há muito, se terem cansado do mundo. Incapaz de despertar estes seres, Oisín também adormece, repouso que durará outros cem anos, ao longo dos quais sonha com a vida humana que abandonara na sua indagação pelo mundo dos poetas. Quando acorda, Oisín deseja regressar à Irlanda para rever os antigos companheiros. Niamh empresta-lhe o seu cavalo alado, avisando-o de que jamais poderia tocar o chão. De volta à Irlanda, ainda jovem, encontra todos os seus companheiros mortos e a antiga fé pagã irlandesa, substituída pelo Cristianismo de St Patrick. Avista, então, dois homens que tentam transportar uma enorme pedra e, quando tenta ajudar, parte-se a correia da sua sela e cai. Quando toca no chão envelhece, num ápice, trezentos anos.

Em cada uma das ilhas mágicas, Oisín vivencia um feito: das experiências do amor com Niamh, na *Island of Dancing*, à batalha com o ogre, demónio que assombra o templo na *Island of Victories* e que renasce, em intervalos regulares, depois de cada batalha, até ao descanso conseguido através do sono mágico, na *Island of Forgetfulness*, onde, vencido pelo cansaço, adormece, com a face virada na direcção do sol. O protagonista de *The Wanderings of Oisín* cumpre três etapas, a primeira enquanto amante, a segunda como guerreiro e, finalmente, uma terceira, a do pensador.

Quando Oisín retorna à Irlanda, haviam passado três séculos, o país tornara-se cristão e todos os seus amigos e familiares tinham, entretanto, perecido. Na constatação desta nova realidade, Oisín sente o peso da idade: “Sad to remember, sick with years” (67). St Patrick tenta salvá-lo, visando a sua conversão ao Cristianismo. No entanto, fiel à herança céltica, o herói recusa a proposta e morre, sacrificando a vida e, dessa forma, enaltecendo a memória do seu povo.

A observação de Diogo Alcoforado, inserida no artigo «Teixeira de Pascoaes e o “Espírito Português”: Breves Notas Para Uma Reflexão Possível», a propósito da obra de Pascoaes revela-se também pertinente para esta análise de *The Wanderings of Oisín*, quando o autor faz notar que,

há uma permanente fixação quer num presente fugaz e degradado quer numa esperança de realização sem lugar definido, utópico, e de que a recuperação, pelo sentimento, em espaços de pensamento ou sonho, podem construir modos necessários de problemática equilibrada. (Alcoforado, 227)

À semelhança do poema de Yeats, também *Marânus*, criação emblemática de Pascoaes com características narrativas e mitológicas, dividida em 19 quadros, se constitui como um poema narrativo e pode ser lido como uma procura de um mundo simbólico, capaz de criar mecanismos de percepção e entendimento do Real. Logo no início, o leitor é informado que “Marânus era o ser que divagava, / Consigo, pelo mundo solitário. / A sua própria alma o alimentava / E dava-lhe de beber das suas lágrimas (5).

Tal como Wordsworth, também Teixeira de Pascoaes, depois da primeira edição de *Marânus*, dada à estampa em 1911, corrige e acrescenta o poema, transformando-o numa obra infundável. Nas suas caminhadas pela serra do Marão, o protagonista encontra-se com personagens como a Pastora, a Paisagem, a Saudade, o Outono, os Deuses, Dom Quixote, o Bruxo, a Primavera, a Sombra do Marão, ou Eleanora, sobre a qual Eduardo Lourenço, no seu prefácio a este livro, diz ser a “sua [Marânus] própria alma”, observando ainda, a propósito desta obra:

Se os primeiros grandes poemas de Pascoaes repercutiam o movimento tumultuoso, a vaga vertiginosa dos poemas de Milton, ou orquestravam os grandes mistérios da existência na tonalidade dramática ou mágica de Hugo, *Marânus* é como uma lírica aventura da alma extasiada diante da Natureza, transtornada pelo Desejo, espécie de *Lusíadas* sem outro herói que Marânus. Adamastor eternamente rodeado de Eleonor, sua própria alma próxima e inacessível, enleado como Narciso num amor de si mesmo que só não é mortal porque esse amor é o amor de Todo e de Tudo. (XII)

Comparável a Oisín, Marânus é um ser inquieto, acompanhado pelos seus próprios tormentos, divagações e sentimentos.

Similarmente ao mundo criado por Yeats, Pascoaes mostra um universo onde se misturam o mítico e o telúrico, o mitológico e o onírico, o natural e o cultural. No capítulo X, intitulado “Marânus, Eleanor e a Saudade”, este herói mítico “Era o ser de olhar duplo, contemplando / O reino a que pertence e seu etéreo / Desdobramento anímico; e, por isso, / Olhava as duas faces do Mistério” (80). Fazendo lembrar o deus Janus, sempre representado com duas faces, uma olhando o passado, outra o futuro, também Marânus consegue olhar para as duas “faces do mistério”, conciliando contrários (relativamente aos quais Jacinto Prado Coelho, na “Introdução” ao primeiro volume das *Obras Completas*, faz uma listagem, relacionando-os com uma visão do universo disputado por forças antinômicas em tensão dialéctica). Sobre esta matéria, Maria das Graças Moreira de Sá utiliza a expressão “unidualista”, como sendo “um equilíbrio dinâmico de contrários” onde aparece um terceiro elemento “resultante da fusão de duas realidades opostas” (Sá 175), observação que se nos afigura muito apropriada para expressar esta noção de dualidade em Teixeira de Pascoaes. Tal como Oisín, que no mundo dos seres eternos não esquecia as suas lembranças terrenas, também Marânus contempla o reino a que pertence e o seu etéreo. O conhecimento que estes heróis pretendem é de carácter teosófico, procurando esclarecer o propósito da existência e demonstrar a identidade essencial entre os mitos, intentando, desta forma, a descoberta de novos horizontes.

Yeats e Pascoaes acreditam no carácter mimético da sua poesia, à semelhança de Nietzsche, que encontra na etimologia dos substantivos comuns o carácter de metáfora (transposição), de metonímia (comutação) ou de sinédoque (co-implicação) e, para quem,

o homem que forma a linguagem (*der sprach bildende Mensch*) não apreende coisas ou processos, mas excitações (*Reize*). ... Todas as palavras são em si e desde o começo, quanto à significação, tropos. Em vez do que verdadeiramente tem lugar, instalam uma massa sonora que se dirige no tempo: a linguagem nunca exprime nada na sua integridade mas exhibe somente uma marca e lhe parece saliente. (Nietzsche 46)

Assim, ambos tentam aproximar a sua linguagem poética da natureza impressiva da realidade. A poesia é vista como vivência poética e consubstancia-se numa permuta entre as coisas (ou a memória delas), os tempos e os espaços, como acontece, por exemplo, na fala de Oisín, quando conta a St Patrick

a memória que a lança, encontrada na praia, lhe causara, ou quando Marânus relembra o lar da infância:

For these were ancient Oisin's fate  
Loosed long ago from Heaven's gate,  
For his last clays to lie in wait.  
When one day by the shore I stood,  
I drew out of the numberless  
White flowers of the foam a staff of wood  
From some dead warrior's broken lance:  
I turned it in my hands; the stains  
Of war were on it, and I wept,  
Remembering how the Fenians stept  
Along the blood-bedabbled plains,  
Equal to good or grievous chance:  
Thereon young Niamh softly came  
And caught my hands, but spake no word  
Save only many times my name,  
In murmurs, like a frightened bird. (90-91)

Era o cenário vivo do Passado:  
O lar da infância, as árvores antigas,  
Este pequeno sítio consagrado,  
O vale, o rio, as últimas colinas,  
Passarinhos e lírios... criaturas  
Já desfeitas em cinza e poeira estéril;  
Mas, em formas anímicas e puras,  
Enchiam de sorrisos, vozes de oiro,  
O seu etéreo Reino espiritual

...

E viu que a natureza transitória,  
Em seu imaterial desdobramento,  
Destrói o espaço, o tempo e tudo quanto  
É vã fragilidade e sofrimento. (81)

Note-se ainda que tanto W. B. Yeats como Teixeira de Pascoaes recorrem ao binómio Paganismo-Cristianismo, incluindo as duas premissas na visão que têm do Universo, numa perspectiva conciliatória: *The Wanderings of Oisin* começa e termina precisamente com um diálogo entre o Cristianismo, personificado na figura de St Patrick, e Oisin, personagem da mitologia céltica; por seu lado, Marânus alia numerosas inspirações bíblicas (desde a figura de Jesus e da Virgem — “A tentação do Mal apareceu / Diante de Jesus.../ E a Virgem pura, / Passeando, bem triste à luz do céu, / Enlevada no filho

estremecido.” (149) — a quadros natalícios) a imensas alusões de carácter mitológico, num universo onde a natureza personificada se mistura com o conceito de *saudade* de Pascoaes, também instituída personagem.

Teixeira de Pascoaes e William Butler Yeats edificam um universo simbólico, inspirado na natureza de carácter panteísta, na história e na mitologia, capaz de criar mecanismos de compreensão da vida. Marânus e Oisín vivem experiências sobrenaturais e conquistam a intimidade dos leitores, e os seus criadores assumem-se como novos profetas de futuros misteriosos e universais, mas transmissores de esperança: de regresso à Irlanda, Oisín toma consciência do processo histórico, entretanto decorrido, e expressa o seu desejo por um mundo ideal que transcende os conceitos de passado e futuro: “It were sad to gaze on the blessed and no man I loved of old there; / I throw down the chain of small stones ! when life in my body has ceased, / I will go to Caolte, and Conan, and Bran, Sgeolan, Lomair, / And dwell in the house of the Fenians, be they in flames or at feast” (148-149); também Marânus está consciente de que “(...) tudo, tudo há-de passar, enfim, / O homem, o próprio mundo, passará” (153), contudo, termina afirmando, “Mas a Saudade é irmã da Eternidade.” (*idem*).

Oisín e Marânus caminham entre a lembrança presa ao passado e a esperança projectada no futuro, em sucessivos processos sinestésicos, que têm lugar entre realidades anímicas e sensoriais. Ambos percorrem caminhos transcendentais e, no final, revelam-nos um novo destino para o Homem, um “regresso ao paraíso”, onde será possível o reencontro com os seus pares, numa resposta à indagação de Álvaro de Campos, quando este, no poema “Pecado Original”, questiona: “Ah, quem escreverá a história do que poderia ter sido? / Será essa, se alguém a escrever, / A verdadeira história da humanidade.” (Campos 252)

Como conclusão desta leitura sobre a vida e obra de dois grandes autores do século XX, sintetizemos alguns paralelismos que nos pareceram existir entre W.B. Yeats e Teixeira de Pascoaes: sendo certo que nasceram em zonas diferentes da Europa, é igualmente correcto situar a sua origem na periferia europeia, em momentos de transições histórico-culturais. Ambos protagonistas dos movimentos Renascença Céltica e Portuguesa, respectivamente, aparece nos dois a vontade de encontrar uma matriz identitária, recorrendo para tal às raízes telúricas e aos dinamismos históricos, consubstanciados na visão mística e mítica da natureza que transparece nas suas criações poéticas, onde é ainda possível apreciar a harmonia existente entre realidades aparentemente antagónicas.

Na leitura aqui feita de *Marânus* e de *The Wanderings of Oisín* salientemos o facto de ambos serem poemas com características narrativas e mitológicas, nos quais se criam universos simbólicos, onde mitos, natureza e História se entrelaçam na procura de caminhos possíveis para a compreensão do mundo. Veja-se que William Butler Yeats recupera lendas, recorrendo a pesquisas levadas a efeito no universo transcendental da mitologia céltica existente; ao invés, Teixeira de Pascoaes cria a sua própria figura mítica, nascida a partir de um Marão personificado. Ao percorrerem caminhos metafísicos, Marânus e Oisín, num espaço de múltiplas indagações, assumem-se como profetas de horizontes misteriosos e atribuem ao leitor a tarefa hermenêutica de os interpretar, tendo como finalidade a reconfiguração do seu próprio presente. A “questão das origens”, quesito popularizado (provavelmente pela síntese feliz que faz das inquietações fundamentais do ser humano) nas interrogações sequenciais “Quem somos, de onde vimos, para onde vamos?”, é aqui retomada, e nos universos transcendentais dos autores sentimos uma tentativa de elaboração de uma cosmogênese e antropogênese capazes de explicar o Mundo e o Homem no Mundo.

---

<sup>1</sup> Miguel Esteves Cardoso. “Introdução”. *A Arte de Ser Português por Teixeira de Pascoaes*. Lisboa: Ed. Assírio e Alvim, 1998. XI.

<sup>2</sup> Parte da mitologia da Irlanda pré-cristã foi preservada na literatura medieval irlandesa e, ainda que muita dessa matéria não tenha provavelmente tido qualquer registo escrito, o remanescente permite a identificação de quatro ciclos distintos, embora sobrepostos: o ciclo mitológico irlandês, o ciclo do Ulster, o ciclo feniano e o ciclo histórico irlandês (existem ainda textos mitológicos que não se encaixam em quaisquer dos ciclos). O ciclo do Ulster e o ciclo feniano ocupam-se dos feitos dos heróis irlandeses. As histórias do ciclo feniano datam do século III e têm lugar principalmente nas províncias de Leinster e Munster, relacionando-se também com a comunidade de língua irlandesa na Escócia. As histórias giram em torno dos feitos de Fionn macCumhaill e o seu grupo de soldados, os *fianna* ou guerreiros fenianos. A fonte individual mais importante do ciclo feniano é o *Acallam na Senórach* (Colóquio do Velho). De acordo com a análise linguística efectuada, o texto foi datado como pertencendo às produções escritas do século XII. Conta as conversas entre Cailte macRónáin e Oisín, o último dos sobreviventes dos *fianna*, e São Patrício. Os *fianna* das histórias estão divididos pelo Clann Baiscne, liderado por Fionn, e o Clann Morna, liderado pelo inimigo, Goll macMorna. Dois dos maiores contos irlandeses, *A Perseguição de Diarmuid e Gráinne* e *Oisín em Tír na nÓg* fazem parte deste ciclo. A história de Diarmuid e Grainne, que é um dos poucos contos fenianos em prosa, é a provável fonte de *Tristão e Isolda*. O mundo do ciclo feniano é aquele no qual os guerreiros passam o seu tempo caçando, pescando, lutando e vivendo aventuras no mundo espiritual. Os recém-admitidos no grupo devem ter conhecimentos de poesia e terão que ser submetidos a um certo número de testes físicos e provações.

<sup>3</sup> As obras analisadas encontram-se referenciadas no final do ensaio em BIBLIOGRAFIA — OBRAS ANALISADAS, pelo que se indicarão apenas os números de página.

<sup>4</sup> O Outro Mundo, ou o Paraíso da mitologia celta, é o reino dos mortos, o lar das divindades ou a fortaleza de outros espíritos e entidades, tais como os *Sídhe*. Os contos e o folclore descrevem-no como existindo ao lado do mundo dos vivos, mas invisível para a maioria dos humanos. O Outro Mundo celta é visto como estando próximo do momento do crepúsculo e da aurora, por isso é visto como um momento especial para os *Sídhe*.

<sup>5</sup> *Sídhe* é uma palavra irlandesa e escocesa que designava inicialmente “colinas” ou “montes”, que se imaginavam como sendo o lar de um povo sobrenatural vinculado às fadas e elfos de outras tradições, e posteriormente se utilizou quando se referiam estes mesmos seres, significando os ancestrais, os espíritos da natureza ou as próprias divindades.

<sup>6</sup> Manannan Mac Llyr é uma divindade celta ligada ao mar e ao Outro Mundo, à qual são atribuídas as funções de psicopompo e de guarda da entrada que conduz ao Outro Mundo.

## OBRAS ANALISADAS

Pascoaes, Teixeira. *Marânus*. Lisboa: Assírio e Alvim, 1990.

Yeats, William Butler. “The Wanderings of Oisín”. *The Poetical Works of William B. Yeats*. Vol. I. *Lyrical Poems*. New York and London: Macmillan, 1908. 67-149.

## BIBLIOGRAFIA

Alcoforado, Diogo. «Teixeira de Pascoaes e o “Espírito Português”: breves notas para uma reflexão possível». *Revista da Faculdade de Letras: Filosofia*. Série II, vol. 21 (2004): 225-232.

Bloom, Harold. *Yeats*. London: Oxford University Press, 1972.

Bridge, Ursula, ed. *W. B. Yeats and T. Sturge Moore; Their Correspondence, 1901-1937*. New York: Oxford University Press, 1953.

Brown, Malcolm. *The Politics of Irish Literature: from Thomas Davis to W. B. Yeats*. Seattle: University of Washington Press, 1973.

Brunner, Larr. *Tragic Victory: The Doctrine of Subjective Salvation in the Poetry of W.B. Yeats*. Whitston, NY: Troy, 1987.

Campos, Álvaro de. “Pecado Original”. *Fernando Pessoa, Obra Poética*. Vol. II. Lisboa: Círculo de Leitores, 1986. 252-253.

Castle, Gregory. *Modernism and the Celtic Revival*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

Coelho, Jacinto do Prado. “Recensão crítica a Olhando para trás vejo Pascoaes, de Maria da Glória Teixeira de Vasconcelos”. *Revista Colóquio/Letras*. 5 (Jan. 1972): 92-93.

Cornwell, Ethel F.. *The Still Point: Theme and Variations in the Writings of T.S. Eliot, Coleridge, Yeats, Henry James, Virginia Woolf, and D.H. Lawrence*. New Brunswick, NJ: Rutgers University Press, 1962.

- Eagleton, Terry. "Mystic Poet". *The Nation* (8 Dec. 2003): 4.
- Eddins, Dwight. *Yeats: the Nineteenth Century Matrix*. University of Alabama Press, University, AL, 1971.
- Faulkner, Peter. *William Morris and W. B. Yeats*. Dublin: Dolmen Press, 1962.
- Foster, R. S. *W. B. Yeats: a Life Vol. 1. The Apprentice Mage, 1865-1914*. Oxford and New York: Oxford University Press, 1997.
- Garcia, Mário. "Marãnus". *Revista Colóquio/Letras* 129/130 (Jul. 1993): 229.
- Guimarães, Fernando. «Recensão crítica a "A Saudade e o Saudosismo", de Teixeira de Pascoaes; "Poesia de Teixeira de Pascoaes", de Teixeira de Pascoaes». *Revista Colóquio/Letras* 108 (Mar. 1989): 115-116.
- Harrison, John R. «What Rough Beast? Yeats, Nietzsche and Historical Rhetoric in "The Second Coming."». *Papers on Language and Literature* 31.4, 1995.
- Heaney, Seamus. "All Ireland's Bard." *The Atlantic Monthly* (Nov. 1997).
- Hone, Joseph. *W. B. Yeats, 1865-1939*. New York: Macmillan, 1943.
- Hopkins, David, ed. *The Routledge Anthology of Poets on Poets: Poetic Responses to English Poetry from Chaucer to Yeats*. New York: Routledge, 1994.
- Jochum, K. P. S., ed. *The Reception of W.B. Yeats in Europe*. London: Continuum, 2006.
- Khan, Jalal Uddin. "Yeats and Maud Gonne: (Auto)biographical and Artistic Intersection". *Alif: Journal of Comparative Poetics* (2002).
- Machado, Álvaro Manuel. «A poesia da "presença" ou a retórica do eu». *Revista Colóquio/Letras*. 38 (Jul. 1977): 5-12.
- McNeill, Patrícia Oliveira da Silva. "Affinity and Influence: The Reception of W. B. Yeats by Fernando Pessoa". *Comparative Critical Studies*. Vol. 3, Issue 3 (2006): 249-267.
- Martins, Mário. "No centenário de Teixeira de Pascoaes". *Revista Colóquio/Letras* 40 (Nov. 1977): 72-7.
- Mendonça, Fernando. "Recensão crítica a *Obras Completas* (Poesia), de Teixeira de Pascoaes". *Revista Colóquio/Letras* 4 (Dez. 1971): 88-89.
- Nietzsche, F. *Da Retórica*. Lisboa: Ed. Vega, 1995.
- Pascoaes, Teixeira. *Obras Completas*. Ed. Jacinto Prado Coelho. Vol. I. Lisboa: Livraria Bertrand, 1967.
- . *Poesia de Teixeira de Pascoaes*. Coord. de Maria Alzira Seixo. Lisboa: Editorial Comunicação, 1987.
- . *Arte de Ser Português*. Lisboa: Assírio e Alvim, 1998.
- . *Livro de Memórias*. Lisboa: Assírio e Alvim, 2001.
- Pearce, Michele. "Yeats and the Women Who Loved Him". *American Theatre* (Feb. 1997).
- Pessoa, Fernando. "A Nova Poesia Portuguesa". *Textos de Crítica e de Intervenção*. Lisboa: Ed. Ática, 1980.

- Sá, Maria das Graças Moreira de. *A Estética da Saudade em Teixeira de Pascoaes*. Lisboa: Instituto da Cultura e Língua Portuguesa, 1992.
- Simon, John. "Beyond Faeryland". *New Criterion* (May 2004).
- Stock, A. G. *W. B. Yeats: His Poetry and Thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 1961.
- Toibin, Colm. "The Second Coming: Ireland Still Lives in the Shadow of W B Yeats. At Times, the Shadow Darkens and Changes Its Shape, but It Is Never Absent, Because His Search for Freedom and Soaring Autonomy Makes Him Our Contemporary." *New Statesman* (27 Oct. 2003).
- Wordsworth, William. *The Prelude, 1799, 1805, 1850: Authoritative Texts, Context and Reception, Recent Critical Essays*. Edited by Jonathan Wordsworth, M. H. Abrams, Stephen Gill. New York and London: Norton Critical Edition, 1979.

UMA CARTOGRAFIA DO OLHAR:  
IMAGENS DE INGLATERRA E DOS ESTADOS UNIDOS  
NA OBRA DE JORGE DE SENA

Dora Gago  
Universidade de Aveiro  
Centro de Línguas e Culturas

A Inglaterra e os Estados Unidos fizeram parte do percurso vivencial de Jorge de Sena: o primeiro, visitado diversas vezes, originou poemas, cartas e um livro intitulado *Inglaterra Revisitada*, para além de traduções e diversos ensaios sobre autores ingleses e norte-americanos; no segundo, viveu durante treze anos, entre 1965 e a data da sua morte (1978) — primeiro em Madison, onde leccionou na Universidade de Winsconsin, da qual se demitiu em 1970, e depois em Santa Bárbara, tendo exercido funções na Universidade da Califórnia como catedrático efectivo de literatura portuguesa e brasileira e de Literatura Comparada do departamento de Espanhol e Português.

Deste modo, atendendo à ordem cronológica, acompanharemos as viagens de Jorge de Sena, para analisarmos as imagens configuradas pelo seu olhar de visitante face a Inglaterra, partindo das impressões registadas em *Inglaterra Revisitada*, nomeadamente, nas “Cartas de Londres”. Seguidamente, sempre numa perspectiva comparativista, interpretaremos a representação dos Estados Unidos, fruto da sua vivência de imigrante, que emerge de “Os Estados Unidos” (parte integrante de *Peregrinatio ad Loca Infecta*) e “América, América I love you” presente em *Sequências*. Além disso, outra obra contemplada no nosso corpus de estudo é *Sobre o romance, ingleses, norte-americanos e outros*.

## 1. Andanças por Inglaterra...

Apesar de nunca ter vivido em Inglaterra, como chegou a desejar, o autor passou neste país alguns períodos de tempo, inspiradores de *Inglaterra Revisitada*, organizada postumamente por D. Mécia de Sena, que reúne as seis “Cartas de Londres” e duas palestras. As primeiras foram escritas entre 17 de Outubro e 28 de Novembro de 1952, tendo sido ouvidas, pela primeira vez, num programa de rádio da BBC, intitulado “Programa de Língua Portuguesa”. As palestras, datadas de 22 de Maio de 1953 e de 15 de Janeiro de 1958, constituíram resumos das duas viagens e estadas feitas por Sena em 1952 e 1957, tendo-se realizado ambas no Instituto Britânico do Porto.

A primeira visita a Inglaterra realizou-se em 1952, no âmbito de um estágio que o escritor completava como engenheiro civil na Blackwood Lodge, enquanto que a segunda ocorreu em 1957.

Nesta sequência, embora atentemos particularmente nestas primeiras incursões, tendo em conta o *corpus* seleccionado, importa referir que o autor visitou diversas vezes este país, estando documentadas pelos menos mais seis visitas, realizadas em: 1968 (empreendeu uma viagem de quatro meses na qual percorreu doze países europeus e setenta cidades, muitas delas inglesas); posteriormente, regressou em 1971, 1972, 1973, 1974 e, por fim, em 1977, um ano antes de falecer.

Deste modo, vamos debruçar-nos sobre as primeiras impressões colhidas de Inglaterra, país cuja cultura lhe era tão particularmente querida, patentes nas já mencionadas “Cartas de Londres”.

Então, na primeira, revela-nos o facto de esta visita a Inglaterra ser há muito um objectivo a alcançar, um dos grandes sonhos da sua vida, pois, como refere:

Anos a fio, como tantos outros sonham com a “capital do espírito” ou “cidade das luzes”, eu sonhei com esta cidade sombria e dourada, severa e pomposa, negra e vermelha, em que viveram tantos homens que admiro, e tantos personagens de romance que amo, viveram para mim ainda mais do que aqueles. (Sena, *Inglaterra Revisitada* 27)

A Inglaterra, ao contrário dos Estados Unidos foi abordada através de um olhar accidental de visitante: “Porque a verdade é esta: eu não ando a ver a Inglaterra com os olhares optimistas, desprendidos, superiores dos turistas, que sentem na algibeira o restolhar dos seus travellers-checks” (Sena, *Inglaterra Revisitada* 27).

Deste modo, a visão do autor perante este país estrangeiro não se limita a uma sucessão de comentários subjectivos, ou de impressões exóticas, reflectindo a sua condição ontológica como exilado na própria pátria, antes de ter efectivamente partido para o exílio.

Os percursos pela cidade permitem-lhe contemplar os aglomerados urbanos, reveladores de uma “igualdade na diferença”, devido à sua aparente homogeneidade. A paisagem e os outros aspectos observados são comparados com os existentes no país de origem, sendo a realidade estrangeira considerada superior à da pátria, numa atitude face ao outro, que espelha a genuína “filia”: “Em Londres, porém, a atmosfera, a sujidade, a luz, dão a tudo, do mais absurdo e imitativo momento à mais delicada obra-prima como a capela de Henrique VII, em Westminster Abbey, o mesmo ar de solene e sublime encanto.” (*Inglaterra* 28).

A descrição da cidade é emotiva, sendo delineada como bela, livre, civilizada, nobre. Das próprias ruas emerge a sensação de liberdade: “todas estas ruas, todas as praças são de uma liberdade urbanística bem representativa do coordenado individualismo que fez e faz a nobreza de Inglaterra ... e até a atmosfera enevoenta se torna encantadora” (*Inglaterra* 29).

Em síntese, os assuntos tratados nesta carta são: o carácter inglês, o espírito da Inglaterra e diversas descrições de Londres que focam as ruas, monumentos, arquitectura, clima, trânsito, etc. Deste modo, a Inglaterra é um objecto transposto, teatralizado, que o autor expõe e interpreta para o ouvinte/leitor.

Por seu turno, na segunda carta, evidencia-se o facto de Portugal ser a personagem central.

Nesta esteira, para além das ruas de Londres, é descrito o carácter do povo inglês, sendo elogiado o seu civismo (“a simplicidade civilizada naturalíssima ... a sua boa educação, a dignidade e a delicadeza que os fazem agradecer constantemente tudo”) (*Inglaterra* 30).

Notamos que esta Inglaterra mágica e feliz de Sena contrasta com a mal-amada, representada amargamente por Eça de Queirós nas suas *Cartas de Inglaterra*. Neste contexto, o autor aproxima-se mais do *Diário da Minha Viagem a Inglaterra* (1823-1824) de Almeida Garrett, obra publicada pela Gazeta de Notícias do Rio de Janeiro, de 1880 a 1896, que delinea este país estrangeiro como um espaço positivo, possibilitador da descoberta de novos horizontes. Aliás, é nesta segunda carta que refere: “Estou compreendendo perfeitamente aqueles sentimentos que Garrett ou Herculano acidentalmente descrevem, acerca de quão difícil é estar na Inglaterra: sentirmo-nos repar-tidos entre a *gentleness* desta gente ... e a cruciante saudade de

um Portugal mais brusco e menos ordenado ...” (*Inglaterra* 33). Deste modo, através da referência a estes escritores, Sena evoca e insere-se na tradição do passado nacional de exílio, que, no seu caso pessoal, é ainda apenas pressentido, uma vez que se exilará alguns anos depois, em 1959.

Assim, o seu eixo referencial a partir do qual julga a realidade estrangeira é sempre o seu país de origem, visto que o escritor nunca se despoja da sua bagagem cultural e vivencial. Por conseguinte, as “Cartas de Londres”, tal como refere Paula Gândara (“Cartas de Londres” 347) têm Portugal como personagem central, presentificado através do constante recurso ao espaço português e ao contraste que se estabelece entre os dois países. Nesta sequência, ele dirige-se a um público não especializado que nunca visitou Inglaterra, por isso descreve a Westminster Abbey nestes termos:

Porque, com todos os “memorial” e túmulos de homens ilustres, a grande Abadia e Santo Eduardo, o Confessor, parece... Arranjemos um símile compreensível para portugueses: Westminster Abbey parece o Mosteiro da Batalha com o Cemitério dos Prazeres lá dentro. (Sena, *Inglaterra* 34-35)

Desta maneira, ele pretende captar a atenção do povo português, que é o destinatário colectivo, social, destas cartas, englobá-lo, envolvê-lo no discurso. Por conseguinte, faz ressaltar a dialéctica da proximidade e da distância implicada na forma epistolar “— lá, além...”, tal como assinala Paula Gândara (“Cartas de Londres” 346-347), cruzando a distância e instaurando o significado de uma realidade longínqua, ao afirmar: “É que Londres, uma cidade imensa, que com os seus arrebal-des, congrega quase tanta população como o Portugal continental.” (Sena, *Inglaterra* 45).

Na “terceira Carta de Londres” são focados os museus londrinos (sendo criticados os seus horários caóticos) e questões da actualidade de teor político. Ao referir ainda a influência da imprensa no seu olhar de estrangeiro (*Inglaterra* 40), cumpre a missão de um correspondente jornalístico, incluindo-se, nesta carta, nesse protótipo. O autor apresenta igualmente os assuntos que constituem as parangonas dos diversos jornais ingleses, dando a sua opinião pessoal, enquanto filtra a informação e generaliza. Neste contexto, as notícias referidas são três: as perturbações no Quénia, a proibição da transmissão da coroação de “mais uma rainha Isabel” e a discussão acerca de deverem ou não ser chicoteados os culpados de assalto à mão armada. Verificamos que estas preocupações sociais do

quotidiano inglês são meras futilidades, revelando que, no fundo, a Inglaterra não tem problemas com que se preocupar. Enfatiza-se, então a ideia de um paraíso, país idílico e ordeiro, que contrasta com Portugal.

Seguidamente, o narrador detém-se no Museu Britânico. Primeiro, expõe a utilitariedade dos museus, apresentando depois o objectivo da sua existência, através de uma referência a Shaw que deve remeter para a aparente valorização do lugar, num tom irónico. Por fim, aquele espaço ganha contornos anímicos, como se ocorresse um diálogo gerador de emoções:

pasmei diante dos frisos emétopes do Parténon .... estremeci, docemente, .... perante a Deméter de Cnico ... encantou-(me) a nobre majestade da estátua de Mausolo .... Mas talvez nem toda a gente tenha a sinceridade de ficar frio, desiludido e indiferente perante a escultura egípcia. (*Inglaterra* 42)

Para Sena é difícil a comunicação com a monumentalidade das estátuas egípcias, pois esta estatuária alinhada e catalogada, desenraizada, perde a sua humanidade. Assim, nesta visita, plena de reflexões, ele valoriza as grandes e belas coisas do mundo, opostas às “pouco ou nenhuma coisas de que são feitas as nossas arrelias quotidianas, a ponto de quase parecer que disso a própria vida é feita”.

Relativamente a obras de arte patentes no Museu Britânico, Sena não deixa de mostrar o seu deslumbramento perante o Artemidoro, ao qual dedicou posteriormente vários poemas, como é corroborado nesta passagem:

Eu, por anos que viva, nunca esquecerei o olhar de Artemidoro, jovem egípcio já do período helenístico, em cuja melancolia e serena expressão se funde todo o mundo antigo que o Mediterrâneo banhou. Um fervor discreto, como o de uma pequena lâmpada.” (*Inglaterra* 42)

Aliás, o poema “Artemidoro” presente em *Metamorfoses*, foi originado pela visita de Sena ao Museu Britânico, durante a sua primeira estada em Inglaterra,

Por seu turno, a quarta carta faz uma viagem pelos espectáculos e espectadores de Londres, salientando a sua quantidade e qualidade, assim como o interesse dos ingleses pela cultura, ao contrário do que sucede em Portugal. De entre todos, enfatiza a qualidade e a beleza da ópera americana *Porgy and Bess*.

Além disso, acentuam-se outras características deste povo, algumas estereotipadas, como é o caso da pontualidade e da

discrição. A estes aspectos, acrescem o sentimentalismo e o sentido de humor eivado de uma certa ternura. (*Inglaterra* 49)

Na quinta carta, o autor antecipa já a saudade que vai sentir de Londres, focando os mil quilómetros percorridos em Inglaterra, de automóvel, desde Northampton a Sunderland e até às margens do mar da Irlanda.

Seguidamente, o visitante tece uma série de considerações acerca dos monumentos e paisagens de Inglaterra, da fusão entre a natureza, as marcas da história, da civilização e da cultura e a diversidade das paisagens. Imagina, além disso, um “quadro-síntese”, representativo dos elementos mais significativos do país visitado, tecido da seguinte forma:

se quisesse representar a Inglaterra, deveríamos compor o seguinte quadro: umas colinas entre agrestes e verdejantes, ao fundo: a meio uma torre gótica, rodeada de chaminés fumegantes, e à frente, num prado de apetitosa relva, vacas pastando, um comboio passando ... e um bando de gansos [...] condenados à pureza do Natal e à industrialização do *foie gras*. (*Inglaterra* 82)

Neste caso, podemos constatar o tom irónico patente na expressão referente à “industrialização do *foie gras*”, vinculada à “pureza” natalícia.

Finalmente, na sexta, o autor salienta a grandiosidade de Inglaterra como nação e o facto de Londres ser a maior cidade do mundo. Sublinha, nesta sequência, a importância de uma estada no estrangeiro para nos conhecermos a nós próprios, ou seja, o facto de a alteridade, o reconhecimento de um “outro” distinto de nós a nível da cultura e da língua, conduzir a um conhecimento aprofundado da nossa identidade.

É ainda nesta última carta que encontramos uma maior reflexão e meditação acerca das características do povo inglês, enfatizando-se a sua dimensão humana. Neste caso, é referido o seu carácter reservado, pois são considerados “um povo extremamente bisbilhoteiro, que se educou numa dieta de discrição” (*Inglaterra* 58).

Além disso, Sena apresenta uma síntese dos aspectos focados nas cartas onde pretendeu revelar o encantamento que lhe ia na alma. Justifica, no entanto, a sua admiração: “Poderá parecer ridículo a muita gente este embevecimento, que julgo que não é cego, pois que é exactamente igual ao dos nossos compatriotas ou outros estrangeiros que aqui vivem, com os quais tenho trocado impressões” (*Inglaterra* 59).

Assim, estas cartas transcendem largamente as temáticas que poderiam interessar a um turista vulgar, revelando o encantamento do autor face ao povo, à cultura e às paisagens inglesas que procura conhecer profundamente, numa tentativa de lhe apreender a essência.

Com efeito, sendo fruto da distância, que procuram aniquilar, estes textos projectam uma Inglaterra que se deseja desdobrada na terra natal. Porém, este ensejo converte a missão do visitante numa utopia “porque tal irradiação não é, na sua essência, mais do que um desejo profundo do autor” (Gândara, “Cartas de Londres” 347). Nelas, Jorge de Sena testemunha uma Inglaterra única perante um Portugal do seu descontentamento, do qual não se consegue distanciar, já que a presença do país de origem é uma constante.

Na verdade, não é um turista que delinea estas imagens multiformes, por vezes até incompletas, mas sim um artista, que abarca o maior número de assuntos, capta a multiplicidade das imagens com que se vai confrontando, revela-nos a sua essência, cruzando sempre a realidade exterior da Inglaterra contemplada com a interior como experiência do autor viajante.

Contudo, cinco anos depois, em 1957, quando regressa a Inglaterra e elabora a palestra intitulada precisamente “Inglaterra Revistada”, Sena assume-se com uma postura menos lírica e mais cautelosa, menos cândida e espontânea, afirmando: “Como vedes, eu vinha muito lírico, escrevera coisas muito bonitas, que não vos li sem certo constrangimento agora, e à maneira de quem põe um cilício para se castigar” (*Inglaterra* 66).

Após a reavaliação, atenua-se o encantamento e o entusiasmo pela Inglaterra gloriosa do primeiro encontro: “Regressado da Inglaterra que amo como Inglaterra e como Europa, não ambiciono afinal mais que comunicar-vos uma angustiosa sensação de vazio” (*Inglaterra* 72).

A principal justificação para este facto poderá ser a seguinte: quando visitou Inglaterra pela primeira vez o autor não conhecia ainda outros países da Europa, nem sequer Espanha (*Inglaterra* 63), por isso não tinha outra base de comparação a não ser Portugal, daí a primeira impressão paradisíaca. Afirma o autor, neste âmbito:

Há cinco anos eu não me livrara de uma certa fascinação” (*Inglaterra* 64). Cinco anos depois a Inglaterra “morria”, abandonando a sua respeitabilidade exterior, a sua grandiosidade imperial caindo numa “certa dissolução de costumes, um decair das prosápias racistas e puritanas. (*Inglaterra* 68)

Por conseguinte, a melhor das civilizações converte-se apenas no país da seriedade, da dignidade e da simplicidade (*Inglaterra* 74).

Esta palestra intitulada “Inglaterra Revisitada” tem um carácter predominantemente informativo e cultural, assumindo-se como um percurso pelos autores ingleses do passado e do presente, considerados mais significativos para Jorge de Sena, que sublinha a importância que a “bagagem cultural” assume para a compreensão de um país. No entanto, adverte igualmente para os cuidados a ter relativamente ao conhecimento dos países através da literatura, visto que ela também pode ser “má conselheira” ao veicular uma realidade distinta da vivida pelos povos.

Em suma, embora o fascínio inicial perante a Inglaterra delineada como “um país das maravilhas” se atenua aquando da revisita ocorrida cinco anos depois, a sua imagem é bastante positiva, continuando a evidenciar-se a sua notória superioridade relativamente a Portugal.

De um modo geral, a Inglaterra é configurada como o espaço da liberdade, da harmonia, da unidade, da igualdade, da dignidade e dos direitos humanos, habitado por um povo discreto, pontual, amante da cultura, uma civilização superior, um “lugar mágico”, cuja imensidão contrasta com a pequenez, a opressão, o culto das aparências, da mediocridade, e o desprezo pela cultura patentes em Portugal.

## **2. Os Estados Unidos: o último destino de exílio**

A decisão de partir para os Estados Unidos surge após o golpe de Estado de 1964 que instaurou a ditadura militar no Brasil. Refere o autor, numa carta dirigida a Guilherme Castilho, datada de 17 de Julho de 1965: “Não sei se vocês sabem que, convidado, como catedrático visitante, pela Universidade do Wisconsin, março para os Estados Unidos, no dia 27 de Agosto, para reger lá as cadeiras de Literatura Portuguesa e de Literatura Brasileira” (*Correspondência* 1981: 111).

Assim, os primeiros poemas sobre a América, num total de dezasseis, surgem na secção “Estados Unidos da América” de *Peregrinatio ad Loca Infecta*.

O primeiro destes textos testemunhais, escrito na América a 4/12/1965, assume um teor autobiográfico. Intitula-se “Do trópico de Capricórnio aos grandes Lagos”, constitui uma meditação sobre o envelhecimento (“Envelhecia / num Verão chuvoso ou num Inverno claro / em que de noutras árvores a folhagem

viva / apenas de ser verde persistia”) (Sena, *Poesia III* 85) de onde emerge, paralelamente, o contraste entre a paisagem outonal da América do Norte e a brasileira.

A mesma temática é veiculada, seguidamente, pelo “frígido vento”, assumindo, neste caso, o envelhecimento um teor erótico.

A sua primeira primavera passada nos Estados Unidos inspira-lhe o texto “Primavera no Wisconsin”, escrito em 1966, no qual encontramos uma descrição paisagística, humanizada e comparada a um corpo: “Na limpidez tranquila da manhã diáfana / em que as despidas árvores imóveis / são como nervos ou expectantes veias” (*Poesia III* 89).

Em Wisconsin escreve ainda “A Casa em frente ou melancolias de um voyeur”, que segundo Cota Fagundes, é o mais significativo, “pois aponta para um tipo de temática testemunhal que vai informar muitos dos ... poemas de experiências americanas de “América, América, I love you” — postura de voyeur, comum em Jorge de Sena (Fagundes, 211).

Seguidamente, importa focar a já referida colectânea, intitulada “América, América I love you” formada por 28 poemas, que constitui a sexta parte de *Sequências*, publicada postumamente em 1980.

O primeiro texto, consagrado ainda ao Brasil, terá sido escrito em 1961, e o segundo, intitulado “Ray Charles”, em Março de 1964, ainda no exílio brasileiro. Os restantes 26, sobre os “Estados Unidos”, datam, na sua maioria, de 1969, e outros de 1970. Não são, por isso, textos de recém-chegado, tendo sido produzidos quatro ou cinco anos depois de Sena chegar aos Estados Unidos.

Segundo Francisco Cota Fagundes, estes textos parecem “sugerir um frenesim, um como que desejo de reviver poeticamente o primeiro encontro cultural do poeta com o novo país — marcados por uma certa ingenuidade que não é comum no modo como Sena via os países e as gentes” (Fagundes, 211).

Na verdade, cada um desses textos assume um pendor de condensação narrativa, deixando transparecer um tom satírico. Muitos deles satirizam as tradições culturais americanas de herança anglo-saxónica, espelhadas em comportamentos sexuais incongruentes, atribuíveis a um falso puritanismo. É o caso dos títulos: “culto da virgindade”, “marido e mulher” (em que o marido é “condenado a dois anos de tratamento num instituto psiquiátrico / por atentar, vicioso, / contra a virtude da esposa”), (Sena, *Sequências* 99). Outro exemplo bem concreto deste tom satírico, narrado como uma “short story”, é o poema intitulado “pavloviana ou os reflexos condicionados”:

Parqueavam o carro à porta dela, / e durante mais de uma hora, / rolavam-se e reboavam-se lá dentro. // Depois, saciados, fechavam o carro / e entravam em casa (para lavar-se e dormir). // (Na verdade, a casa não era dela, / mas de ambos: Moravam lá, / até eram casados). (*Sequências* 97)

Além disso, são satirizados outros costumes, como é o caso do patológico amor dos animais ou as excentricidades mórbidas que resultam num ódio cruel a esses mesmos animais — presente, por exemplo, em “o velho que não gostava de gatos” (*Sequências* 116).

Outro aspecto focado é o incongruente e hipócrita espírito de igualdade, evidenciado no tratamento familiar, mas que não impossibilita que o indivíduo que assim nos trata, terminado o negócio, sem se despedir, parta e vá “tratar e ser tratado pelo nome próprio, / durante um ou dois anos, outros amigos de infância” (*Sequências* 105).

Contudo, são certas práticas do capitalismo americano o alvo mais atingido pela crítica acutilante, contemplando diversas variações: o denominado “junk mail”, ou seja, correspondência-lixo que vem, apesar de tudo, alegrar o coração dos solitários, já que “qualquer americano sentiria que o mundo o abandonara, / se o correio lhe não trouxesse essa meia hora / de saber-se destacado em listas de moradas / (que as entidades aliás, permutam entre si)” (*Sequências* 110); as práticas gananciosas dos agentes e das funerárias (ex: “um enterro”); a cultura do compra-e-joga fora, do “descartável”, pois, tal como se afirma em “obsolescência”, “Nada é feito para durar ...” (*Sequências* 104). Por fim, são também duramente criticadas as desumanas exigências das instituições médicas e das companhias de seguros, em detrimento dos interesses e necessidades dos hospitalizados, presentes em “doença urgente”. Aliás, a desconfiança do autor perante o sistema de saúde norte-americano encontra-se documentada numa carta escrita de Santa Bárbara a José Augusto França, datada de 22 de Novembro de 1972, na qual refere:

Fui de corrida a um médico (só tenho usado, desde 1970, médicos em Paris — assim mesmo, e excelente que ele é — ou em Lisboa, pelo meu horror da medicina americana, que ou te trata como uma mina de ouro, com todos os requintes da ciência e delongas que dão tempo para morreres primeiro, ou te receita alguma coisa um pouco mais forte que aspirina... e continuas na mesma de igual modo). (*Correspondência* 2007: 331)

Assim, os referidos poemas de “América, América, I love you” apresentam pequenas histórias que criticam de forma irônica e satírica o cotidiano, por vezes, absurdo dos Estados Unidos, focando temas como o sexo, a doença ou os costumes.

Neste contexto, Jorge de Sena, através de uma óptica etnocêntrica, recorrendo a observações, nem sempre provavelmente observadas, veicula uma imagem estereotipada deste seu segundo país de acolhimento, sobre o qual deixa transparecer alguns juízos de valor. Deste modo, critica a hipocrisia subjacente ao capitalismo, ao suposto espírito e tolerância democráticos, revelando uma imagem cáustica e estereotipada do país.

Nesta esteira, Onésimo de Almeida considera de notória pobreza e de uma flagrante fragilidade imaginativa esta colectânea de poemas, que terá sido fruto “do choque inicial dos primeiros contactos com os Estados Unidos”, por conseguinte, “neles quase nem se manifesta o brilho do olhar com que Sena iluminava o mundo de que falam os seus versos” (Almeida 11).

Esses textos terão sido, então, a consequência de uma impressão ainda pouco esclarecida, duma reacção etnocêntrica ao diferente, pois “complexa na aparente transparência, a sociedade dos Estados Unidos provoca imediatamente reacções fortes (pró ou contra) em quem com ela entra em contacto. E Jorge de Sena apercebeu-se dessa realidade” (11).

Por conseguinte, segundo o autor supramencionado, Sena teve consciência de que a imagem da sociedade americana presente nestes poemas não terá sido a mais fiel, daí a obra só haver sido publicada postumamente, visto que o poeta se terá deixado perturbar por “características culturais de superfície que, integradas no seu contexto, se revelam muito mais complexas do que pareciam à primeira vista” (11).

Porém, não podemos esquecer que o escritor chegou aos Estados Unidos já com uma bagagem cultural fornecida pela literatura norte-americana, carregando já os estereótipos fornecidos por autores como Hemingway, Caldwell ou Faulkner, que pretendia, de certo modo, verificar *in praesentia*, ou seja ao “vivo e a cores”, visto que, como refere George Monteiro:

Os Estados Unidos eram outra questão. Apesar de partilharem a língua britânica, para Sena, a América não era nenhum lugar mágico. Ele não a achou de imediato rica no seu passado e forte em cultura. Na verdade, ele não esperava encontrar nos Estados Unidos mais do que a evidência do materialismo e da vulgaridade para que escritores como Hemingway, Erskine, Caldwell, Scott Fitzgerald e Sinclair Lewis, na sua leitura deles o haviam preparado. (Monteiro 16)

Em síntese, dos Estados Unidos é-nos fornecida uma imagem estereotipada, baseada numa sátira aos costumes norte-americanos muito evidente em “América, América I love you”, onde se condena o falso puritanismo, o sistema capitalista americano, o sistema de saúde, a hipocrisia, etc.

Por outro lado, a importância que a Literatura Inglesa e Norte-americana assumem para Jorge de Sena encontra-se documentada noutras obras, como é o caso de *A Literatura Inglesa* (publicada no Brasil em 1963, reúne vinte e cinco estudos da cultura e literatura inglesas); *Sobre o Romance (Ingleses, Norte-Americanos e Outros)* que reúne ensaios, artigos e prefácios publicados pelo autor entre 1954 e 1961, onde são contemplados: Laurence Sterne Peacock, Henry James; D.H. Lawrence, George Orwell, Norman Douglas, Graham Greene, Samuel Beckett, Faulkner, Caldwell e Hemingway.

Neste contexto, o autor considera como expoentes máximos da Literatura Norte-Americana os três últimos autores supra-mencionados, reconhecendo a dificuldade em “ser-se escritor” nos Estados Unidos, precisamente devido às características sociais já anteriormente apontadas e alvo de crítica pelo escritor. Afirma então:

Ser-se um grande escritor norte-americano nunca foi e não é uma coisa fácil. ... Naquele puritanismo hipócrita e pedante, onde o triunfo económico — reservado a uns raros eleitos — é o sinal distintivo de uma alma que merece salvar-se, a perdição sob qualquer forma foi sempre, e será por largo tempo ainda, a única forma coerente de criar-se algo que não valha apenas pelos dólares de alma que custou. (Sena, *Sobre o Romance* 187-188)

Neste cenário, segundo Sena, Hemingway descobre uma fraternidade que se afasta e recusa a “sociedade higienizada até na ciência de pecar” (*Sobre o Romance* 188), enquanto Faulkner é considerado “o intérprete mais profundo e trágico” da situação cultural específica do sul dos Estados Unidos (199).

Em suma, são muito distintas as imagens dos dois países expressas através da voz seniana. Não obstante, podemos referir que, comunicando ao “outro” a sua perspectiva perante o estrangeiro, o autor estabelece uma ponte, com o intuito de unir através dos traços de humanidade de que todos somos feitos, quer sejam eles positivos ou negativos. É nesse processo de alteridade, de descoberta do “outro”, que o “eu” vai definindo as linhas da sua própria identidade pessoal e nacional.

Se a Inglaterra é o país mágico, contemplado de forma entusiasta, objecto de uma mitificação pessoal, os Estados Unidos

são uma realidade distinta, complexa, configurada de forma estereotipada, visto que o autor revela alguma dificuldade em abarcá-la na sua profundidade, em integrar-se nela, assumindo, por isso, uma postura crítica. Isto porque estas imagens são configuradas também a partir das expectativas e das representações formadas através das leituras feitas. Segundo afirma o autor: “Conhecendo-se bem a literatura e a história de um país tem-se dele o mínimo de experiência ou de convívio que reconhezi como indispensável” (*Inglaterra* 64).

Como se sabe, Sena foi um escritor e leitor ávido, extremamente erudito. Portanto, muitas das suas viagens e das imagens construídas dos países visitados, germinaram a partir do “silêncio dos livros” (referido por George Steiner), que despertou e predispôs para a descoberta do outro, da realidade estrangeira, delineando as coordenadas de uma cartografia do olhar.

## OBRAS CITADAS

### Activas:

- Sena, Jorge. *Poesia III* (reunião de *Peregrinatio ad Loca Infecta*, *Exorcismos*, *Camões Dirige-se aos seus Contemporâneos*, *Conheço o Sal... E outros Poemas e Sobre esta Praia...* – *Oito Meditações à beira do Pacífico*), Lisboa: Moraes Editores, 1978.
- . *ISequências*. Lisboa: Moraes Editores, 1980.
- . *Inglaterra Revisitada* (Duas Palestras e Seis Cartas de Londres), Mécia de Sena, ed. Lisboa: Ed. 70, 1986 (a).
- . *Sobre o Romance (Ingleses, Norte-Americanos e Outros)*. Mécia de Sena, ed. e introd. Lisboa: edições 70, 1986 (b).

### Passivas:

- Almeida, Onésimo Teotónio. “Também a Jorge de Sena na Humano Era Alheio”, *JL, Jornal de Letras, Artes e Ideias*, 347, Lisboa: 30 de Março, 1987.
- Carlos, Luís F. Adriano. “A escrita da emigração e a emigração da escrita na poesia de Jorge de Sena”. *Nova Renascença*, Porto: 3.11.1983, 248-56.
- Costa, José Francisco. *A Correspondência de Jorge de Sena, um outro espaço da sua escrita*, Lisboa: ed. Salamandra, 2003.
- Fagundes, Francisco Cota. “Ser-se e/imigrante e exilado e como: subsídios para o estudo de um problemático drama seniano em versos», *Para emergir nascemos, estudos de em memória de Jorge de Sena*, (org. Francisco Cota Fagundes e Paula Gândara) Lisboa: ed. Salamandra, 2000. 191-243.

- Gândara, Paula. "Jorge de Sena, ou para o Exílio na palavra", *Jorge de Sena em rotas entrecruzadas* (org. Gilda Santos) Lisboa: ed. Cosmos, 1999. 275-299.
- . "Cartas de Londres" de Inglaterra para Portugal, sempre, *Para emergir nascemos, estudos em rememoração de Jorge de Sena*, 2000. 341-361.
- Guimarães, Fernando. "A Literatura inglesa: a literatura inglesa revisitada", *Jornal de Letras*, 2.<sup>a</sup> ed. 19 junho, 1990. 12.
- Lourenço, Jorge Fazenda. *A Poesia de Jorge de Sena, testemunho, metamorfose, peregrinação*, Paris: Centre Culturel Calouste Gulbenkian, 1998.
- Monteiro, George. "Jorge de Sena, um inglês na América". *Letras e Letras*, 1 Junho. dossier Jorge de Sena, 1988. 16.
- Nogueira, Albano. Recensão crítica a "Inglaterra Revisitada, de Jorge de Sena", *Revista Colóquio Letras*, n.º 99, Set. 1987. 119-121.
- Reis, Paula Gândara da Costa (vide Paula Gândara). *Inglaterra revisitada, do encantamento do escritor à palavra do homem*, dissertação de mestrado em estudos anglo-portugueses (texto policopiado) apresentada à FCSH da Univ. Nova de Lisboa. 1992.
- Sena Jorge/Castilho, Guilherme. *Correspondência*, Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1981.
- Sena, Jorge. *A Literatura Inglesa* (Mécia de Sena 2<sup>a</sup> ed., ver., nota e introd.), Lisboa: Cotovia, 1989.
- . *Diários*. (ed. Mécia de Sena), Porto: Ed. Caixotim, 2004.
- Sena, Jorge/França, José Augusto. *Correspondência*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2007.
- Steiner, George. *O Silêncio dos Livros*. Lisboa: Gradiva, 2007.

## RECENSÃO CRÍTICA

FERNANDO SOBRAL E PAULA ALEXANDRA CORDEIRO,  
*BARINGS: A HISTÓRIA DO BANCO BRITÂNICO*  
*QUE SALVOU PORTUGAL*. CRUZ QUEBRADA:  
OFICINA DO LIVRO, 2005, 220 PP.

*Iolanda Ramos*  
*Universidade Nova de Lisboa*  
*CETAPS*

Os assuntos económicos estão na ordem do dia. Por esse motivo, consideramos ser apropriado chamar a atenção para uma obra anterior à crise financeira mundial e que analisa a história do Banco Barings sob um prisma informativo e pragmático, embora acrescido, umas vezes de modo subtil, outras explícito, de um cunho crítico e irónico. Aos olhos do leitor ganha forma um Barings que, qual D. Sebastião surgido das brumas da velha Albion, acorreu em socorro das finanças portuguesas ao longo de dois séculos e meio.

É pouco comum uma instituição bancária ser a protagonista de uma obra escrita com a fluidez própria de um romance histórico, num género misto de reportagem e de estudo de caso. Para tal, muito concorre o facto de os seus autores serem jornalistas dedicados à área da economia, tendo Fernando Sobral escrito também obras de ficção, incluindo, em 2009, um policial.

É possível identificar os objectivos dos autores nas páginas que compõem a parte I: “para a história económica e política de Portugal, é fundamental conhecermos o olhar deste grande banco inglês sobre este país à beira-mar plantado ... é também uma forma de entendermos melhor as complexas relações do mundo político com o financeiro” (16, 17).

A obra consiste em treze partes, dez das quais podemos considerar capítulos cujos títulos nos parecem suficientemente esclarecedores sobre os respectivos conteúdos e sobre os

dados históricos, económicos e culturais neles contidos — a saber, uma relação secular, o Barings e o início da relação com Portugal, um penhor territorial em 1797, as guerras francesas e o empréstimo de 1802, a sexta potência da Europa, a questão dos tabacos, Sinel de Cordes, Salazar e o grande empréstimo, a ponte sobre o Tejo, os últimos anos e os dilemas de Portugal nos nossos dias.

As três restantes partes conferem ao volume uma frutuosa informação complementar. Em primeiro lugar, apresenta-se uma cronologia de catorze páginas que acompanha o percurso entre o nascimento do fundador do Barings, em 1740, e a instituição do euro como moeda oficial de Portugal, em 2002. A XII parte consiste num curto mas útil glossário de termos económicos. Por último, destaca-se a bibliografia. Os arquivos do Banco, consultados no ING/Barings em Londres, constituem a fonte de informações primordial, mas não única. Os cerca de cinquenta títulos indicados são maioritariamente estudos históricos em língua portuguesa, mas os co-autores do volume recorrem também a algumas obras em língua inglesa e a uma em francês, bem como a um leque variado de investigadores, incluindo académicos que cruzam temáticas portuguesas e britânicas, como Maria Filomena Mónica, Teresa Pinto Coelho e Fernando Rosas.

No corpo dos capítulos, o volume integra ilustrações e reproduções de documentos, com as respectivas legendas, que tornam mais presentes as figuras que intervieram nesta história de sucesso entre uma nação e a sua instituição credora privilegiada. Em nossa opinião, o suporte icónico, além de sublinhar informações pertinentes, pode inspirar novos caminhos de investigação. Lamentavelmente, as referidas imagens não são listadas como um todo no início ou no fim do volume.

A obra sobre o banco britânico que salvou Portugal dirige-se a um público vasto, possuindo diversificados pontos de interesse quer para o leitor comum, quer para um mais especializado. Julgamos que o próprio historial do Banco de Sua Majestade, a rainha de Inglaterra, integra suficientes elementos de mistério e de suspense — desde a sua formação em 1762 e ascensão como o banco de investimento mais antigo de Londres, até ao colapso, em 1995, em consequência das operações especulativas do corretor Nick Leeson — para manter viva a curiosidade da opinião pública nos dias de hoje. Em termos de classificação temática, o volume insere-se nas áreas da Economia, das Finanças e da História, mas contribui igualmente para debater questões culturais e para recapitular aspectos mais ou menos inéditos sobre a Aliança Anglo-Portuguesa, a mais antiga do mundo.

No presente contexto de comemorações do Centenário da República, importa ressaltar que a obra dedica apenas dois parágrafos, na parte VI (132-33), ao momento histórico da revolução republicana e do período da I República. A pouca informação que é facultada resulta, porventura, da instabilidade política que se fazia sentir na época e de um abrandamento nas relações entre Portugal e o Barings, mas parece-nos constituir um tópico que mereceria maior desenvolvimento.

Em suma, a história do Barings acompanha os momentos cruciais da vida financeira portuguesa e levanta questões endémicas e sistémicas, próprias da cultura portuguesa e acentuadas de forma desfavorável quando confrontadas com outras culturas. Com efeito, o vazio deixado pela venda da instituição financeira britânica que constitui o objecto do presente estudo, em 1995 e pela quantia de uma libra, ao grupo bancário holandês Internationale Nederlanden Group (ING), foi colmatado em Portugal pelo recurso a novas entidades financeiras. A conclusão dos autores é taxativa e premonitória: “Efectivamente o *deficit* é o Adamastor de Portugal. O Barings entendeu isso antes da generalidade dos políticos portugueses. Mas, passados dois séculos, continuamos a falar do mesmo. Sempre do mesmo” (197).

Somos da opinião que, nesta época marcada pela linguagem do ‘economês’ e pelo trauma de se pertencer aos países PIIGS e STUPID — os afamados acrónimos na língua inglesa para contemplar as economias de Portugal, Itália, Irlanda, Grécia e Espanha, para além das da Turquia, Reino Unido e Dubai —, a componente descritiva do estudo de Fernando Sobral e Paula Alexandra Cordeiro é de grande utilidade e a sua perspectiva crítica permanece actual. Retenhamos as palavras iniciais da obra: “Há 200 anos Portugal estava com um pé no abismo. Não era a primeira vez, nem seria a última” (11).



## ABSTRACTS

1. Ceia, Carlos, “Imagens de Portugal na Ficção Contemporânea em Inglês: apresentação do projecto”

Images of Portugal in contemporary fiction in English intends to collect and study books published in English (preferably published originally in English) referring to Portugal as a fictional scenery. This series of books about Portugal will not work as much as a canon as a set of literary allusions, connections, comments, and images that will help us understand who we are from a perspective far beyond the native self-appreciation.

Note: The series will be later published in Portuguese, therefore all articles will be written in Portuguese.

2. Ceia, Carlos, “O Miradouro Intercultural: *The Moon, Come to Earth*, de Philip Graham”

The intercultural viewpoint is the place from where *The Moon, Come to Earth* (2009), by Philip Graham, describes what it is to be living abroad (in Lisbon, in Portugal) when you are an American family in search for culture adventure. Described as *dispatches*, and previously published online, Graham opinions about what happened to him, his wife and teen daughter when they lived in Lisbon between 2006 and 2007 are a set of interesting cross-cultural observations, rather than an absolutely work of fiction. Graham reckoned that the book evolved “from a celebration of living abroad to a cautionary tale of living abroad.”

3. Alarcão, Miguel, “Amor para além da morte ou as ‘Cruzes de Leonor’”

As Johan Huizinga once wrote, “No other epoch has laid so much stress as the expiring Middle Ages on the thought of death” (*The Waning of the Middle Ages*, 1955: 140). The application of this statement to two royal love affairs — one dating from the late 13<sup>th</sup> century, between Edward I of England and his first queen, Eleanor of Castile; the other, from the mid 14<sup>th</sup> century, between the future Portuguese king D. Pedro I and his alleged second wife, Inês de Castro, a Galician noblewoman — has inspired this brief comparative essay of a potentially multidisciplinary nature on medieval representations of royal mourning and grief, publicly translated, through architecture and sculpture, in pantheons, memorials and state funerals, but also in the private and underlying ‘untranslatability’ of human suffering and pain.

4. Luckhurst, Gerald, “Byron in Sintra, 1809”

This article is based upon a presentation made to the *Jornada Byroniana* organised by the Lisbon branch of CETAPS (Centre for English, Translation and Anglo-Portuguese Studies) in 2009 and aims to recount the details of Byron’s journey from Falmouth through Portugal to Spain with particular reference to iconographical material available from online sources (*Jornada Byroniana — Nos 200 anos da Visita de Byron a Portugal -18 June 2009. Biblioteca Digital*, FLUP Faculdade de Letras Universidade do Porto, n.d, Web, 24 June 2010, <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/7811.pdf>).

5. Augusto, Sara, “‘No floridíssimo reino de Inglaterra...’: *locus et exemplum* na narrativa ficcional barroca”

In the context of baroque romanesque fiction, the entertainment narratives and the exemplary narratives, despite their fundamental role, for their quantity, quality and diversity, are still looking for their place. The plots are justified in the prologues and punishment and reward work as the due example. Led by imagination into building different and distant worlds, these narratives present characters which roam

around the borders of the known world, heirs not only to the bucolic rambling of the pastoral but also to the religious and chivalry medieval and 15<sup>th</sup> century literatures. The entertainment and exemplary narratives were written by authors such as Gaspar Pires de Rebelo, Gerardo de Escobar and Mateus Ribeiro, or, in the moral and allegorical literature, by Frei Lucas de Santa Catarina, Soror Maria do Céu and Soror Madalena da Glória.

The novel *Agravo e desagravo da Misericórdia* (undated ms. credited to Soror Maria do Céu) is one of the most interesting works from the early 17<sup>th</sup> century for its remarkable portrait of the main character and the ability in structuring the narrative. Space is important in the several narrative levels, creating an antithesis between the static dimension of the first level to the diversity of the other levels, which multiply themselves and follow the growth of characters. In the 14<sup>th</sup> day (chapter), the plot is set in London. However, space is not a specific element, as the city is never described. The tale of King Edward of England and Isabel of Portugal, wrapped in fantastical outlines, has one single purpose: to prove the validity of the Works of Mercy, in this particular case, the 14<sup>th</sup>: pray to God for the living and the departed.

6. Lourenço, Joana, “A Versão Portuguesa de *The Monk*: Contributo para o Estudo da Tradução do Romance Gótico Inglês no Portugal Oitocentista”

That the poetry produced by the Graveyard School greatly influenced the appearance and development of Gothic Literature in Portugal is an undeniable fact, many scholars having emphasised the role that the translation of the works of Thomas Gray, Edward Young and James Hervey played in the establishment of a dark and gloomy atmosphere in the fields of 19<sup>th</sup> century poetry and theatre. To the role played by the translation of Gothic British novels, however, not enough attention has been paid.

This paper aims to be a contribution to this area of study, which urgently needs to be addressed. I will analyse one of the many translations produced during that century, *O Monge* (1861), by Manoel Martins da Cunha, a perfect example of how some translators of the time did not respect the author’s authority, manipulating the text as they pleased, adapting it to the standards of their culture, social behaviour and personal taste. Also, not having been translated

directly from the original *The Monk*, by Matthew Gregory Lewis, but from the homonymous *Le Moine*, by the French author André Morellet, this version allows us to see how French translations influenced the reception of English literature in Portugal.

7. Vicente, Sara Marisa Marques, “A pintura animalista na Grã-Bretanha e em Portugal: o caso de Landseer”

This paper aims to analyse animal painting in the 19<sup>th</sup> century, studying it according to an Anglo-Portuguese perspective, and regarding it as an artistic movement which questioned human behaviour through the visual representation of animals.

To start with, we will highlight the importance of the approaches on the Human and Non-Human during the 18<sup>th</sup> century. We will also analyse not only animal painting's link with the legacy of Enlightenment and the genre painting, but also with the contribution of the study of animal anatomy and evolutionism.

On the second part, we will study the most significant features of Sir Edwin Landseer's (1802-1873) animal painting and sculpture which distinguished his work in the Victorian artistic framework. Taking these features into account, we will draw our attention to the animals' emotions Landseer tried to convey in his paintings, as a way of guaranteeing both a wider audience to his works and stating (implicitly) British hegemony in the world.

On the last part of this paper, we will discuss the influence of Edwin Landseer's painting in Portugal, focusing in particular the cases of Tomás da Anunciação (1818-1879) and José Moura Girão (1840-1916), who, although in different ways, were, probably, the two most important animal painters in Portugal.

8. Lopes, António, “Cartas inéditas de um jovem burguês 1815-1817 (2.<sup>a</sup> parte)”

In 1812 the Farrer family decided to establish their wool trading business in Lisbon. Samuel Farrer and, a couple of years later, James Hutchinson remained, in regular correspondence with Thomas Farrer, who owned a textile mill in the vicinity of Leeds, the then centre of the wool trade in

England. Their correspondence, spanning the period 1812-1818, offers a vivid account of life in Lisbon, of its hardships and troubles in the aftermath of the French invasions. Those letters mirror the turbulent politics of the time and constitute an invaluable testimony to the personal experiences of men who had to struggle to adjust not only to a different physical and social environment, but also to a dissimilar culture. Their words voice an attempt to narrate otherness and the way it kept challenging their gaze. The main objective of the current research project, which consists mostly in the collation of such letters and their translation into Portuguese, is to shed some light on the life in Lisbon in the 1810s as seen through the eyes of an English family, which will also entail a reflection on the processes of representation, the workings of ideology and the mechanisms of identity construction.

9. Castanheira, Maria Zulmira, "A Grã-Bretanha nos Anúncios da Imprensa Periódica do Romantismo Português: 'feis termômetros, que marcam a mudança dos costumes'"

A phenomenon closely related to the development of capitalism, advertising gained importance throughout the nineteenth century. In the Portuguese case, however, two factors influenced its growth: the weak dynamics of economic life and the short-sightedness of businessmen, who were unaware of the advantages of advertising in commercial activities. Despite these obstacles, advertising would impose itself as a necessity and, when we examine the newspapers and magazines of Portuguese Romanticism, we find an increasing number of advertisements for products of British origin, or manufactured "in the English fashion", for sale in Portugal, besides transcripts of eccentric advertisements published in British newspapers and even some articles on advertising in England. Within the general study of the reception of British culture, in its broadest sense, in Portugal, and searching for the presence of Britain in the periodical press of Portuguese Romanticism in particular, such advertising texts deserve attention because they have certainly contributed to the projection of a certain image of the British Isles for the Portuguese reading public.

This paper focuses on a diverse set of advertisements collected in Portuguese newspapers and magazines published between 1836 and 1865, primarily related to British phar-

maceutical and food products, but also to other products and services such as perfumes, soaps, hair brushes and dyes, quilts, embroidery, china, cutlery, clocks, English language classes and courses, books by British authors for sale in Lisbon, in the original and in translation, farming machinery and tools, stain removers, etc. Through these England became connoted in the Portuguese popular mind with quality, effectiveness, good taste, comfort, refinement and wealth.

10. Calado, Kathleen J. Mundell de, "At odds and against all odds: a glimpse into the Portuguese experience in British Guiana, through the eyes of Edward Jenkins"

In 1874 Henry S. King & Co. advertised Edward Jenkin's forthcoming novel *Lutchmee and Dilloo* (1877). However, only three years later was the novel actually printed, in a three-volume edition, not by Henry King, but by William Mullan & Sons. When it finally appeared it carried end-page advertisements by Mullan, with quotations from reviews in the press. Two of those references, from the "Pall Mall Gazette", make specific reference to Jenkins' portrayal of the Portuguese as one of the selling points of the novel. This paper aims to analyse how the Portuguese are depicted in the novel and the insight that Jenkins offers into their experience in British Guiana, which is apparently the only nineteenth century work of fiction to throw some light onto this significant event within the history of Portuguese emigration. The representation of the Portuguese will be compared with that of the other ethnic groups focused in the novel, set against the historical background of 19<sup>th</sup> century British Guiana. I shall also take into account the factual account of Jenkins' visit to British Guiana in 1872, *The Coolie: His Rights and Wrongs* (1871), which provided the groundwork for *Lutchmee and Dilloo*.

11. Ramos, Iolanda, "Génesis de uma Ciência: O Legado Doutrinário Britânico e a Economia Política no Portugal Oitocentista"

Economic thought and capitalist policies, mainly identified by Western culture with the development of industrial society, have always inspired a vivid debate concerning ethi-

cal matters — which have been revived during the present worldwide economic crisis. In the last decades of the 19<sup>th</sup> century, which also witnessed troublesome moments, the approach to the doctrinary body associated with political economy presented a strong duality, expressed by several authors in both critical and eulogistic judgements.

This article aims to discuss the genesis of political economy as a science, by looking at the way that this subject was developed within its social and political context. This analysis, by no means an exhaustive one, is centred around three areas: the success of “an English science” and its evolution throughout nineteenth-century Britain, the genesis and brief history of political economy, and the Portuguese response to economic trends.

As a social science, political economy has studied the laws of production and the distribution of material goods in human society. After outstripping its characterization as “political”, the current economy seems to be trying to win back the true significance of the wealth of both nations and citizens, and to recover the innovative nature of its beginnings as a science.

12. Branco, Célia, “A Demanda Identitária em William Butler Yeats e Teixeira de Pascoaes”

William Butler Yeats and Teixeira de Pascoaes were born in different parts of Europe, but both on its periphery and at times of significant historical and cultural transition, a circumstance which allows us draw a number of similarities between the two. They were leading figures of the Celtic and Portuguese Renaissance, respectively, and in their poetic creations it is possible to trace the desire to find an identity matrix. The authors made use of their telluric roots and of the historical dynamics that come to life in the mystical and mythical vision of nature, through which readers become aware of the harmony between apparently conflicting realities.

*Marânus*, written by Pascoaes, and *The Wanderings of Oisín*, created by Yeats, are poems whose narrative is imbued with mythological characteristics, where myths, nature and History intertwine and symbolic universes are shaped, in an attempt to find possible paths capable of leading to a better understanding of an uncertain, shifting world. In order to achieve this purpose, William Butler Yeats recovers legends

from the transcendental world of the ancient, still existing, Celtic mythology, while Teixeira de Pascoaes creates his own mythical figure, born of a personified Marão. By wandering along metaphysical paths, in a space of multiple quests, Marânus and Oisín reveal themselves as prophets of mysterious horizons and give readers the hermeneutic task of interpreting them, aiming at the reconfiguration of their own present.

13. Gago, Dora, “Uma cartografia do olhar: imagens de Inglaterra e dos Estados Unidos na obra de Jorge de Sena”

Jorge de Sena (1919-1978) visited England for the first time in 1952, and he emigrated to the United States in 1965. In some of his many works, the author reflects his overwhelmed gaze over England (*Inglaterra Revisitada*), which contrasts with the irony and criticism regarding the United States found, for example, in the poems of “América, América I Love You”. This article analyses the original and stereotypical cultural images in the Work of Sena, covering topics such as landscape, language, literature, culture, society, and the diverse people who inhabit and enrich those ‘foreign’ countries, the “Other” in whom traits of otherness and identity merge.

## FIGURAS A CORES



**Fig. 1** — Edwin Landseer, *The Old Shepherd's Chief Mourner*, óleo sobre tela, 45.7 x 61 cm, 1837, Victoria and Albert Museum, Londres © V. & A. Images, Victoria and Albert Museum, Londres.



**Fig. 2** — Edwin Landseer, *Lion: A Newfoundland Dog*, óleo sobre tela, 149.8 x 195.6 cm, 1824, Victoria and Albert Museum, Londres © V. & A. Images, Victoria and Albert Museum, Londres.



**Fig. 3** — Tomás da Anunciação, *Na Eira*, óleo sobre tela, 123 x 193 cm, 1861, Museu Nacional de Arte Contemporânea — Museu do Chiado, Lisboa © MNAC — Museu do Chiado, fotografia de Luísa Oliveira, Divisão de Documentação Fotográfica — INSTITUTO DOS MUSEUS E DA CONSERVAÇÃO, I.P.



**Fig. 4** — Tomás da Anunciação, *O Vitelo*, óleo sobre tela, 76 x 125 cm, 1873, Museu Nacional de Arte Contemporânea — Museu do Chiado, Lisboa © MNAC — Museu do Chiado, fotografia de Arnaldo Soares, Divisão de Documentação Fotográfica — INSTITUTO DOS MUSEUS E DA CONSERVAÇÃO, I.P.



**Fig. 6** — José Moura Girão, *Galo*, óleo sobre madeira, 28,5 x 18,7 cm, 1885, Museu de José Malhoa, Caldas da Rainha © MNAC — Museu do Chiado, Divisão de Documentação Fotográfica — INSTITUTO DOS MUSEUS E DA CONSERVAÇÃO, I.P.





